

PATRÍSTICA

SANTO ATANÁSIO

Contra os pagãos
A encarnação do Verbo
Apologia ao imperador Constâncio
Apologia de sua fuga
Vida e conduta de S. Antão



PAULUS

SANTO ATANÁSIO

Contra os pagãos
A encarnação do Verbo
Apologia ao imperador Constâncio
Apologia de sua fuga
Vida e conduta de S. Antão



Índice

Apresentação

Introdução

1. Do nascimento até o concílio de Nicéia

2. Concílio de Nicéia

3. Episcopado

4. Cinco vezes exilado

5. Escritos

Conclusão

CONTRA OS PAGÃOS

Introdução

Introdução

Os pagãos ignoram a religião cristã que caluniam

PRIMEIRA PARTE: REFUTAÇÃO DA IDOLATRIA

I. Origens da idolatria

O homem criado à imagem de Deus

O pecado do primeiro homem. Nascimento das paixões

A alma se entrega às paixões. O pecado

O homem é o autor do mal

Nascimento da idolatria

Divinização dos elementos, dos animais, das paixões e do próprio homem

Vaidade da apoteose

O testemunho na Escritura

II. Refutação da idolatria

Ações vergonhosas dos deuses

Vaidade do culto das imagens

Testemunho da Escritura

Os ídolos são insensíveis

A invenção das artes não é devida aos deuses

A idolatria diviniza as paixões humanas

Objecção: os ídolos são meio de comunicar com a divindade

O ídolo é obra de arte dos homens. Como Deus se poderia manifestar por ele?

Os anjos não mais se manifestam por elas

Contradições da idolatria e do politeísmo

Os sacrifícios humanos

Vícios infames

Falsidade do culto dos elementos

Transição

SEGUNDA PARTE: CONHECIMENTO DO VERDADEIRO DEUS

I. Conhecimento de Deus a partir do conhecimento da alma

Existência da alma racional

A atividade da alma é independente dos sentidos

A imortalidade da alma

A idolatria é conseqüência da negação da alma espiritual. Necessidade de purificação para elevar-se a Deus

II. Conhecimento de Deus a partir da contemplação do mundo

A criação faz conhecer Deus

O movimento do céu

A harmonia dos elementos

A ordem do mundo prova a existência de Deus único

O Verbo na criação

Comparações do coro e da cidade

O Verbo nos dá o conhecimento do Pai

Ensino da Escritura sobre a idolatria

Conclusão

Exortação

A ENCARNAÇÃO DO VERBO

Introdução

Introdução

Unidade da obra divina

I. Os antecedentes da encarnação do verbo: criação e queda do homem

II. A encarnação do verbo, vitória sobre a morte e o dom da incorruptibilidade

III. A encarnação do verbo, restauração humana conforme a imagem de Deus e o dom do conhecimento sobrenatural

IV. O valor salvífico da encarnação do verbo a união do logos e do corpo humano

A redenção mediante o sacrifício da cruz

A ressurreição de Cristo e o dom da incorruptibilidade

V. Contra os judeus incrédulos testemunhas da encarnação de Cristo

Desenvolvimento oratório sobre estas testemunhas

Outras testemunhas e reflexões sobre os milagres de Cristo

VI. Contra os gregos filósofos e idólatras argumentos da razão: a conveniência cosmológica da encarnação

A conveniência física da encarnação

Conclusão: a razão dos efeitos universais da encarnação

Recursos aos fatos: O fim da idolatria, da divinização e do reino dos filósofos

A expansão miraculosa e a força divina do ensino de Cristo

Conclusão: a universalidade efetiva da encarnação

Conclusão geral: exortação ao estudo da Escritura e à prática das virtudes

APOLOGIA AO IMPERADOR CONSTÂNCIO

Apresentação

Introdução

O estado geral da questão

I. Primeira acusação: Atanásio teria trabalhado para desunir os dois imperadores

a) Captatio benevolentiae

b) A defesa

c) Conclusão

II. Segunda acusação: Compromissos com o usurpador Magnêncio

a) A calúnia

b) Os argumentos de Atanásio

c) As testemunhas que depõem a favor do réu

d) Falsa peça para convicção

Conclusão: apelo a Deus, convite a investigação séria

III. Terceira acusação: Culto celebrado numa igreja em construção

a) O fato

b) As razões que o justifica

c) Discussão à luz do bom senso da Escritura

Conclusão: o imperador é convidado a vir celebrar a Dedicatória

IV. Suporta convocação do imperador à qual Atanásio não teria obedecido

V. Complementos da atualidade para a apologia primitiva

Conclusão: toda a esperança de Atanásio está no imperador

APOLOGIA DE SUA FUGA

Introdução

Introdução

Ocasão da Apologia

I. As vítimas da perseguição

a) Todos os bispos fiéis

b) Em particular Ósio de Córdova

c) A perseguição contra o povo

II. Justificação da fuga em certos casos

a) Mais vale ser perseguido do que ser perseguidor

b) Argumentos tirados da Escritura

c) Argumentação

1º A hora da Providência

2º A fuga não é sempre covardia

Conclusão. Resumo dos argumentos

Aplicação ao caso particular de Atanásio

SOBRE A VIDA E CONDUTA DE SANTO ANTÃO

Introdução

A presente tradução

Estudos recentes

As versões latinas

Esclarecimento sobre as cartas

PREFÁCIO

PRIMEIRA PARTE

Nascimento e educação de Antão (251-269)

Tornando-se órfão, despojou-se dos bens

Inícios na ascese (270)

Instrui-se junto de outros ascetas e se esforça por imitar suas virtudes

O inferno faz de tudo para levá-lo a abandonar sua decisão

O demônio da impureza se confessa vencido

Antão reforça sua ascese na previsão de novos combates

Retirado em túmulo, suporta heroicamente as cruéis sevícias dos demônios

Provoca os adversários, que o assaltam na forma de animais ferozes e venenosos

Uma visão celeste o reconforta e lhe promete assistência

Retira-se para o deserto, indiferente à magia do diabo

Antão despreza o ouro e se estabelece numa fortificação abandonada (285-305)

Novos assaltos dos demônios. Antão tranqüiliza os visitantes espantados com suas lutas

Seus discípulos o forçam a deixar o retiro (305-306). Faz diversos milagres.

Sua aparência nessa época

O pai dos monges

SEGUNDA PARTE

Utilidade dos colóquios espirituais. O combate ascético dura pouco. A vitória será eterna

Deixar tudo é pouco

Perseverar até o fim

“Quotidie morior”

A virtude está em nós...

Nossos inimigos os demônios

Necessidade de conhecermos suas astúcias

Para eles, todos os meios são bons. Vencidos tentam novas táticas

Os demônios se gabam. São fracos

Seus disfarces

Fazê-los calar, ainda quando dizem a verdade, para seduzirem

Explicações. Apesar de seus estratagemas diversos, os demônios não têm poder. Seria absurdo temê-los

Por permissão divina é que o demônio pôde provar Jó
Quanto os demônios temem os ascetas
Vacuidade das predições dos demônios
Os demônios são incapazes de verdadeiras profecias
Mais conjecturam que prevêm. Que nada se queira aprender deles
Não desejar o dom da profecia. Deus, se quiser, o dará aos corações puros
Discernimento dos espíritos. Sinais das aparições angélicas
Caracteres e efeitos das aparições demoníacas
Opor aos demônios as palavras do Senhor
Não se gloriar de mandar nos demônios
Experiências pessoais de Antão
Como ele repelia os demônios
Satã se queixa dos monges
Sejamos ousados contra os demônios
Obriguemos o diabo a se declarar
Efeitos dos ensinamentos de Antão
Cuidar muito da alma e muito pouco do corpo
Antão vem a Alexandria confortar os confessores e procurar o martírio
Ascese mais estrita
Antão livra do demônio a filha de um oficial

TERCEIRA PARTE (312-356)

Antão, ávido de solidão, afunda no deserto interior
O eremitério da montanha interior
Novos assaltos do inferno
Novas vitórias de Antão
Um demônio, na fornica de animal, é posto em fuga
A uma prece de Antão, a água jorra em pleno deserto
Conselhos espirituais do solitário a seus visitantes
Atendido ou não em sua oração pelos outros, Antão rende graças a Deus
Cura de Frontão
Menina curada a distância
Antão envia socorro a um irmão que estava morrendo de sede no deserto
Ele vê subir ao céu a alma de Amun, o nitriota
Cura a distância da virgem Policrécia
Doentes e possessos recorrem a Antão
Durante viagem de barco, Antão livra um possesso
Levam-lhe possesso furioso, ele o cura
Antão, em êxtase, se vê morto. Defendem-no os anjos contra os demônios
Visão do gigante infernal e da passagem das almas
Respeito de Antão pelo clero

Horror de Antão ao cisma e à heresia

A pedido dos bispos, vem a Alexandria refutar os arianos

É objeto de veneração universal

Ao sair da cidade, cura menina possessa

Colóquio com dois filósofos

O espírito, anterior às letras

Antão, apologista: defesa da cruz e ofensiva contra o paganismo

Os milagres de Cristo

O alegorismo não legitima o politeísmo

Raciocínios humanos e fé cristã

Triunfo da fé

Oficialmente protegido, o paganismo desmorona. Perseguido, o cristianismo se difunde por toda parte

O argumento apologético do milagre

Cartas imperiais e resposta de Antão

Visão profética das violências arianas

Milagres de Antão, cumprimento das promessas de Jesus

A oração obtém o milagre. Solicitado, Antão vem em ajuda do próximo e apressadamente volta para seu eremitério

A solidão, elemento do monge

Antão anuncia a Balac a iminência da cólera de Deus, e a profecia se cumpre

Médico espiritual de todo o Egito

Variedade de seus benefícios. Todos os seus beneficiados o estimam e o chorarão como a um pai

Última visita aos monges, seus discípulos. Recomenda-lhes a perseverança na ascese e a ortodoxia na fé

Antão reprova um costume egípcio de honrar os mortos

De volta a seu eremitério, Antão faz suas últimas recomendações aos monges que o assistem

Morre aos 105 anos. Suas últimas vontades são fielmente executadas. O segredo de seu túmulo

Conclusão. O Senhor, que o amava, tornou-o célebre em toda parte. A leitura de sua vida edificará os cristãos e converterá os pagãos

APRESENTAÇÃO

Surgiu, pelos anos 40, na Europa, especialmente na França, um movimento de interesse voltado para os antigos escritores cristãos e suas obras conhecidos, tradicionalmente, como “Padres da Igreja”, ou “santos Padres”. Esse movimento, liderado por Henri de Lubac e Jean Daniélou, deu origem à coleção “Sources Chrétiennes”, hoje com mais de 400 títulos, alguns dos quais com várias edições. Com o Concílio Vaticano II, ativou-se em toda a Igreja o desejo e a necessidade de renovação da liturgia, da exegese, da espiritualidade e da teologia a partir das fontes primitivas. Surgiu a necessidade de “voltar às fontes” do cristianismo.

No Brasil, em termos de publicação das obras destes autores antigos, pouco se fez. Paulus Editora procura, agora, preencher este vazio existente em língua portuguesa. Nunca é tarde ou fora de época para rever as fontes da fé cristã, os fundamentos da doutrina da Igreja, especialmente no sentido de buscar nelas a inspiração atuante, transformadora do presente. Não se propõe uma volta ao passado através da leitura e estudo dos textos primitivos como remédio ao saudosismo. Ao contrário, procura-se oferecer aquilo que constitui as “fontes” do cristianismo para que o leitor as examine, as avalie e colha o essencial, o espírito que as produziu. Cabe ao leitor, portanto, a tarefa do discernimento. Paulus Editora quer, assim, oferecer ao público de língua portuguesa, leigos, clérigos, religiosos, aos estudiosos do cristianismo primevo, uma série de títulos, não exaustiva, cuidadosamente traduzidos e preparados, dessa vasta literatura cristã do período patrístico.

Para não sobrecarregar o texto e retardar a leitura, procurou-se evitar anotações excessivas, as longas introduções estabelecendo paralelismos de versões diferentes, com referências aos empréstimos da literatura pagã, filosófica, religiosa, jurídica, às infindas controvérsias sobre determinados textos e sua autenticidade. Procurou-se fazer com que o resultado desta pesquisa original se traduzisse numa edição despojada, porém, séria.

Cada autor e cada obra terão uma introdução breve com os dados biográficos essenciais do autor e um comentário sucinto dos aspectos literários e do conteúdo da obra suficientes para uma boa compreensão do texto. O que interessa é colocar o leitor diretamente em contato com o texto. O leitor deverá ter em mente as enormes diferenças de gêneros literários, de estilos em que estas obras foram redigidas: cartas, sermões, comentários bíblicos, paráfrases, exortações, disputas com os heréticos, tratados teológicos vazados em esquemas e categorias filosóficas de tendências diversas, hinos litúrgicos. Tudo isso inclui, necessariamente, uma disparidade de tratamento e de esforço de compreensão a um mesmo tema. As constantes, e por vezes longas, citações bíblicas ou simples transcrições de textos escriturísticos, devem-se ao fato que os Padres escreviam suas reflexões sempre com a Bíblia numa das mãos.

Julgamos necessário um esclarecimento a respeito dos termos patrologia, patrística e padres ou pais da Igreja. O termo patrologia designa, propriamente, o estudo sobre a vida, as obras e a doutrina dos pais da Igreja. Ela se interessa mais pela história antiga incluindo também obras de escritores leigos. Por patrística se entende o estudo da doutrina, as origens dessa doutrina, suas dependências e empréstimos do meio cultural, filosófico e pela evolução do pensamento teológico dos pais da Igreja. Foi no século XVII que se criou a expressão “teologia patrística” para indicar a doutrina dos padres da Igreja distinguindo-a da “teologia bíblica”, da “teologia escolástica”, da “teologia simbólica” e da “teologia especulativa”. Finalmente, “Padre ou Pai da Igreja” se refere a escritor leigo, sacerdote ou bispo, da antiguidade cristã, considerado pela tradição posterior como testemunho particularmente autorizado da fé. Na tentativa de eliminar as ambigüidades em torno desta expressão, os estudiosos

convencionaram em receber como “Pai da Igreja” quem tivesse estas qualificações: ortodoxia de doutrina, santidade de vida, aprovação eclesiástica e antiguidade. Mas, os próprios conceitos de ortodoxia, santidade e antiguidade são ambíguos. Não se espere encontrar neles doutrinas acabadas, buriladas, irrefutáveis. Tudo estava ainda em ebulição, fermentando. O conceito de ortodoxia é, portanto, bastante largo. O mesmo vale para o conceito de santidade. Para o conceito de antiguidade, podemos admitir, sem prejuízo para a compreensão, a opinião de muitos especialistas que estabelece, para o Ocidente, Igreja latina, o período que, a partir da geração apostólica, se estende até Isidoro de Sevilha (560-636). Para o Oriente, Igreja grega, a antiguidade se estende um pouco mais até a morte de S. João Damasceno (675-749).

Os “Pais da Igreja” são, portanto, aqueles que, ao longo dos sete primeiros séculos, foram forjando, cons-truindo e defendendo a fé, a liturgia, a disciplina, os costumes, e os dogmas cristãos, decidindo, assim, os rumos da Igreja. Seus textos se tornaram fontes de discussões, de inspirações, de referências obrigatórias ao longo de toda tradição posterior. O valor dessas obras que agora Paulus Editora oferece ao público pode ser avaliado neste texto: “Além de sua importância no ambiente eclesiástico, os Padres da Igreja ocupam lugar proeminente na literatura e, particularmente, na literatura greco-romana. São eles os últimos representantes da Antiguidade, cuja arte literária, não raras vezes, brilha nitidamente em suas obras, tendo influenciado todas as literaturas posteriores. Formados pelos melhores mestres da Antiguidade clássica, põem suas palavras e seus escritos a serviço do pensamento cristão. Se excetuarmos algumas obras retóricas de caráter apologético, oratório ou apuradamente epistolar, os Padres, por certo, não queriam ser, em primeira linha, literatos, e sim, arautos da doutrina e moral cristãs. A arte adquirida, não obstante, vem a ser para eles meio para alcançar este fim. (...) Há de se lhes aproximar o leitor com o coração aberto, cheio de boa vontade e bem disposto à verdade cristã. As obras dos Padres se lhe reverterão, assim, em fonte de luz, alegria e edificação espiritual” (B. Altaner; A. Stuiber, Patrologia, S. Paulo, Paulus, 1988, pp. 21-22).

A Editora

INTRODUÇÃO

1. Do nascimento até o concílio de Nicéia

Este volume da coleção Patrística nos dá a conhecer um dos maiores e mais ilustres padres e doutores¹ da Igreja: o maior batalhador na defesa do Credo de Nicéia, o pilar da ortodoxia. Falamos de santo Atanásio de Alexandria, o campeão da tese da consubstancialidade do Pai e do Filho e, conseqüentemente, o maior adversário de Ário.

Este homem contundente, apologista e polemista, lutador incansável, nasceu em Alexandria em 295 de nossa era e morreu depois de uma longa e conturbada existência, nesta mesma Alexandria aos 2 de maio de 373.

De sua infância pouco se sabe. Quanto à sua formação, Gregório de Nazianzo afirma que Atanásio dedicou pouco tempo às letras profanas, o suficiente para aprender o copta, a koiné² e o grego clássico: “Desde sua infância, ele foi nutrido nos hábitos e nas disciplinas cristãs; dedicou pouco tempo aos estudos, o suficiente para não parecer ignorante (...) (Oratio 21,6). Por não ter recebido nenhuma formação filosófica, alguns fazem dele um ignorante. Cresceu neste centro cosmopolita que se tornara Alexandria, cidade na qual proliferavam cristãos ortodoxos, arianos e melecianos. Os judeus viviam num gueto ao lado dos pagãos adoradores de Serápis, o deus greco- egípcio, misturados aos maniqueus e gnósticos.

Atanásio converteu-se ainda na juventude, pois, aos dezessete anos foi escolhido pelo bispo Alexandre para ocupar o cargo de leitor. Em 318, aos 23 anos, torna-se diácono e secretário episcopal. Ainda por Gregório de Nazianzo sabemos que ele se aplicou desde sua conversão, às sérias e profundas meditações sobre as Escrituras (Oratio 21,6) que se tornaram, a partir de então, sua principal fonte de inspiração e saber.

Neste período, Alexandria tornara-se o foco incandescente da controvérsia ariana. Atanásio apoiou incondicionalmente seu bispo Alexandre contra Ário. Alexandre, que governou o patriarcado do Egito de 312 a 328, foi o primeiro adversário de Ário, condenando-o num sínodo em 320 e, depois, em duas cartas que são documentos preciosos para se entender a pré-história de Nicéia. A segunda carta, dirigida a Alexandre de Constantinopla, contém uma refutação radical do arianismo. O bispo de Alexandria expõe nela a verdadeira fé ortodoxa: o Verbo não foi criado. Ele é eterno, é Deus. Ele é inferior ao Pai só por seu caráter de gerado. O Verbo tem seu ser do ser mesmo do Pai, fórmula que contém implicitamente o homooúsios de Nicéia³.

Ário, presbítero de uma importante igreja alexandrina, concluiu, dos ensinamentos de Orígenes, uma doutrina que se pode sintetizar nestas três frases: “O Verbo não é eterno nem tem a mesma natureza do Pai. Foi criado no tempo por Deus Pai. Só por metáfora é que lhe chamamos Filho de Deus”. Ário e seus discípulos separam, assim, o filho do Pai. Afirmam que o Filho não existia antes de ter sido gerado. Se houve, portanto, um tempo em que ele não existia, ele não é coeterno ao Pai. Ele, o filho, é a primeira e a mais sublime das criaturas, uma espécie de “segundo deus” (déutero theós) mas é alheio ao Pai quanto à essência, como a vinha ao vinhateiro ou o navio ao construtor.

2. Concílio de Nicéia

Dada a expansão do arianismo, a controvérsia recrudesceu. A rachadura do império era eminente. Então o imperador Constantino convocou um concílio para a cidade de Nicéia com o fim principal de costurar a unidade política do império.

Atanásio, ainda diácono, acompanhou seu bispo Alexandre ao concílio na qualidade de secretário.

O Concílio se prolongou entre 20 de maio a 25 de agosto de 325. O imperador, mesmo sem ser batizado, o preside e intervém constantemente nos assuntos eclesiásticos, embora não tivesse nenhuma formação religioso-teológica. Sua intenção é criar uma fórmula que pacifique os ânimos e unifique as igrejas do Oriente e do Ocidente. Os 250 bispos ali reunidos (alguns dizem que eram 318) discutem sobre três questões-chaves: as teses arianas, o cisma meleciano e a questão pascal.

Os leigos não têm direito à palavra, no concílio. Só os bispos podem discursar. O bispo Marcelo de Ancira (hoje Ancara, capital da Turquia) é, no âmbito do concílio, o grande defensor da fé ortodoxa, mas inábil e tímido nas intervenções contra os arianos. É, então, que surge a figura de Atanásio. Qual seu papel e seu lugar neste concílio? Sua idade e sua condição não lhe permitiam, sem dúvida, ter função de primeiro plano que certos panegiristas lhe dão. Entretanto, alguns anos mais tarde, os bispos do Egito lembram numa carta aos bispos católicos que “a atitude decidida de Atanásio contra a impiedade dos arianos no sínodo reunido em Nicéia” já lhes havia suscitado a ira (Carta citada por Atanásio, Apol. Contra Arianos, 6). Talvez tenha sido admitido a falar ao lado dos bispos. Então, manobrando os bastidores, Atanásio entra em cena com sua eloquência e força de persuasão de tal modo que os arianos e melecianos começam a temê-lo. Embora diácono, surpreendeu a todos os padres conciliares pelo talento nas discussões teológicas e seu conhecimento profundo das Escrituras. Sua contribuição será decisiva para que a fórmula do Credo que afirma a consubstancialidade do Filho com o Pai fosse aceita. É ainda Gregório Nazianzo, cinquenta anos mais tarde, quem descreve a participação de Atanásio no concílio: “Em Nicéia, os arianos observam o valoroso campeão da Verdade: de estatura baixa, quase frágil, mas de postura firme e de cabeça levantada. Quando se levanta, como que se sente passar uma onda de ódio através dele. A maioria da assembléia olha com orgulho para aquele que é o intérprete do seu pensamento”.⁴ De fato, sua firme convicção, somada a seu forte caráter, fez dele o principal defensor da ortodoxia antiariana. Por isso foi o grande triunfador do Concílio.

No final, foi aprovada uma fórmula de fé, que passou a se chamar “Credo de Nicéia”. Este Credo passou a ser o marco da ortodoxia.⁵ Ário foi exilado.

3. Episcopado

Aos 17 de abril de 328, depois de ter indicado o próprio Atanásio para lhe suceder, o bispo Alexandre morreu. Os melecianos⁶ e arianos procuraram contestar a escolha de Atanásio. Malgrado a ferrenha oposição destes, o sufrágio do clero e do povo ratificou, dois meses e meio mais tarde, sua indicação para a sede do prestigioso patriarcado de Alexandria. O povo gritava: “Alexandre morreu, viva Atanásio. É um homem probo, virtuoso, um bom cristão, um asceta, um verdadeiro bispo”. Por temor de uma reivindicação meleciana que poderia ter sucesso, a consagração episcopal de Atanásio foi apressada e se realizou aos 7 de junho de 328. Este procedimento informal vai-lhe criar embaraços mais tarde e sua eleição será considerada inválida (cf. Apol. II, 6,4). Contudo, Constantino reconheceu e homologou sua consagração. Os quarenta e seis anos de seu episcopado (328 a 373) pertencem a um período dos mais conturbados que se possa imaginar, da Igreja antiga. Atanásio lutou contra Ário e seus correligionários, contra os cismáticos melecianos, contra o próprio imperador Constâncio e, por vezes, contra certos defensores tortos e intranseguros do símbolo de Nicéia. Constantino, Constâncio, Juliano, Valente tentam se livrar dele, ou reduzi-lo ao silêncio. Todos fracassam diante de sua firmeza e intransigência.

4. Cinco vezes exilado

Em 330, Atanásio entra em choque novamente com os arianos e com o próprio imperador, por recusar a comunhão com Ário a pedido do próprio Constantino. Atanásio recusou-se a restituir a Ário, que voltava do exílio, a igreja que ele ocupara em Alexandria, até a realização do concílio de Nicéia. O patriarca do Egito resistiu a Constantino que repetidas vezes manifestou a vontade de reintegrar Ário na comunhão católica.

De fato, Constância, viúva de Licínio, favorecia o arianismo. Antes de morrer, recomendou ao imperador, seu irmão, um velho padre de sua confiança, Eustócio. Este insinuou ao imperador que Ário não estava longe de aceitar as conclusões de Nicéia. O imperador se deixou convencer e retirou a sentença de exílio. Ário retornou do exílio, entrevistou-se com Constantino e terminou por lhe agradecer deixando-lhe uma confissão de fé pouco precisa, mas relativamente ortodoxa e suscetível de ser conciliada com o símbolo de Nicéia. O imperador julgou que agora todos estavam de acordo e não havia outra coisa a fazer que reintegrar Ário na comunhão ortodoxa e na sua igreja em Alexandria, especialmente depois que sua fé fora aprovada pelo sínodo de Jerusalém. Mas Atanásio recusou-se a fazê-lo respondendo ao imperador que “é impossível reintegrar na Igreja homens que contradizem a verdade, fomentam a heresia, e contra os quais um concílio geral pronunciou o anátema”. No dia mesmo em que seria admitido à comunhão na catedral de Constantinopla, por promulgação do imperador, Ário morreu, em 336, em circunstâncias “horríveis e estranhas o que despertou suspeitas de que os santos ortodoxos tinham contribuído de maneira mais eficaz do que com suas preces para livrar a Igreja do mais temível dos seus inimigos”.⁷

Como patriarca, a atividade pastoral de Atanásio, seu acolhimento junto aos monges, sua popularidade, sua intransigência na defesa da ortodoxia, as medidas enérgicas para consolidar sua autoridade, por submeter ou suprimir os arianos e melecianos, transformaram-no em objeto de intrigas e de inveja. Seus inimigos prepararam-lhe novo ataque. Espalham boatos e suspeitas. Apresentam o patriarca como um tirano brutal, soberbo, opressor e corrupto. Acusam-no de violar o tratado assinado no concílio niceno com os partidários cismáticos de Melécio; que sacrilegamente quebrara um cálice numa das igrejas melecianas em Mareotis (Delta do Nilo). Este cálice, diziam ser de um padre, Ischyras, que tinha uma igreja em Mareotis. Mas a ordenação deste padre não fora reconhecida válida e os cristãos de Mareotis o impediram de exercer seu ministério e ele se limitava a celebrar em sua família. Divulgaram que Atanásio havia destruído seu altar e quebrado seu cálice. Depois o próprio Ischyras certificou por escrito que não sabia de nada de toda essa história. Foi acusado ainda de ter açoitado ou aprisionado seis bispos melecianos; e que Arsênio de Hypsela, um sétimo bispo da mesma facção, havia sido assassinado por Atanásio, após este ter-lhe cortado a mão. As acusações eram tão absurdas que o próprio Constantino as reconheceu falsas. Mas seus inimigos melecianos conjugaram forças com o bispo Eusébio de Nicomédia, um ariano convicto, de grande influência na casa imperial, e de tal modo se fortaleceu o poder da facção inimiga que, juntos, promoveram um sínodo em Tiro, no ano 335. Tendo já desprezado o sínodo de Cesaréia, curvou-se agora às ordens peremptórias do imperador, que ameaçou puni-lo caso não comparecesse ao sínodo de Tiro. Atanásio sabendo que ia encontrar lá uma assembléia hostil, levou consigo cinquenta bispos egípcios, escolhidos com cuidado, entre os quais o próprio Arsênio que Atanásio descobrira escondido num mosteiro. O sínodo foi presidido por Eusébio de Cesaréia. Atanásio aguardava o momento decisivo para apresentar Arsênio vivo na assembléia. Conseguiu provar que na aldeia onde fora acusado de quebrar um cálice consagrado não podia existir na verdade nem igreja nem altar nem cálice.

Mas seus inimigos dirigem-se novamente ao imperador acusando-o agora de bloquear o

fornecimento de trigo do Egito para Roma. Então, Constantino envia Atanásio para o exílio,⁸ na Gália, em Tréveros, a dois mil quilômetros de sua sede. É nesta ocasião que Atanásio dá a conhecer a vida monástica, no Ocidente. É o primeiro de uma série de cinco exílios.

4.1 Segundo exílio. Morto Constantino, aos 22 de maio de 337, seus filhos tornaram-se imperadores: Constantino II ficou com a Espanha, a Gália e a Britânia. Governou de 337 a 340. Constante ficou com a Itália, Ilírico e a África. Seu reinado durou até 350. Constâncio ficou com a Ásia, Síria e o Egito. Governou até 361. Os dois primeiros apoiavam Atanásio, enquanto o último sustentava os arianos. Mas Constantino II foi morto por seu irmão Constante, em 340, e o império foi então dividido entre este e Constâncio, que ficou com todo o Oriente, e Constante que ficou com o Ocidente.

Constâncio, o novo imperador do Oriente, permitiu que Atanásio deixasse Tréveros e retornasse para sua diocese. No ano seguinte, Atanásio realizou um sínodo em Alexandria para confirmar sua presença e anular sua condenação de Tiro. Mas, as manobras dos arianos o condenaram novamente no sínodo de Antioquia, em 339, denunciando-o junto ao papa Júlio e com o apoio da autoridade civil, fizeram com que Gregório da Capadócia assumisse a sede de Alexandria. Atanásio teve que abandonar Alexandria e se exilou em Roma, onde permaneceu por três anos. Ali foi recebido pelo próprio papa Júlio, que propôs outro sínodo para reexaminar as acusações contra ele. Como os arianos e eusebianos, seus inimigos, se recusassem a participar deste sínodo, Atanásio foi reabilitado.

Quando Gregório da Capadócia, que havia tomado seu posto na sede de Alexandria, morreu em 345, Constante, imperador do Ocidente, pressionou seu irmão Constâncio, imperador do Oriente, em favor de Atanásio convidando-o para retornar e reassumir seu patriarcado.

4.2 Terceiro exílio. Os dez anos que seguiram, de 346 a 356, são chamados a sua “década de ouro”. Sua atividade pastoral e literária se desenvolveu ao máximo. Mas, sua posição tornou-se insegura após a morte de Constante, pois Constâncio II permanecera o único imperador do Oriente e do Ocidente. Este, que como seu pai Constantino, atrevia-se a pronunciar juízos acerca de mistérios nos quais nunca havia sido iniciado, procurou usar as armas do poder em prol da causa do arianismo. Assim, procurou estabelecer uma política alinhando todo império do ponto de vista do Oriente, isto é, do ponto de vista ariano. E começaram os ataques contra Atanásio que foi, mais uma vez, condenado ao exílio pelos bispos ocidentais reunidos num sínodo em Arles, em 353 e em Milão, 355. Deve chamar a atenção do leitor o impressionante número de sínodos promovidos neste período. A multiplicação deles se deu a partir da entrada de Constantino, isto é, da política e do poder imperial no seio da Igreja. Não resistimos deixar de citar um texto de Amiano, que serviu nos exércitos de Constâncio e lhe estudou o caráter, a respeito dos sínodos e concílios daqueles tempos: “A religião cristã, que em si mesma é clara e simples, ele a confundiu com as bobagens da superstição. Em vez de usar o peso da sua autoridade para conciliar as facções, ele acalentava e propagava, em polémicas verbais, as diferenças que sua fátua curiosidade suscitara. As estradas reais se cobriam de bandos de bispos que, vindos de todas as partes, galopavam rumo às assembléias, que chamavam de sínodos; e enquanto forcejavam por converter a seita inteira às suas opiniões privativas, o sistema de postas públicas quase se arruinava pelas suas apressadas e repetidas jornadas”.⁹

O propósito de firmar a uniformidade política e doutrinal, que levou os imperadores a convocar tantos sínodos na Gália, na Itália, na Ilíria e na Ásia, era repetidamente frustrado por suas próprias levandades, pelas divisões dos arianos e pela resistência dos católicos. Decidiram eles, num último e decisivo esforço, arrogantemente impor os decretos de um concílio ecumênico. Os bispos do Oriente receberam ordem de se reunir na Selêucia, em Isáuria, enquanto os do Ocidente tomavam suas

deliberações em Rimini.

O concílio oriental, após gastar quatro dias num debate feroz e vão, dissolveu-se sem chegar a nenhuma conclusão definida. O concílio do Ocidente foi prolongado até o sétimo mês. Mas somente as ameaças, a autoridade do soberano, a sofisticaria de Valente e Ursácio, os incômodos do frio e da fome, e a tediosa melancolia de um desesperançado exílio lograram por fim arrancar a relutante aquiescência dos bispos de Rimini. Os deputados do Oriente e do Ocidente se apresentaram ao imperador no palácio de Constantinopla e este teve a satisfação de impor ao mundo uma profissão de fé que estabelecia a aparência, sem exprimir a consubstancialidade, do Filho de Deus. O triunfo do arianismo fora precedido do afastamento do clero ortodoxo e o reinado de Constâncio foi desonrado pela injusta e ineficaz perseguição ao grande Atanásio (id. ibidem, 294-5).

Como Atanásio resistisse, as tropas circundaram sua igreja. Sentindo que não podia mais se sustentar, procurou escapar dos soldados e fugiu para as regiões isoladas da Tebaida e se refugiou junto aos monges. Sua sede foi ocupada, então, pelo ariano Jorge, o Capadócio.

Foi nesta ocasião, quando conseguiu com dificuldade salvar sua vida, que Atanásio escreveu a Apologia por sua fuga para defender sua atitude e clarear sua posição.

Com a morte de Constâncio, aos 3 de novembro de 361, por doença, na Cecília, aos 44 anos, houve um tumulto no qual Jorge foi trucidado, no natal deste ano. O sucessor de Constâncio será Juliano, o Apóstata, seu primo, sobrinho de Constantino, que tem agora 31 anos e se torna único imperador.. Este, com intenção de mostrar uma política tolerante, revoga o decreto de exílio e declara a igualdade dos cultos, mas sua intenção é restaurar a antiga religião, o paganismo. Sentindo-se traído ou não encontrando junto aos bispos todo apoio e reconhecimento que esperava, queixa-se numa Carta dirigida ao povo de Bostra: “Imaginava que os bispos galileus teriam comigo maiores obrigações do que com os meus predecessores. Pois, no governo deles, muitos foram banidos, perseguidos e encarcerados e, dos chamados hereges, muitos foram executados... Todas essas coisas foram invertidas em meu governo: os desterrados têm permissão para regressar; os bens confiscados retornam a seus proprietários. Mas tal é sua insensatez e doidice que, pois já não podendo mais ser déspotas, executando suas decisões primeiro contra seus irmãos e, então, contra nós, os adoradores dos deuses, se inflamam com fúria, não sabendo mais onde atacar para conseguir o propósito desonesto e de alarmar e excitar o povo. São irreverentes para com os deuses e desobedientes aos nossos éditos (...) Portanto, é do meu agrado, mediante esse édito, mandar e ordenar a todos que se abstenham de fomentar os tumultos do clero... (aos cristãos) é lícito celebrar suas assembléias, se assim desejarem, oferecer suas orações de acordo com seus usos. (...) doravante, deixe-se o povo viver em paz”.¹⁰

4.3 Quarto exílio. Atanásio aproveitou-se desse decreto e retornou para Alexandria aos 21 de fevereiro de 362 e, imediatamente, convocou um sínodo. Mas Juliano, detestava o patriarca de Alexandria e não lhe dará descanso, pois no momento mesmo em que queria reavivar o paganismo, via Atanásio destruir-lhe os últimos restos de esperança. Parece que o conflito de Juliano com a igreja não era tanto falta de tolerância como uma questão de contra quem era intolerante. Neste contexto, escreve a seu amigo Ecdício, prefeito do Egito, estas linhas nada tolerantes: “Ouso que Atanásio com sua audácia ordinária, tomou posse daquilo que ele chama o trono episcopal. Nada me será mais agradável do que conseguires expulsar do Egito este maldito Atanásio que, sob o meu reinado, o celerado ousa batizar mulheres gregas de nascimento ilustre. Ele, um pequeno homem de nada, gloria-se de desafiar a morte”. Os alexandrinos intervêm a favor de seu patriarca junto ao imperador Juliano. Tudo em vão, pois este responde: “Não tenho pior inimigo do que aquele para quem pedis benevolência. Repito: expulsai-o de vossa cidade” (Carta 6, 25,5). Apesar de seu propósito de manter uma política de

tolerância não suportou o sucesso de Atanásio que reforçava a união dos cristãos e o enviou, então, para o deserto do Egito, em exílio, aos 24 de outubro de 362.

4.4 Quinto exílio. Juliano morria alguns meses depois, aos 26 de junho de 363, na batalha contra os Sassânidas. Desta vez, o império teve à sua frente o católico ortodoxo Joviano, o qual imediatamente chamou para a sede de Alexandria, o patriarca exilado. Infelizmente Joviano morreu pouco tempo depois, em fevereiro de 364, e subiu ao trono Flávio Valentiniano que se estabeleceu em Milão. Valentiniano, embora simpatizante dos ortodoxos, manteve-se neutro nas disputas eclesiásticas, prejudicou a ortodoxia nomeando seu irmão Valente como imperador do Oriente, com sede em Constantinopla. De fato, Valente, favorável ao arianismo, mandou banir todos os bispos fiéis ao Credo de Nicéia que tinham sido restituído às suas sedes pelo édito de Juliano. Vendo o perigo se aproximar, ameaçado de prisão, Atanásio deixou a cidade em segredo. Permanece no exílio, fugitivo no deserto do Egito, até janeiro de 366, quando um novo édito permitiu seu retorno.

Desta vez, esteve à frente de seu patriarcado por um período de paz de sete anos. Aproveitou esse período para revisar suas obras. É, também nesse tempo, convocado por Basílio de Cesaréia para restaurar a unidade da Igreja de Antioquia e começa a trabalhar nesta tarefa, quando a morte o colhe na noite de 2 ou 3 de maio de 373.

Nos últimos anos de sua vida, se não foi molestado por parte das autoridades políticas, ele os transcorreu na amargura, assistindo o avolumar-se da controvérsia que incansavelmente tinha procurado eliminar. Quanto ao debate sobre o Espírito Santo, nem mesmo havia acenos de resolução. Justamente naqueles anos, os grupos pneumatômacos encontraram em Macedônio de Constantinopla, eleito bispo da capital em 344, em oposição ao niceno Paulo, um ponto de referência capaz de dar nova vitalidade à sua heresia, organizando-lhe eficazmente a propaganda, de onde o nome de macedonianos, como tais grupos ficaram doravante coletivamente designados. Mas, Atanásio, por sua vez, tinha feito escola. Quando morreu, deixou na Igreja alexandrina um discípulo valioso, Dídimo, o Cego, pronto a continuar a batalha. Este, de fato, contribuiu especialmente com seu tratado Sobre o Espírito Santo, um dos melhores estudos sobre a questão no século IV, para preparar o desaparecimento definitivo do movimento macedônio no concílio Constantinopolitano I, de 381.

5. Escritos

Embora levasse vida de peregrino, de exílio em exílio, as vicissitudes ininterruptas não lhe impediram de escrever inúmeras obras. Sua produção literária é ampla abrangendo os gêneros apologético, histórico, exegético, homilético e epistolar. Mal se pode pensar como, no meio de tantas tribulações, de uma vida tão agitada, encontrava lugar e tempo para redigir tantas obras que exigem calma e reflexão. Consideradas no seu objeto, no seu conteúdo geral, cronológico e na autenticidade, a obra do grande doutor alexandrino pode se dividir em tratados dogmáticos, polêmicos, históricos, morais e exegéticos, se bem que nenhuma dessas divisões seja rigorosa. De muitas obras autênticas, restam apenas fragmentos e, do ponto de vista crítico, outras tantas são espúrias, escritos duvidosos ou apócrifos, isto é, obras divulgadas posteriormente em seu nome, tais como os dois livros Sobre a encarnação contra Apolinário; os 12 livros Sobre a Trindade (hoje, atribuídos a Eusébio de Verceilas); um livro sobre a Exposição da fé; dois Diálogos contra os macedônios (os quais negavam a divindade do Espírito Santo); mais cinco Diálogos sobre a Trindade santa. A maior parte de sua obra está relacionada com a defesa do Credo de Nicéia, isto é, da consubstancialidade e conseqüentemente da divindade do Verbo. É o caso de todos os escritos dogmáticos e apologéticos Contra os pagãos e Contra os arianos, assim como o livro Sobre a Encarnação do Verbo.

Polemista hábil, Atanásio revela as ocasiões e os objetivos pelos quais escreve. Perseguido, atacado por todos os modos, soube se defender vigorosamente com seus escritos, convencido que a sua causa estava intimamente unida à defesa da ortodoxia católica. As apologias pessoais, embora estejam eivadas de muita parcialidade, são também documentos históricos de valor à medida que revelam as lutas internas e externas da comunidade de Alexandria, as intrigas, as tramas das facções para assumir o comando da igreja. Seus escritos são apologias pessoais, vivas, quentes, recheadas de fatos, de argumentos, de provas. Guardou todas as cartas que se lhe endereçaram. Copiou todas aquelas que enviou a outros. Desse modo, constituiu um importantíssimo “dossier” cheio de documentos, de éditos imperiais, de reuniões episcopais, de processos verbais de funcionários, de símbolos conciliares e sinodais. Suas obras são tão cheias de detalhes minuciosos, tão cheias de textos oficiais, que se pode pensar tratar-se de um autor que viveu na mais serena e imparcial das histórias. Contudo, se seus documentos são autênticos, ele não menciona certas testemunhas que poderiam incriminá-lo, desservi-lo. Aqui apresentamos apenas suas obras mais significativas.¹¹

5.1 A Apologia (Discurso) contra os arianos data, provavelmente, de 348. Escrita para responder àqueles que negavam a legitimidade de seu retorno após o segundo exílio. Trata-se de uma obra em três livros na qual, depois de narrar as perseguições que estes impuseram aos católicos e a ele, em particular, descreve a história de sua heresia até o concílio de Nicéia. Toda esta obra é feita de reunião de documentos ligados entre si por uma trama ligeira de uma narração rápida. Reúne os textos que o favorecem deixando de lado aqueles que poderiam ser interpretados contra ele. Não é tanto uma história quanto uma poderosa obra de combate, uma apologia verdadeira.

Nos dois primeiros livros, Atanásio resume a doutrina de Ário, atacando sua exegese de textos bíblicos importantes como, p.ex., Pr 8,22. O terceiro livro discute as limitações do querer humano de Jesus e a afirmação ariana segundo a qual o Verbo veio do querer do Pai e não de sua substância. De fato, Ário afirmava que o Filho era criatura do Pai, produto da sua vontade. Atanásio contesta: o nome de Filho encerra o conceito de ser gerado, mas ser gerado não significa provir da vontade do Pai, mas da substância do Pai. Conseqüentemente, o Filho de Deus não pode ser chamado criatura do Pai, visto que ele tem a plenitude da divindade. Deus, sendo espírito, é indivisível, sua geração portanto, é comparada a irradiação da luz do sol, ou exteriorização do pensamento que vem da alma. Pai e Filho são dois, mas têm a mesma natureza. Quando Jesus diz: “O Pai é maior do que eu”, Atanásio explica que esta passagem não deve ser entendida no sentido subordinacionista, mas significa: o Pai é a origem, o Filho, a derivação (Sobre a Enc.3,3;4).

5.2 Epístola sobre o Decreto do concílio de Nicéia, de 350-351. O título grego completo indica nestes termos o objeto desta carta: “Que o concílio de Nicéia, visto a audácia dos eusebianos, formulou como era preciso e segundo a piedade o que ele definiu contra a heresia ariana”. É a justificação do termo homoúsios, inserido pelos Padres de Nicéia no seu símbolo. Determina, portanto, com nova insistência o termo homoousiano que Atanásio defende com todas as suas forças. Documento precioso para conhecer o sentido da definição e a maneira pela qual foram conduzidos a escolher este termo que fará tanta história e provocará infimas polêmicas. Está, em grande parte, conservada na Carta oficial de Dionísio, bispo de Roma, contra os líbios, condenando os sabelianos que não admitiam a divindade do Filho para salvaguardar a unidade de Deus-Pai e também contra todos os que fragmentavam a divindade em três hipóstases,¹² aliás, em três divindades. Foi escrita após seu retorno do segundo exílio, durante o período de calma relativa.

5.3 A Vida e conduta de santo Antão é uma biografia de caráter lendário, fantasiosa, edificante

mais que história no sentido estrito. Obra cuja autenticidade e veracidade foram atacadas, mais recentemente, por alguns críticos que recusam todo caráter histórico a esta obra e vêem nela um escrito tendencioso do monaquismo mais tardio já constituído. Seus argumentos, sobretudo intrínsecos e freqüentemente negativos, foram longamente discutidos e vitoriosamente refutados por diversos eruditos, católicos e protestantes. É, na verdade, uma biografia idealizada que apresenta o desenvolvimento do monaquismo, atestada como autêntica. Nela, Atanásio condensa os ensinamentos do grande asceta sobre a vida espiritual, mostra o patriarca dos monges como modelo de santidade, resume seus ensinamentos e conta seus combates contra o demônio. Gregório de Nazianzo bem caracteriza esta obra quando diz “que descrevendo as ações do divino Antão, ele (Atanásio) promulgou sob a forma de uma história, a regra da vida religiosa” (Oratio XXI, 5). Por sua vez, Antão “pai dos solitários”, tomou o partido de Atanásio perseguido. Escreveu várias cartas a Constantino quando do seu primeiro exílio em Tréveros, e deixou a Atanásio a túnica de pele que lhe havia servido de vestimenta e de cobertura até à morte. Atanásio rendia-lhe sua admiração e sua amizade. De qualquer maneira, este livrinho escrito na calma dos últimos anos em Alexandria, que alguns chamam de “hino à vida monástica”, foi o livro mais meditado na antigüidade cristã, mesmo no Ocidente, antes da aparição das Confissões de santo Agostinho.

Bem cedo traduzido para o latim, teve grande influência tanto no Oriente quanto no Ocidente. O próprio santo Agostinho expressa em suas Confissões 8,6,13-14, quanto bem lhe fez a leitura da história de santo Antão, no momento de sua conversão: “Nasceu então a conversa de Ponticiano a respeito de Antão, monge egípcio, famoso entre teus servos. Para nós, até esse momento, o nome de Antão era desconhecido. Quando percebeu isso, Ponticiano admirou-se de nossa ignorância, e isto foi para ele motivo para insistir sobre o assunto e fazer-nos conhecer tão grande homem. (...) Daqui, a conversa passou aos inúmeros monges, a seus costumes tão agradáveis a ti, à fecunda solidão do deserto. E tudo isso era por nós ignorado. Até em Milão havia, fora dos muros da cidade, um mosteiro cheio de santos monges, sob a direção de Ambrósio, e nós de nada sabíamos.... Contou-nos que, estando em Tréveros, (...) caminhando dois a dois (...) entraram numa cabana (...) e aí encontram um livro, onde estava escrita a vida de Antão. E começaram a lê-la. Arrebatado e impressionado por essa leitura, um deles resolveu abraçar a mesma vida e abandonar o serviço do mundo (...)”. (Leia-se mais na Introdução deste livro, à frente).

5.4 Das obras exegéticas só restam fragmentos. Na Carta a Marcelino, Atanásio trata da exegese e da interpretação dos salmos. É um piedoso e substancial tratado sobre o estudo e uso dos salmos, sua excelência, seu sentido profético, a maneira pela qual pode ser útil a todos nas diversas circunstâncias da vida. Essas recomendações são dirigidas sob forma de carta a um monge de nome Marcelino. O Cânon do Novo Testamento acabou sendo fixado em 367, mediante esta sua Carta a Marcelino. De sua Explicação ou Exposição alegórica dos salmos, há diversos fragmentos, bem como de seu Comentário do Gênesis. São todos de datação incerta.

5.5 Famosas são suas Cartas a Epíteto, bispo de Co-rinto, e ao filósofo Máximo, nas quais explica o dogma cristológico.

Epíteto consultara Atanásio a respeito de discussões cristológicas que surgiram em sua igreja. Uns pretendiam que o Verbo se tinha mudado em carne, ou ao menos, sofrera na encarnação certa decadência. Atribuíam-lhe um corpo que não tomara da Virgem Maria, mas que o formara de sua própria substância e trazido do céu, quando da encarnação. Concluíam que a carne do Verbo era consubstancial à divindade, e que esta divindade tinha ela mesma sofrido. O partido oposto sustentava que o Verbo habitava no Cristo, como nos profetas ou nos santos, um teria sido o Verbo, e outro o

Cristo. Havia aí duas correntes de idéias, das quais uma se apegava à dos discípulos de Apolinário, e outra a uma teologia de proveniência antioquena. Atanásio repulsa com energia as duas correntes como contra a fé católica. Refutando a primeira, afirma com a maior nitidez que o Verbo tornou-se verdadeiramente homem tendo tomado da Virgem Maria um corpo semelhante ao nosso (nº 7,8). Contra a segunda concepção, estabelece a identidade pessoal do Verbo e do Cristo (nº 10,12). Esta Carta foi escrita por volta de 370 ou 371, após o sínodo romano que aniquilara o bispo Auxêncio, ariano da célebre igreja de Milão. Santo Epifânio a reproduz e São Cirilo de Alexandria defendeu o verdadeiro texto contra alterações nestorianas.

Máximo, o filósofo, havia escrito a Atanásio a respeito de diversos heréticos: uns negavam que Cristo fosse Deus; outros consideravam o Verbo como descido sobre um homem já formado, mas não feito homem ele mesmo; outros, enfim, viam no Cristo um homem nascido de maneira ordinária. Atanásio refuta todos esses erros. Mostra que o Cristo crucificado é o Deus da glória, que todos devem adorar como verdadeiro Deus, e que nas ações do Cristo a glória e o poder divinos se manifestam ao mesmo tempo que a fraqueza humana. Esta carta tem muitos pontos comuns com a Adelfo e a Epíteto e é do mesmo tempo.

5.6 A Carta Sinodal (Epistula ad Afros) aos bispos africanos foi redigida numa reunião de noventa bispos do Egito e da Líbia. Tinha por finalidade premunir seus irmãos da África ocidental contra as intrigas dos homeousianos (os que negam a igualdade de substância, entre o Filho e o Pai, acentuando a inferioridade do Filho) e protestar contra as novas tentativas dos arianos que procuravam substituir o credo de Nicéia pelo símbolo de Rimini. Atanásio lembra os títulos deste último e a verdadeira história do outro. Depois defende brevemente a doutrina da consubstancialidade e argumenta para que Auxêncio, ariano, não permaneça à frente da igreja de Milão. Como menciona nesta Carta um sínodo romano, tido sob o papa Dâmaso, no qual foram excomungados Valente e Ursácio (nº 10). Este escrito remonta ao ano 370.

5.7 Epístolas a Serapião. Durante seu terceiro exílio no deserto da Tebaida (356-362), foi interpelado por cartas enviadas pelo bispo Serapião de Thmuis, redigidas por volta de 358, em relação à posição de alguns grupos existentes no Egito, na Ásia Menor e em Constantinopla que, sob o influxo do subordinacionismo ariano, afirmavam que o Espírito Santo é uma entidade celeste pouco superior aos anjos. Para eles o Espírito Santo não é Deus, mas uma criatura feita pelo Pai por meio do Filho, isto porque, se fosse aceita a sua processão da substância divina do Pai, então ter-se-ia que concluir que também ele é seu filho e que, portanto, o Filho, tendo um irmão, não é mais Unigênito. A doutrina destes grupos, chamados pelos ortodoxos em sentido pejorativo pneumatômacos (pneumatômachountes = aqueles que combatem o Espírito), foi tempestivamente censurada por Atanásio, que expôs seu pensamento respondendo com quatro cartas a Serapião. Nelas, Atanásio fornece um elenco de todos os atributos que a Bíblia atribui ao Espírito Santo (único, imutável, onipotente, eterno, criador, santificador, vivifi-cante...), evidenciando que esses atributos não podem ser absolutamente predicados de uma simples criaturas. Portanto, partindo da sua consubstancialidade ao Filho, funda a divindade do Espírito Santo: “O Espírito Santo é alguém além das criaturas, e é claro que ele é próprio do Filho e não estranho a Deus... Se pois o Filho, porque (tem origem) do Pai, é próprio da sua substância, necessariamente também o Espírito, que é dito por Deus, é realidade própria do Filho segundo a substância” (1,25).¹³ Nas quatro Cartas a Serapião, portanto, Atanásio defende a plena divindade do Espírito Santo contra o pneumatômacos (também chamados de macedônios), formulando o esquema do dogma trinitário. Já em seus discursos contra os arianos,

Atanásio apresentara o Espírito Santo como substancialmente pertencente à Trindade. Seguindo um silogismo teológico, enquanto equipara ontologicamente o Espírito ao Filho, une-o estritamente ao Pai (Ep. I ad Ser.2.21; III,1), sendo este, o Pai, por sua vez, idêntico ao Filho que gerou de si: de tal modo que o Espírito é com razão dito Espírito do Pai (I,16), procede do Pai (I, 2.11.33), está no Pai (I,22.25.26; III, 2.4; IV,2), participa da mesma realidade divina do Pai: “Se... o Espírito é (sempre) o mesmo, inalterável, e participa da imutabilidade do Filho... não é uma criatura nem pertence de modo algum à substância dos anjos, dado que estes são mutáveis. Ele é em vez imagem do Verbo e realidade própria do Pai” (I,26) — 4. Assim Atanásio apresenta um quadro trinitário fixando sem hesitação a participação paritária do Pai, do Filho e do Espírito Santo na mesma substância divina: “E o Espírito, que é dito “de Deus” e que está nele, não é estranho à natureza do Filho nem à divindade do Pai. Por isto na Trindade — no Pai e no Filho e no Espírito Santo — única é a divindade; e nesta Trindade, um é o batismo e uma é a fé” (IV,3). Assim, a divindade do Espírito fica demonstrada, segundo Atanásio, pela analogia entre a unidade do Pai e do Filho e a do Filho e do Espírito: “Ora, se eles, por causa da unidade do Logos com o Pai, não admitem que o próprio Filho faça parte dos seres criados, e sim, como corresponde à verdade, são de opinião que ele é criador das coisas criadas, por que chamam de criatura o Espírito Santo, que possui como o Filho a mesma unidade que este possui com o Pai” (Ep. I ad Ser, 2). Como irradiação do Filho o Espírito procede do Pai: “O Espírito não está fora do Logos, mas está no Logos e, através deste, em Deus” (Ep. III ad Ser. 5). Decisiva é para Atanásio a unidade de atuação divina, que ele desenvolve em termos cristológicos e soteriológicos: o Pai atua por meio do Filho no Espírito, na criação, na iluminação e nos dons da graça. Como imagem do Filho, o Espírito comunica a participação no Filho enquanto imagem do Pai. O argumento decisivo contra os pneumatômacos é soteriológico: “Ora, se o Espírito Santo fosse uma criatura, não receberíamos comunhão com Deus por meio dele; seríamos, antes, ligados a uma criatura e alienados da natureza divina, porque em nada participaríamos desta. Visto, porém, que é dito a nosso respeito que temos parte em Cristo e em Deus, está demonstrado que o bálsamo e o selo em nós não faz parte da natureza das coisas criadas, mas da natureza do Filho, que nos liga com o Pai através do Espírito que está nele” (Ep. I ad Ser. 24).

5.8 A Epístola a Joviano nasceu sob o pedido do jovem imperador Joviano que lhe demandara esclarecimentos sobre a fé. Atanásio a compõe em Antioquia, no ano de 363. Propõe ao imperador como regra da ortodoxia o símbolo de Nicéia, confirmado pelo sufrágio do mundo cristão. Termina a carta com uma profissão de fé explícita na divindade do Santo Espírito e da Trindade consubstancial.

5.9 Além das obras citadas, deixou muitas outras Cartas entre as quais devem merecer destaque as Cartas Festivas (ou Pascais)¹⁴. Estas derivam de um antigo costume de os bispos se dirigirem às igrejas de suas dioceses para anunciar a data da Páscoa e o início da quaresma. Frequentemente, eles aproveitavam a ocasião para transmitir algum ensino pastoral ou doutrinal.

5.10. Entre seus escritos duvidosos ou inautênticos, mencionamos somente o mais conhecido deles que traz seu nome que é o símbolo Quicumque vult. É chamado símbolo de santo Atanásio¹⁵ a partir do século VIII ou IX, mas está certamente errado. Foi-lhe atribuído porque seu nome está ligado ao triunfo do termo consubstancial e às primeiras lutas cristológicas. Com efeito, o que caracteriza este símbolo é a precisão das fórmulas concernentes à Trindade e, sobretudo, à encarnação. Estas fórmulas são tomadas em grande parte de santo Agostinho. Além disso, a insistência com a qual é exposta a doutrina sobre a Encarnação supõe abertas as grandes lutas cristológicas: o símbolo é pois posterior ao nestorianismo (430). De outra parte, é citado pela primeira vez num sermão atribuído a santo

Agostinho e que é, provavelmente, de São Cesário de Arles († 543). O Quicumque fora, portanto, composto entre os anos 430 e 540, como pensa J. Tixeront porque, após esta data, a comparação da união da alma e do corpo em Cristo para explicar a união hipostática caíra em desuso. Obra certamente latina, deve ter sido composta na Gália, num círculo de escritores que se ligavam a Arles ou ao mosteiro de Lerins. Este símbolo entrou no ofício romano somente após o século X. Pela nitidez com a qual expõe e, por assim dizer, burila a doutrina da Trindade e da Encarnação, o Quicumque conquistou autoridade e ficou incorporado às definições dos concílios e aos ensinamentos infalíveis da Igreja.¹⁶

Conclusão

A importância de Atanásio para a história do dogma reside em sua explicação e exposição da doutrina da Trindade, em particular, sobre o Logos.

Defende incansavelmente a consubstancialidade do Filho com o Pai e expõe também, mais claramente, do que os teólogos anteriores a natureza e a geração do Verbo.

Não se pode deixar de admirar a coragem deste soldado sempre pronto, combatente intrépido de primeira linha em defesa da fé, que não conheceu repouso. Dos 46 anos de patriarcado, dezessete ele os passou no exílio, sempre combatendo incessantemente contra os arianos. Estes o perseguiram com ira implacável por meio século. A luta foi o programa de seu dia-a-dia. Escreveu para se defender ou para defender a fé de Nicéia.

Espírito lúcido, justo, penetrante, generoso ao mesmo tempo, imbuído de fé viva, eloqüência natural, foi um homem de caráter impetuoso e tenaz. Granjeou admiradores entusiastas e inimigos encarniçados. Na fé, alimentada por um misticismo fervente e por um moralismo rígido, preocupou-se sobretudo em defender a realidade da redenção. Por esta razão, teve que defender de igual modo a encarnação do Verbo divino, pois, aquilo que não foi assumido também não foi salvo. Assim, Jesus tem que ser verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Defendeu com igual força a independência da Igreja em relação à autoridade política. Foi o duro e tenaz lutador que os tempos e as circunstâncias reclamavam.

Ao longo de seus últimos anos, São Basílio Magno empenhou-se em reconciliá-lo com o bispo Melécio de Antioquia para unir o Oriente com Roma contra o arianismo. Mas isto teria implicado a condenação de seu velho amigo Marcelo de Ancira. Talvez por essa razão, Atanásio tenha se recusado a fazê-lo.

O grande historiador Dom Louis Duchesne (†1922) que, pelo conteúdo e pela forma, melhor apresenta esta personalidade cheia de firmeza e de grandeza afirma: “Além das qualidades de pastor, realizado, Deus dera-lhe um espírito claro, um olhar bem aberto para a tradição cristã, para os acontecimentos e para os homens; e, com tudo isto, um caráter muitíssimo indomável, temperado por uma grande delicadeza, mas incapaz de se dobrar diante de quem quer que fosse. A ortodoxia de Nicéia encontrara nele o seu defensor. Já ameaçada em 328, ela devia atravessar crises lamentáveis. Poderíamos pensar que, em determinados momentos, o seu único apoio fora Atanásio. Teve contra si o Império e a sua polícia, os concílios e o episcopado. Enquanto um homem como ele continuava de pé, a balança certamente mantinha-se de pé.”¹⁷

Contudo, Atanásio teve também suas limitações. Mais testemunho da fé do que pioneiro da teologia, não possuía a ciência e a cultura de Eusébio de Cesaréia, nem a acuidade intelectual de Eustáquio. Seu estilo é direto. Sua eloqüência é natural, mas sua retórica é seu brilho. Ultrapassa-os como homem de ação. Firmeza, admirável defensor de Nicéia e lutador temível.

A tradição eclesiástica resume o gênio e o caráter de Atanásio como homem extraordinário, afirmando que ele fora, do ponto de vista da defesa da ortodoxia cristã, o maior homem de seu século. Possuía um espírito justo, vivo e penetrante, um coração generoso e desinteressado. Não lhe faltou coragem para transformar-se, aos olhos de seus fiéis, num herói. Persistente, incansável, manteve sempre uma fé viva, um cristianismo viril, simples e nobre. Maior era sua fé que sua erudição.

¹O termo Doutor da Igreja que, muitas vezes, se associa ao de Padre, não é simplesmente sinônimo. Indica um grau a mais, pois nem todos os Padres são doutores. Originariamente, a palavra designava, de uma maneira geral, todos aqueles que estudavam a mensagem de Cristo. Pouco a pouco, passou a ser reservada para alguns grandes espíritos cuja ciência eminente, rigorosa, ortodoxa e exemplar santidade lhes conferiam uma autoridade admitida por todos. A Igreja reconheceu e designou como Doutores um pequeno número de Padres muito selecionados, continuando a usar de igual parcimônia até os nossos dias. A Igreja bizantina venera três doutores: São Basílio Magno, São Gregório Nazianzeno e São João Crisóstomo. Por seu turno, a Igreja latina acrescentou-lhes um quarto oriental: Santo Atanásio e quatro ocidentais: Santo Ambrósio, São Jerônimo, Santo Agostinho e São Gregório Magno. São estes os oito “grandes doutores” da Igreja.

²Vocábulo grego, do adjetivo koinós, comum, popular, já bastante distanciado do grego clássico. Como substantivo, indica a língua grega corrente, do tempo do helenismo até, mais ou menos, o final do século IV de nossa era, comum a todo o mundo mediterrâneo. A koiné difundiu-se com as conquistas de Alexandre Magno e se constituiu num valioso veículo de enorme ajuda para a difusão do cristianismo. O próprio Novo Testamento foi redigido na koiné, embora recheado de semitismo. Sobre a cruz de Jesus, Pilatos mandou colocar uma inscrição em hebraico, grego (koiné) e latim (P.G. 35,1087).

³Cf. Sócrates. Hist. Eccl. I,6. Teodoreto, Hist. Eccl. I,3.

⁴Elogio de Atanásio. P.G. 25, col. 1081.

⁵Os bispos conciliares gostaram do “Credo de Cesaréia” proposto por Eusébio, bispo de Cesaréia, de tendência ariana. Mas este credo não solucionava explicitamente as questões levantadas por Ário. Então, tomando-o como base, elaboraram outro credo explicitando mais detalhadamente o símbolo de fé com estas sentenças: “E a quantos dizem: “Antes de nascer, Ele não era”, ou que “Foi feito do não existente”, bem como a quanto alegam ser o Filho de Deus “de outra substância ou essência”, ou “feito” ou “mutável”, ou “alterável”, a todos estes a Igreja católica e apostólica anatematiza”. Cf. H. BETTENSON, Documentos da Igreja Antiga. São Paulo, Aste, 1967, p.49.

⁶Eram os seguidores de Melécio de Licópolis considerados cismáticos porque se recusavam a readmitir na comunidade os cristãos que, durante a perseguição de 303 a 312, tinham abjurado a fé (questão dos lapsi).

⁷Edward Gibbon. Declínio e queda do império romano, ed. Abreviada, Companhia das Letras, 1989, p. 291.

⁸O primeiro exílio, sob Constantino, vai de 11 do 7 de 335 a 22 do 11 de 337, em Tréveros. O segundo, Sob Constâncio, de 16 do 4 de 339 a 21 do 10 de 346, em Roma. O terceiro, ainda sob Constâncio, de 9 do 2 de 356, no deserto do Egito. O quarto, sob Juliano, o Apóstata, de 24 do 10 de 362 a 5 do 9 de 363, no deserto do Egito e o último sob Valente de 5 do 10 de 365 a 31 do 1 de 366, também no deserto do Egito.

⁹Texto em E. Gibbon, op. cit, p. 293.

¹⁰Juliano, o Apóstata. Epist. LII, ao povo de Bostra, de 362, em: H. Bettenson, op cit., pp. 55-56.

¹¹O elenco completo de suas obras é dado por M. Gerard, Clavis Patrum Graecorum II, pp. 12-26. Cf. também M. Tetz, Theologische realenzyklopäde, 4, pp. 344-346, Berlim – Nova Iorque, 1976 ss.

¹²Os termos hipóstasis e homoúsios têm fundamental importância para a fé ortodoxa e para a história do dogma. Literalmente, significam firmeza, confiança, valor, o primeiro, enquanto o segundo se verte por substância ou natureza. Ambas as palavras significam, em sua origem, uma mesma coisa: o substrato de toda realidade, aquilo que constitui a realidade de seu próprio ser. No contexto dogmático da cristologia, hipóstase significa, propriamente, “o que está embaixo”, indicando o sujeito das operações, isto é, a pessoa e homoúsios é a substância, a essência.

¹³Trad. em Atanasio, Lettere a Serapione. Lo Spirito Santo, a cura di E. Cattaneo, Città Nuova, Roma, 1986, p. 88.

¹⁴Destas Cartas foram encontradas, em 1848, 13 em versão siríaca.

¹⁵Cf. J. Tixeront. Athanase (symbole de Saint), em Dictionnaire de théologie catholique, coll. 2178 – 2187.

¹⁶Ibidem, coll. 2186 – 2187.

¹⁷Histoire ancienne de l’Église, II, p. 168, em: J. Huscentot. Os doutores da Igreja. Paulus, 1997, p. 11.

BIBLIOGRAFIA

- AUBINEAU, M. "Les écrits de saint Athanase sur la virginité" in *Revue d'Ascétique et Mystique*, 31, 1955, pp. 140-173.
- BARDY, Gustave. *Saint Athanase*. Paris, 1914.
- _____. "L'entrée de la philosophie dans le dogme au quatrième siècle" in *L'année théologique*, Paris, 1948.
- _____. *Littérature grecque chrétienne*. Bibliothèque Catholique des sciences religieuses, Mayenne, Librairie Bloud et Gay, 1927; *Saint Athanase*, pp. 91-97
- BERCHEM, J.-B. "Le rôle du Verbe dans l'oeuvre de la création et de la sanctification d'après saint Athanase" in *Angelicum*, t.15, 1938, pp. 201-232.
- _____. "Le Christ sanctificateur d'après saint Athanase" in *Angelicum*, t. 15, 1938, pp. 515-558.
- BERNARD, R. *L'image de Dieu d'après saint Athanase*. Coll. Théologie, 25. Paris, 1952.
- BOUYER, Louis. *L'incarnation et l'Église-Corps du Christ dans la théologie de saint Athanase*. Coll. Unam Sanctam, 11. Paris: Cerf, 1943
- CAMELOT, P. *Saint Athanase. Discours contre les païens et De l'Incarnation du Verbe*. Paris, 1947.
- CAYRÉ, F. *A A Patrologie et histoire de la théologie*. Tome premier, livres I et II, 4e. édition. Paris – Tournai – Rome: Société de S. Jean Évangéliste – Desclée et Cie, Éditeurs Pontificaux, 1945, 326-344.
- DUCHESNE, Lucien. *Histoire ancienne de l'Église*, t. II, 4e. éd. revue. Paris, Fontemoig et Cie Éditeurs, 1910.
- GALTIER, P. "Saint Athanase et l'âme du Christ" in *Gregorianum*, t.36, 1956, pp. 553-589.
- GAUDEL, A. "La théorie du Logos chez saint Athanase. Une synthèse christologique à la veille de l'arianisme" in *Revue des Sciences Religieuses*, t.9, 1929, pp.524-539.
- HAURET, Charles. *Comment le défenseur de Nicée a-t-il compris le dogme de Nicée?* Bruges, 1936.
- HAMMAN, A *Guide pratique des Pères de l'Église*. Paris, Desclée de Brouwer, 1967, pp. 121-134.
- KANNENGIESSER, C. (ed.). *Politique et théologie chez Athanase*, Paris, 1974.
- _____. "Le mystère pascal du Christ selon Athanase d'Alexandrie" in *Recherches de Science Religieuse* 63, 1975, pp. 407-442.
- _____. *Athanase, évêque et écrivain*. Paris, 1981.
- _____. "Le témoignage des Lettres Festales de saint Athanase sur la date de l'Apologie Contre les Païens, sur l'Incarnation du Verbe" in *Recherche de Science Religieuse* 52, 1964, pp. 91-100.
- LEBON, J. "Altération doctrinale de la Lettre à Épictète de saint Athanase" in *Revue d'Histoire Ecclésiastique*, 31, 1935, pp. 713-761.
- _____. "Pour une édition critique des oeuvres de saint Athanase" in *Revue d'Histoire Ecclésiastique*, XXI, 1925, pp. 524-530.
- LE BACHELET, X. "Athanase (saint)" in *Dictionnaire de Théologie Catholique*, vol. II. Paris, Lib. Letouzey et Annè, 1937, coll. 2143-2178.
- MARTINO, Jugie. "Atanasio, santo" in *Enciclopedia Cattolica*. Città del Vaticano, 1949, coll. 254-262.
- MEIJERING, E.P. *Orthodoxy and Platonism in Athanasius.*, 2 ed. Leiden, 1974.
- NEWMAN, J.-H. *St. Athanasius*, 2 vols. Oxford, 1873.
- ORLANDI, T. "Sull'Apologia Secunda di Atanasio" in *Agustinianum* 15, 1975., pp. 49-79.
- RIGANTI, Angelo. "Atanasio" in *Enciclopedia Italiana di Scienze, Lettere ed Arti*, V. Roma, Istituto Giovanni Treccani, 1930.
- RONDEAU, M.J. "Une nouvelle preuve de l'influence littéraire d'Eusèbe de Césarée sur Athanase: L'interprétation des Psaumes" in *Recherches de Science Religieuse*, 56, 1968, pp. 385-434,.
- VOISIN, G. "La doctrine christologique de saint Athanase" in *Revue d'histoire ecclésiastique*, I, 1900, pp. 226-248.
- ZAPHIRIS, G. "Connaissance naturelle de Dieu d'après Athanase" in *Kleronomia* 6, 1974, pp. 61-96.

CONTRA OS PAGÃOS

INTRODUÇÃO

Embora a obra tenha como título “Contra os helenos, isto é os gregos”, é conhecida hoje como *Contra os pagãos* por causa talvez da versão latina *Contra gentes*, ela foi, na verdade, escrita para os cristãos. De fato, é aos cristãos que ele se dirige como está expresso no início do livro: “Tu que amas o Cristo...”, 1,5b (cf. Sobre a encarnação 1; 97 a), e no fim do primeiro livro se diz: “Se tu tens fé nele, e se tu és piedoso para com ele, ó amigo de Cristo”, 47; 96b. Além disso o uso abundante das Escrituras deixa supor que o autor se dirige a leitores familiarizados com elas. É, pois através de um cristão que Atanásio quer refutar os erros do paganismo, sem se dirigir diretamente aos pagãos como o faz no cap. 21: “Se agis assim, gregos...”. Sem dúvida, ele quer confirmar na fé o leitor cristão, mas seu fim primeiro parece ser de convencer os pagãos de seus erros, e de responder às calúnias e os escárnios, dos pagãos contra as crenças cristãs, e sobretudo contra a cruz de Cristo, 1,4b.

No entanto, muitas críticas de Atanásio visam práticas pagãs como certos tipos de idolatria e de sacrifícios que estão, sem dúvida, ultrapassados na época em que escreve. No século IV, apesar do empenho de Constantino, da realização do concílio de Nicéia e de alguns sínodos, o paganismo ainda permanecia vivo. Assim, pode-se dizer que se os ritos tradicionais não eram mais animados por sentimentos religiosos potentes, a reação pagã à nova religião que com auxílio dos imperadores ia triunfando e bem logo se tornaria religião do Estado, se prolonga ainda por muito tempo. O combate de Libânio, de Símaco e do imperador Juliano, que no tempo de Atanásio escrevia um tratado contra os cristãos mostra esta reação pagã contra a ameaça cristã. As refutações que Eusébio, Apolinário ou Diodoro publicaram à obra de Porfírio fazem pensar que o paganismo estava ainda bem vivo, neste período. Ainda no século seguinte, Santo Agostinho sentiu a necessidade de refutar as acusações pagãs contra os cristãos, de serem os responsáveis diretos pelos flagelos de Roma, nos livros da *Cidade de Deus*. Dezenas de anos mais tarde, Cirilo de Alexandria julga necessário refutar a obra de Juliano, o Apóstata. Para isso escreveu uma obra. Para a santa religião dos cristãos contra a obra de Juliano o Apóstata. A obra é dedicada ao imperador Teodósio II e redigida entre os anos 433 e 441. O prólogo revela que havia, então, em Alexandria, vivas discussões entre cristãos e pagãos, e que a obra de Juliano servia para estes de boa munição. Pela mesma época, na região de Antioquia, o bispo Teodoreto de Ciro escrevia a mais importante refutação do paganismo que os primeiros séculos produziram: *Cura das doenças helênicas*, por volta de 449.¹

Atanásio julga que há ainda muitos pagãos que caluniam a religião de Cristo e riem de sua cruz. É preciso mostrar-lhes que a religião deles é que é vã e que, ao contrário do que dizem, a fé cristã se apoia em boas razões. Tal é o propósito de sua apologia: uma refutação do politeísmo, uma crítica da idolatria e a apresentação da religião verdadeira.

Uma rápida análise revela que o tratado se divide em duas partes (cf. o fim do cap. 29 e começo do 30). A primeira parte é uma refutação do politeísmo e da idolatria, a segunda, uma demonstração positiva da existência do verdadeiro Deus.

Nos capítulos 2-11, Atanásio descreve a origem e o desenvolvimento da idolatria. Nos caps. 12-29, mostra que os crimes dos deuses, suas paixões vergonhosas e a vanidade do culto prestado aos ídolos mortos de pedra, de metal ou de madeira são suficientes para revelar as contradições ridículas da idolatria. A esta refutação segue uma reflexão mais profunda e uma tentativa de interpretação: os deuses são mortais divinizados, são as paixões humanas divinizadas (19).

A segunda parte trata do conhecimento do verdadeiro Deus. Atanásio parte da alma humana, da existência e da ordem do mundo para levar seu leitor ao conhecimento do verdadeiro Deus. O Verbo

se encarna para restaurar, entre os homens, o conhecimento do verdadeiro Deus. Se a alma se purifica das paixões que obscurecem sua visão, ela poderá contemplar nela mesma o Verbo. A ordem e a harmonia do mundo provam a existência de um Deus criador (35-40). Este criador é o Logos cuja presença anima e unifica o universo (41-45). É este Verbo que nos faz conhecer o Pai, seu poder, sua sabedoria (46-47).

O resultado das pesquisas dão como certo que o Tratado contra os pagãos e o Tratado da encarnação do Verbo e de sua manifestação na carne formam uma só obra: o Tratado da encarnação se apresenta desde as primeiras palavras, como a segunda parte de uma obra única (I,4).

O problema da data de composição da obra não está, na verdade, resolvido. Muitos historiadores vêem neste duplo tratado uma obra de juventude do autor. Alegam como argumentos a maneira de proceder, escolar e livresca, do autor que aí se exhibe, a abundância difusa dos desenvolvimentos, as repetições dos exemplos e argumentos, o estilo “florido” que caracterizam melhor seus anos de juventude. Constatam, especialmente, a ausência de qualquer alusão ao arianismo, que foi, depois de 325, a grande preocupação de Atanásio, expressa em todas as suas obras. Tudo isso faz pensar que a obra é anterior aos começos da crise ariana.

Entretanto, F. Loofs observa que até 335, as Cartas festivas de Atanásio também não fazem nenhuma menção ao arianismo. Ch. Kannengiesser retomou recentemente a questão² mostrando o caráter intencional deste silêncio, de onde não se poderia pois tirar argumento contra uma redação mais tardia da obra. Kannengiesser mostra que as palavras do livro Sobre a encarnação 24 sobre o Cristo que quis “mesmo na morte conservar seu corpo inteiro e indiviso, para não dar pretexto àqueles que queriam dividir sua Igreja”, fazem eco à fórmulas análogas da Carta festiva X, sobre aqueles “que aprenderam a dividir a túnica indivisível de Deus”, “separando o Deus Filho do Pai”. É, então, que pela primeira vez o nome de Ário aparece nas obras de Atanásio. Kannengiesser explica, assim, o silêncio de Contra os pagãos e Sobre a encarnação a respeito do arianismo, ao mesmo tempo que aproxima a obra do contexto doutrinal da reação antiariana. Desse modo, a composição destes dois livros poderia remontar aos anos de exílio em Tréveros, isto é, entre os anos 335-337. Isso explicaria também a expressão da Introdução: “ Mas uma vez que presentemente nós não temos em mãos as obras dos mestres, é necessário que te exponhamos por escrito o que deles aprendemos...”.

¹Cf. V.P. Canivet, Histoire d'une entreprise apologétique au Vè siècle, Paris, 1957; Id. Thérapeutique des maladies helléniques, texte critique, introduction, traduction et notes, Col. Sources Chrétiennes, n° 57, Cerf, Paris, 1958.

²“Le témoignage des Lettres Festales de saint Athanase sur la date de l'Apologie Contre les Païens, sur l'Incarnatio du Verbe”, Recherche des Sciences Religieuses 52, 1964, pp. 91-100.

INTRODUÇÃO

Os pagãos ignoram a religião cristã que caluniam

1. O conhecimento da religião e a verdade de todas as coisas não têm necessidade de ser ensinadas pelos homens em virtude de serem capazes de se manifestar por si próprios: quase todos os dias criam pelas suas obras e se mostram, mais claros que o sol, através do ensinamento de Cristo. Porém visto que desejas ouvir falar disso, pois bem, caríssimo, à medida que somos capazes, expomos alguns assuntos da fé de Cristo; tu poderias descobri-la a partir da Palavra divina, mas é bom assim aprendê-la dos outros. Certamente, as santas Escrituras, divinamente inspiradas, bastam para a exposição da verdade; mas existem também numerosos tratados realizados para esta finalidade pelos nossos bem-aventurados mestres; aquele que os ler compreenderá a interpretação das Escrituras e poderá obter o conhecimento que desejar. Mas uma vez que presentemente não temos em mãos as obras dos mestres, é necessário que te exponhamos por escrito o que deles aprendemos — quero falar da fé de Cristo Salvador — para que não se tenha de encontrar mui rudimentar o ensino da nossa doutrina, e que não se julgue que a fé no Cristo é insensata.¹ Porque tais são as calúnias e os escárnios dos gregos a nosso respeito, eles riem de nós às gargalhadas, sem nenhuma outra coisa terem para nos censurar a não ser a cruz de Cristo. É nisto principalmente que a sua inconsciência merece piedade: eles caluniam a cruz sem verificar que o seu poder encheu toda a terra e que por ela se manifestam em todas as obras o conhecimento de Deus. Porque se eles também aplicassem sinceramente o seu espírito à divindade de Cristo, não escarneceriam uma coisa tão importante, antes porém, eles próprios o reconheceriam igualmente como o salvador do universo, e veriam que a sua cruz não foi a ruína, mas a salvação para a criatura. Porque se é verdade que a cruz uma vez levantada, toda a idolatria foi destruída, e que por este sinal todas as aparições dos demônios são postas em fuga e só Cristo é adorado, e nos fez conhecer o Pai, os seus contraditores foram cobertos de confusão e ele, todo dia, converte invisivelmente as almas dos seus contraditores, como — é assim que com razão se lhes falaria —, como ainda imaginar que nisto existe uma coisa humana e não confessar de preferênciam que aquele que foi elevado na cruz é o Verbo de Deus e o Salvador do mundo? Parece-me que para tais pessoas dá-se de modo análogo ao que experimentaria aquele que caluniasse o sol quando está encoberto pelas nuvens, mas admirasse a sua luz vendo que ela ilumina todas as criaturas. A luz é bela e mais belo ainda o sol, autor e princípio da luz; do mesmo modo, se é coisa divina que toda a terra se preencha do conhecimento de Deus, é necessário que o autor e um princípio de tal efeito seja Deus e o Verbo de Deus. Falaremos então como pudermos, começando por convencer os incrédulos de sua ignorância: assim as mentiras uma vez refutadas, a verdade brilhará por si própria; e tu acreditaste na verdade, e conhecendo o Cristo não te deixaste enganar. É contigo, penso, que amas o Cristo, que convém falar de Cristo, uma vez que estou convencido disso, tu julgas que o conhecimento do Cristo e a fé nele são mais preciosos do que tudo.

PRIMEIRA PARTE

REFUTAÇÃO DA IDOLATRIA

I. ORIGENS DA IDOLATRIA

O homem criado à imagem de Deus

2. No princípio, o mal não existia; também não existia ainda nos santos, não existia absolutamente entre eles; mas foram os homens que na seqüência começaram a imaginá-lo e a representá-lo a si mesmos para sua perda. E é porque eles imaginaram ídolos, considerando as coisas que não existem como se elas existissem. Porque o Deus criador e soberano rei do universo, que subsiste além de toda a essência e de todo o pensamento humano criou na sua bondade e beleza infinitas o gênero humano, segundo a sua própria imagem pelo seu próprio Verbo, nosso Salvador Jesus Cristo. Por sua semelhança com ele, o tornou capaz de contemplar e conhecer os seres, deu-lhe a idéia e conhecimento da sua própria eternidade, a fim de que, conservando a sua integridade, o homem não mais se afaste do pensamento de Deus e não se distancie da comunidade dos santos, mas que, conservando a graça que recebeu do Deus, conservando também o próprio poder que lhe vem do Verbo do Pai, ele viva, na alegria e na intimidade com Deus, uma vida sem inquietude e verdadeiramente feliz, uma vida imortal. Porque, nada havendo que o impeça de conhecer a divindade, sua pureza lhe permite contemplar sem cessar a imagem do Pai, o Verbo de Deus, à imagem do qual ele foi feito; e ele está repleto de admiração considerando a sua providência com relação ao universo. Ele se eleva acima das coisas sensíveis e de toda a representação corporal, e se une, pelo poder do seu espírito, às realidades divinas e inteligíveis que estão nos céus. Quando então o espírito humano não tem comércio com os corpos e não recebe de fora mistura alguma das paixões corporais, mas está totalmente no alto, vivendo com ele, ultrapassa as coisas sensíveis e todas as realidades humanas para viver lá no alto nos céus, e vendo o Verbo, ele vê também o Pai Verbo; esta contemplação o alegra e o renova no desejo que o leva até ele.

Assim, o primeiro homem que foi chamado em hebraico Adão, conservava no começo, segundo as santas Escrituras, o seu espírito voltado para Deus na mais pura liberdade e vivia como os santos na contemplação dos inteligíveis,² de que desfrutava no lugar que o santo Moisés chamou figurativamente de paraíso. Porque a pureza da alma a torna capaz de contemplar Deus nela mesma como num espelho (cf. 1Jo 3,2; 2Cor 3,18), segundo a palavra do Senhor: “Bem-aventurados os corações puros, porque verão a Deus” (Mt 5,8).

O pecado do primeiro homem. Nascimento das paixões

3. Tal, foi dito, o Criador tinha formado o gênero humano e quis que permanecesse. Mas os homens, negligenciando as realidades superiores e lentos para compreendê-las, procuraram de preferência aquelas que estavam mais próximos deles. Ora, o que está mais próximo, é o corpo e seus sentidos: assim desviaram o seu espírito dos inteligíveis e se olharam para se considerarem eles próprios. Considerando-se a si próprios, apegando-se aos seus corpos e às outras coisas sensíveis, e enganando-se, por assim dizer, na sua própria causa, chegaram a se desejar a si próprios, preferindo seu próprio bem à contemplação das realidades divinas. Eles permaneceram aí, recusando a se afastar dos prazeres imediatos, aprisionaram a sua alma nas volúpias corporais que a deixaram perturbada e enlameada em toda a espécie de desejos; porque eles haviam completamente esquecido o poder que no início tinham recebido de Deus. Pode-se constatar que tudo isto é verdadeiro segundo o que as santas Escrituras nos dizem do primeiro homem. Também durante muito tempo, efetivamente, em que ele conservou o espírito ligado a Deus e à contemplação de Deus, ele se desviava da contemplação do corpo; mas quando, pelo conselho da serpente, ele se afastou do pensamento de Deus e se pôs a considerar-se a si próprio, então foram tomados pelos desejos do corpo, “e conheceram que estavam nus” (Gn 3,7) e este conhecimento os encheu de vergonha. Eles conheceram que estavam nus, não porque não tinham roupa, mas porque tinham sido despojados da contemplação de Deus, e tinham voltado o pensamento

para direção oposta. Afastando-se da consideração e do desejo do Um e do Ser, quero dizer, de Deus, se entregaram a diversidade e a multiplicidade dos desejos corporais. Seguidamente, como acontece em geral, tomados pelos desejos singulares e múltiplos, começaram a se manter habitual e mutuamente voltados para eles a ponto de temerem perdê-los. Por este meio, nasceram na alma as covardias, os temores, as volúpias, o pensamento das coisas mortais. Não querendo renunciar aos seus desejos, ela teme a morte e a separação do corpo. Desejando ainda e não atingindo o objeto dos seus desejos, ela aprende o homicídio e a injustiça. Como ela age deste modo, é conveniente indicar à medida que pudermos.

A alma se entrega às paixões. O pecado

4. A alma se afastou, portanto, da contemplação dos inteligíveis e, abusando das suas faculdades corporais particulares, pôs seu prazer na contemplação do corpo; e vendo que o prazer era um bem para ela, no seu erro abusou do nome de bem, e pensou que o prazer era o bem absoluto e verdadeiro: tal como um homem que, tomado pela demência, pedisse uma espada para ferir aqueles que encontrasse e acreditaria que isto seria a sabedoria. Embriagada pelo prazer, a alma se lançou a procurá-lo de muitas maneiras. Porque por sua natureza ela é móvel e ainda que esteja afastada do bem, não cessa de estar em movimento. Move-se, mas não mais no sentido da virtude nem para ver Deus: levando o seu pensamento para aquilo que não existe, transforma o poder que está nela, e disto se serve a fim de se voltar para os desejos que imaginou, posto que foi criada livre. Pode se inclinar para o bem, mas também se afastar do bem; e se afastando do bem, pensa em coisas totalmente opostas, porque não pode absolutamente deixar de estar em movimento, sendo por natureza, como acabo de afirmar, muito móvel. E conhecendo sua independência, sente-se capaz de usar os membros do seu corpo nos dois sentidos, para o ser e para o nada: o ser, é o bem, o nada, é o mal.³ Chamo bem o ser, posto que tem o seu exemplar em Deus que é o Ser. E chamo mal o nada, posto que, não existindo, é apenas uma ficção da imaginação humana. Então o corpo tem olhos para ver a criação, e por sua ordem harmoniosa conhecer o criador, ouvidos para escutar as palavras divinas, e as leis de Deus, mãos para se aplicar às obras necessárias e para se dirigir a Deus em oração, a alma, ao contrário, afastando-se da contemplação do bem e do movimento que a conduz a ele desvia-se, se movimenta para uma finalidade totalmente oposta. Seguidamente, como já disse, vendo o seu poder e abusando dele, ela compreendeu que podia igualmente movimentar para uma finalidade oposta os membros do seu corpo. E é porque, em lugar de ver a criação, volta os seus olhos para os desejos, mostrando que tem o poder; ela pensa que por estar em movimento, salvaguarda a sua dignidade, e não comete falta, uma vez que faz aquilo para o qual tem poder. Não sabe que não foi criada simplesmente para se movimentar, mas para se movimentar na direção do fim que é necessário; e é do que nos adverte a palavra do Apóstolo: “Tudo me é permitido, mas nem tudo me convém” (1Cor 6,12; cf. *ibid.*,10,23).

5. Porém, a audácia dos homens, visando não o que é útil ou conveniente, mas simplesmente aquilo que está em seu poder, pôs-se a agir em sentido oposto. Assim ela pôs em movimento as mãos para a finalidade oposta, fazendo-lhes cometer o homicídio; ela desviou os ouvidos para a desobediência, e os outros membros para o adultério em lugar da procriação legítima; quanto à língua fê-la pronunciar, em lugar de palavras de bênção, maldições, injúrias, falsos juramentos; as mãos, fê-las roubar e ferir os homens, nossos semelhantes; o olfato, o desviou para toda variedade de perfumes eróticos; os pés para a agilidade em derramar sangue (cf. Pr 1,16; 6,18; Is 59,7), o estômago o dirigiu para a embriaguez e a saciedade insatisfeita. Tudo isso, é a malícia e o pecado da alma, que não têm outra

causa, senão a renúncia às realidades superiores. Se um corredor, montado a cavalo no estádio negligenciasse o alvo para o qual deve correr, e se desviasse dele para fazer simplesmente o seu cavalo correr quanto pode — e ele o pode quanto o deseja, — e se ora se atirasse sobre os freqüentadores, ora nos precipícios, deixando-se levar pela rapidez do seu cavalo, pensando que correndo assim alcançará à sua finalidade — porque ele só olha a corrida e não vê que está longe do alvo — assim a alma, afastando-se do caminho que conduz a Deus e lançando os membros do corpo para fora da pista que convém ou antes deixando-se compelir ela mesmo para eles, peca e se forja, para si própria o mal, não vendo que ela erra fora do caminho, e que está longe do alvo da verdade para o qual se dirige o bem-aventurado Paulo, o homem porto-Cristo, quando diz: “Eu corro em direção à meta, para receber a recompensa dada pelo chamado do alto, de Cristo Jesus” (Fl 3,14; cf. 1Cor 9,24-25). E tendo em vista o bem, o santo jamais praticava o mal.

O mal não existe em si mesmo

6. Certos gregos, portanto, errando longe do caminho, e não conhecendo o Cristo, afirmaram que o mal subsistia em si; enganam-se nestes dois pontos: ou negam que o Criador seja o autor dos seres; porque ele não seria o Senhor dos seres se o mal tivesse em si existência e realidade; — ou, por outro lado, concedendo que ele seja o autor do universo, eles suporão necessariamente que ele o é também do mal: porque segundo eles o mal está no número das realidades existentes. Isto parece absurdo e impossível: porque o mal não pode vir do bem, nem existir nele nem por ele; e o bem não seria mais o bem, se ele possuísse uma natureza mista, ou se fosse a causa do mal.

Não há senão um só Deus.

Quanto aos heréticos, afastando-se do ensinamento da Igreja e naufragando na fé (1Tm 1,19), desarraçoam, também crendo numa hipóstase do mal. Imaginam, ao lado do verdadeiro Deus, o Pai do Cristo, outro Deus, incriado também, autor do mal e princípio de toda a malícia, o demiurgo da criação. Seria fácil refutá-los segundo as divinas Escrituras e segundo a própria razão humana, graças à qual eles imaginaram essas loucuras. Assim nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo diz no seu evangelho, confirmando as palavras de Moisés, que “o Senhor Deus é único (Mc 12,29; cf Dt 6,4), e: “Eu te rendo glória, Pai, Senhor do céu e da terra (Mt 11,25; Lc 10,21). Se, pois, Deus é um, e é o Senhor do céu e da terra, como haveria outro Deus, senão ele? Onde estará o seu Deus, uma vez que só o Deus verdadeiro enche tudo o que encerra o céu e a terra? Como haverá outro criador destes seres se, segundo a palavra do Salvador, o Deus e Pai do Cristo, é o seu Senhor? A menos que eles não digam que sendo de igual condição, o Deus mau possa tornar-se o Senhor do Deus bom. Mas eles dizem isso, observa em que impiedade eles caem: porque em caso dos seres que têm poder igual, não se saberia encontrar superior ou inferior. E se um existe contra a vontade do outro, os dois têm o mesmo poder e a mesma condescendência: o mesmo poder, porque por sua existência, um sobrepuja a vontade do outro; a mesma condescendência; porque não obstante eles e contra a sua intenção, as coisas se produzem: porque o bem existe contra a vontade do Deus mau e o mal contra a vontade do Deus bom.

7. Por outro lado, poder-se-ia dizer-lhes: se as coisas visíveis são a obra do Deus mau, onde está a obra do Deus bom? Porque nada se vê fora da criação feito pelo Criador. Como conhecer que o Deus bom existe, se não há obra que o faça conhecer? Porque é pela sua obra que se conhece o Criador. Como, enfim, dois princípios opostos um ao outro poderiam existir ou quem os separará para os fazer existir um à parte do outro? Porque é impossível que eles existam em conjunto pois se destruiriam um ao

outro. Não seria mais possível que existissem um no outro, já que as suas naturezas não se misturam e são dissemelhantes. Então o que os separará virá de terceiro, e este também será Deus. Mas de qual natureza será esse terceiro? Da natureza do bom ou do mau? Parecerá incerto, pois que ele seja da natureza de um e do outro, é impossível.

O homem é o autor do mal

Todo o seu sistema parece então vacilante, e é necessário pôr em todo o seu brilho a verdade do ensinamento da Igreja: o mal não vem de Deus, não está em Deus, não existiu no começo e não tem substância. Mas são os homens que, recusando pensar no bem, puseram-se a conceber e a imaginar por sua vontade o que não existe. Quando o sol brilha e ilumina com a sua luz toda a terra, se um homem fechasse os olhos e imaginasse que está na escuridão, se bem que a escuridão não exista, e depois caminhasse ao acaso como se errasse na escuridão, caindo incessantemente e caminhasse para os precipícios, pensaria que não age na claridade, mas que está na escuridão e acreditaria olhar, mas nada do todo veria. Da mesma maneira a alma humana, fechando os olhos que lhe permitem ver Deus, imaginou o mal e estando em movimento, acredita fazer alguma coisa, enquanto não sabe que nada faz, porque é o nada que ela imagina. Ela não permaneceu tal qual foi feita, mas se mostra tal qual foi modelada ela mesma. Porque foi feita para ver Deus e para ser iluminada por ele; mas no lugar de Deus, são as coisas corruptíveis e as trevas que ela procurou, como o diz em alguma parte o Espírito na Escritura: “Deus criou o homem reto, mas ele procurou muitas perversões” (Eclo 7,29).

Nascimento da idolatria

Mas agora é necessário dizer como desceram até a loucura da idolatria para que saibas que a invenção dos ídolos não nasceu absolutamente do bem, mas do mal. Porque um princípio mau não saberia de modo algum ser bom, posto que é todo mau.

8. Sem se contentar de ter inventado o mal, a alma humana a pouco e pouco foi-se lançando no pior. Aprendeu a variedade dos prazeres e mergulhando no esquecimento das coisas divinas, fez consistir o seu prazer nas paixões do corpo e somente nos bens presentes; olhando para as suas aparências, acreditou que nada existisse senão o que se vê, e que só as coisas passageiras e corporais eram o bem (cf. 2Cor 4,18). Assim, afastada do bem e esquecendo que existe à imagem do Deus bom, o poder que nela está não vê mais o Deus Verbo à semelhança de quem foi feita; nascida dela mesma só pensa e imagina o nada. Porque ela escondeu no âmago dos desejos corporais o espelho que está nela, somente pelo qual podia ver a imagem do Pai, e então não vê mais aquilo em que deve pensar uma alma; mas ela está em todos os lados e só vê aquilo que cai sob os sentidos. Assim, repleta de todas as espécies de desejo carnis e perturbada pela falsa opinião que forma para si própria, conclui por imaginar segundo as coisas corporais e sensíveis a Deus de cujo pensamento esqueceu, e dá às aparências o nome de Deus; só aprecia o que quer e tem como agradável. É então o mal que é a causa e o princípio da idolatria. Porque os homens, tendo aprendido a imaginar o mal que não existe, formaram também de igual modo os deuses que não existem. Suponhamos um homem mergulhado no fundo do abismo, e não vendo mais a luz nem nada que faz ver a luz, porque seus olhos estão voltados para baixo e a água o rodeia de todos os lados; não percebendo senão o que está no abismo, ele pensa que nenhuma outra coisa existe e que as coisas que se lhe apresentam são as mais importantes de todas. Assim os homens de antigamente, na sua loucura, afundando nos seus desejos e nas imaginações da carne, esquecendo o pensamento e o conhecimento de Deus, tendo a razão obscurecida, ou antes um contra-senso,

imaginaram as coisas aparentes como deuses, glorificando a criatura em lugar do Criador (cf. Rm 1,25) e divinizaram as obras de preferência àquele que é a sua causa e o demiurgo e o senhor, Deus. Retomando o exemplo precedente, os que imergem nos abismos, quanto mais descem, mais penetram nas trevas sempre mais profundas. É o que o gênero humano provou: eles não se fixaram na simples idolatria, e não permaneceram no ponto em que tinham começado. Mas quanto mais tempo se demoravam nos seus primeiros erros, mais inventavam novas superstições; e sem se satisfazerem com os primeiros, cumulavam-se sempre de outros erros, progredindo na vergonha e dilatando sempre mais a sua impiedade. É o que testemunha a divina Escritura quando diz: “Quando o ímpio desce ao abismo do mal, ele se torna desdenhoso” (Pr 18,3).

Divinização dos elementos, dos animais, das paixões e do próprio homem

9. O espírito humano apenas começara a se afastar de Deus, quando os homens mergulhando nos seus pensamentos e raciocínios, renderam as honras divinas primeiramente ao firmamento, ao sol, à lua e aos astros; consideraram-nos não somente como deuses, mas como a causa de todos os outros seres que viam entre eles. Depois continuando a descer nos seus tenebrosos raciocínios chamaram deuses o éter, o ar e os seres aéreos.⁴ Progredindo ainda no mal, cantaram como deuses os elementos e os princípios da constituição dos corpos, o quente e o frio, o seco e o úmido. Do mesmo modo que aqueles que caíram muito baixo se arrastam na terra como caracóis sobre o solo, assim os mais ímpios dos homens, afastando-se, de fracasso em fracasso, do pensamento de Deus, acabaram por colocar na fileira dos deuses homens e imagens humanas, uns ainda vivos, outros após sua morte. Mas tiveram planos e pensamentos ainda piores e agora é a pedras e a árvores, a répteis aquáticos ou terrestres, a animais ferozes sem razão, que deram a transcendente qualificação de Deus; eles lhes prestam todas as honras divinas e se afastam do Deus verdadeiro, que é realmente, o Pai do Cristo. E se a audácia destes insensatos parasse aí, e se não fossem mais longe ainda para se sujar e enlamear na impiedade! Porque alguns desceram tão baixo nos seus pensamentos e obscureceram de tal modo o seu espírito, que inventaram seres que absolutamente não existem e que não se vêem na criação, para fazer deles deuses. Misturando os seres racionais aos seres desprovidos de razão, e ligando juntamente naturezas diferentes, honram-nos como deuses: tais são entre os egípcios, os deuses de cabeça de cão, de serpente ou de burro e entre os líbios Amon, o deus de cabeça de carneiro.⁵ Outros isolaram as diferentes partes do corpo, a cabeça, o ombro, a mão, o pé, para as pôr na fileira dos deuses e lhes prestar as honras divinas, como se não se contentassem em render culto ao corpo inteiro. Outros, indo mais longe na sua impiedade, divinizaram o que fora o pretexto da sua invenção e da sua maldade, o prazer e o desejo, e eles os adoram: tais são entre eles o Eros, e o Afrodite de Pafos. Alguns, como se quisessem rivalizar com os mais perversos, tiveram a audácia de pôr na fileira dos deuses os príncipes e seus filhos, seja por veneração para com estes príncipes, seja por medo da sua tirania; assim entre os gregos o célebre Zeus de Creta, e Hermes na Arcádia; entre os indianos Dionisos, entre os egípcios Ísis, Osíris e Horo, e nos nossos dias Antinou, o favorito do imperador romano Adriano; eles sabem bem que era homem, e homem pouco respeitável, e cheio de libertinagens, e portanto eles o veneram por medo do chefe. Foi durante uma estada de Adriano no Egito que Antinou morreu, o servidor das suas volúpias; e o imperador ordenou que se lhe rendesse um culto: também depois da sua morte ficava apaixonado pelo jovem, ensejando ao mesmo tempo uma censura contra ele mesmo, e a prova que toda a idolatria não tem outra origem senão a paixão daqueles que a imaginaram, como a Sabedoria de Deus testemunha o quando diz: “Idéia de fazer ídolos foi a origem da fornicção” (Sb 14,12). E não vás te espantar e te fazer pensar que aquilo que digo não é crível, uma vez que se passou

não há muito tempo e que talvez atualmente ainda, o Senado romano põe por decreto no número dos deuses os imperadores que reinaram desde o princípio, ou ao menos aqueles que lhe agradam e que ele julga dignos disso e decide que é necessário honrá-los como deuses. Mas aqueles de quem eles tem aversão, os tratam como inimigos, e a sua natureza, os reconhecendo consideram homens; quanto aos que lhes agradam, ordenam render-lhes culto por causa da sua virtude, como se eles fossem investidos da autoridade para fazer deuses, embora eles mesmos sejam homens, e não neguem que sejam mortais. Seria necessário que os que criam deuses, fossem também, e mais ainda, deuses, porque o obreiro deve ser superior à sua obra, o que julga tem necessariamente autoridade sobre o que é julgado, e o que dá não faz liberalidades senão com seus bens; é assim seguramente que um rei faz liberalidades com o que tem e ele é mais forte e maior do que os que as recebem. Depois que eles declaram deuses os que querem, seria necessário que comessem por ser deuses eles próprios. Mas é verdadeiramente admirável que, morrendo como homens, provem assim que o veredicto que usaram sobre os seres que divinizam, é mentira.

Vaidade da apoteose

10. Este hábito não é recente e não começou com o senado romano, mas desde há muito tempo foi conhecido e praticado para inventar ídolos. É assim que os deuses outrora célebres entre os gregos, Zeus, Poséidon, Apolo, Héfaisto, Hermes, e entre as divindades femininas, Hera, Deméter, Atena, Ártemis, e Teseu, de que fala a história grega, que decidiu e ordenou chamá-los deuses. Aqueles que deram estas ordens quando morrem como homens, choramo-los; mas aqueles que foram objeto destas ordens, são adorados como deuses. Que contradição e que loucura! Eles conhecem aquele que deu estas ordens, e honram mais de que ele os que dela foram objeto. E aprova ao céu que a sua mania dos ídolos se limitasse aos homens e que não tenham estendido às mulheres o apelido de deus. Assim as mulheres, que não é mesmo sem perigo convocá-las às assembléias para as fazer deliberar sobre os negócios públicos, recebem as honras divinas do culto e da veneração: por exemplo, aquelas que Teseu mandou adorar, e de que já falei acima, entre os egípcios, Ísis, Core, Neotera e entre outras Afrodite. Quanto às outras, julgo que não convém mesmo dar os seus nomes, pois são muito ridículos. Muitas pessoas, não somente de outrora mas também do nosso tempo, perderam entes queridos, irmãos, pais, as esposas, muitas mulheres perderam o marido; se bem que a natureza lhes demonstrasse que eram homens mortais, no seu grande luto entretanto, eles os fizeram pintar e levantar a sua imagem aos quais oferecem sacrifícios, pois os que vieram posteriormente por causa desta imagem e da ambição de artistas, os honraram como deuses, e isso era um sentimento que não era natural. Aqueles cujos parentes tinham chorado como se não fossem deuses porque se eles os houvessem considerado deuses, não se lamentariam a respeito de sua perda; e precisamente porque longe de pensar que eles fossem deuses, eles os julgavam desaparecidos para sempre e os faziam apresentar-se de novo em imagem para se consolar da sua perda vendo a aparência desta imagem — e, entretanto, é para aqueles que estes insensatos dirigem orações como a deuses e rendem as honras devidas ao Deus verdadeiro. Ainda hoje, no Egito, celebram-se mistérios de luto pela perda de Osíris, de Horo, de Tifon e de outros. Em Dodone, os escudos de bronze e em Creta, os Coribantes, são a prova de que Zeus não era um deus, mas homem e ainda nascido de pai canibal. E o admirável é ver aquele que passava por tão sábio entre os gregos, que se glorificava tanto de ter meditado sobre Deus, Platão, descer ao Pireu com Sócrates, para adorar Ártemis, obra da arte de homem!

O testemunho na Escritura

11. Toda esta loucura dos ídolos, a Escritura o tinha predito antigamente, e desde há muito tempo, quando dizia: “A idéia de fazer ídolos foi o princípio da fornicção, e a sua invenção a perda da vida. Não existiam no princípio nem durarão para sempre. Foi a vaidade dos homens que os introduziu no mundo, por isso foi decidida para breve a sua destruição. Um pai aflito por um luto prematuro mandou fazer a imagem do filho que tão cedo lhe tinha sido arrebatado, e este ser humano que estava morto, ele o honra como se estivesse vivo e transmitiu aos seus servos mistérios e iniciações. Em seguida, este costume ímpio, firmando-se com o tempo, foi observado como lei. Por ordem dos tiranos adoraram-se estátuas; os que os homens não podiam honrar pessoalmente porque moravam longe, representava-se-lhes a sua imagem que se achava distante, expunha-se publicamente uma imagem do rei venerado, para lisonjear com solicitude o ausente como se estivesse presente. E para extensão desta superstição, a ambição do artista impeliu os que não o conheciam; este com efeito, querendo agradar ao príncipe, esmerou a sua arte para superar a semelhança; e a multidão seduzida pela elegância da obra, tomou por divindade o que pouco antes era honrado como homem. E isto foi para sua vida uma cilada, que os homens, sujeitando-se à desgraça ou à tirania deram às pedras e à madeira o Nome incomunicável (Sb 14,12-21). Foi então assim que, segundo testemunho da Escritura, começou e foi imaginada entre os homens a invenção dos ídolos; é o tempo agora de te mostrar a refutação disso, tomando menos argumentos externamente do que os tomando daquilo que os próprios pagãos pensam dos ídolos.

II. REFUTAÇÃO DA IDOLATRIA

Ações vergonhosas dos deuses

E para começar por lá, se considerarmos as ações dos que se chamam deuses, deduziremos que não somente eles não são deuses, mas também que foram os mais vergonhosos dos homens. Assim, por exemplo, pode-se ver entre os poetas os amores de Zeus e suas libertinagens, assim pode-se saber que ele rapta Ganimede, e comete adultérios clandestinos, que ele receia e teme que os muros de Tróia caiam contra a sua vontade. Assim pode-se vê-lo aflito pela morte do seu filho Sarpedon, querendo vir em seu socorro e não o podendo, e outros pretendidos deuses conspirando contra ele, quer dizer, Atena, Hera e Poseidon; e sua mulher, Tetis, vem em seu socorro com Egeon de cem mãos. Vê-se o dominado pelos prazeres, tornando-se escravo das mulheres, e, por elas, arriscando-se a tomar as aparências de animais sem razão, quadrúpedes ou voláteis; vê-se-o ainda se esconder para escapar às maquinações de seu pai e Cronos acorrentado por ele, e Zeus por sua vez mutilando seu pai.⁶ Verdadeiramente é justo considerá-lo como Deus, um ser que cometeu tão grandes crimes, e que é acusado de coisas que até as leis comuns dos romanos não permitiam aos que são homens?

12. Visto que seus crimes são tão numerosos não evocarei senão alguns entre muitos outros. Vendo-o seduzir criminosamente Semele, Leda, Alcmena, Ártemis, Leto, Maia, Europa, Danae, Antiope; e vendo os seus empreendimentos audaciosos a respeito da sua própria mulher, que foi ao mesmo tempo sua irmã e sua mulher, quem não zombaria dele e não o condenaria à morte? E não somente ele cometeu adultérios, mas elevou à classe dos deuses as crianças nascidas dos seus adultérios, procurando velar os seus crimes sob a aparência desta divinização: tais são os Dioninos, Hércules, os Dióscuros, Hermes, Perseu e Soteira.

Vendo entre o suposto deus uma querela implacável a respeito dos helenos e troianos em Ilion, quem não condenaria esta fraqueza que, por ciúme incitou os homens uns contra os outros? Vendo

Ares e Afrodite feridos por Diómede, Hera ferida por Hércules, bem como aquele que se chama o deus dos infernos, Aidonisos e Dionisos feridos por Teseu, Atena por Arcas, Hefáistos lançado no fundo do céu e estropiado, quem não condenaria a sua natureza e não recusaria dizer que ainda são deuses? E sabendo que são corruptíveis e passíveis, avaliaria que são apenas homens, e homens fracos e admiraria os que os feriram mais que os próprios feridos.

Vendo o adultério de Ares com Afrodite e as astúcias tramadas por Hefáistos contra os dois culpados e os outros supostos deuses chamados por Hefáistos para ver este adultério, e vindo efetivamente, e olhando esta impudicícia, quem não riria e não condenaria esta desonrosa aventura? Quem não riria em ver Hércules perto de Omfale embriagando-se e se entregando a uma libertinagem maluca? As suas ações voluptuosas e os seus amores absurdos, e as imagens dos deuses de ouro e prata, de bronze e de ferro, de pedra e de madeira, não é necessário se aplicar a refutá-las uma vez que são coisas odiosas por elas mesmas, e apresentando elas próprias todos os caracteres de erro. Também lamentaríamos sobretudo os que aí se deixam enganar. Eles detestam o adúltero que se aproxima das suas mulheres, e não têm vergonha de divinizar os que dão lições de adultério; eles não se unem às suas irmãs, e adoram os que o fazem; confessam que a pederastia é mal, e prestam culto aos que têm a reputação disso; e o que as leis não autorizam entre os homens, não se envergonham de o atribuir aos que chamam deuses.

Vaidade do culto das imagens

13. Aliás, quando adoram ídolos de pedra e de madeira, não vêem que são materiais análogos aos que pisam aos pés e que queimam, e que escolhem pedaços para os chamar deuses; aquilo de que há pouco tempo faziam uso, o esculpem, e na sua loucura o veneram; não vêem e não refletem de modo algum sobre o que adoram, não deuses, mas a arte do escultor. Porque também há muito tempo que a pedra não é polida e que a matéria está bruta, pisam-na, e dela se servem muitas vezes para seu uso e para o mais vil; mas quando o artista lhe impôs a medida da sua ciência, imprimiu na matéria a forma dum homem ou de uma mulher, então eles agradecem ao artista e desde então adoram estas estátuas como deuses, após as terem comprado e pago ao escultor. Muitos vezes o próprio estatuário, como que esquecido do que fez, dirige a sua oração às suas próprias obras, e o que recentemente ele esculpia e talhava após o ter trabalhado a sua arte, ele a chama deus. Se estas estátuas são dignas de admiração, precisaria reconhecer a habilidade do artista, em lugar de honrar os objetos que ele configurou. Porque não é a matéria que ornou e divinizou a arte, porém a arte à matéria. Seria então muito mais justo adorar o artista de preferência ao que ele fez, uma vez que ele existia antes dos deuses nascidos da sua arte, e que estes nasceram como ele quis. Ao contrário, rejeitando o que seria justo, e desdenhando a arte e a ciência, adoram a obra da ciência e da arte. E quando morre o homem que o fabricou, honram como imortais os deuses que ele fez; se estes, portanto, não eram o objeto das suas atenções diárias, desapareciam absolutamente da sua natureza com o tempo. Como também não os deplorar por isto: ouvem e dedicam as suas orações para seres que não escutam; dotados naturalmente de alma e razão, estes chamam de deuses seres absolutamente imóveis e até inanimados; e, coisa admirável, os que eles têm sob sua boa guarda e em seu poder, os servem como senhores. E não se pense que há aqui de minha parte tola afirmação ou mentira: a sua crença é manifesta a todos, e é fácil de perceber por aquele que primeiro chega.

Testemunho da Escritura

14. Porém, mais forte ainda é o testemunho que nos dá a este respeito a divina Escritura, que desde há

muito tempo nos instrui nestes termos: “Os ídolos dos gentios são de prata e ouro, obra da mão dos homens. Têm olhos e não vêem; têm boca e não falam; tem mãos e não apanham; tem pés e não caminham; a sua garganta não emite sons. Tornem-se semelhantes a eles os que os fazem” (Sl 115,4-7). E as censuras dos profetas não mais lhes faltam e o Espírito também os refuta neste ponto quando diz: “Quem fabrica um deus e funde um ídolo que de nada lhe pode valer? Certamente, todos os seus devotos ficarão envergonhados, bem como os seus artífices, que não passam de seres humanos. Reúnam-se todos eles e apresentam-se; todos eles se encherão de espanto e de vergonha! O ferreiro faz o machado na brasa, trabalha-o a martelo, fá-lo com a força do seu braço. Acaba faminto e sem forças; por não ter bebido água, sente-se cansado. O carpinteiro estende o cordel, esboça a imagem com o giz, trabalha-a com a plaina e a desenha com o compasso, dá-lhe a forma humana, a beleza de um ser humano, a fim de que habite uma casa. Cortou cedros, escolheu um terebinto e um carvalho, permitindo que crescessem vigorosos entre as árvores da floresta; plantou um abeto que a chuva fez crescer. Os homens o empregam para queimar; ele mesmo tomou dele para aquecer-se; pôs-lhe fogo e assou pães. Com outra parte fez um deus e o adorou, fabricou um ídolo e se prostrou diante dele. Uma metade ele queimou ao fogo; com ela fez um assado, que come até saciar-se. Aquece-se ao fogo e diz: ‘Que delícia! Aqueci-me e vi a luz’. Com o resto faz um deus — o seu ídolo —, prostra-se diante dele e o adora e lhe dirige súplicas, dizendo: ‘Salva-me, porque tu és o meu deus’. Eles nada sabem nem entendem, porque os seus olhos são incapazes de ver e os seus corações não conseguem compreender. Nenhum deles tem conhecimento ou inteligência para dizer: ‘A metade queimei ao fogo, com ela assei pão sobre a brasa, assei carne e a comi; com o resto fiz uma coisa abominável e me prostrei diante de um pedaço de lenha!’ Aquele que se apascenta de cinzas, o seu coração ludibriado o desencaminha: ele não consegue salvar a sua vida nem é capaz de dizer: ‘Aquilo que tenho na minha mão não será apenas uma mentira?’ (Is 44,10-20).

Como todos não os julgariam ateus, eles de quem a divina Escritura condena a impiedade? E como não seriam mais miseráveis, eles que estão manifestamente convictos de adorar, em lugar da verdade, seres inanimados? Que esperança para eles e que perdão podem obter, eles que depõem sua confiança nos seres privados de razão e de movimento, e que os honram em lugar do verdadeiro Deus?

Os ídolos são insensíveis

15. Se ainda o artista tivesse pelo menos feito deuses sem forma nem rosto! Seria menos evidente que estes deuses são privados de sensibilidade. Eles teriam persuadido de que os ídolos são dotados de sentimentos, se não lhes tivessem dado os órgãos dos sentidos, olhos, nariz, ouvidos, mãos, boca, incapazes de se mover para usar sensações e para apreender as coisas sensíveis. Mas têm órgãos e não os têm; eles se mantêm de pé e não o fazem; eles estão sentados e não estão. Porque não têm o poder para isso, mas permanecem tais quais o artista os quis; nada têm que demonstre serem deuses, mas são absolutamente inanimados, e não recebem sua aparência e sua existência a não ser da arte dum homem.

Se pelo menos os arautos e os adivinhos destes falsos deuses — isto é, os poetas e os historiadores — se satisfizessem com descrever que são deuses, sem descrever também suas ações, que são a prova de que não são deuses e que têm conduta vergonhosa! Eles teriam podido somente, com o nome da divindade, ocultar a verdade ou afastar da verdade a multidão. Mas enquanto narram os amores e os deboches do Zeus, a pederastia dos outros, os seus ciúmes na sua paixão pelas mulheres, os seus homicídios, a sua covardia e todos os seus outros vícios, só demonstram que não somente não falam de deuses, porém sequer de personagens respeitáveis e que narram fábulas vergonhosas sem relação

alguma com o bem.

16. Mas talvez os ímpios se entrincheirarão atrás dos poetas, dizendo que é próprio dos poetas formar personagens que não existem e narrar mitos falsos, para o prazer dos seus ouvintes; e eles dirão que é por isso que os poetas escreveram estas narrações sobre os deuses. Mas que seja isto o mais vão de todos os pretextos, ver-se-á pela opinião que eles mesmos têm de seus deuses e que expressam. Porque se o que dizem os poetas não é senão ficção mentirosa, mentirosos também são os nomes de deuses atribuídos a Zeus, a Cronos, a Hera, a Ares e aos outros. Talvez também, como eles dizem, estes nomes foram inventados e não existe de modo algum Zeus, nem Cronos, nem Ares, foram os profetas que inventaram a sua história para seduzir os seus ouvintes. Mas se os poetas inventam seres que não existem, porque os honrar como se eles existissem? Ou talvez eles ainda digam que não são os nomes que foram inventados, mas as descrições mentirosas das suas ações. Mas isto ainda é uma defesa frágil. Porque se mentem inventando essas ações, mentem também de todo modo inventando os nomes das personagens cujas ações narram. Ou se dizem a verdade a respeito dos nomes, necessariamente dizem a verdade também a propósito das ações. Aliás, os que inventaram o mito que estes eram deuses, sabem o que deuses devem fazer e jamais teriam atribuído a deuses uma mentalidade humana do mesmo modo que ninguém atribuiria à água a ação do fogo: este queima, aquela, ao contrário, é fria por natureza. Se essas ações são dignas dos deuses, seus autores seriam então deuses. Se o adultério e tudo o que dissemos é o fato dos homens, e homens que não são virtuosos, aqueles que fazem tudo isto seriam homens e não deuses. Porque é necessário que as ações correspondam às naturezas, a fim de que o efeito dê testemunho do seu autor, e que a natureza possa fazer conhecer a ação. Por exemplo, quem disserta sobre a água e o fogo e descreve os seus efeitos, não dirá que a água esquenta e que o fogo refresca; ou aquele que fala do sol e da terra não dirá da terra que ela clareia nem do sol que nele brotam plantas e frutos; falar assim seria ultrapassar o cúmulo da loucura. Assim os historiadores que falaram dos deuses, e sobretudo o maior de todos os poetas, se tivessem sabido que Zeus e os outros eram deuses, não lhes teriam atribuído ações que provam que não são deuses, mas homens, e homens sem virtude. Então, se eles mentiram, como o fazem os poetas e, se tu não os acusas injustamente, por que também não mentiram a propósito da valentia dos heróis e por que não imaginaram em lugar da valentia a fraqueza, em lugar da fraqueza a valentia? Era necessário, como fazem para Zeus e Hera, imaginar a covardia de Aquiles, admirar a força de Tersite, acusar a simplicidade de Ulisses, inventar a loucura de Nestor, narrar as ações efeminadas de Diómede e Heitor, os gestos viris de Hécube. Os poetas, como eles mesmos o dizem, de modo algum deviam inventar e mentir. Mas eles guardaram a verdade quando se tratava dos homens, sem medo de mentir acerca dos supostos deuses. Dir-se-á talvez ainda que mentem quando narram os seus deboches, mas quando os louvam, quando dizem que Zeus é o pai dos deuses, o deus supremo, o Olímpico que reina nos céus, então não inventam, mas dizem a verdade. Este raciocínio, não importa quem, e não eu somente, poderia retorcê-lo contra eles, e ainda uma vez as precedentes demonstrações farão brilhar contra eles a verdade. Suas ações provam que os deuses são homens, e os elogios que se lhes dirige estão acima da natureza humana; mas isto não pode concordar com aquilo; porque não pertence a seres celestes agir assim, e os que agem assim, é impossível pensar que são deuses.

17. Que nos resta então pensar, senão que os elogios que se dirige aos deuses são mentiras de complacência, mas que as ações que se narram deles são verdadeiras? E que tudo isso seja verdadeiro, será julgado segundo a maneira habitual de fazer. Ninguém fará o elogio dum homem e simultaneamente condenará a sua conduta. Ao contrário, aqueles cujas ações são vergonhosas, cumula-se-os de elogios por causa da repreensão que eles merecem, para enganar os ouvintes por este

excessos de elogios e dissimular seus crimes. Por exemplo, quando um orador se propõe louvar alguém, e não encontra nem na conduta do seu herói, nem nas virtudes da sua alma um pretexto para louvores, uma vez que nele só encontra vergonha, por causa da sua vida vergonhosa, ele procurará exaltá-lo de outro modo e atribuir-lhe-á méritos que o ultrapassam. Assim, os mais admirados dos poetas gregos, ofuscados pelas ações vergonhosas dos seus supostos deuses, deram-lhes o nome super-humano. Eles não sabiam que por estas ficções super-humanas não podiam cobrir ações demasiado humanas, mas que, ao contrário, por estas fraquezas humanas, eles demonstravam que a noção de deus não lhes pode convir. Quanto a mim, eu penso que é contra a sua vontade que narraram as ações e as paixões dos deuses. Eles se aplicaram a atribuir o nome incomunicável de Deus, como diz a Escritura (cf. Sb 14,21), e as honras divinas a seres que não eram deuses, mas homens mortais, audácia imensa e ímpia; é porque eles, não obstante, foram forçados pela verdade a expor as suas paixões; assim as paixões destes falsos deuses, expostas nestas obras serão para a posteridade a prova de que eles não são deuses.

A invenção das artes não é devida aos deuses

18. Que resposta, que demonstração da sua divindade restará para os seus devotos adoradores? Segundo o que nós dissemos acima, a razão demonstrou que são homens e homens pouco honrosos. Talvez vão mudar de posição e habituar-se a uma grande idéia de invenções úteis à vida criada por estes deuses, dirão que os têm como deus porque foram úteis aos homens. Assim, diz-se que Zeus exerceu a arte da modelagem, Poseidon a da pilotagem, Hefaiсто a fundição e Atena a tecelagem; Apolo a música, Ártemis a caça, Hera a arte do vestuário, Demeter a agricultura e assim outros, como os historiadores narraram a respeito deles. Mas não é somente aos deuses que os homens devem atribuir estas ciências e outras semelhantes, mas à natureza comum dos homens. Porque é contemplando a natureza que os homens descobrem as artes, e diz-se correntemente que a arte é imitação da natureza. Se então os deuses se tornaram hábeis nas artes que exerceram, é necessário absolutamente considerá-los não como deuses, mas como homens. Não é deles que vêm as artes, mas nestas artes, eles também imitaram a natureza. Uma vez que os homens, segundo a definição que se dá, são naturalmente capazes de receber a ciência, nada há de surpreendente, se graças à sua inteligência humana, contemplando eles também sua natureza e aprendendo a conhecê-la, imaginaram as artes. Então se lhes dizemos que o fato de terem descoberto as artes, os torna dignos de serem chamados deuses, é tempo de chamar também deuses inventores das outras artes, do mesmo modo que estes foram julgados dignos deste título. Os fenícios inventaram o alfabeto, Homero a poesia heróica, Zenon de Eléia a dialética, Córax de Siracusa a retórica. Aristeu aprendeu a recolher o produto das abelhas; Triptólemo a semear o trigo, Licurgo de Esparta e Sólon de Atenas inventaram as leis, e Palamede a reunião das letras, os números, as medidas e os pisos; e outros ainda, pelo testemunho dos historiadores, ensinaram diversas coisas úteis à vida dos homens. Se então são as ciências que fazem os deuses e se é por causa delas que se levantam estátuas aos deuses, é necessário absolutamente que estes que, após aqueles, descobrirem outras artes sejam como dos deuses. Ou então, se não se concede a estes as honras divinas, mas se os reconhece como homens, segue-se que nem Zeus nem Hera devem ser chamados deuses, mas que é necessário crer, eles foram homens, também, e tanto mais que nem mesmo foram respeitáveis. Aliás, as suas imagens esculpidas provam que só foram homens.

A idolatria diviniza as paixões humanas

19. Que outra forma, efetivamente, os escultores lhes dão a não ser as de homens e mulheres e até de

seres bem inferiores e sem razão, pássaros de toda a espécie, quadrúpedes domésticos e selvagens, répteis, tudo o que a terra, o mar e todo o mundo das águas (cf. Sb 15,17-18) possuem? Como os homens estavam lançados na loucura das paixões e dos prazeres e só viam os prazeres e desejos da carne, e os seus pensamentos estavam ligados a estas coisas insensatas, imaginaram também a divindade sob forma de animais sem razão, segundo a diversidade das suas paixões, e tornaram-se totalmente como deuses. É porque há em suas casas imagens de quadrúpedes, serpentes e pássaros, como o disse o intérprete da divina e verdadeira piedade: “Eles se abandonaram à vaidade dos seus pensamentos, e o seu coração sem inteligência ficou obscurecido. Pretendendo ser sábios, tornaram-se loucos e trocaram a glória do Deus incorruptível pela imagem de homem corruptível, aves, quadrúpedes e répteis; é porque Deus os lançou nas paixões da infâmia” (Rm 1,21-24.26).

Assim, como acabo de dizer, tendo experimentado na sua alma as paixões dos prazeres insensatos, eles sucumbiram ao ponto de se julgarem assim os deuses; degenerados a este ponto, abandonados, desde então por Deus do qual se desviaram, se enrolam nestes prazeres, e apresentam Deus o Pai do Verbo sob formas de seres sem razão.

Objeção: os ídolos são meio de comunicar com a divindade

Esta demonstração não pode deixar de convencer os que os gregos chamam filósofos e sábios; eles não podem negar que estes deuses que se vêem são imagens e figuras de homens e animais desprovidos de razão. Mas para se defender, dizem que assim acontece para que por estas imagens a divindade lhes responda e lhes apareça: porque não se pode conhecer o invisível de outro modo senão por estas estátuas e estes ritos. E os que são ainda mais filósofos e pensam dizer coisas mais profundas, afirmam que estes ídolos foram fabricados e formados para servir a invocar e fazer aparecer anjos e potestades divinas, que aparecendo através deles, revelam aos homens o conhecimento de Deus; são como cartas para os homens que lendo-as podem conhecer e compreender Deus pela aparição dos anjos divinos que se manifestam por estes sinais. Eis a sua mitologia, porque não é teologia, queira Deus. E se este raciocínio for examinado com atenção, ver-se-á que a sua opinião não é menos falsa do que as expostas acima.

O ídolo é obra de arte dos homens.

Como Deus se poderia manifestar por ele?

20. Poder-se-ia dizer-lhes, apresentando-se ao julgamento da verdade: como Deus responde ou se faz conhecer por estes ídolos? É pela matéria que os constitui ou pela forma que está neles? Se é pela matéria, de que serve a forma, e porque Deus não se manifesta simplesmente por não importa qual matéria, antes que estas imagens sejam formadas? É inutilmente que se constroem templos para aí colocar uma pedra, um pedaço de madeira ou de ouro, enquanto toda a terra está cheia destas substâncias. Mas se a causa destas manifestações divinas é a forma que lhes é dada, para que serve a matéria, o ouro e o resto, e porque Deus não se manifesta de preferência pelos seres naturalmente vivos dos quais as estátuas têm a forma? Porque segundo o seu raciocínio, ter-se-ia melhor opinião de Deus se ele se manifestasse pelos seres vivos e animados, dotados ou não de razão, em lugar de se fazer esperar nas estátuas, inanimadas e imóveis. E nisto os pagãos cometem contra eles mesmos a maior impiedade. Porque se afastam com horror e desgosto dos animais reais, quadrúpedes, aves e répteis, por causa da sua crueldade ou da sua imundícia, e entretanto divinizaram as imagens, e fazem estátuas de pedra, de madeira ou de ouro. Mas seria necessário honrar os próprios animais de preferência a adorar as suas imagens. Talvez também nada seja, nem a forma nem a matéria a causa da

presença de Deus, mas a arte unida à ciência basta para evocar o divino, pois ele é uma imitação da natureza. Mas se é graças à ciência que o divino vem habitar nas estátuas, para que, mais uma vez, serve a matéria, já que a ciência reside nos homens? Em uma palavra, se é graças à arte que Deus se manifesta e por isso se veneram como deuses as estátuas, seria necessário adorar e honrar os homens que são os autores desta arte e tanto mais que eles são dotados de razão e possuem eles próprios esta ciência.

Os anjos não mais se manifestam por elas

21. Na sua segunda resposta, mais profunda sem dúvida, poder-se-ia dizer isto com bastante propriedade como segue: se vós agis assim, gregos, não por causa da manifestação de Deus mesmo, mas por causa da presença dos anjos nos ídolos, por que dar às estátuas pelas quais invocais estes poderes mais valor que aos próprios poderes que invocais? Se, como afirmais, esculpis estas imagens, é com o objetivo de conhecer Deus, dando às próprias esculturas a honra e o nome de Deus, cometeis sacrilégio. Porque confessais que o poder divino ultrapassa a humilde condição das estátuas, e por isso não ousais invocar Deus através delas, mas os poderes inferiores; e vós mesmos, negligenciando-as dais à pedra e à madeira o nome daquele cuja presença temíeis, os chamais deuses e os adorais, embora sejam pedras e obra de arte humana. E se, como falsamente afirmais, estas imagens são para vós como cartas que vos permitem contemplar Deus, não é justo dar mais honra ao sinal que à realidade significada.⁷ Se alguém escrevesse o nome do rei, não é sem perigo que honraria estas missivas mais que o próprio rei; seria punido de morte, porque a carta é obra da ciência do escriba. Assim vós mesmos, se usásseis salutarmente a razão, não transferiríeis para a matéria o caráter da divindade e não honraríeis a estátua mais que o homem que a esculpiu. Porque se estas imagens são como missivas que indicam a presença de Deus, elas são, por este título, como sinais de Deus, dignas de ser divinizadas; mas ainda mais aquele que as esculpiu e modelou, isto é o artista; é ele que precisaria divinizar, como sendo mais poderoso e mais divino que estas imagens, e tanto mais que é por sua vontade que ele as talhou e modelou. Se, portanto, as cartas são dignas de admiração, aquele que as escreveu é ainda mais admirável pela sua arte e pela ciência do seu espírito. Assim, se não há razão para acreditar que estas imagens são deuses, poder-se-á então interrogar o pagão a respeito da loucura dos ídolos para aprender deles porque lhes foi dada esta forma.

Contradições da idolatria e do politeísmo

22. Se então a divindade tem forma humana, e por isto se dá aos ídolos esta figura, por que lhes dar também figura de seres sem razão? E se sua figura é a de animais sem razão, porque lhes dar também as feições de animais racionais? E se ela é os dois ao mesmo tempo, e se eles concebem Deus como formado de um e de outro e lhe dão a figura de seres sem razão e seres racionais, por que dividir o que está unido, e separar a imagem dos animais da dos homens, e não apresentar sempre Deus sob esta forma híbrida, como são as ficções da fábula, Sila e Caribde, o hipocentauro, e Anubis com cabeça de cão dos egípcios? Seria conveniente então representá-los unicamente com esta dupla natureza, ou então se eles têm uma só forma, não figurar outra ao lado deles. Mais, se os deuses têm natureza masculina, por que, lhes dar traços femininos? E se, ao contrário, são mulheres, porque mentir dando-lhes aparência masculina? E se são dos dois sexos ao mesmo tempo, não era necessário separá-los, mas reuni-los e fazer deles o que se chama hermafroditas; assim esta superstição não somente pareceria ímpia e mentirosa, mas ainda faria rir os que os veriam. Enfim, se eles supõem para Deus uma forma corporal, ao ponto de lhe imaginar e dar-lhe ventre, mãos, pés e ainda pescoço, peito e

também os órgãos da geração, vede em que impiedade e que ateísmo caíram ao pensar aquilo da divindade! Porque se conclui que Deus deve sofrer tudo o que põe à prova o corpo, como ser cortado, dividido e enfim se corromper inteiramente. Ora, tudo isto não convém a Deus, mas preferencialmente aos corpos que estão sobre a terra, porque Deus é incorporeal, incorruptível e imortal, de nada havendo necessidade para que isto aconteça. E estes ídolos são corruptíveis, são a imagem dos corpos e têm necessidade que se tome cuidado deles, como dissemos acima: muitas vezes, com efeito, vemos que se substitui aqueles que caem na vetustez, e que se restaura os que o tempo, a chuva ou algum animal danificaram. E é sobre isto que se poderia condenar a sua loucura: os que são seus autores, os chamam deuses, os que os rodeiam com todos os cuidados de sua arte para que não pereçam pedem-lhes a salvação; os que não ignoram terem necessidade da sua solícitude, pedem-lhes serem cumulados pela sua indulgência; os que os fecham em nichos, não se ruborizam de os chamar senhores do céu e de toda a terra.

23. Não é somente por isto que se poderá conhecer a sua impiedade, mas também pelo fato que as suas opiniões a respeito dos ídolos não são concordantes. Porque se são deuses como dizem e ensinam, a qual destes deuses será conveniente se afeiçoar? Qual será necessário acreditarmos ser o mais poderoso, para adorarmos Deus com toda segurança ou, como dizem, para não hesitarmos em reconhecer entre eles a divindade? Porque não são os mesmos que são chamados deuses em todos os povos e quantas são as nações, tantos ou quase, se imaginam os deuses. Muitas vezes uma só região ou uma só cidade está dividida contra si própria por causa do culto dos ídolos. Os fenícios não reconheciam os que os egípcios chamavam deuses, e os egípcios não adoravam os ídolos dos fenícios. Os citas não admitem os deuses dos persas, nem os persas os dos sírios. Os pelasgos condenam os deuses dos trácios, os trácios não reconheciam os dos tebanos. Os indianos diferem dos árabes a propósito dos ídolos, os árabes dos etíopes e os etíopes daqueles. Os sírios não admitem os deuses dos cilicianos e os capadócius nomeiam outros deuses que aqueles. Os bitínianos imaginaram outros e os armênios outros ainda. E necessidade tenho de tantos exemplos? Os habitantes dos continentes adoram outros que os das ilhas, e aqueles das ilhas veneram outros que os dos continentes. Enfim, cada cidade e cada vila ignora os deuses dos seus vizinhos e prefere os seus e pensa que só eles são deuses. Não há o que falar das abominações dos egípcios: estão à vista de todos; as cidades têm cultos opostos e em luta uns com os outros, e cada um procura sempre venerar um deus oposto ao do vizinho. O crocodilo que é adorado por uns como um deus, inspira horror à pessoas vizinhas; o leão que é honrado como um deus por uns, as pessoas da cidade vizinha não somente não o honram, mas quando o encontram, o matam como animal feroz. O peixe para o qual alguns consagram altares, outros pescam para deles se alimentar.⁸ Por causa disso surgem as guerras entre eles, as discórdias, todos os pretextos de homicídio e todos os prazeres das paixões. E, coisa admirável, os pelasgos, contam os historiadores, aprenderam dos egípcios os nomes dos deuses, não reconheciam os deuses dos egípcios, mas adoravam outros. Enfim, em todos os povos que têm esta loucura da idolatria, diversos são as opiniões e os cultos, e não se encontram os mesmos entre todos. E é justo que isso lhes aconteça: desviaram-se da contemplação do Deus único, e caíram na multiplicidade e diversidade, afastaram-se daquele que é verdadeiramente o Verbo do Pai, o Cristo salvador do mundo, e é justo que o seu espírito se desencaminhe em todos os sentidos. Do mesmo modo que os que se afastaram do sol e vivem nas trevas, rodam nos caminhos que não existem, não se apercebem do que está diante deles e imaginam ter na sua presença o que não existe; do mesmo modo que se afastaram de Deus têm a alma entredada e o espírito perturbado, e como pessoas ébrias e cegas, imaginam seres que não existem.

24. Isso ainda não é prova fútil da sua real impiedade. Uma vez que seus deuses são múltiplos e

diferentes segundo as cidades e as regiões, e que um procura destruir os deuses do outro, todos os deuses são assim destruídos por todos. Efetivamente, os que entre eles passam por deuses, são imolados como vítimas e derramados em libação àqueles que os outros chamam os seus deuses; e ao inverso as vítimas de uns são os deuses dos outros. Assim, os egípcios veneram o boi, e Ápis que é vitelo; e são animais que os outros povos imolam a Zeus. Porque mesmo se eles não imolam os próprios animais aos quais os outros levantam altares, imolam outros da mesma espécie e são os mesmos que parecem oferecer. Os líbios têm por deus um carneiro que chamam Amon; e este animal entre outros povos é degolado como vítima. Os indianos honram Dionisos, dando-lhe simbolicamente o nome do vinho, e outros o derramam em libação aos seus deuses. Outros honram os rios e as fontes, e sobretudo os egípcios, que têm um culto pelas águas e as chamam deuses; e entretanto outros povos, e os próprios egípcios, que rendem um culto à água, servem-se da água para lavar as suas manchas e as dos outros, e o que resta, a jogam com desprezo.

Quase tudo aquilo de que os egípcios fizeram ídolos, é imolado aos deuses dos outros povos, também os egípcios são da parte de outros objeto de desprezo, porque divinizam seres que não são deuses, mas que entre os outros e mesmo entre eles servem de vítimas e de sacrifícios propiciatórios.

Os sacrifícios humanos

25. E eis que alguns se deixaram arrastar por tal impiedade e tal loucura que degolam e oferecem em sacrifício aos seus falsos deuses os próprios homens, dos quais estes deuses são apenas a imagem e aparência. Eles não vêem, miseráveis, que as vítimas que degolam assim são o arquétipo dos deuses que fabricam para adorá-los: efetivamente chegam ao ponto de oferecer aos seus deuses seres que se lhes assemelham, ou de preferência seres que lhes são superiores; porque são seres animados que eles imolam aos seus deuses inanimados, seres racionais aos seus ídolos sem razão. Por exemplo, aqueles dos citas que se chamam taurios, oferecem à deusa que chamam Virgem os naufragos e todos os gregos que podem capturar, vão até esta impiedade em relação aos homens da sua raça, e provam assim a crueldade dos seus deuses: os que a Providência salvou dos perigos do mar, eles os degolam fazendo-se assim os inimigos da Providência, visto que sua selvageria torna inúteis os seus benefícios. Outros povos, quando voltam da guerra e obtiveram a vitória, distribuem seus prisioneiros por centenas, escolhem um por centena e imolam a Ares tantos quantos escolheram. Não são somente os citas que por crueldade natural aos bárbaros cometem estes horrores, mas estes crimes são o fato da maldade dos ídolos e dos demônios. É assim que antigamente os egípcios sacrificavam tais vítimas a Hera, que os fenícios e os cretas procuravam apaziguar Cronos pelos sacrifícios de crianças. E os antigos romanos honravam Júpiter Lacial pelos sacrifícios humanos; outros realizavam outros, e todos assim sujavam os seus templos e se sujavam eles mesmos. Cometendo estes homicídios, sujavam os seus templos pela fumaça destes sacrifícios.⁹ E de lá se espalharam entre os homens inumeráveis males. Vendo que as suas divindades se compraziam nestes ritos, logo imitaram os seus deuses cometendo os mesmos crimes, pensando praticar boas obras imitando os que acreditavam em seres superiores. Também os homens deixaram-se levar ao homicídio, ao infanticídio e a todos os deboches. Quase todas as cidades estão repletas de toda a espécie de deboche pela semelhança dos costumes dos seus deuses e ninguém é sábio a respeito dos ídolos, senão aquele que recebeu o testemunho das suas devassidões.

Vícios infames

26. É assim que outrora as mulheres se prostituíam publicamente nos templos, oferecendo aos deuses deste país as primícias do salário de seu corpo e pensavam por esta prostituição apaziguar a sua deusa e torná-la favorável. Os homens também, renegando o seu sexo e não querendo mais ser varões, se transformam em mulheres, como se por este fato fizessem coisa agradável e honrosa à Mãe dos que eles chamam deuses. Todos vivem com os seres mais vis, e rivalizam entre eles quem será pior e como disse Paulo, o santo ministro do Cristo, “as suas mulheres mudaram o uso natural por aquele que é contra a natureza. Do mesmo modo também os homens, abandonando o uso natural da mulher, queimaram-se de desejo uns pelos outros; homem com homem, praticaram a infâmia” (Rm 1,26-27). Eis o que fazem, e outras coisas do mesmo gênero e por este meio reconhecem e demonstram que os seus supostos deuses levaram a mesma vida. É de Zeus que eles aprenderam a pederastia e o adultério, de Afrodite a prostituição, de Rhéa a impudicícia, de Ares os homicídios, e de outros, crimes do mesmo gênero que as leis punem e que todo o homem sábio evita. Os que fazem isso são dignos de estar na categoria dos deuses, e não seria mais necessário, por causa da imoralidade da sua conduta, os considerar menos racionais que os animais sem razão? E aqueles que os honram, é justo pensar que são homens, e não seria conveniente de preferência lastimá-los como menos racionais que os animais, menos sensatos que os seres inanimados? Porque se tivessem refletido no espírito que está neles, não teriam caído de cabeça baixa nestes crimes e não teriam negado o Deus verdadeiro, o Pai Cristo.

Falsidade do culto dos elementos

27. Talvez os que são educados acima destas coisas e que estão presos pela admiração perante a criação, confundidos por estes raciocínios sobre a abominação dos ídolos, não recusarão eles mesmos reconhecer que é fácil a todos condená-los e refutá-los. Mas eles se persuadem que a sua opinião para eles é segura e que não se pode contestar o seu culto do mundo e de seus elementos. Vanglo-riam-se de honrar e venerar não simplesmente pedras e madeiras, nem imagens de homens e animais, aves, serpentes e quadrúpedes, mas o sol e a lua e todo o mundo celeste e ainda a terra e toda a natureza da água. Afirmam que ninguém pode demonstrar que estes seres também não são por natureza deuses, já que é visível a todos que não são privados de vida e de razão, mas que ultrapassam a natureza humana, uma vez que habitam uns nos céus e outros na terra. É, portanto, justo que se observe e se examine esta opinião. E certamente, a razão poderá encontrar contra eles, nestes próprios elementos, argumento seguro (cf. Sb 13,1-9; Rm 1,19-22).

Antes então de começar o nosso exame e a nossa demonstração, quase nos é suficiente deixar a própria criação gritar contra eles e mostrar o seu criador e seu demiurgo, Deus, que reina sobre ela e sobre o universo, o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. Esses pretensos sábios se afastam dele para adorar e divinizar a criação que é sua obra que ela mesma adora o Senhor que eles negam por causa dela. Eles ficam assim de boca escancarada perante os elementos da natureza e pensam que são deuses; mas poder-se-ia facilmente confundi-los mostrando-lhes que estes mesmos elementos têm necessidade uns dos outros, e que fazem conhecer e manifestam o seu Senhor e criador, o Pai do Verbo, pela ordem absoluta da sua obediência para com ele; como diz a Lei divina: “Os céus narram a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra de suas mãos” (Sl 18,2).

Este testemunho não é obscuro, mas, ao contrário, é totalmente luminoso para todos os que não têm o olhar da inteligência totalmente enfraquecido.

Se colocarmos à parte cada um dos elementos da criação e os examinarmos separadamente, por exemplo, o sol isoladamente, e a lua à parte, e ainda a terra e o ar, o quente e o frio, o seco e o úmido, separando-os da sua conjunção recíproca, para os tomar à parte e os considerar separadamente,

encontrar-se-á que eles não se bastam absolutamente a si próprios, mas que todos necessitam da sua ajuda mútua, e que aqueles não resistem senão pelo seu socorro recíproco. O sol gira com todo o céu, que o contém, e não saberia existir fora deste movimento circular; a lua e os outros astros testemunham socorro que recebem do sol; a terra por sua vez não pode sem chuvas produzir frutos, é visível; e as chuvas não poderiam sem as nuvens cair sobre a terra; as nuvens por seu lado, não poderiam sem o ar se formar nem subsistir. Quanto ao ar, não é por ele mesmo aquecido, mas pelo éter; e se é luminoso, é porque é clareado pelo sol. As fontes e os rios jamais se formarão sem a terra; e a terra não se apoia sobre ela mesma, mas repousa sobre as águas, e está no centro de tudo que a rodeia e ao qual está ligada por todas as partes (Sl 23,2). O mar e o grande oceano exterior que rodeia a terra são postos em movimento pelos ventos e se dirigem para onde os empurra a força dos ventos. E os ventos, não existem por eles próprios, mas, segundo os que de tal assunto falaram, é a agitação e o aquecimento do ar pelo éter que os forma no próprio ar e os faz soprar em todas as direções. Quanto aos quatro elementos que compõem a natureza dos corpos, isto é, o quente e o frio, o seco e o úmido, quem tem o espírito tão perturbado para ignorar que a sua união os faz subsistir, mas que separados e isolados, se destroem um ao outro, segundo a lei do mais forte? O quente é destruído pela superabundância do frio e o frio desaparece pelo poder do quente; o seco é penetrado pela umidade e esta desseca por aquele.

28. Como seria então possível que estes seres sejam deuses, uma vez que têm necessidade de ajuda alheia? Ou como conviria pedir-lhes alguma coisa, quando eles mesmos pedem uns aos outros o socorro que lhes é neces-sário? Se dizemos de Deus que não tem necessidade de pessoa alguma, mas que se basta a si mesmo, que é a sua própria plenitude, que tudo subsiste nele e que é ele que dá a todos os seres a existência, como então o sol e a lua e as outras partes da criação, que não têm estas qualidades, mas têm necessidade de se ajudar uns aos outros, como se poderia chamá-los deuses?

Mas talvez, perante uma demonstração tão evidente, concordar-se-á que isolados e tomados à parte, estes elementos são pobres, entretanto reunindo-os todos em conjunto para deles fazer como um só grande corpo, dir-se-á que isto tudo é Deus. Tudo isto assim constituído não mais haverá necessidade do exterior, se bastará a si mesmo e responderá a todas as suas necessidades; assim falarão os pseudo-sábios para se deixarem refutar também sobre este ponto. Porque o raciocínio seguinte, não menos que o precedente, provará a sua impiedade e a sua grande ignorância. Se efetivamente as partes separadas, uma vez juntas, constituem o todo e que o todo seja composto de indivíduos, o todo então é composto de partes e cada uma é parte do todo. Ora isto está muito afastado da idéia que nós temos de Deus.

Porque Deus é tudo, e não partes, ele não é composto de elementos diferentes, mas ele mesmo é autor da constituição de tudo. Vede então que impiedade enunciam os que assim falam de Deus. Se é composto de partes, é manifesto que será absolutamente dissemelhante a ele mesmo, e encontrará o seu acabamento nestas partes dissemelhantes. Se é o sol, não é a lua; se é a lua, não é a terra, se é a terra, não é o mar, e tomando assim as partes umas após as outras, ver-se-á o absurdo do seu raciocínio. Aliás também se poderia perceber a partir do nosso corpo humano. O olho não é o ouvido, e o ouvido não é a mão, o ventre não é o peito e o pescoço não é o pé; mas cada um desses membros tem a sua autoridade própria, e estas partes, sendo totalmente diferentes, compõem um só corpo; elas estão ajustadas em conjunto segundo a utilidade que elas podem ter, mas separar-se-ão quando vier o tempo, quando a natureza que as reuniu as separar, segundo a ordem e vontade de Deus. Da mesma maneira — que Deus perdoe as minhas palavras! —, se eles reunissem as partes da criação em um só corpo que chamam Deus, necessariamente este Deus será dissemelhante a ele mesmo, como se o mostrou e ele dividir-se-á, visto que as partes são naturalmente separáveis.

29. Poder-se-ia também refutar a sua impiedade por outra via, considerando a verdade. Se é verdade que Deus é por natureza incorporeal, invisível, impalpável, como imaginar Deus como um corpo, e render o culto e a honra divina a seres que aparecem aos olhos e que se os pode tocar com a mão? E ainda, se é dever acreditarmos que Deus é todo-poderoso, que não é dominado por coisa alguma, mas que ele domina todas as coisas e as governa qual senhor, como os que divinizam a criação não vêem que ela não corresponde a esta definição de Deus? Quando o sol passa sob a terra, a sombra da terra impede que se veja a sua luz. Durante o dia o sol obscurece a lua pelo brilho da sua luz. Muitas vezes o granizo danifica os frutos da terra, e o fogo se apaga pelo fluxo da água. A primavera empurra para fora o inverno e o verão não deixa a primavera sair dos seus limites, e ele mesmo é impedido pelo outono de ultrapassar o tempo que lhe é fixado. Mas se todos estes seres fossem deuses, não deveriam ser dominados e escondidos uns pelos outros, mas coexistir sempre entre eles, e exercer em conjunto atividades comuns; seria necessário que, de dia e de noite, o sol, a lua e todo o coro dos astros tivessem luz igual e que esta luzisse para todos, e que todos os seres sejam iluminados por eles. Seria necessário que o verão e o inverno, a primavera e o outono subsistissem em conjunto imutavelmente; seria necessário que o mar se misturasse à água das fontes para oferecer aos homens a mesma bebida; seria necessário que o ar fosse tranqüilo e que ao mesmo tempo os ventos soprassem; seria necessário que o fogo e a água oferecessem aos homens os mesmos serviços. Porque se esses elementos fossem deuses como se diz, não se deveria esperar deles nenhum prejuízo, e a sua ação em nada deveria ser prejudicial, mas de preferência bem útil. Mas se isso é impossível por causa da oposição que eles têm uns com os outros, como se pode chamar deuses seres opostos uns aos outros, guerreando-se e incapazes de subsistir em conjunto? Como se pode render-lhes honras divinas? Se suas características não se acordam entre eles, como poderiam conceder paz aos que lha pedem e ser para eles artesãos da concórdia? Certamente, nem o sol, nem a lua, nem alguma parte da criação, nem tampouco ainda as estátuas de madeira, de ouro ou de outras matérias, nem os deuses cujas fábulas os poetas narram, Zeus, Apólo e os outros podem verdadeiramente ser deuses, como o demonstrou o nosso raciocínio: uns são apenas partes da criação, outros, seres inanimados, outros, homens mortais. É porque fazer disso deuses e prestar-lhes culto não é obra de piedade, mas empreendimento de ateísmo e impiedade absoluta, e a prova de erro profundo quanto ao conhecimento do único e só verdadeiro Deus, o Pai do Cristo.

Transição

Após esta refutação, e após ter mostrado que a idolatria dos gregos está toda repleta de impiedade e não se introduziu na vida dos homens senão para sua perda e não para seu bem, resta agora, como anunciamos no início deste discurso, após ter refutado o erro, mostrar o caminho da verdade e contemplar o autor e o criador do universo, o Verbo do Pai, a fim de que por ele conheçamos Deus seu Pai e que os gregos saibam quanto estão separados da verdade.

SEGUNDA PARTE

CONHECIMENTO DO VERDADEIRO DEUS

I. CONHECIMENTO DE DEUS

A PARTIR DO CONHECIMENTO DA ALMA

30. Tudo isto de que acabamos de falar, demonstramos que não é outra coisa senão o erro introduzido

na via; mas o caminho da verdade nos conduzirá ao Deus que existe realmente. E para conhecer este caminho e tomá-lo sem nos enganarmos, temos necessidade de outra coisa senão de nós mesmos (cf. Dt 30,11-13; Rm 10,6-7); e se Deus está acima de tudo, o caminho que conduz a ele não está longe de nós nem fora de nós, mas está em nós, e é possível encontrar em nós o seu ponto de partida, como Moisés o ensinava quando dizia: “A palavra da fé está dentro do teu coração” (Dt 30,14; cf. Rm 10,8). O que o Salvador também indicou e confirmou, dizendo: “O reino de Deus está dentro de vós” (Lc 17,21). Já que temos em nós a fé e o reino de Deus, poderemos facilmente contemplar e nos representar o rei do universo, o Verbo salvador do Pai. E que os gregos idólatras não procurem pretextos, e que ninguém se engane insensatamente como se não tivesse este itinerário, e encontrasse nisso pretexto para a sua impiedade. Todos nós entramos neste caminho e o dominamos, ainda que todos não queiram caminhar por ele, mas preferem sair dele para caminhar ao lado, por causa dos prazeres da vida que os seduzem externamente. E se se pergunta qual é este caminho, afirmo que é a nossa alma e a inteligência que está nela. Porque é só ela que pode contemplar Deus e dele fazer-se uma idéia.

Existência da alma racional

Todavia, como eles negaram Deus, os ímpios recusarão talvez também reconhecer que têm uma alma, e isto seria mais verossímil que qualquer outra coisa. Porque negar a Deus, o autor e o criador da inteligência, é não ter inteligência. Assim, que cada homem tenha alma e alma racional, é necessário, por causa dos simples, mostrá-lo em poucas palavras, e tanto mais que alguns heréticos negam igualmente, imaginando que o homem não é outra coisa senão a aparência visível do seu corpo. Feita esta demonstração, poderão encontrar por eles mesmos uma refutação mais evidente da idolatria.

A atividade da alma é independente dos sentidos¹⁰

31. O primeiro sinal, e não sem importância, de que a alma humana é racional, é a sua diferença dos animais sem razão. Se se tem o costume de os chamar assim, é que o gênero humano é dotado de razão. Eis ainda um argumento que não é sem valor: só o homem pode raciocinar sobre o que está fora dele e refletir sobre os objetos ausentes, e voltar atrás no seu raciocínio, e julgar e escolher o que lhe parece mais racional. Os animais sem razão só vêem o que está diante deles e não procuram senão o que têm debaixo dos olhos, também se aquilo os deva prejudicar. O homem procura o que vê, mas raciocina e julga sobre o que seus olhos vêem; assim, muitas vezes o seu impulso é reprimido pelo raciocínio. Ele raciocina e volta atrás sobre o seu raciocínio, e cada um se apercebe, se é amigo da verdade, que, o espírito humano comparado às sensações corporais é totalmente outra coisa. É porque, sendo outro, ele se torna juiz destas mesmas sensações; e o que estas sensações percebem, ele o julga também, ele se as lembra, e mostra aos sentidos o que é melhor. O olho só pode ver, o ouvido ouvir, a boca provar, o nariz captar os odores, as mãos tocar. Mas o que é necessário ver e ouvir, o que é necessário tocar, e provar, e sentir, não é para as sensações discerni-lo, mas para a alma e para a inteligência que nela existe. Sem dúvida, a mão pode tomar um gládio, a boca comer peixe, mas não sabem que aquilo pode ser-lhes nocivo se a inteligência não o distingue. E para mostrá-lo por uma imagem, tudo aquilo se assemelha a uma lira bem afinada, e a um músico que dela se servisse com arte. As cordas da lira têm cada uma o seu próprio som, uma grave, outra agudo, outra médio, outra superagudo, outro ainda... Sua harmonia não pode ser distinguida nem sua consonância percebida senão pelo artista. A harmonia não aparece e a consonância não existe justamente quando o que

domina a lira pulsa as cordas e toca cada uma como lhe convém. Do mesmo modo, as sensações corporais são afinadas como uma lira: quando a inteligência as conhece e as dirige, a alma discerne e sabe tudo o que ela faz. Isto é próprio só do homem e é a racionalidade da alma humana que a distingue dos seres sem razão, e mostra que verdadeiramente é outra do que aquilo que é visível ao corpo. Assim, muitas vezes, quando o corpo existe, o espírito imagina e contempla o que está nos céus; freqüentemente quando o seu corpo está pacífico, calmo e adormecido, o homem se agita interiormente e contempla dormindo o que está fora de si, vai percorrer regiões distantes, encontra amigos, e muitas vezes por este meio divino conhece por antecipação o que fará no dia inteiro. O que é tudo isso senão a alma racional, graças à qual o homem raciocina e concebe o que está acima dele?

32. Isto ainda poderia ser um argumento rigoroso para todos os que se deixam ir impudentemente a desarraoar. Como, uma vez que o corpo é naturalmente mortal, o homem raciocina sobre a imortalidade, e deseja freqüentemente pela virtude a morte? Ou ainda, como, já que o corpo é efêmero, o homem se representa as realidades eternas a ponto de desprezar as coisas presentes, e de voltar o seu desejo para os outros? O corpo não saberia raciocinar sobre si mesmo, nem sobre o que é exterior a ele: ele é mortal e efêmero; convém necessariamente que haja outra coisa que raciocine, sobre o que está oposto ao corpo e contrário à sua natureza. Que é isso, ainda uma vez, senão a alma racional e imortal? E ela não é exterior ao corpo, mas lhe é interior — como o músico que com a sua lira faz ouvir os melhores sons. Como ainda, o olho sendo naturalmente feito para ver e o ouvido para escutar, se afastam disso e preferem aquilo? O que afasta o olho para não ver? Ou que impede o ouvido de ouvir, uma vez que foi feito naturalmente para ouvir? E o paladar, naturalmente feito para provar, o que muitas vezes o detém no seu impulso natural? A mão, naturalmente feita para agir, o que a impede de tocar tal objeto? O olfato, fei-to para sentir os odores, o que o afasta de os perceber? O que age assim ao encontro das propriedades naturais dos corpos? Como o corpo se deixa desviar da sua natureza, e conduzir pelas opiniões de outro e se dirige por um sinal dele? Tudo isso mostra que só a alma racional guia o corpo. O corpo nada faz para ele próprio estar em movimento, mas se deixa conduzir e guiar por outro, como o cavalo não se atrela a si próprio, mas se deixa dirigir por aquele que o domina. Também há leis entre os homens para fazê-los praticar o bem e evitar o mal; mas os seres sem razão não podem nem raciocinar nem discernir o mal, uma vez que são alheios à racionalidade e à reflexão racional. Assim os homens possuem uma alma racional; eu penso tê-lo mostrado por aquilo que acaba de ser dito.

A imortalidade da alma

33. Que a alma seja também imortal, a doutrina da Igreja não o pode ignorar, para aí encontrar um argumento capaz de refutar a idolatria. Chegar-se-á mais perto a esta noção, se se partir do conhecimento do corpo e da sua diferença com a alma. Se o nosso raciocínio mostrou que ela é outra em relação ao corpo, e se o corpo é naturalmente mortal, conclui-se necessariamente que a alma é imortal, uma vez que ela é diferente do corpo. Além disso, se, como nós o mostramos, é a alma que move o corpo, sem ser ela mesma movida por outros, deduz-se que a alma se move a si mesma e depois que o corpo foi enterrado, ela se move ainda por si própria.¹¹ Porque não é a alma que morre, mas é quando ela se separa dele que morre o corpo. Se então ela fosse movida pelo corpo, deduzir-se-ia que o motor se afastando, ela morreria; mas se é a alma que move o corpo, por mais forte razão move ela própria. E se ela se move a si mesma, necessariamente ela vive após a morte do corpo. Porque o movimento da alma não é outra coisa senão a vida, do mesmo modo também que nós dizíamos que o corpo vive quando está em movimento e que é a morte para ele quando cessa de se

mover. Ver-se-á isto ainda mais claramente a partir da atividade da alma no corpo. Quando a alma veio ao corpo e lhe foi ligada, não foi limitada e mensurada pela pequenez do corpo, mas freqüentemente, quando este está deitado no seu leito, imóvel, e como adormecido na morte, a alma, segundo sua própria virtude, desperta, e se eleva acima da natureza do corpo; como se ela fosse para longe dele, se bem que ficando no corpo, ela imagina e contempla seres superterrestres; muitas vezes até ela encontra os que estão acima dos corpos terrestres, os santos e os anjos, e vai a eles confiando-se na pureza do espírito. Como então, por razão mais forte, separado do corpo quando Deus que a tinha ligado a ele o quiser, não terá ela conhecimento mais claro da imortalidade? Se quando ela estava ligada ao corpo, vivia vida estranha ao corpo, por maior razão, após a morte do corpo, ela viverá e não cessará de viver, porque Deus assim a criou pelo seu Verbo, nosso Senhor Jesus Cristo. É porque ela pensa e reflete nas coisas imortais e eternas, dado que ela também é imortal. Do mesmo modo que, o corpo sendo mortal, os seus sentidos contemplam coisas mortais, assim a alma que contempla realidades imortais e raciocina sobre elas, deve necessariamente ser imortal e viver eternamente. Os pensamentos e considerações sobre a imortalidade jamais a deixam, mas ficam nela como um lar que assegura a imortalidade. É porque ela tem o pensamento da contemplação de Deus, e a sua própria vida volta-se para ela mesma; não é de fora, mas dela mesma que recebe o conhecimento e a compreensão do Verbo de Deus.

A idolatria é conseqüência da negação da alma espiritual. Necessidade de purificação para elevar-se a Deus

34. Afirmamos, portanto, o que já dissemos acima: do mesmo modo que os pagãos negaram Deus e adoram seres inanimados, de igual modo, pensando que não têm alma racional, encontram aí o castigo da sua loucura, e se colocam no número dos animais sem razão. Também, como se não tivessem alma, põem a sua religião nas coisas inanimadas, e por isso são dignos de compaixão, e têm necessidade que se os conduza pela mão. Se, ao contrário, pensam que têm alma, e apreciam muito a sua razão, e nisto fazem bem, por que, como se não tivessem alma, ousam agir contra a razão, e pensar o que não é conveniente pensar, e se pôr eles mesmos acima da divindade? Pois tendo uma alma imortal e invisível, imaginam que Deus existe à imagem dos seres visíveis e mortais. E por que não voltam para Deus, como se afastaram dele? Porque do mesmo modo que pelo pensamento eles se afastaram de Deus e se fizeram deuses do nada, eles podem pelo espírito que está na sua alma subir até Deus e voltar de novo a ele. Podem fazê-lo se depuserem as manchas das paixões de que estavam revestidos e se se purificarem assaz para se desembaraçarem de tudo o que de estranho se juntou à sua alma e a mostrarem somente tal qual foi feita, para poder assim contemplar nela o Verbo do Pai, segundo o qual eles foram feitos no princípio. Porque ela foi feita à imagem de Deus e criada à sua semelhança, como o mostra a divina Escritura, usando as palavras de Deus: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança” (Gn 1,26). Também quando a alma se desembaraça de toda a imundície do pecado derramada sobre ela, e não guarda em toda a sua pureza senão a semelhança da imagem, então sem dúvida, quando esta imagem é iluminada, ela aí contempla como num espelho (2Cor 3,18; cf 1Cor 13,12) o Verbo, imagem do Pai (cf. 2Cor 4,4; Cl 1,15), e nele contempla o Pai de quem o Salvador é a imagem.

II. CONHECIMENTO DE DEUS A PARTIR DA CONTEMPLAÇÃO DO MUNDO

Mas se a alma não é suficiente por ela mesma para chegar a este ensinamento, por causa do exterior que perturba o espírito e a impede de ver o que é melhor, e ainda possível chegar, a partir das coisas visíveis, ao conhecimento de Deus; a criação, por sua ordem e sua harmonia, como por uma escrita, faz conhecer e proclama o seu senhor e seu autor.

A criação faz conhecer Deus

35. Efetivamente, Deus que é bom e amigo dos homens e que se preocupa com as almas que criou, é por natureza invisível e incompreensível, porque está além de toda a essência criada; por isso o gênero humano não podia conseguir conhecê-lo, pois as criaturas vêm do nada e ele é o incriado. Por isso então, Deus ordenou e dispôs pelo seu Verbo a criatura, de maneira que se ele é invisível por natureza, ele pudesse se dar a conhecer dos homens ao menos pelas suas obras. É pelas suas obras, com efeito, que muitas vezes se conhece o artista, também quando não se o vê; conta-se do escultor Fídias: suas produções, pela harmonia e proporção das partes, revelavam Fídias aos que as viam, ainda que ele não estivesse lá. Assim é necessário, a partir da ordem do mundo, reconhecer Deus, seu autor e seu criador, se bem que não se possa contemplá-lo com os olhos do corpo. Pois Deus não abusou da sua natureza invisível: que não se lhe faça essa censura, e não ficou absolutamente desconhecido para os homens; mas como acabo de dizer, ele ordenou a criação de modo que, naturalmente invisível, pode-se entretanto conhecê-lo por suas obras.¹² E não digo isto de mim mesmo, mas aprendi dos teólogos, como Paulo que escreveu aos romanos: “Após a criação do mundo os seus atributos invisíveis se dão a conhecer à inteligência pelas suas obras” (Rm 1,20). E ele dizia com plena segurança aos licaonianos: “Amigos, que estais fazendo? Nós também somos humanos, sujeitos aos mesmos sofrimentos que vós, mas vos anunciamos a Boa Nova da conversão para o Deus vivo, deixando todas essas coisas vãs! Foi ele que fez o céu, a terra, o mar, e tudo o que neles existe. Ele permitiu, nas gerações passadas, que todas as nações seguissem os próprios caminhos. No entanto, não deixou de dar testemunho de si mesmo fazendo o bem, do céu enviando-vos chuvas e estações frutíferas, saciando de alimento e alegria os vossos corações” (At 14,15-17).

O movimento do céu

Quem então vendo o círculo do céu e o curso do sol e da lua, as posições dos outros astros e as suas revoluções contrárias e dissemelhantes, mas nesta dissemelhança conservando mesmo em tudo uma ordem idêntica, quem então não pensaria que estes astros não se fizeram por eles próprios, mas que foi outro que os criou e ordenou? Quem então, vendo o sol se levantar cada dia, a lua brilhar durante a noite, decrescer, depois ficar cheia, imutavelmente, segundo um número de dias, sempre igual e entre os astros, a correr de um lado e de outro, e cruzar de maneira variada, os outros conservar um movimento imutável, quem então não pensaria que há necessariamente um criador que os ordena?

A harmonia dos elementos

36. Quem então, vendo seres de natureza oposta se unir e conservar entre eles a harmonia e a concórdia, vendo, por exemplo, o fogo se misturar ao frio e o seco ao úmido, e isto sem lutar entre eles, mas para produzir um só corpo como se não houvesse senão um só princípio, quem não diria que existe fora deles alguém que reúna estes elementos? Quem então, vendo o inverno ceder lugar à primavera, a primavera ao verão, o verão ao outono, e como estas estações são de natureza oposta: uma gela, outra queima, uma cresce, outra ainda decresce; todas entretanto prestam aos homens

serviços iguais e sem perigo; quem não diria que existe alguém que lhes é superior, para dar-lhes esta igualdade e governar todos, ainda que sendo invisível? Vendo as nuvens carregadas no ar e o peso das águas preso nas nuvens, quem não conceberia a idéia daquele que as coordenou assim e ordenou-lhes existir? Ou ainda, ao ver a terra, que naturalmente é mais pesada, entretanto colocada sobre as águas, e permanecendo imóvel sobre este elemento naturalmente móvel, quem não pensaria que existe um Deus, para criar e dispor assim todas as coisas? Vendo a terra produzir frutos no seu tempo, a chuva cair do céu, os rios escoar, as fontes jorrar, os animais nascerem de seres diferentes, e tudo aquilo se produzir não sempre, mas em determinadas épocas; — enfim, considerando que esses elementos dessemelhantes e opostos conduzem a uma ordem legal e idêntica, quem não pensaria que há um poder único e estável e que tudo ordenou e dirigiu pela sua vontade? Porque por eles mesmos estes elementos não poderiam subsistir juntamente nem mesmo surgir, por causa das suas naturezas opostas. Porque a água é por natureza pesada e escoar para baixo, enquanto as nuvens são leves e sutis, e se transportam para o alto; e entretanto nós vemos que a água que é mais pesada é carregada pelas nuvens. E por outro lado, a terra é o que há de mais pesado e a água por sua vez é mais leve que ela; e portanto, o mais pesado é suportado pelo mais leve, e a terra não afunda, mas fica imóvel. O macho não é a mesma coisa que a fêmea, e portanto se unem, e os dois dão nascença a um ser vivo que lhes é semelhante. Em resumo, o frio é contrário ao quente e o úmido luta contra o seco; entretanto quando se juntam não se querelam entre si, mas seu acordo produz um só corpo e dá nascimento a todos os seres.

37. Estes seres naturalmente opostos e em luta jamais estariam reunidos, se não houvesse para os ligar uns aos outros um ser superior a eles, um Senhor a quem os próprios elementos cedem e obedecem, como escravos submissos ao seu senhor. Efetivamente, eles não prestam atenção à sua própria natureza individual para lutar e travar batalha entre si, mas conhecem o Senhor que os reuniu e vivem em acordo recíproco; por natureza são opostos, mas pela vontade daquele que os governa, eles contraem amizade. Porque se esta união não se realizasse sob a ordem de ser superior, como teriam podido se juntar e se reunir o pesado e o leve, o seco e o úmido, o circular e o retilíneo, o fogo e o frio, ou ainda o mar e a terra, o sol e a lua, os astros e o céu, o ar e as nuvens, nesse caso em que a natureza de cada um destes elementos é diferente da outra? Deveria haver grande discórdia entre eles, pois um queima e o outro arrefece, o pesado puxa para o fundo e o leve, ao contrário, para o alto, o sol clareia e o ar obscurece. Os astros também estariam em revolta uns contra os outros, pois que têm a sua posição, uns no alto, outros embaixo; a noite não cederia a sua vez ao dia, mas guardaria o seu lugar lutando e disputando contra ele. Nestas condições não se veria mais ordem e beleza, mas desordem; nenhuma ordem, mas confusão; nenhuma coerência, mas incoerência universal, nenhuma medida, mas em toda a parte a desmedida. Estas lutas e estas guerras recíprocas destruiriam o universo, ou então só o mais forte apareceria. E isso ainda mostraria uma desordem universal. Porque tendo ficado só e privado do serviço dos outros, o elemento mais forte destruiria a harmonia do universo, do mesmo modo que se o pé ficasse só, ou a mão, o corpo não conservaria sua integridade. Que seria o mundo, se unicamente o sol brilhasse, se a lua somente acompanhasse as suas revoluções, se a noite existisse exclusivamente, ou se o dia sempre existisse ininterruptamente? Que harmonia haveria, se o céu existisse sozinho sem os astros, ou os astros sem o céu? Que utilidade, se o mar existisse sozinho, sem as águas, ou sem as outras partes da criação? Como o homem ou simplesmente um ser vivente poderia aparecer sobre a terra, se os elementos estivessem assim em luta, e um só vencesse, sem poder bastar para constituir corpos? Nenhum ser efetivamente poderia ser constituído só pelo quente, ou o frio, ou o úmido, ou o seco; tudo seria confusão e desordem. E mesmo o elemento que parecesse vencer não

poderia subsistir sem socorro dos outros; porque é por este meio que de fato ele subsiste.

A ordem do mundo prova a existência de Deus único¹³

38. Mas já que não é a desordem que se vê no universo, mas a ordem, não a desmedida, mas a moderação, não a desarmonia, e sim a ordem, não é a desmedida mas a medida, não a desarmonia, mas o cosmos, e a reunião harmoniosa do cosmos, é necessário refletir e ter uma idéia deste Senhor que reuniu e estreitou todos estes elementos e produziu entre eles a harmonia. Ainda que seja invisível aos olhos, é possível, a partir da ordem e da harmonia dos elementos contrários, conceber o senhor, o ordenador e o rei de todos os seres. Numa cidade, composta de habitantes numerosos e diferentes, pequenos e grandes, ricos e pobres, jovens e velhos, homens e mulheres, se nós vemos uma administração ordenada, e os habitantes, diferentes entretanto, viveram entre eles em concórdia: os ricos não são contra os pobres, nem os grandes contra os pequenos, nem os jovens contra os velhos, mas todos vivem pacificamente na igualdade dos direitos; se verificamos isso, compreendemos necessariamente que a presença de chefe preside a harmonia, também se não o vemos. Porque a desordem é sinal da ausência de autoridade, mas a ordem faz conhecer o chefe. E da mesma maneira, vendo num corpo a união dos membros entre si, e que o olho não está em guerra contra o ouvido, e que a mão não disputa com o pé, mas que cada um exerce sem disputa as suas próprias funções, concluimos que há no corpo uma alma que comanda os membros, também se não a vemos. Assim, a ordem e a harmonia do universo levam necessariamente a conceber um Deus que comanda todas as coisas, e um Deus único e não múltiplo. Porque a própria disposição desta ordem e a harmoniosa concórdia do universo mostram a existência do Logos que o comanda e dirige, e não de muitos, mas de um só. Porque se fossem vários a comandar a criação, uma tão bela ordem não se conservaria no universo; ao contrário, tudo estaria em de-sordem, por causa desta pluralidade de chefes, cada um puxando todas as coisas para ele e lutando contra os outros. Como dizíamos que o politeísmo seria o ateísmo, do mesmo modo é inevitável que a multiplicidade dos chefes seja a anarquia. Cada um procurando arruinar a autoridade do outro, ele não subsistiria mais como chefe, e seria a anarquia universal. Onde não há chefe a desordem é absoluta. E por outra parte, a ordem e a concórdia que reinam entre seres numerosos e diversos revelam um chefe único. Se alguém ouve de longe o som dum lira que tem diversas cordas diferentes, e se ele admira a harmonia da sua sinfonia, ouvindo que a grave não é a única a produzir o som, nem a aguda ou a média, mas que todas ressoam em conjunto segundo a mesma medida, refletirá que não é a lira que se move a si mesma, e que não existem diversos músicos a tocá-la, mas um só, também se permanece invisível, cuja arte adapta o som de cada corda à harmonia do conjunto. Do mesmo modo, assim como a ordem do cosmos inteiro é perfeitamente harmoniosa, os seres do alto não disputam com os de baixo, menos os de baixo com os do alto, mas todos realizam em conjunto uma única ordem, é necessário por conseguinte pensar que só há um chefe e rei de toda a criação, e não diversos, que ilumina tudo com a sua luz e move todas as coisas.

39. Não é mais necessário imaginar diversos autores e criadores do mundo, mas segundo a reta piedade e a verdade convém crer que o demiurgo desta criação é único; e isto, a própria criação o mostra claramente. Um sinal seguro de que o criador do universo é único, é o fato de que o mundo não é múltiplo, mas um. Porque seria necessário, se houvesse diversos deuses, que os mundos fossem múltiplos e diversos. Não convinha, nem que houvesse diversos deuses a organizar um mundo único, nem que este mundo único fosse a obra de diversos; porque seguir-se-iam absurdos. E, antes de tudo, se este mundo único tivesse sido produzido por diversos, seria fraqueza de seus autores, pois esta obra

única teria sido executada por diversos e não seria um sinal desprezível da insuficiência da sua ciência em cada um para terminar a obra. Porque se um só bastasse, não haveria diversos para suprir mutuamente as suas insuficiências. E dizer que há em deus alguma insuficiência, não somente é ímpio, mas ultrapassa todos os crimes. Com efeito, entre os homens, um artista não é considerado perfeito, mas medíocre, se não pode sozinho acabar a sua obra, mas não o pode fazer senão com ajuda de diversos outros. Se cada um fosse capaz de executar a obra total, mas que todos não trabalhassem senão para participar na obra comum, seria ridículo trabalhar assim para sua glória e para não ser suspeito de impotência; porque seria totalmente absurdo falar de glória vã entre os deuses. Em seguida, se cada um fosse por si mesmo capaz de criar o universo, porque o trabalho de diversos uma vez que um só bastaria para o todo? Por outro lado, pareceria ímpio e absurdo que a obra fosse uma, e que os obreiros fossem diversos e múltiplos, já que a razão natural prova que o um e o perfeito são superiores ao múltiplo.

É necessário saber também que se o mundo tivesse sido feito por diversos, teria movimentos diversos e dissemelhantes; porque olhando para cada um dos seus autores, teria movimentos diversos. Nesta diversidade, como já se disse, encontrar-se-iam a desordem e a confusão geral. Porque um navio que é pilotado por diversos não vogará na direção certa se não houver um só piloto para atingir o porto; uma lira tocada por diversos não emitirá som harmonioso se não houver um só artista para tocá-la. Assim, portanto, já que a criação é uma, e que o cosmos é uno e que a ordem que lá está é uma, é necessário supor que só há um Senhor, que é o rei e o criador. É pela mesma razão que o próprio criador só criou um mundo único para que a reunião de mundos múltiplos não leve a pensar em múltiplos criadores; ao contrário, a unidade da obra levará a crer na unidade do obreiro. Mas se não há senão um demiurgo, não quer dizer que não haja um só cosmos; porque Deus teria podido fazer outros mundos. Mas, uma vez que o mundo foi criado único, é necessário acreditar que o seu criador é único.

O Verbo na criação

40. Mas qual é portanto, este criador? Isto também é inteiramente necessário mostrá-lo e expressá-lo, porque deixando-se enganar oportunamente pela ignorância, poder-se-ia supor que há outro e cair numa impiedade semelhante à precedente. Eu penso, entretanto, que ninguém hesita a este respeito. Se o nosso discurso mostrou que os deuses de que falam os poetas não são deuses, se ele convenceu de erro os que divinizam a criação, e se, de modo geral, demonstrou que a idolatria dos gentios não é senão impiedade e irreligião, é necessário, pois estes falsos deuses foram derrubados, que a verdadeira religião esteja conosco, e que o Deus que adoramos e invocamos seja só o verdadeiro Deus, o Senhor da criação e o Criador de toda a substância. Quem é este, senão o santíssimo, aquele que está acima de toda a natureza criada, o Pai do Cristo, que, como excelente piloto, pela sua própria Sabedoria e o seu próprio Verbo, o Cristo, nosso Senhor e nosso Salvador, governa e ordena o universo para nossa salvação, e age como lhe parece bom? E que este mundo é muito bom efetivamente, tal qual foi feito e nós o vemos, porque Deus o quer assim: ninguém poderia duvidar disso. Se a criação se movimentasse sem motivo, e o universo fosse levado ao acaso, poder-se-ia justamente duvidar das nossas afirmações; porém, visto que o mundo foi criado com razão, sabedoria e ciência, e foi adornado de toda a beleza, é necessário que aquele que o preside e organizou não seja outro senão o Verbo de Deus.

Não falo deste verbo que foi misturado em cada uma das criaturas e que é inato nelas, que alguns chamam correntemente verbo seminal, inanimado, incapaz de raciocinar ou de pensar, agindo unicamente graças a uma arte que lhe é extrínseca e com a ciência daquele que o inseriu na criatura.¹⁴ Eu não ouço mais este verbo dos seres racionais, composto de sílabas e que se ouve no ar. Mas falo do

próprio Verbo, o Verbo de Deus bom do universo, o próprio Deus vivendo e agindo; ele difere dos seres criados e de toda a criação, ele é o único e o próprio Verbo do Pai bom; e ele que organizou este universo e o aclara pela sua providência. Sendo o Verbo bom do Pai bom, e ele que dispôs a ordem de todas as coisas, que adaptou os contrários aos contrários, formando uma única harmonia. É ele que, poder de Deus e sabedoria de Deus (1Cor 1,24), faz girar o céu, suspende a terra, e sem que ela assente sobre alguma coisa, a mantém pela sua própria vontade. Pela luz que recebe dele, o sol ilumina a terra e a lua recebe a medida de sua luz. Por ele a água está suspensa nas nuvens, as chuvas regam a terra, o mar conserva seus limites, a terra se cobre de cabeleira verdejante de todos as espécies. E se algum infiel pusesse em dúvida estas afirmações, questionando ele próprio se o Verbo de Deus existe, ele seria louco em duvidar do Verbo de Deus; e no entanto o que ele vê lhe demonstra que tudo subsiste pelo Verbo e Sabedoria de Deus, e que nada do que existe resistiria, se não fosse produzido por um Verbo e um Verbo divino, como dissemos.

41. Este Verbo portanto, como dissemos, não é como o do homem, composto de sílabas, mas é a imagem absolutamente semelhante do Pai (cf. 2Cor 4,4; Cl 1,15). Os homens, que são compostos de partes e vindos do nada, têm também um verbo composto e inconsistente. Mas Deus existe e não é composto; também o seu Verbo existe, e não é composto, mas é Deus único e Filho único, que, Deus bom procedendo do Pai como de boa fonte, ordena e contém todas as coisas (cf. Jo 1,14; 3,16; Cl 1,15). A causa pela qual, numa só palavra, o Verbo de Deus veio até as criaturas, é verdadeiramente admirável, e mostra que não convinha que fossem de outro modo daquele que elas são. Porque a natureza dos seres criados, a considerar nela mesma, vindo do nada, é fluente, fraca, mortal; mas o Deus do universo é por natureza bom e excelente, e também ama os homens. Um ser bom não saberia ter inveja de quem quer que seja; também a ninguém recusaria o ser, mas quer que todos existam para poder mostrar a todos o seu amor. Vendo, portanto, que toda a natureza criada escoia por ela mesma e se dissolve, para lho evitar, e para que o universo não volte ao nada, depois de ter criado tudo pelo seu Verbo eterno, e dado o ser à criação, ele não o abandona ao impulso e às flutuações da sua natureza, que arriscariam fazê-la voltar ao nada; mas na sua bondade, pelo seu Verbo que é Deus também, governa e mantém toda a criação. Assim, iluminada pela direção, a ordem e a providência do Verbo, a criatura é capaz de subsistir solidamente, visto que participa do Verbo que é verdadeiramente do Pai, e que ela recebe o seu socorro para existir. Ela não experimenta a sorte que seria a sua se o Verbo não a conservasse, isto é, aniquilamento. “Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criatura, porque é por ele que tudo subsiste, as coisas visíveis e invisíveis, e é ele mesmo a cabeça da Igreja” (Cl 1,15-18), como nos ensinam, nas santas Escrituras, os servos da verdade.

42. É pois ele, o Verbo santo do Pai, todo-poderoso e absolutamente perfeito, que se manifesta em todas as coisas e ostenta em toda a parte o seu poder, que ilumina todas as coisas, visíveis e invisíveis, que as contém e as reúne nele; e não deixa nenhuma fora do seu poder, mas vivifica e guarda todas as coisas, e por toda a parte, e cada uma isoladamente, e todo o universo conjuntamente. Mistura os princípios de toda a substância sensível, o quente e o frio, o úmido e o seco, para deles fazer um só ser, impede-os de se oporem entre si, mas deles faz um acordo harmonioso. Graças a ele e à sua presença o fogo não luta contra o frio, nem o úmido contra o seco; mas elementos que por eles mesmos são opostos, se reúnem como amigos e irmãos, dão a vida aos seres visíveis, e são para todos os corpos os princípios da existência. A obediência a este Deus Verbo dá a vida aos seres terrestres, reúne os que estão nos céus. Por ele todo o mar e o grande oceano contêm os seus movimentos nos seus próprios limites, toda a terra, como se disse, se cobre de cabeleira verdejante de plantas diversas de todas as espécies. E para não me demorar em nomear cada um dos seres, quando se trata de coisas

tão claras, nada há que existe e que nasce, que não nasça e não subsista nele e por ele, como disse o teólogo¹⁴: “No começo era o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus. Tudo foi feito por ele, sem ele nada foi feito” (Jo 1,1-3). Como músico que afina a sua lira e aproxima habilmente os sons graves das notas agudas e os médios dos outros, para executar uma só melodia, assim a sabedoria de Deus, tendo o universo como uma lira, aproxima os seres que estão no ar dos que estão sobre a terra, e dos que estão nos céus dos que estão no ar; adaptando o conjunto às partes e conduzindo tudo pelo seu comando e a sua vontade, ele produz na beleza e harmonia um mundo único e uma só ordem do mundo; ele mesmo fica imutável junto do Pai, e move todas as coisas na ordem que estabeleceu, segundo o que agrada a seu Pai. O admirável da sua divindade é que por um só e mesmo comando, conduz todas as coisas ao mesmo tempo, e não por intervalos, mas todas juntas, as que vão de movimento retilíneo e as que se movimentam em círculo, as do alto, do meio, de baixo, as coisas úmidas, as frias, as quentes, as visíveis e as invisíveis, ele as põe em ordem cada uma segundo a sua natureza. Ao mesmo tempo e sob a mesma ordem vinda dele, aquele que é reto vai totalmente reto; aquele que é redondo, movimenta-se em círculo; aquele que é intermediário, movimenta-se segundo a sua natureza; o quente aquece e o seco seca; todos os seres segundo a sua natureza obtêm dele a vida e a substância e ele realiza uma harmonia admirável e verdadeiramente divina.

Comparações do coro e da cidade

43. Para fazer compreender por um exemplo tão grande coisa, imaginemos tudo o que acabamos de dizer como coro numeroso. Esse coro é composto de diferentes executantes, homens, crianças, mulheres, velhos e jovens. E ao sinal dum só diretor, cada um canta segundo a sua natureza e a sua capacidade: o homem com uma voz de homem, a criança como criança, o velho como velho, o jovem como jovem e todos executam uma só harmonia. Ou ainda a nossa alma, que ao mesmo tempo movimenta todos os nossos sentidos, segundo a virtude de cada um e na presença de um mesmo objeto os movimenta todos em conjunto, o olho para ver, o ouvido para ouvir, a mão para tocar, o olfato para cheirar, o paladar para provar e muitas vezes também os outros membros do corpo, como os pés que movimenta para caminhar. Ou para dar a compreender o que acabo de dizer, por terceiro exemplo, isso assemelha-se à fundação de grande cidade que é administrada pessoalmente pelo chefe e pelo rei que a fundou. Quando ele está presente e comanda e tem tudo sob as suas vistas, todos obedecem: uns vão para os campos, outros se apressam para ir buscar água nos aquedutos; outro vai comprar provisões, um caminha para o senado, outro para a assembleia, o juiz vai julgar, o arconte leva consigo as leis; o artesão logo começa no seu mister, o marinheiro vai para o mar, o carpinteiro segue para o seu trabalho, o médico vai cuidar dos seus doentes, o arquiteto vai para as suas construções. Um vai para os campos, outro volta dos campos, uns circulam ao redor da cidade, outros saem da cidade, depois lá entram novamente. Tudo isto se faz em ordem, graças à presença dum só chefe e sob sua ordem. Por medíocre seja a comparação, é necessário tomá-la em sentido mais lato e compreender que as coisas acontecem igualmente em toda a criação. Pelo único impulso e mandamento de Deus Verbo, todas as coisas são postas em ordem, cada uma opera o que lhe é próprio e todas em conjunto realizam ao mesmo tempo uma ordem única.

44. Assim, pelo poder e pela vontade do Verbo divino, do Verbo do Pai, que comanda e dirige tudo, o céu gira, os astros se movimentam, o sol brilha, a lua cumpre as suas rotações, e o ar é aclarado pelo sol, o éter é aquecido e os ventos sopram. As montanhas se erguem para as alturas, o mar se enche e alimenta os seres vivos que ele carrega, a terra fica imóvel e produz frutos, o homem é formado, vive e morre por sua vez. Todos os seres, numa palavra, são dotados de vida e de movimento. O fogo

aquece, a água resfria, as fontes jorram, os rios correm, os tempos e as estações se sucedem, as chuvas caem, as nuvens se enchem, o granizo se forma, a neve e o gelo congelam, os pássaros voam, as serpentes rastejam, os animais aquáticos nadam; navega-se no mar, semeia-se a terra e ela produz a verdura no seu tempo; as plantas crescem, umas bem tenras, outras já amadurecem; quando crescem, fenecem e morrem; umas desaparecem, as outras nascem de novo e aparecem. Todas estas coisas e mais ainda, que não podemos dizer tal como existem, é o Verbo de Deus, autor destes milagres e destas maravilhas, fonte de luz e da vida, que por sua vontade as põe em movimento e em ordem, realizando um só cosmos. Ele não deixa fora da sua ação os poderes invisíveis: estes também, dado que ele é o seu criador, abraça-os com todo o universo e por sua vontade e sua providência os conserva e lhes dá a vida; não haveria algum argumento que pudesse levar a duvidar disto. Do mesmo modo que a sua providência faz crescer o corpo, dá movimento à alma racional, dota-a de movimento e de vida — e tudo isso não tem necessidade de grandes demonstrações, porque nós vemos estes fenômenos —, da mesma maneira ainda uma vez, é ele, o Verbo de Deus, que por um só e simples movimento do seu poder põe em movimento o mundo visível e os poderes invisíveis e os conserva, distribuindo a cada um o poder que lhe é próprio, de sorte que os seres divinos se movimentam de modo mais divino, as coisas visíveis como vemos que elas o fazem. É ele que, em todas as coisas, sendo o chefe, o rei e a união de todos os seres, opera tudo para a glória e conhecimento do Pai, ensina-nos pelas suas obras e nos diz: “A grandeza e a beleza das criaturas dão a conhecer o seu autor” (Sb 13,5).

O Verbo nos dá o conhecimento do Pai

45. Assim, olhando o céu, e vendo sua ordem, sua beleza e a luz dos astros, é possível formar uma idéia do Logos que é o autor desta ordem; igualmente, quando se pensa no Logos de Deus, é necessário pensar também em Deus seu Pai: procedente dele, o Logos é com razão chamado intérprete e mensageiro do Pai; e isto também pode-se vê-lo segundo o que sucede em nós. Efetivamente, quando o homem produz o seu verbo, concebemos que a fonte deste verbo é o espírito; e, portanto, nossa atenção a este verbo, nosso raciocínio vê o espírito do qual é o sinal. Com mais forte razão, e por uma consideração que a supera incomparavelmente, vendo o poder do Verbo, concebemos uma idéia do seu bom Pai, como disse o próprio Salvador: “Quem me vê, vê também o Pai” (Jo 14,9).

Ensinamento da Escritura sobre a idolatria

Tudo isto, a Escritura inspirada por Deus no-lo prega de maneira muito mais clara e forte; e é fundamentadas nela que escrevemos com plena segurança; e se tu a lês poderás te persuadir do que dizemos. Um discurso apoiado em razão mais forte oferece-nos uma demonstração irrefutável. Desde há muito tempo o Verbo divino advertira o povo judeu que suprimisse os ídolos, quando dizia: “Tu não farás para ti ídolos nem qualquer imagem do que existe no alto dos céus ou do que existe em baixo, na terra” (Ex 20,4). E apresenta em outros termos a razão desta eliminação dizendo: “Os ídolos dos gentios são de prata e ouro, obras da mão dos homens. Eles têm boca e não falam; têm olhos e não vêem; têm ouvidos e não ouvem, têm nariz e não cheiram; mãos e não tocam; pés e não caminham” (Sl 113,4-7).

E ele não deixou de nos dar um ensinamento sobre a criação; mas, conhecendo bem a sua beleza e para que os homens diante desta beleza não honrem as criaturas como deuses e não como obras de Deus, ele os preveniu dizendo: “Olhando com os teus olhos e vendo o céu e a lua e toda a beleza do céu, não te deixes enganar e não adores estas criaturas que o Senhor teu Deus distribuiu a todas as nações que estão debaixo do céu” (Dt 4,19). Deu-lhas não para que se tornassem deuses, mas para que

pelos seus efeitos os gentios aprendessem a conhecer Deus, criador do universo, como dissemos. Pois os judeus tinham há longo tempo ensinamento mais completo e podiam conhecer Deus não somente segundo as obras da criação, mas pelas divinas Escrituras. E de maneira geral, para afastar os homens deste erro e desta imaginação insensata que é a idolatria, a Escritura diz: “Tu não terás outros deuses senão eu” (Ex 20,3). Se a Escritura proíbe ter outros deuses, não é que efetivamente haja outros, mas é de medo que o homem, afastando-se do verdadeiro Deus, se ponha a divinizar seres que não existem, tais como os falsos deuses de que nos falam e nos mostram os poetas e os historiadores. E estas palavras: “Tu não terás outros deuses” mostram que não são deuses, visto que foram expressas no futuro. Ora, o que é futuro não existe ainda quando se fala no futuro.

46. Mas depois de ter refutado a impiedade dos gentios e dos seus ídolos, a doutrina divina guardou silêncio para deixar simplesmente o gênero humano ir-se ao acaso, privado do conhecimento de Deus? Não, mas ela vai na frente do espírito humano dizendo: “Escuta, Israel, o Senhor teu Deus é o único Senhor” (Dt 6,4). E ainda: “Tu amarás o Senhor teu Deus de todo o coração e com todas as tuas forças” (Dt 6,5); e ainda: “Tu adorarás o Senhor teu Deus e só a ele servirás e a ele te ligarás” (Dt 6,13).

Que a Escritura inspirada por Deus testemunhe a providência absoluta e universal do Verbo e da ordem que ele estabeleceu no universo, o que dizemos aqui é suficiente para provar esta fé no Verbo que faz os teólogos assim falar: “Tu fundaste a terra e ela subsiste; é por tua ordem que subsiste o dia” (Sl 118, 90-91). E ainda: “Cantai nosso Deus na cítara, ele que envolve o céu de nuvens, que prepara a chuva para a terra, que faz crescer sobre os montes a erva e a verdura para o serviço dos homens e que dá ao gado a sua alimentação” (Sl 146,7-9). Por quem a dá senão por aquele que tudo fez? E aquele por quem tudo foi feito, é por ele também que a Providência se estende em seguida a todos os seres. Quem pode ser, senão o Verbo de Deus, de quem a Escritura diz em outro salmo: “É pelo Verbo do Senhor que os céus foram fundados, e pelo sopro da sua boca todo o seu poder” (Sl 32,6). Ela nos afirma que tudo foi criado por ele e nele e nos persuade, dizendo: “Ele disse e as coisas existiram; ele mandou e as coisas subsistiram” (Sl 32,9). Assim ainda, o grande Moisés, no princípio da sua cosmogonia, confirma pela sua narração o que dissemos: “E Deus disse: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança” (Gn 1,26). Empreendendo a criação do céu e da terra e de todos os seres, o Pai lhe diz: “Que o céu exista, e que as águas se reúnam, e que a terra apareça, e que a terra produza plantas e todo o ser vivente” (cf. Gn 1,6.9.11.20). Estas palavras poderiam servir para convencer os judeus que não examinam sinceramente as Escrituras. Porque poder-se-ia dizer-lhes: com quem Deus conversava quando falava e dava as suas ordens? Se era às criaturas que ele falava e ordenava, esta palavra era inútil, porque as criaturas ainda não existiam, mas existiriam. Ninguém fala a quem ainda não existe, e não se fala a quem ainda não existe para lhe ordenar que seja. Se era aos futuros deuses que Deus falava, teria que dizer: Sê, céu; sê, terra; nasce, planta, sê produzido, homem. Mas ele nada fez de tudo isso; e ordenou e disse: Façamos o homem, e que as plantas nasçam (cf. Gn 1,11.26). O que mostra que Deus fala de tudo isto como a qualquer que está perto dele. É então absolutamente necessário que haja alguém com ele, com quem conversava para criar todas estas coisas. Quem é, senão o seu Verbo? Com quem Deus podia parecer entreter-se senão com o Verbo? Quem então estava com ele quando ele criava toda a substância criada, senão a Sabedoria que lhe disse: “Quando ele fazia o céu e a terra, estava com ele” (Pr 8,27). Dizendo o céu e a terra, refere-se a todos os seres criados que estão no céu e sobre a terra. Ele estava com Deus como Sabedoria e como Verbo, ele olhava o Pai e criava o universo, dando-lhe consistência, ordem e beleza. Sendo o poder do Pai, dava a todos os seres a força de existir, como diz o Salvador: “Tudo o que o meu Pai fez, eu o faço igualmente” (Jo

5,19). Seus santos discípulos ensinam-nos que tudo foi feito por ele e para ele (cf. Rm 11,36), que ele é o filho bom do Deus bom e que sendo Filho verdadeiro, é o poder do Pai, e a sua Sabedoria e o seu Verbo; e tudo isto, ele não o é por participação, não são qualidades que lhe sobrevêm de fora como é nos que participam do próprio Verbo, e são por ele dotados de sabedoria, poder e razão; mas ele mesmo é a Sabedoria, o Verbo, o Poder próprio do Pai, ele mesmo a luz, a verdade, a justiça, a virtude e ao mesmo tempo é o reflexo, a imagem. E para falar brevemente, é o fruto perfeito do Pai, é o único Filho, a imagem inteiramente semelhante ao Pai.

CONCLUSÃO

Exortação

47. Quem, portanto, poderia contar todos os atributos do Pai, para descobrir o poder do Verbo? Ele é o Verbo e a Sabedoria do Pai e ao mesmo tempo condescende com as criaturas, e para dar-lhes a conhecer seu Pai, ele se faz a própria santidade e a vida, a porta, o pastor, o caminho, o rei, o guia, e, enfim e sobretudo o salvador, o vivificante, a luz e a providência universal. Ora, tendo o Pai este Filho tão bom e demiurgo, provindo dele mesmo, não o escondeu para que ficasse invisível às criaturas, mas todos os dias o revela a todos pela ordem e a vida que reinam em toda a parte graças a ele. É nele e por ele que se manifesta, como diz o Salvador: “Eu estou no Pai e o Pai está em mim” (Jo 14,10) de modo que necessariamente o Verbo está naquele que o gerou e o gerado está eternamente com seu Pai. E sendo assim, e nada subsistindo fora dele, mas o céu e a terra e todos os seres neles contidos estão ligados a ele, entretanto os homens na sua loucura recusaram o conhecimento e a piedade a seu respeito, e honraram o que não existe no lugar do que existe e no lugar do Deus que existe realmente, eles divinizaram o nada, “adorando a criatura no lugar do Criador” (Rm 1,25), eis a loucura e a impiedade. É como se alguém admirasse uma obra e não o artista que a fez, admirasse os edifícios duma cidade e desprezasse o arquiteto ou elogiasse um instrumento de música e rejeitasse aquele que o fez e afinou. Loucos e cegos! De outro modo como poderiam eles conhecer um edifício, um navio, uma lira, se não houvesse um carpinteiro para construir o navio, um arquiteto para edificar o edifício, um artista para fabricar a lira? Aquele que assim pensasse seria louco além de toda a loucura; de igual modo, eles não me parecem ter o espírito sadio, aqueles que não reconhecem Deus, que não adoram o Verbo, o Salvador de todos nós, nosso Senhor Jesus Cristo, por quem o Pai ordena tudo, contém tudo, e provê tudo. E se tu tens fé nele e se és piedoso para com ele, ó amigo do Cristo, sê feliz e tem boa esperança, porque o fruto desta fé e desta piedade é a imortalidade e o reino dos céus, contanto que a tua alma seja regulada pela suas leis. Assim como para os que vivem segundo as suas leis, a recompensa será a vida eterna, também os que caminham em vias opostas, longe do Verbo, terão no dia do julgamento grande vergonha e perigo inexorável, porque conhecendo o caminho da verdade, agiram contrariamente ao que conheciam.

¹Uma das principais e constantes acusações contra os cristãos, especialmente vindas dos homens cultos como Celso, era de que a fé cristã carecia de razão, de fundamento, era uma fé “desarazoada”, uma fé “sem razão e vulgar”.

²Expressão tipicamente platônica: contemplação dos inteligíveis (da Idéias). Os santos aqui seriam os anjos.

³A tradição filosófica posterior seguirá esta definição que já se encontra em Orígenes: “o mal é a ausência do bem”. Santo Agostinho a emprega em seus tratados: o mal não tem existência própria, não tem ser, não existe em si, é “a ausência do bem”.

⁴Esta pecha aplicada ao paganismo de divinizar os elementos da natureza, é bem arcaica e se encontra nos profetas como Jr 10,2 e em Sb 13,2, onde o autor diz que extasiados diante da ordem e a beleza do mundo, os pagãos divinizaram os seres da natureza e os fenômenos do universo. Nos vv; 10-14 deste mesmo capítulo, o autor descreve ironicamente a fabricação e o uso de ídolos. A tônica

é que os ídolos não podem fazer nada em favor do homem, porque é este que os fabrica, cf. Is 44,9-17; Jr 10,3-5; Br 6; Sl 115,4-8.

⁵Anúbis era representado com cabeça de cachorro ou de chacal, Horo com cabeça de falcão, Set com uma cabeça de asno. Cf. Cícero, Nat. Deor., 1,82; Tert. Apologia 16,5. Isso nos faz lembrar a frase de Lucrecio: “Se os animais tivessem fé, fariam deuses à sua imagem e semelhança”. Tertuliano e Minúcio Félix aludem a que muitos pagãos acusavam os cristãos de adorar um deus com cabeça de asno. Atanásio não menciona este fato.

⁶Até o número 14, Atanásio apresenta a crítica à vanidade dos cultos dos ídolos que era tradicional entre os Padres e vinha já dos escritos do Antigo Testamento. Explora as aventuras de Zeus, o deus maior da mitologia grega. Depois de eliminar o Pai, Cronos, Zeus submeteu todos os deuses e os titãs que foram expulsos do céu. Além de oito casamentos, o último inclusive com sua irmã Hera, Zeus teve incontáveis casos amorosos com as mais belas mulheres de cuja união nasceram muitos heróis, de tal maneira que todas as famílias lendárias têm algum parentesco com Zeus. Faz parte de sua aventura amorosa o rapto do belo jovem troiano por quem Zeus se apaixonou e o levou para o Olimpo, para substituir Hebe, a deusa da juventude.

⁷Muitos pretendiam justificar o culto dos ídolos vendo nas imagens um meio de comunicação com as potências divinas (ou demoníacas) que habitam nelas. Talvez Atanásio aluda aqui às teses de Plotino ou de Porfírio: “Os antigos sábios que quiseram tornar os deuses presentes construindo-lhes estátuas, parecem-me ter bem visto a natureza do universo; eles compreenderam que é sempre fácil atrair a alma universal, mas que é particularmente difícil retê-la, construindo um objeto disposto a receber sua influência e a lhes receber a participação. Ora, a representação imaginada de uma coisa é sempre disposta a sofrer a influência do seu modelo, ela é como um espelho capaz de lhe apanhar a aparência” (Plotino, Enêida, IV,9,19). Para Porfírio, “os homens (...) representaram em imagens visíveis as propriedades invisíveis dos deuses segundo a intenção daqueles para quem as estátuas são como livros nos quais aprenderam a ler os ensinamentos que dizem respeito aos deuses” (em Eusébio de Cesaréia, Praep. Evang., III, 7).

⁸Também esta crítica aos cultos aos animais é tradicional entre os apologistas. O primeiro que relatou o culto aos animais entre os egípcios foi Heródoto I, 15, que se constitui a fonte de todos os historiadores; Cícero, Nat. Deor. III, 15,39; Plutarco, Isis e Osiris, 72-76. Entre os apologistas, Teófilo de Antioquia, A Autólico I,10: “ Para que também fazer o catálogo da multidão de animais que os egípcios cultuam? Répteis e bestas, feras e aves, peixes das águas, (...)”. Justino, Apologia I, 24,1: “E tendes alguns aqui e outros ali que cultuam árvores, ratos, gatos, crocodilos, e uma multidão de animais irracionais e não são os mesmos que são adorados por todos: cada um tem seu deus, e todos se acusam mutuamente de ímpios porque não têm todos o mesmo culto”.

⁹Os sacrifícios humanos em honra dos deuses é outro elemento constante na polêmica antipoliteísta. Certamente que Atanásio sabe que estes sacrifícios pertencem ao passado e que, em seu tempo, não são mais praticados. Tertuliano via nestes sacrifícios nada mais do que fábulas e tragédias teatrais (Apol. 9,5; M. Félix, Octavio, 30,4).

¹⁰O desenvolvimento que segue sobre o homem que, à diferença do animal, é capaz de julgar suas sensações e de frear seus desejo espontâneos, pertencem à tradição platônica.

¹¹A alma se move por si mesma, ela é portanto, imortal: argumento platônico (Fédrón, 245, c-e). Mas enquanto para Platão a imortalidade da alma está ligada à sua preexistência, para Atanásio a alma é imortal porque foi criada tal por Deus.

¹²O desenvolvimento que segue sobre o homem que, à diferença do animal, é capaz de julgar suas sensações e de frear seus desejo espontâneos, pertencem à tradição platônica.

¹³Esta demonstração da existência de Deus a partir da ordem e da beleza do mundo se desenvolve entre os apologistas segundo os temas e em fórmulas herdadas do estoicismo corrente. Como em Clemente de Roma, por exemplo (1Cor 33,3), os elementos estoicos se combinam com os dados das Escrituras. Veja-se, na seqüência, como o movimento harmonioso e ordenado dos astros prova a existência do Criador: Platão, Leis X, 886 a; Ps.-Aristóteles, De mundo, 399 a; Clemente de Roma, 1Cor.20; Cícero, Nat. Deor. II,19,49-50. A ordem do mundo, reveladora da sabedoria e da onipotência do Criador, é um tema estoico que se encontra em Cícero, Marco-Aurélio, Diógenes Laércio.

¹⁴Trata-se de um epíteto dado ao apóstolo evangelista São João, que se tornará tradicional e remonta a Orígenes (Joh. Comm., I).

A ENCARNAÇÃO DO VERBO

INTRODUÇÃO

Por volta de 320, antes mesmo de seu episcopado e da controvérsia ariana, Atanásio, ainda jovem diácono, teria composto sua primeira obra, uma apologia em dois livros intitulada: Discurso contra os pagãos e Sobre a encarnação do Verbo. É um tratado redigido segundo todas as regras da arte. Estes dois títulos são freqüentemente aceitos como compondo uma obra única em dois volumes. O primeiro livro é uma refutação do paganismo. O segundo, isto é, Sobre a encarnação do Verbo, pode ter sido escrita depois de um intervalo, pois apresenta algumas diferenças de posições, explica as razões da encarnação e a demonstração do cristianismo. No centro da história está a cruz e a ressurreição de Jesus: “A redenção não é obra de um morto, mas de um vivo que é Deus”.

A encarnação sublinha, contra judeus e pagãos, a fraqueza humana e a iniciativa divina do Verbo e é, sem dúvida, sua obra mais original e significativa.

Sua datação, a de 320, não é segura porque não há nela nenhuma referência clara à controvérsia ariana. Ário negava a consubstancialidade do Pai e do filho, afirmando, pelo contrário, que o Verbo — embora superior às criaturas — é inferior ao Pai. Mas, como também as Cartas Festivas (Pascais) não mencionam Ário e sua doutrina, antes de 338, muitos estudiosos preferem a data de 335 ou 337 para a redação da Encarnação do Verbo. Outro elemento da argumentação para uma data mais tardia é a sua relativa dependência da Teofania de Eusébio de Cesaréia, escrita por volta de 333. O certo é que, devido especialmente a esta obra, Atanásio é considerado o pioneiro da nova teologia da trindade. Defensor da tradição eclesial, está muito menos aberto às sugestões provenientes da filosofia. Enquanto os arianos sustentavam que o Logos é uma criatura trazida à existência antes da criação do mundo, como prelúdio da obra criadora de Deus, Atanásio ensinava que ele é plenamente divino e coeterno ao Pai. Defendia a igualdade de natureza, de substância e de dignidade com o Pai. Atanásio diz que a essência do Pai com toda a bondade, sabedoria e poder que lhe pertencem é, necessária, plena e eternamente, comunicada ao Filho. O que é reservado ao Pai é seu título de Pai e sua posição como origem última de todas as coisas.

Ário sustentava que o Filho era uma criatura, um produto da vontade do Pai. Atanásio contestava: o nome de “Filho” encerra o conceito de ser gerado. Ser gerado não significa provir da vontade do Pai, mas da substância do Pai. Em conseqüência, o Filho de Deus não pode ser chamado apenas criatura do Pai, visto que tem com ele a plenitude da divindade. Deus sendo espírito é indivisível, sua geração portanto, é comparada com a irradiação da luz do sol, ou exteriorização do pensamento que vem da alma. Pai e Filho são dois, mas têm a mesma natureza. Quando Jesus diz: “O Pai é maior do que eu”, não revela, como dizia Ário, a superioridade do Pai sobre o Filho, mas significa: o Pai é a origem, o Filho, a derivação (3,3; 4).

A doutrina de Atanásio acerca do Logos, enraíza-se na idéia de Redenção. Assim ele afirma: não teríamos sido resgatados se Deus mesmo não houvesse assumido nossa natureza humana. Portanto, se Cristo não fosse Deus. O Logos, que é Deus, unindo-se à natureza humana, divinizou a humanidade. Se fosse Deus, não por natureza, mas por participação, não teria podido comunicar essa divinização. Graças à encarnação, a alma é regenerada, criada de novo à imagem de Deus (Sobre a enc. 14). O homem é renovado. Não é o corpo somente, mas o homem inteiro que tem necessidade de redenção. Só um Deus podia nos resgatar “Uma criatura não podia unir a criatura a Deus; uma parte da criação não pode alcançar a salvação à criação, ela mesma tendo necessidade de salvação (Contra arianos II, 69). Uma criatura não teria podido criar. Uma criatura não podia de modo algum nos resgatar” (Ad Adelphium, 8: Ad Maximum, 3).

A cristologia de Atanásio proclama o Verbo divino operante em três âmbitos: Ele é eternamente

unido ao Pai; governa o mundo que criou como Logos; no tempo oportuno, nasce como homem e se une à nossa estirpe. Seu significado é universal, e é evidente que ele tomou o corpo de um homem individual (Sobre a encar. 9, 17,42)., o santificou, realizou através dele milagres e o ofereceu em sacrifício. Sublinhando o corpo humano ou a carne de Cristo, Atanásio pode apresentar a ínfima natureza humana como capaz de salvação, enquanto platônicos afirmavam que só a alma racional sobreviveria. Contudo, alguns apontam para uma fraqueza de sua cristologia, pois ele jamais afirma que o Verbo assumiu uma alma humana, enquanto outros dizem que esta lacuna é parcialmente preenchida com a atribuição de experiência cônica à “carne”.

INTRODUÇÃO

Unidade da obra divina

1. 1. Na obra precedente, tratamos suficientemente apenas de mínima parte de vasta matéria: o erro e o temor supersticioso dos gentios relativamente aos ídolos, e a invenção primitiva deste erro, pois a malícia dos homens induziu-os a conceber a idolatria. Além disso, com a graça de Deus, demos algumas indicações sobre a divindade, a providência e o poder universais do Verbo do Pai. O Pai, em sua bondade, por meio dele tudo ordenou, por ele tudo move e nele vivifica (cf. At 17,28a). Vamos prosseguir, caríssimo e verdadeiro amigo de Cristo, e, de acordo com a fé de nossa religião, narrar cuidadosamente a encarnação do Verbo, e expor a epifania divina em nosso favor. Os judeus a caluniam, os gregos dela zombam (cf. 1Cor 1,22), quanto a nós, nós a adoramos. Desta forma, a aparente humilhação do Verbo, ao invés, dar-te-á relativamente a ele piedade maior e mais intensa.

2. Com efeito, quanto mais a ridicularizam os infiéis, tanto mais se atesta a sua divindade. De fato, o Verbo revela a possibilidade do que os homens não admitem e julgam impossível, zombam e reputam inconveniente, mas ele mostra ser perfeitamente adequado à sua bondade. O Verbo por seu poder revela ser divino (cf. 1Cor 1,22.24) aquilo de que se ri a sabedoria dos homens, tendo-o por fraqueza humana. A pretendida humilhação da cruz derruba os ídolos ilusórios. Converte ocultamente os zombadores e descrentes e faz com que nele reconheçam divindade e poder.

3. Faz-se mister, em vista desta exposição, recordar o que dissemos mais acima, a fim de conheceres a causa da manifestação corporal deste Verbo do Pai, tão grande e poderoso, e não cogitares ter sido por consequência natural que o Salvador teve um corpo; ao invés, embora seja por natureza incorpóreo e Verbo, devido à filantropia e bondade do Pai e em prol de nossa salvação, manifestou-se num corpo humano.

4. Convém, portanto, ao enunciar essas questões, falar primeiro da criação do universo e de Deus Criador, para em seguida poder contemplar devidamente a renovação operada pelo Verbo que tudo criara no princípio. Não se encontrará contradição alguma no fato de que o Pai opera a salvação da criatura por meio do mesmo por quem ele a fizera.¹

CAPÍTULO I

OS ANTECEDENTES DA ENCARNAÇÃO DO VERBO: CRIAÇÃO E QUEDA DO HOMEM

2. 1. Muitas e diversas foram as explicações a respeito da produção do mundo e da criação do universo. Cada qual a descreve a seu bel-prazer. Uns pretendem ter sido produzido espontânea e

fortuitamente; assim os epicureus que inventam não haver providência, e se exprimem de forma contrária a toda evidência.

2. Se, conforme sua opinião, tudo foi resultado de geração espontânea e fora da atuação da providência, forçosamente os seres todos seriam por inteiro semelhantes, sem diferença alguma. Então, se houvesse um só corpo celeste, seria todo sol ou lua, e no homem, o corpo inteiro devia ser mão, olho ou pé. No entanto, assim não é, e vemos de um lado o sol e de outro a lua ou a terra; igualmente no corpo humano, distinguem-se o pé, a mão, a cabeça. Essa distribuição leva-nos a compreender que não existe geração espontânea. Demonstra ter uma causa presidido à origem dos seres. Daí chegamos a entender que Deus distribuiu e criou todas as coisas.

3. Outros, entre os quais Platão, tão grande entre os gregos, opinam que Deus fez o mundo, tomando como ponto de partida matéria preexistente e ingênita; Deus nada teria podido fazer sem esta matéria preexistente, da mesma forma que o carpinteiro necessita de madeira para poder trabalhar.

4. Ao se exprimirem deste modo, não sabem que atribuem fraqueza a Deus. Efetivamente, se ele não é autor da matéria, mas tudo faz de matéria preexistente, mostra-se fraco, visto que sem ela é incapaz de fabricar seja o que for, como seria incapacidade no carpinteiro, sem dúvida alguma, não conseguir fabricar objetos necessários se não dispuser de madeira. Segundo tal hipótese, se não existisse matéria, Deus nada teria feito. E como se diria ser ele o Criador e o demiurgo, se a possibilidade de criar dependesse de outra coisa, isto é, da matéria? Se assim fosse, Deus seria apenas artífice e não Criador que dá o ser, uma vez que trabalharia a matéria dada, e não seria a própria causa desta matéria. Numa palavra, não se pode afirmar que é Criador, se não cria a matéria da qual provém as criaturas.

5. Os hereges imaginam um demiurgo diferente do Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, dando provas de extrema cegueira em suas asserções. Pois quando o Senhor disse aos judeus: “Não lestes que desde o princípio o Criador os fez homem e mulher? e que disse: Por isso o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher e os dois serão uma só carne?” (Mt 19,4a). Em seguida assinala o Criador, nesses termos: “Portanto, que o homem não separe o que Deus uniu” (Mt 19,4s). Como supor uma criação alheia ao Pai? São João resume tudo numa só palavra: “Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito” (Jo 1,3). Como haveria outro demiurgo além do Pai de Cristo?

3. 1. São estes os seus mitos; o ensinamento divino, porém, e a fé em Cristo rejeitam, qual impiedade, esses vãos discursos. Não foi espontaneamente, por falta de providência, que nasceram os seres, nem de matéria preexistente, devido a fraqueza em Deus, mas do nada Deus por seu Verbo criou e trouxe à existência todo o universo, antes inexistente. Como disse Moisés: “No princípio, Deus criou o céu e a terra” (Gn 1,1) e o utilíssimo livro do Pastor: “Antes de tudo, crê haver um só Deus, que criou e organizou o universo e fez existir o que não era”.²

2. Paulo também o indica: “Foi pela fé que compreendemos que os mundos foram organizados pela Palavra de Deus. Por isso é que o mundo visível não tem a sua origem em coisas manifestas” (Hb 11,3).

3. Ora, Deus é bom, ou antes, é a fonte de toda bondade, e quem é bom a ninguém pode odiar. Por conseguinte, a ninguém recusaria invejosamente a existência. Criou do nada todas as coisas por meio de seu próprio Verbo, nosso Senhor Jesus Cristo. Apiedou-se mais do gênero humano do que dos demais seres existentes na terra, e vendo que ele era incapaz, pela lei de sua própria natureza, de subsistir para sempre, concedeu-lhe algo mais; não se contentou com criar os homens, conforme fizera a todos os animais irracionais da terra, mas criou-os à sua imagem, fazendo-os partícipes do poder de seu próprio Verbo. Assim, possuindo uma espécie de sombra do Verbo, e sendo racionais, os homens

poderiam permanecer na bem-aventurança, vivendo no paraíso a verdadeira vida, que realmente possuem os santos.

4. Além disso, ciente de que o livre-arbítrio do homem inclina-se num ou noutro sentido, adiantou-se, e consolidou pela lei e em determinado lugar, a graça que já lhe havia outorgado. Introduziu-o, efetivamente, no paraíso e impôs-lhe uma lei. Se os homens conservassem a graça, permanecendo na virtude, teriam no paraíso vida isenta de tristeza, dor, preocupações, além da imortalidade prometida nos céus. Se, ao invés, transgredissem essa lei e dela se desviando se pervertessem, ficassem sabendo que, de conformidade com a sua própria natureza, esperava-os a corrupção da morte, deixariam de viver no paraíso, sendo dali expulsos para morrer e ficariam doravante sujeitos à morte e à corrupção.

5. A Sagrada Escritura o assinala previamente, referindo a palavra de Deus: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer” (Gn 2,16.17). “Terás de morrer” não significa apenas: Morrereis, mas permaneceréis sujeitos à corrupção e à morte.

4. 1. Possivelmente ficarás admirado de que, ao nos propormos falar da encarnação do Verbo, tratemos agora da origem do homem. Entretanto, o assunto não é estranho à finalidade de nossa exposição.

2. De fato, ao nos referirmos à ação do Senhor entre nós, necessariamente temos de falar também da origem do homem. Assim, ficarás ciente de ter sido nossa condição o motivo de sua descida, e de que a transgressão atraiu a filantropia do Verbo, de sorte que o Senhor veio e apareceu entre os homens.

3. O homem foi o motivo da encarnação, e por sua salvação, o Verbo amou o homem até nascer e manifestar-se com um corpo.³

4. Por conseguinte, Deus criou o homem, e queria para ele incorruptibilidade perdurável. Mas, os homens por negligência, abandonaram a contemplação de Deus, e conforme afirmamos no primeiro livro, conceberam e imaginaram a maldade. Por isso foi proferida a sentença de morte de que tinham sido ameaçados, e de então em diante cessaram de subsistir tais quais haviam sido feitos; corromperam-se em seus pensamentos e a morte subjuguou-os, reinando sobre eles. A transgressão do mandamento os reconduziu ao seu estado natural, e assim como haviam passado do nada ao ser, era justo que doravante fossem sujeitos no decurso do tempo à corrupção, propensa ao nada.⁴

5. Uma vez que antes nada eram por natureza, e a presença e a filantropia do Verbo os chamou ao ser, conseqüentemente, alheios ao pensamento de Deus, e voltados para o nada (pois o mal é não-ser, e o bem é ser, saído das mãos de Deus, que é), os homens foram privados do ser, que seria eterno. Isto é o que significa, dissolvido o composto humano, permanecer na morte e na corrupção.

6. Com efeito, por natureza o homem é mortal, pois foi feito do nada. Mas, se tivesse, pela contemplação de Deus, conservado a semelhança com aquele que é, teria diminuído a força da corrupção natural e se conservado incorruptível, conforme assevera a Sabedoria: “O respeito das leis é garantia de incorruptibilidade” (Sb 6,18). E sendo incorruptível, teria no futuro vivido como Deus, segundo o indica certa passagem da Sagrada Escritura: “Eu declarei: ‘Vós sois deuses, todos vós sois filhos do Altíssimo; contudo, morrereis como homem qualquer, caireis como qualquer dos príncipes’” (Sl 81,6-7).

5. 1. Ora, Deus não apenas nos tirou do nada, mas pela graça do Verbo, fez-nos viver segundo Deus. Os homens, contudo, se desviaram dos bens eternos, e por instigação do diabo voltaram-se para as coisas corruptíveis, tornando-se deste modo para si mesmos causa de morte. Conforme acima assegurei, eram por natureza corruptíveis, mas pela graça da participação do Verbo, teriam escapado

desta condição natural, se tivessem permanecido bons.

2. Com efeito, pela presença do Verbo, a corrupção natural não os teria tocado, como afirma a Sabedoria: “Deus criou o homem para a incorruptibilidade e o fez imagem de sua própria eternidade; é por inveja do diabo que a morte entrou no mundo” (Sb 2,23-24). Por conseguinte, os homens morreram e a corrupção desencadeou contra eles desde então toda a sua força; teve contra o gênero humano forças superiores às da natureza, tanto mais que podia apresentar contra eles o veredicto divino que pesava sobre a transgressão do mandamento.

3. Os homens, contudo, ao pecarem, não se detiveram em certos limites, mas avançando pouco a pouco, ultrapassaram finalmente qualquer medida. No começo, inventaram o mal e invocaram contra si a morte e a corrupção. Em seguida, se desviaram para a injustiça e superaram toda espécie de iniquidade. Não se limitaram a um só pecado, mas inventaram sempre novos delitos de acréscimo, tornando-se insaciáveis relativamente ao pecado.⁵

4. Difundiram-se adultérios e roubos e toda a terra se encheu de morticínios e rapinas. Com a lei, ninguém se preocupava, no atinente à corrupção e à injustiça. Todos, individualmente e em comum, cometiam toda espécie de pecados. Cidades guerreavam entre si, nações se insurgiam contra nações, a terra estava dilacerada por sedições e batalhas; todos rivalizavam em iniquidade.

5. Nem mesmo se abstinham do que é contra a natureza, conforme afirma o Apóstolo, testemunha de Cristo: “Suas mulheres mudaram as relações naturais por relações contra a natureza; igualmente os homens, deixando a relação natural com a mulher, arderam em desejo uns para com os outros, praticando torpezas homens com homens e recebendo em si mesmos a paga de sua aberração” (Rm 1,26-27).

6. 1. Ora, a morte exercia cada vez mais seu poder e a corrupção subsistia no meio dos homens. Desta forma, o gênero humano encaminhava-se para a perda. O homem racional, criado à imagem do Verbo, desaparecia e a obra de Deus ia se arruinando.

2. Efetivamente, como disse, por causa da lei, a morte continuava devastadora; impossível eliminar a sanção promulgada por Deus, por causa da transgressão. Era, de fato, absurdo e ao mesmo tempo inconveniente o que sucedia.

3. Seria incoerente que a palavra de Deus mentisse no caso de que, promulgada com toda certeza a lei de morte para o homem transgressor do preceito, este não morresse após a transgressão, mas ficasse sem efeito a sentença divina. Deus não seria verídico, se após ter declarado que haveríamos de morrer, de fato não morrêssemos.

4. Por outro lado, não convinha que, uma vez criados, seres racionais e partícipes do próprio Verbo perecessem e, corrompidos, voltassem ao nada.

5. Era incompatível com a bondade de Deus (cf. Rm 2,4s) que seres por ele criados fossem destruídos porque o diabo os havia enganado.

6. Aliás, teria sido de todo indigno fosse a arte empregada por Deus ao criar os homens destruída pela negligência destes, aliada à ilusão dos demônios.

7. Então, o que faria Deus, que é bom, uma vez que seres racionais pereciam e as obras divinas se precipitavam na ruína? Deixar a corrupção prevalecer sobre eles e a morte dominá-los? Mas, então, que necessidade havia de criá-los no começo? Era preferível não ser do que ser e perecer por abandono.

8. Se Deus se descuidasse, deixando perecer a obra que criara, manifestaria mais fraqueza do que bondade, bem mais do que se não houvesse criado o homem no princípio.

9. Se não houvesse criado, não estaria em causa sua fraqueza; mas visto que criou o homem, deu-

lhe o ser, teria sido completamente absurdo permitir que percesse sua obra, sobretudo diante dos olhos do Criador.

10. Por conseguinte, não convinha deixar os homens serem arrebatados pela corrupção, por ser isto impróprio e indigno da bondade de Deus.⁶

7. 1. Como, porém, devia ser assim, era também oportuno, ao invés, manter o princípio da veracidade de Deus na legislação sobre a morte. Seria impensável que, para nossa utilidade e conservação, Deus, Pai da verdade, se mostrasse mentiroso.

2. Que devia, pois, acontecer? Que faria Deus? Exigir dos homens arrependimento da transgressão? Poder-se-ia afirmar ser isto digno de Deus. Da mesma forma que haviam os homens passado da transgressão à corrupção, voltassem do arrependimento à incorruptibilidade.

3. Mas, o arrependimento não salvaguardaria o que a Deus convinha; pois, uma vez mais, ele não continuaria verídico se os homens não ficassem sob o poder da morte. Além disso, o arrependimento não liberta das condições naturais, mas apenas põe termo aos pecados.

4. Se, portanto, fosse apenas a falta, sem a conseqüente corrupção, o arrependimento bastaria. Mas, uma vez que a transgressão adiantou-se e os homens se achavam sob o poder da corrupção devido a sua natureza, e privados da graça da conformidade com a imagem, que fazer ainda? De que precisavam os homens, senão do Verbo de Deus, que antes do começo criara todas as coisas do nada, a fim de obterem tal graça e restauração?

5. Competia-lhe reconduzir o corruptível à incorruptão, e salvar o que convinha ao Pai em todas as coisas. Ele, o Verbo de Deus, acima de tudo, era o único, portanto, capaz de refazer todas as coisas, de sofrer por todos, de ser em favor de todos digno embaixador junto do Pai.⁷

CAPÍTULO II

A ENCARNAÇÃO DO VERBO, VITÓRIA SOBRE A MORTE E O DOM DA INCORRUPTIBILIDADE

8. 1. Por esta razão, o Verbo de Deus incorpóreo, incorruptível, imaterial veio a nossa terra, embora dela não estivesse longe anteriormente (cf. At 17,27). De fato, ele não abandonou parte alguma da criação, mas tudo enche, permanecendo, contudo, unido ao Pai (cf. Ef 4,6-10). Mas, vem por condescendência, favorecendo-nos com sua filantropia e manifestação.

2. Vendo que o gênero humano racional se perde, e a corrupção da morte reina sobre ele; que a ameaça de Deus contra a transgressão conserva toda a força da corrupção contra nós, e seria inconveniente fosse a lei abolida antes de se ter cumprido; vendo ser inadequado fossem destruídas as obras de que ele é o demiurgo; vendo a maldade dos homens se tornar excessiva, e pouco a pouco ir aumentando, contra eles próprios, até se fazer intolerável; vendo todos os homens sujeitos à morte, ele teve piedade de nossa raça e misericórdia de nossa fraqueza; condescendeu com nossa corrupção e não suportou que a morte dominasse sobre nós, a fim não perecer a criatura nem se inutilizar a obra realizada por seu Pai, em benefício dos homens. O Verbo tomou, por isso, um corpo igual ao nosso.

3. Pois, não quis apenas estar num corpo, nem quis somente aparecer. Efetivamente, teria podido, se quisesse, apenas aparecer, ou realizar esta teofania através de um ser mais poderoso que o homem. Assumiu, no entanto, um corpo como o nosso e não o fez simplesmente, mas o quis nascido de uma virgem sem pecado, imaculada, intacta. Era puro (cf. 1Pd 1,18) o corpo, inteiramente alheio a qualquer união humana. Sendo poderoso e demiurgo do universo, na virgem para si edificou (cf. Hb

9,24) qual um templo, um corpo. Dele se apropriou, fê-lo um instrumento para se dar a conhecer e onde habitar.⁸

4. E assim, de algo que é nosso, tomou um corpo semelhante ao nosso, e como todos estamos sujeitos à corrupção da morte, ele o entregou à morte, em prol de todos, apresentando-o ao Pai. Agiu desta maneira por filantropia. Desta maneira, uma vez que todos nele morrem, a sentença de corrupção proferida contra os homens será ab-rogada, após ter sido inteiramente consumada no corpo do Senhor. De agora em diante não mais maltratará os homens, seus semelhantes. Ele reconduzirá à incorruptibilidade os homens que se haviam voltado à corrupção, vivificá-los-á, tirando-os da morte. Pela apropriação de corpo humano e pela graça da ressurreição, fará desaparecer, longe deles, a morte, qual palha no fogo.

9. 1. O Verbo, portanto, compreendia que a corrupção dos homens de forma alguma poderia ser destruída, a não ser pela morte. Mas, era impossível que o Verbo morresse por ser imortal, ele, do Pai o Filho. Por isso, assume corpo mortal, a fim de que este, partícipe do Verbo, superior a tudo, seja capaz de morrer por todos, e graças ao Verbo que nele habita, permaneça incorruptível e doravante faça cessar em todos a corrupção pela graça da ressurreição. Por conseguinte, qual sacrifício e vítima imaculada, oferece à morte o corpo que assumiu, e logo faz desaparecer a morte de todos os corpos idênticos ao seu, através da oferta de vítima correspondente.⁹

2. É justo que o Verbo de Deus, superior a todos, ao oferecer seu corpo, templo e instrumento, qual resgate por todos, solva nossa dívida por sua morte. Deste modo, unido a todos os homens pelo corpo semelhante ao deles, o Filho incorruptível de Deus pode justamente a todos os homens revestir da incorruptibilidade (1Cor 15,54), segundo a promessa da ressurreição. E a própria corrupção da morte não vigora mais contra os homens, por causa do Verbo que entre eles habita, através de corpo individual.

3. Se um grande rei entra numa cidade importante e habita uma de suas casas, esta cidade se considera honrada em extremo. De então em diante, nem inimigos, nem bandidos avançam para devastá-la; ao contrário é tida por merecedora de todas as atenções, por causa do rei que habita somente uma das casas. Igualmente acontece com o rei do universo.

4. Veio à nossa terra e habitou corpo semelhante ao nosso. Cessaram com isso as maquinações dos inimigos contra os homens, desapareceu a corrupção da morte que há muito prevalecia. O gênero humano teria perecido completamente se o Filho de Deus, Senhor e Salvador do universo, não viesse pôr termo à morte.

10. 1. Verdadeiramente essa grande obra adaptava-se por excelência à bondade de Deus. Se um grande rei construiu uma casa ou cidade, e esta por negligência dos habitantes é atacada por bandidos, ele de forma alguma a abandona, mas a defende e protege como obra sua, não levando em conta a negligência dos habitantes, mas a própria dignidade. Com maior razão, Deus, Verbo do Pai, tão bom, constatando que o gênero humano, criatura sua, caíra na corrupção, não o abandonou; mas pela oferta do próprio corpo, eliminou a morte que se lhes apegara, corrigiu as negligências deles através de sua doutrina, e por seu poder restaurou todo o gênero humano.

2. Disso podemos nos convencer lendo os escritos dos teólogos enviados pelo Salvador, em que se diz: “Pois a caridade de Cristo nos compele, quando consideramos que um só morreu por todos e que, por conseguinte, todos morreram. Ora, ele morreu por todos, a fim de que os que vivem não vivam mais para si, mas para aquele que morreu e ressuscitou por eles” (2Cor 5,14s) dos mortos, nosso Senhor Jesus Cristo. E ainda: “Vemos, todavia, Jesus, que foi feito, por um pouco, menor que os anjos,

por causa dos sofrimentos da morte, coroado de honra e de glória. É que pela graça de Deus ele provou a morte em favor de todos os homens” (Hb 2,9).

3. Em seguida, a Escritura indica por que nenhum outro devia se encarnar, a não ser o Verbo de Deus: “Convinha, de fato, que aquele por quem e para quem todas as coisas existem, conduzindo muitos filhos à glória, levasse à perfeição, por meio dos sofrimentos, o autor da salvação deles” (Hb 2,10). Desta forma, ela assinala não competir a nenhum outro, a não ser ao Verbo de Deus, que fizera os homens no começo, livrá-los da corrupção que lhes sobreviera.

4. O Verbo assumiu corpo, a fim de oferecê-lo em sacrifício em favor dos corpos semelhantes ao seu. Isso ensinam as Escrituras, ao dizer: “Uma vez que os filhos têm em comum carne e sangue, por isso também ele participou da mesma condição, a fim de destruir pela morte o dominador da morte, isto é, o diabo; e libertar os que passaram toda a vida em estado de servidão, pelo temor da morte” (Hb 2,14-15).

5. Com efeito, pelo sacrifício de seu próprio corpo, ele pôs termo à lei que pesava sobre nós, renovou-nos o princípio da vida, deu-nos a esperança da ressurreição. Pois, se por meio dos homens a morte os dominou, em compensação, pela encarnação do Verbo de Deus, a morte foi destruída e a vida surgiu novamente, segundo afirma o Apóstolo, portador de Cristo: “Com efeito, visto que a morte veio por um homem, também por um homem vem a ressurreição dos mortos. Pois, assim como todos morrem em Adão, em Cristo todos receberão a vida etc.” (1Cor 15,14-15). Agora não morremos mais como condenados, e sim, devendo despertar dentre os mortos, esperamos a universal ressurreição, a qual Deus nos mostrará em “tempo oportuno” (cf. 1Tm 6,15) ele que a operou e com ela nos agraciou.

6. É a primeira causa da encarnação do Salvador. Aprendamos também em seguida quanto foi justificada sua benevolente vinda até nós.

CAPÍTULO III

A ENCARNAÇÃO DO VERBO, RESTAURAÇÃO HUMANA CONFORME A IMAGEM DE DEUS E O DOM DO CONHECIMENTO SOBRENATURAL

11. 1. Quando Deus, dominador do universo, por meio do Verbo criou o gênero humano, considerou a fraqueza de sua natureza, incapaz de conhecer por si mesma o Criador, e até de ter de Deus o mínimo conceito. De fato, Deus é incriado, os homens foram criados do nada. Deus é incorpóreo e os homens foram dotados de corpo. Em resumo, é muito grande a incapacidade da parte das criaturas de compreender e conhecer o Criador. Deus porém, em sua bondade, teve ainda compaixão do gênero humano, e não deixou os homens privados deste conhecimento, a fim de não julgarem, por sua vez, inútil a existência.

2. Com efeito, de que valia terem sido criados, se desconhecessem o Criador? Ou como os homens seriam dotados de razão, se não conhecessem o Verbo do Pai, por meio do qual foram feitos? Não teriam vantagem alguma sobre os irracionais, se nada conhecessem além das coisas terrestres. E por que Deus os teria criado, se não tivesse querido dar-se a conhecer?

3. Por isso, a fim de evitar que tal acontecesse, em sua bondade, fê-los partícipes de sua própria imagem (cf. Gn 1,26-27), nosso Senhor Jesus Cristo e criou-os a sua imagem e semelhança. Desta forma, por meio de tal graça, conheceriam a imagem, isto é, o Verbo do Pai, e poderiam por ele conceber a idéia do Pai. Esse conhecimento de seu Criador faria com que vivessem verdadeiramente prósperos e felizes.

4. Uma vez mais, contudo, os homens em sua loucura, desprezaram o dom recebido, afastaram-se

de Deus e mancharam a alma de tal sorte que não somente perderam a noção de Deus, mas ainda forjaram outros deuses em substituição. Trocaram a verdade por ídolos que fabricaram, preferiram o nada ao verdadeiro Deus, adoraram a criatura em lugar do Criador (cf. Rm 1,25). Pior ainda, transferiram as honras divinas a ídolos de madeira, de pedra, ou de qualquer outra matéria, e até a seres humanos, e pior que isso, como mencionamos acima.

5. Tamanha foi a impiedade que acabaram por adorar os demônios e denominá-los deuses, prestando-se ao cumprimento de seus desejos. No intuito de agradar-lhes, como dissemos, imolaram animais irracionais e sacrificaram vítimas humanas. Por eles instigados, ficavam cada vez mais presos.

6. É certo que aprendiam deles a magia e a adivinhação enganava os homens segundo a região. Atribuíam a causa do nascimento e da existência aos astros e seres celestes, e não iam além das aparências.

7. Em resumo, tudo transbordava de impiedade e iniquidade. Somente Deus e o seu Verbo eram desconhecidos. No entanto, ele jamais se escondera, invisível aos homens, nem havia transmitido um meio só de se manifestar, mas multiplicara esses meios de várias formas.

12. 1. De fato, a graça da imagem bastava para fazer conhecer o Verbo que é Deus e por ele o Pai. Deus, porém, conhecia a fraqueza dos homens e supriu suas falhas de tal sorte que se chegassem a deixar de procurá-lo por si mesmos, pudessem pelas obras da criação não desconhecer o Criador.

2. Mas, tendo a negligência humana descido paulatinamente aos piores excessos, Deus atendeu ainda à fraqueza dos homens, dando-lhes a lei, enviando-lhes profetas (cf. Rm 3,21), facilmente reconhecíveis. Desta forma, se tivessem preguiça de erguer os olhos ao céu e reconhecer o Criador, recebessem ensinamentos de mestres bem próximos de si. Com efeito, os homens podem mais diretamente aprender de outros homens a ciência das coisas melhores.

3. Por conseguinte, podem, ao erguerem os olhos para a imensidade do céu e ponderarem a harmonia da criação, conhecer o Verbo do Pai que tudo conduz, dá a todos o conhecimento de seu Pai pela providência universal e move o universo a fim de que todos possam por seu intermédio conhecer a Deus.

4. Ou se por preguiça tal coisa fosse difícil demais, eles podiam procurar os santos e por meio deles chegarem à notícia de Deus, demiurgo do universo, Pai do Cristo, e assim perceberem que o culto dos ídolos constitui impiedade totalmente sacrílega.

5. Igualmente tornou-se possível aos conhecedores da Lei pôr termo à impiedade e viver virtuosamente. De fato, a Lei não pertencia apenas aos judeus, nem lhes haviam sido enviados exclusivamente os profetas — enviados aos judeus, perseguidos por eles, — mas para a terra inteira constituíram uma escola santa do conhecimento de Deus e da vida espiritual.

6. Deste modo, apesar de tamanha bondade e filantropia de Deus, os homens vencidos pelos prazeres imediatos, as ilusões e seduções demoníacas, não se voltaram para a verdade, mas se deixaram arrastar a males e pecados cada vez mais numerosos, a ponto de não parecerem mais seres racionais, mas assemelharem-se pelos costumes aos irracionais.

13. 1. Uma vez que os homens haviam de tal modo perdido a razão e a sedução demoníaca tudo envolvera de sombras, ocultando o conhecimento do verdadeiro Deus, que teria Deus de fazer? Guardar silêncio diante de tal situação e deixar os homens, enganados pelos demônios, ignorar a Deus?

2. Em tal caso, porém, de que valia criar no começo o homem à imagem de Deus? Seria mister simplesmente criá-lo privado da razão, ou, se fosse criado como ser inteligente, não deixá-lo viver

qual irracional.

3. Afinal, de que servia dar-lhe desde o começo a noção de Deus? Se nem agora ele é digno de recebê-la, não devia ter-lhe sido conferida desde o começo.

4. Que proveito auferia Deus Criador e que glória recebe, se os homens por ele criados não o adoram, mas pensam ter sido criados por outros deuses? Verificaria então Deus que era para outros e não para si mesmo que os criara.

5. Além disso, um rei, simples homem, não permite se sujeitem as cidades por ele fundadas a outro rei, nem se refugiem junto de outros; mas adverte os súditos por cartas, envia-lhes mensagens por intermédio de amigos e, se necessário, vai ele mesmo finalmente incitá-los por sua presença. Tudo isso, apenas para que não sirvam a outro senhor e não se inutilize sua obra.

6. Com maior razão, Deus não poupará sua criatura, evitando que erre longe dele e se sujeite a coisas que nada são? Tanto mais que tal erro causaria aos homens ruína e perda. Entretanto, não deve perecer algo que alguma vez já tenha participado da imagem de Deus.

7. Que seria então necessário que Deus fizesse? Sim, que devia fazer, a não ser renovar o que era segundo a imagem de Deus, a fim de que por meio dele os homens pudessem ainda conhecer a Deus? E como se faria isso, a não ser pela presença da imagem do próprio Deus, nosso Salvador Jesus Cristo? De fato, tal coisa não era viável aos homens, apesar de terem sido criados segundo a imagem. Nem aos anjos, uma vez que eles não são imagens. Por isso, o Verbo de Deus veio ele próprio, a fim de que, sendo a Imagem do Pai, possa re-criar o homem segundo a imagem.¹⁰

8. Além do mais, tal fato não podia acontecer sem a destruição da morte e da corrupção.

9. Por conseguinte, convinha que assumisse um corpo mortal a fim de aniquilar em si a morte e renovar os homens segundo a imagem. Para tal, de nenhum outro precisava senão da Imagem do Pai.

14. 1. Se uma figura traçada em madeira apagar-se devido a manchas provenientes de fora, a fim de renovar a imagem sobre o mesmo material, precisa-se da presença daqueles cujos traços foram figurados. Por causa da figura não se joga fora o material sobre o qual fora traçada, mas restaura-se nela a imagem.

2. De igual modo, o Filho santíssimo do Pai, Imagem do Pai, veio à terra a fim de renovar o homem que fora feito de conformidade com ele, e a fim de recuperar o que estava perdido, perdoando-lhe os pecados, conforme diz ele próprio nos evangelhos: “Vim procurar e salvar o que estava perdido” (Lc 19,10). Também declarou aos judeus: “Quem não renascer...” (Jo 3,5). Não aludia a nascimento de mulher, como supunham os judeus, mas ao renascimento e restauração da alma segundo a Imagem.

3. Uma vez que a loucura da idolatria e da impiedade dominavam a terra inteira, e o conhecimento de Deus estava encoberto, a quem competia instruir a terra acerca do Pai? Dir-se-ia que a um homem? Mas, seria impossível a qualquer dos homens ir por toda a terra que existe sob o sol; não tinham eles naturalmente vigor para percorrer tudo, nem a faculdade de se tornarem fidedignos a esse respeito. Não eram capazes de se opor por si mesmos às seduções e invenções dos demônios.

4. Impressionados e perturbados espiritualmente pelas seduções diabólicas e a vaidade dos ídolos, de que modo teriam podido transformar a alma e a mente dos homens, se nem mesmo podiam vê-las? Como converter o que não se vê?

5. Dir-se-ia que bastava a criação. Mas, se a criação fosse suficiente, não teriam sucedido tantos males. A criação existia. No entanto, nem por isso os homens deixavam de se envolver em erros acerca de Deus.

6. De que, repitamos, tinham necessidade senão do Verbo de Deus que vê alma e espírito, move os seres criados e por eles torna conhecido seu Pai? A ele que, por sua própria providência e pela ordem

reinante no universo transmite o ensino sobre o Pai, cabia renovar esta doutrina.

7. Como se faria isso? Talvez se diga ser possível por meios idênticos, isto é, mostrando novamente a Deus através das obras da criação. Mas isto ainda não oferecia muitas garantias. Absolutamente não! Pois os homens já haviam menosprezado este meio. Não fixavam o olhar no alto, e sim embaixo.

8. Assim, o Verbo, querendo devidamente socorrer os homens devia residir na terra como homem, tomar corpo semelhante ao deles, e agir através das coisas terrenas, isto é, por obras corporais. Desta forma, os que não haviam querido reconhecê-lo por causa de sua providência e seu domínio universais, reconheceriam pelas obras corporais o Verbo de Deus encarnado, e por ele, o Pai.¹¹

15. 1. Um bom mestre cuida dos discípulos e aos que não podem auferir proveito das lições mais difíceis, ele os instrui, em sua condescendência, por meio de ensinamentos mais simples. Assim age o Verbo, segundo a palavra de Paulo: “Com efeito, visto que o mundo por meio da sabedoria não reconheceu a Deus na sabedoria de Deus, aprovou a Deus pela loucura da pregação salvar os que crêem” (1Cor 1,9.1).

2. Considerando que os homens se haviam afastado da contemplação de Deus e de certo modo mergulhado em profundo abismo, tinham os olhos dirigidos para baixo, procurando a Deus na criação e nas realidades sensíveis, configurando de homens mortais e de demônios seus deuses, por isso o Verbo de Deus, amigo dos homens e Salvador comum de todos, assumiu corpo e viveu como homem no meio dos homens, atraindo a si todos os sentidos, a fim de que os que incluíam a Deus entre os seres corporais, através das obras que o Senhor realizou corporalmente, conhecessem a verdade e por intermédio dele pensassem no Pai.

3. Enquanto homens, que refletiam apenas sobre realidades humanas, por toda parte onde aplicavam os sentidos eram atraídos e viam que em todo lugar apreendiam a verdade.

4. Ou estavam tomados de admiração pela criação, mas constatavam que ela também confessa o Cristo Senhor, ou tinham certo preconceito a favor dos homens, a ponto de transformá-los em deuses. Todavia, ao compararem as obras do Salvador às dos homens, viam que nenhum deles, mas somente o Salvador é Filho de Deus, pois entre os homens não existem obras semelhantes às realizadas pelo Verbo de Deus.

5. Tinham preconceitos também acerca dos demônios; ao verificarem, contudo, que estes eram expulsos pelo Senhor, reconheciam que ele somente é o Verbo de Deus, e que os demônios não são deuses.

6. Se dominava em seu espírito a lembrança dos mortos, a ponto de renderem culto aos heróis e aos que os poetas denominam deuses, no entanto, vendo a ressurreição do Salvador, confessavam serem eles enganosos e que o único Senhor verdadeiro é o Verbo de Deus, dominador da morte.

7. Para isso ele nasceu, manifestou-se como homem, morreu e ressuscitou; por suas obras, amorteceu e obscureceu tudo o que os homens jamais fizeram, para que, de todos os lugares aonde os homens se sentissem atraídos, ele os reconduzisse e lhes ensinasse qual o verdadeiro Pai, conforme ele mesmo disse: “Vim procurar e salvar o que estava perdido”. (Lc 19,10)

16. 1. Uma vez que o espírito dos homens havia caído no domínio do sensível, o Verbo se abaixou até se tornar corporalmente visível, a fim de atrair a si os homens enquanto homem e fazer com que a sensibilidade humana se inclinasse para ele; de então em diante, vê-lo-iam como homem, e suas obras os persuadiriam de que ele não é apenas homem, mas Deus, Verbo, Sabedoria do Deus verdadeiro.

2. Paulo o dá a entender, nesses termos: “Sejais arraigados e fundados no amor. Assim tereis condições para compreender com todos os santos qual é a largura e o comprimento e a altura e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo que excede a todo conhecimento, para que sejais

plenificados com toda a plenitude de Deus” (Ef 3,17-19).

3. O Verbo se desdobra em todas as direções, para cima e para baixo, para as profundezas e para a largura; para cima, isto é, a criação, para baixo, isto é, a encarnação, para as profundezas, a saber, os infernos, para a largura, o mundo. Tudo está repleto do conhecimento de Deus.

4. Por este motivo, não foi desde o momento de sua vinda que ofereceu o sacrifício por nós, entregando o corpo à morte, e ressuscitando-o; pois ter-se-ia tornado invisível. Mas, mostrou-se corporalmente visível, permaneceu no corpo, realizou obras e mostrou milagres, que revelavam não homem, mas o Verbo de Deus.

5. De duas maneiras, o Verbo na encarnação demonstrou sua filantropia: de uma, fazia desaparecer a morte e nos renovava, e de outra, absolutamente invisível como é, manifestava-se pelas obras e dava-se a conhecer como o Verbo do Pai, chefe e rei do universo.

CAPÍTULO IV

O VALOR SALVÍFICO DA ENCARNAÇÃO DO VERBO A UNIÃO DO LOGOS E DO CORPO HUMANO

17. 1. Com efeito, o Verbo não estava circunscrito ao corpo; estava no corpo, sem deixar de estar simultaneamente em outras partes. Não movimentava apenas este corpo e deixava o universo privado de seu poder e de sua providência. Maior maravilha é que, sendo o Verbo, não era contido por um ser qualquer; ou melhor, ele próprio continha a todos. Desta forma, presente em toda a criação, por essência acha-se fora de tudo, mas em tudo está por seu poder. Estabelece a ordem em todas as coisas, estendendo a tudo e por tudo sua providência. Vivifica simultaneamente a cada um e a todos. Contém o universo e por ele não é contido. Somente no Pai, está todo inteiro e sob todos os pontos de vista.¹²

2. Igualmente, estando em seu corpo humano e dando-lhe a vida, vivificava também todos os seres. Estava em todos, e fora de todos. Fazia-se conhecido por seu corpo através das obras, e no entanto não era menos visível em sua operação sobre todos os seres.

3. É peculiar à alma contemplar pelo pensamento até mesmo o que está fora do corpo, mas não agir fora do corpo, nem mover por sua presença o que se acha longe deste corpo. Com efeito, jamais um homem, pensando em algo que esteja longe, fá-lo mover-se ou deslocar-se. Se alguém está sentado diante de sua casa e fica pensando no firmamento, não vai por isso mover o sol, nem fazer girar o céu. Sem dúvida, ele vê seu movimento e sua existência, mas continua incapaz de produzi-los.

4. Tal não era o Verbo de Deus na natureza humana. Ele não estava ligado pelo corpo; ao invés, dominava-o, de sorte que estava no corpo e em todos os seres, mas era exterior a todos e somente no Pai repousava.

5. Mais admirável era que vivia como homem; enquanto Verbo, porém, dava a vida a todos os seres e enquanto Filho estava junto do Pai. Assim, quando a Virgem o gerou, nada sofreu, nem a presença num corpo o manchou; ao contrário, também santificou o corpo.

6. Nem pelo fato de estar presente no universo, participa do bem de todos os seres, mas são eles, ao invés, que recebem do Verbo vida e nutrição.

7. Quando o sol, que ele criou e nós contemplamos, gira no céu, não é manchado pelos corpos terrestres que toca, nem some por causa das trevas; ao contrário, ele ilumina e purifica esses corpos. Com maior razão o santíssimo Verbo de Deus, criador e dono do sol, não foi maculado pelo corpo no qual se dava a conhecer; antes, sendo incorruptível, santificava e purificava o corpo mortal, pois, “ele não cometeu pecado, mentira nenhuma foi achada em sua boca” (1Pd 2,22).

18. 1. Quando, pois, os teólogos narram que ele foi gerado, comeu, bebeu, saiba ter sido o corpo, enquanto tal, que foi gerado e nutrido de alimentos adequados. Entretanto, o Verbo, que é Deus, unido ao corpo, dispunha em ordem o universo e pelas obras realizadas corporalmente, não se distinguia como homem, e sim como o Verbo que é Deus. No entanto, dele se diz tudo isso, porque não pertencia a outrem o corpo que comia, nascia, sofria, mas era do Senhor. Uma vez que se fizera homem, convinham-lhe essas expressões apropriadas ao homem, a fim de se mostrar possuidor de corpo verdadeiro, não imaginário.

2. Mas, assim como pelas obras percebia-se estar ele corporalmente presente, igualmente nas obras realizadas pelo corpo dava-se a conhecer como Filho de Deus. Por esta razão, ele clamava aos judeus incrédulos: “Se não faço as obras de meu Pai, não acrediteis em mim; mas se as faço, mesmo que não acrediteis em mim, crede nas obras, a fim de conhecerdes e conhecerdes sempre mais que o Pai está em mim e eu no Pai” (Jo 10,37-38).

3. Invisível, é notado através das obras da criação; de igual modo, feito homem, mesmo se corporalmente se subtraísse aos olhares, verificar-se-ia através das obras que não era simples homem, mas o Poder, o Verbo de Deus que as realizava.

4. Efetivamente, dar ordens aos demônios e exorcizá-los não constitui obra humana, mas divina. Pois, ao curar as doenças a que o gênero humano está sujeito, como julgá-lo ainda homem e não Deus? Com efeito, purificava os leprosos, fazia andarem os coxos, abria os ouvidos aos surdos, dava a vista aos cegos; em suma, afastava para bem longe dos homens doenças e fraquezas, de sorte que qualquer podia contemplar a sua divindade. Quem, de fato, ao vê-lo suprir deficiências congênitas, abrir os olhos de cego de nascença, não compreenderia que os nascimentos dos homens dependem dele, o demiurgo e artífice? Quem pode suprimir deficiências inatas, evidentemente é Senhor também da geração dos homens.

5. Por isso, ao descer ao meio de nós, no começo, de uma virgem plasma para si corpo, a fim de oferecer a todos notável prova de sua divindade, pois quem o plasmou é também o artífice de outros corpos. Diante deste corpo nascido só de virgem, sem concurso de homem, quem não concluiria ser aquele que nele se manifesta também o artífice e senhor de outros corpos?

6. Ao presenciar a substância da água transmutar-se em vinho, como não pensar ser o autor deste milagre o Senhor e Criador da substância das águas? Por isso, ele como dono caminha sobre o mar, passeia como em terra, oferecendo assim aos espectadores prova de seu domínio universal. E quando com pequena quantidade de alimento nutriu multidão, que da indigência passou à abundância, a tal ponto que saciou com cinco pães cinco mil homens e ainda sobejou outro tanto, demonstrava não ser outro senão o Senhor com sua providência universal.

19. 1. Sem dúvida, convinha perfeitamente ao Senhor agir deste modo, a fim de que os homens, ignaros de sua providência relativa a todos os seres, e não conhecendo sua divindade através da criação, olhassem ao menos as obras por ele corporalmente realizadas, e daí extraíssem uma noção acerca do Pai, remontando, conforme já referi, do pormenor das obras à providência universal.

2. Ao notarem seu poder sobre os demônios e estes confessarem ser ele seu Senhor, quem duvidaria ainda de que ele é efetivamente Filho de Deus, sua Sabedoria e seu Poder?

3. Sequer à criação ele permitiu manter-se em silêncio, mas (coisa estupenda!), por ocasião de sua morte, ou antes em vista do troféu alcançado sobre a morte, isto é, a cruz, toda a criação confessa não ser simplesmente homem aquele que corporalmente se manifesta e sofre, e sim o Filho de Deus (cf. Mc 5,7) e Salvador de todos. Quando o sol se escondeu, a terra tremeu, as montanhas se fenderam (cf. Mt 27,45.51), todos ficaram apavorados. Esses prodígios mostravam que o crucificado era Cristo

Deus, a criação era sua serva, enquanto o temor que sentiam atestava a presença do Senhor.

4. Assim, portanto, o Verbo que é Deus se revelou aos homens por meio das obras. Seria conseqüente narrarmos agora o fim de sua vida e atividade corporais e expor de que maneira morreu. Tanto mais que se trata de ponto capital de nossa fé, comentado incessantemente pelo mundo inteiro. Ficarás ciente de que ainda aqui o Cristo se revelou igualmente como Deus e Filho de Deus.

A redenção mediante o sacrifício da cruz

20. 1. Expusemos, de fato, só parcialmente e quanto pudemos compreender, a causa e a espécie de sua manifestação corporal. O Salvador que no começo tudo fizera do nada, era o único que podia restituir a incorruptibilidade ao ser corruptível. Ninguém mais era capaz de restaurar os homens segundo a imagem a não ser quem é a Imagem do Pai. A nenhum outro competia transformar um ser mortal em imortal, senão ao que é a própria Vida, nosso Senhor Jesus Cristo. Nenhum outro podia ensinar quem era o Pai e eliminar o culto dos ídolos, senão o Verbo que estabelecera a ordem no universo, único e verdadeiro Filho unigênito do Pai.

2. Restava, contudo, ainda saldar a dívida de todos, pois todos, conforme mencionamos acima, deviam morrer, e esta foi a causa principal de sua vinda à terra. Por isso, após ter revelado sua divindade pelas obras, restava ainda oferecer o sacrifício por todos, entregando por todos à morte o templo de seu corpo (cf. Hb 9,12.24), a fim de suprimir os obstáculos e libertá-los da antiga transgressão (cf. Ap 12,9). Desta maneira, mostrar-se-ia mais forte que a morte, exibindo em seu corpo incorruptível as primícias da ressurreição universal.

3. Não te surpreenda o fato de repetirmos freqüentemente a mesma coisa. Uma vez que nos referimos à benevolência de Deus, expressamos igual conceito por muitas palavras, para não parecermos omissos e incorreremos na censura de termos feito exposição insuficiente. É preferível expor-se à crítica de sempre repetir as mesmas coisas a omitir o que for necessário escrever.

4. Na verdade, o corpo de Cristo era de substância idêntica à dos demais homens. Era corpo humano, e embora por novo prodígio nascido somente de uma virgem, era todavia mortal, e teve a sorte comum a seus semelhantes. Mas, por causa do advento do Verbo, não estava sujeito à corrupção, conforme as exigências da natureza. Com efeito, pela inabitação do Verbo de Deus, estava isento da corrupção.

5. Assim, encontram-se no mesmo ser dois prodígios: a morte de todos se cumpria no corpo do Senhor, e de outro lado a morte e a corrupção eram destruídas pelo Verbo unido a este corpo. Necessária era a morte, forçoso advir para todos, a fim de que a dívida comum fosse saldada.¹³

6. Ora, conforme disse, o Verbo, na impossibilidade de morrer — era imortal —, assumiu um corpo capaz de morrer, a fim de por todos oferecer o que lhe era próprio, e através dos padecimentos por todos em sua encarnação, reduzir a nada “o dominador da morte, isto é, o diabo, e libertar os que passaram toda a vida em estado de servidão, pelo temor da morte” (cf. Hb 2,14b-15).

21. 1. Sem dúvida, uma vez que o comum Salvador de todos por nós morreu, nós, os fiéis de Cristo, não sofremos mais a morte, como outrora sob a ameaça da lei, pois a sentença condenatória foi abolida. Além disso, tendo cessado e desaparecido a corrupção, por obra da graça da ressurreição, resulta que, segundo a condição do corpo mortal, a decomposição corporal durará somente o tempo fixado por Deus para cada um, a fim de podermos obter “uma ressurreição melhor” (Hb 11,35).

2. Com efeito, à guisa de sementes lançadas na terra, não perecemos na dissolução, mas somos semeados para ressuscitar, pois a morte foi abolida pela graça do Salvador (1Cor 15,42.44). Em conseqüência, São Paulo, fiador geral da ressurreição, declarou: “É necessário que este ser corruptível

revista a incorruptibilidade, e que este ser mortal revista a incorruptibilidade e este ser mortal a imortalidade, então se cumprirá a palavra da Escritura: ‘A morte foi absorvida na vitória. Ó morte, onde está o teu aguilhão?’ ” (1Cor 15,53-55).

3. Pode, contudo, alguém interrogar: Se era necessário que por todos Cristo entregasse o corpo à morte, por que não o deixou normalmente como homem, mas chegou ao ponto de ser crucificado? Mais condizente seria sair do corpo cercado de honras do que sofrer o ultraje de tal morte.

4. Examina outra vez se esta objeção não será demasiado humana. Os acontecimentos acerca do Salvador são verdadeiramente divinos, e de variadas formas dignos de sua divindade. Primeiro, porque a morte que sobrevém aos outros provém de fraqueza natural. Eles não podem durar muito e com o correr do tempo desfalecem. Por conseguinte, ocorrem doenças, eles se debilitam e morrem. O Senhor, porém, não é fraco. Ou antes, é o Poder de Deus, o Verbo de Deus, a própria Vida.

5. Se, pois, saísse do corpo de modo reservado no leito, conforme os demais, julgar-se-ia derivar o evento de fraqueza natural, sem que ele nada mais possuísse que os restantes. Mas, sendo ele a Vida, o Verbo de Deus que havia de morrer por todos, enquanto Vida e Poder fortalecia o corpo por si mesmo.

6. Mas, a morte devia ocorrer. Então, aproveitou a oportunidade de oferecer um sacrifício, não por si, mas pelos outros. Não ficaria bem que adoecesse o Salvador, se ele curava as doenças dos outros, nem que enfraquecesse o corpo, por meio do qual ele fortificava os debilitados.

7. Por que, então, não impediu a morte como evitara a doença? Porque havia assumido corpo com esta finalidade e não seria oportuno impedir a morte para não criar igualmente obstáculo à ressurreição. Também não seria adequado fosse a morte precedida por doença, para que não se atribuísse fraqueza ao que estava neste corpo. Entretanto, não sentiu fome? Sim, sentiu a fome peculiar ao corpo, e no entanto, o Senhor que sustentava esse corpo não deixou que lhe sobreviesse a morte por inédua. Então, morreu para resgate de todos, mas não experimentou a corrupção. O corpo ressuscitou intacto, visto pertencer ao que é a própria vida.

22. 1. Ora, dirá alguém, competia-lhe furtar-se à conjuração dos judeus, a fim de conservar imortal o corpo. Ouça esse contraditor que nem isso convinha ao Senhor. Seria indigno do Verbo de Deus, a própria Vida, ocasionar ele próprio a sua morte corporal. Também não lhe convinha fugir da morte infligida por outrem; seria antes o caso de procurá-la para eliminá-la. Por conseguinte, agiu bem por não sair do corpo de iniciativa própria e de outro lado, não fugir das ciladas dos judeus.

2. Tal conduta não assinalava fraqueza no Verbo, antes fazia com que fosse reconhecido como Salvador e Vida, pois ele aguardava a morte para destruí-la e apressava-se em prol da salvação de todos para consumir a morte que lhe seria infligida.

3. Aliás, o Salvador vinha pôr termo à morte dos seres humanos e não à que lhe era destinada. Não deixou o corpo por morte natural a si (coisa impossível, sendo ele a própria Vida), mas acolheu a morte das mãos dos homens, a fim de eliminar completamente a morte que lhe atacara o corpo.

4. Além disso, conclui-se daí ser bem apropriado tal fim ao corpo do Senhor. Visava sobretudo à ressurreição que havia de operar em seu corpo. Assim, era erguer o troféu da vitória sobre a morte manifestar aos homens todos a ressurreição. Assegurou-lhes que acabaria com a corrupção e doravante os corpos tornar-se-iam incorruptíveis. Qual penhor e prova da futura ressurreição geral, conservava seu próprio corpo incorruptível.

5. Seria, ao invés, inoportuno que o corpo houvesse adoecido e o Verbo de Deus dele se separasse à vista de todos pois, tendo curado as doenças alheias, deixaria sucumbir por moléstia o instrumento de seus milagres. Quem acreditaria ter ele sanado as enfermidades alheias, se o templo de seu corpo se debilitasse? Ou ele se exporia ao ridículo por ser incapaz de curar a doença, ou se pudesse curar e não

o fizesse, seria considerado pouco humano até mesmo relativamente ao próximo.

23. 1. Se, portanto, Cristo houvesse morrido sem doença, nem dor, em particular, sozinho num canto ou lugar deserto, ou em casa, ou tivesse conservado o corpo oculto em qualquer lugar e em seguida reaparecido subitamente, dizendo ter ressuscitado dos mortos, tudo isso assemelhar-se-ia antes a uma fábula. Com mais razão, não se lhe daria crédito se falasse de ressurreição, ponderando-se que absolutamente ninguém lhe presenciara a morte. Importa que a morte preceda a ressurreição, pois jamais houve ressurreição sem morte prévia. Igualmente se o corpo morresse de certo modo oculto, e se a morte fora invisível e sem testemunhas, a ressurreição também teria sido invisível e não atestada.

2. Por que uma vez ressuscitado havia de anunciar abertamente esta ressurreição, se tivesse deixado a morte se realizar em segredo? Por que teria podido aos olhos de todos expulsar demônios, dar a vista ao cego de nascença, transformar a água em vinho, e por esses fatos, tornar crível ser o Filho de Deus, e não teria podido perante todos igualmente mostrar incorruptível seu corpo mortal, a fim de se acreditar que ele é a Vida?

3. Como teria sido possível aos discípulos pregar audaciosamente a ressurreição, se primeiro não lhes fosse facultado afirmar que ele morrera? Ou como se lhes daria crédito ao afirmarem primeiro a morte e em seguida a ressurreição, se não houvessem encontrado testemunhas da morte entre os mesmos aos quais falavam com tanta audácia? Se mesmo assim, apesar de ter sido a morte e ressurreição realizadas à vista de todos, os fariseus contemporâneos recusaram crer e ainda forçaram as testemunhas oculares da ressurreição a negá-la, se tudo isso se tivesse realizado secretamente, que pretextos não teriam imaginado para defender a sua incredulidade?

4. Mas, então, de que forma mostraria ele o término do domínio da morte e sua vitória sobre ela, se primeiro não a houvesse convocado ao tribunal publicamente a fim de provar pela incorrupção de seu corpo estar ela doravante morta e aniquilada?

24. 1. Cabe-nos responder de antemão às prováveis réplicas. Ora, talvez ainda se afirme o seguinte: Se devia a morte suceder diante dos olhos de todos e de determinadas testemunhas para dar crédito à ressurreição, também deveria ele excogitar uma espécie de morte gloriosa, para ao menos escapar da ignomínia da cruz.

2. Mas, se assim agisse, prestar-se-ia à suspeita de não ser bastante poderoso contra qualquer espécie de morte, mas somente contra a que excogitasse para si, e não faltaria novamente pretexto para negar a ressurreição. Conseqüentemente adveio ao corpo não um tipo de morte inventado por ele próprio, e sim pelas maquinações dos inimigos, a fim de que ele destruísse precisamente a morte que estes infligiram ao Salvador. Qual genuíno atleta, grande pela prudência e valor, não escolheu os adversários, a fim de não incorrer na suspeita de covardia diante de alguns deles, mas deixou a escolha aos espectadores, principalmente se hostis, para esmagar o que eles de comum acordo lhe opõem, e ser considerado o mais forte de todos. Igualmente, nosso Salvador e Senhor, Cristo, Vida do mundo, não inventou um gênero de morte para si, evitando a aparência de estar com medo de outrem, mas aceitou e suportou a morte ocasionada por outros, sobretudo seus inimigos, morte por esses considerada temível, ignominiosa e abominável, a morte de cruz. E assim, destruindo-a, induziu a crer ser ele a Vida, que aniquilaria inteiramente o poder da morte.

4. Aconteceu, portanto, algo de admirável e espantoso: a morte ignominiosa que eles queriam lhe infligir tornou-se o troféu da vitória contra a morte. Não quis morte como a de João por decapitação, nem ser partido ao meio como Isaías, querendo conservar mesmo após a morte o corpo inteiro e indiviso, a fim de não dar pretexto aos que tentassem dividir a Igreja (cf. Sl 21,17-19 e Jo 19,23-

24).¹⁴

25. 1. Esses argumentos são para os de fora, que acumulam raciocínios sobre raciocínios. Mas, se alguns dos nossos pergunta, não guiado por espírito contencioso, mas desejoso de se instruir, por que motivo Cristo não suportou outra espécie de morte que a da cruz, saiba que nenhuma outra nos seria mais proveitosa; por conseguinte, foi esta justamente que o Senhor padeceu por nós.

2. Se vinha carregar a maldição que sobre nós pesava, de que modo ter-se-ia tornado maldição (cf. Gl 3,13), se não sofresse a morte dos malditos? Tal é, efetivamente, a morte na cruz, pois está escrito: “Maldito todo aquele que é suspenso no madeiro” (Dt 21,23; Gl 3,13).

3. Além disso, se a morte do Senhor é redenção (cf. Mt 20,28; Mc 10,45) para todos, se esta morte derruba o muro de separação (cf. Ef 2,14) e realiza a vocação dos gentios, como nos teria ele chamado se não tivesse sido crucificado? De fato, somente na cruz se morre com as mãos estendidas.¹⁵ Era conveniente que o Senhor suportasse esta espécie de morte e estendesse as mãos. Com uma atraíria o antigo povo de Deus e com a outra os gentios, reunindo os dois povos em si mesmo.

4. Ele próprio o asseverou, dando a entender por qual morte resgataria os homens: “E quando eu for elevado da terra, atrairei todos a mim” (Jo 12,32).

5. Ademais, o inimigo do gênero humano, o diabo, caído do céu (cf. Lc 10,18), erra pelas regiões inferiores do ar, exerce o império sobre os outros demônios, que se lhe assemelham pela desobediência, e por intermédio destes, produz fantasmas para os que se deixam seduzir e tenta impedir os que procuram subir. O Apóstolo afirma sobre esse assunto: “Conforme o Príncipe do poder do ar, o espírito que agora opera nos filhos da desobediência” (Ef 2,2). O Senhor, portanto, veio abater o diabo, purificar o ar, abrir-nos o caminho para a subida ao céu, conforme afirma o Apóstolo: “através do véu” (Hb 10,20), isto é, sua carne. Sua morte o realizou. Mas, qual morte senão a morte nos ares, isto é, a da cruz? Morre nos ares apenas quem morre crucificado. Por conseguinte, foi razoável que o Senhor sofresse tal morte. Desta sorte, elevado nas alturas, purificou o ar das maquinações do diabo e dos demônios: “Eu via Satanás cair do céu como um relâmpago!” (Lc 10,18) e reabriu para nós o caminho ascendente para o céu, dizendo ainda: “Ó príncipes, levantai vossas portas, elevai-vos antigas portas” (Sl 23,7). Ora, o Verbo não necessitava que se lhe abrissem as portas, pois é o Senhor de tudo. Criatura alguma está fechada diante do Criador. Nós, contudo, precisávamos desta abertura e então ele nos transportou ao céu,¹⁶ por meio de seu próprio corpo. Da mesma forma que por todos entregou o corpo à morte, também abriu a estrada que conduz às alturas dos céus.

A ressurreição de Cristo e o dom da incorruptibilidade

26. 1. Sua morte por nós na cruz foi, portanto, perfeitamente conveniente e adaptada. Vê-se ter tido causa inteiramente racional e perfeitamente justificada. Não existia modo melhor de operar a salvação do mundo que a cruz. Assim sendo, não quis ficar invisível na cruz, mas tomou a criação inteira por testemunha da presença de seu demiurgo. Não deixou o templo de seu corpo aguardar muito tempo, mas comprovada a morte após a luta, logo o ressuscitou, ao terceiro dia, erguendo qual troféu da vitória sobre a morte a incorruptibilidade e impassibilidade obtidas neste corpo.

2. Teria podido, sem dúvida, imediatamente ressuscitar o corpo morto e apresentá-lo vivo, mas o Salvador não o quis, por sábia previdência. No caso de manifestar imediatamente a ressurreição, alguém poderia replicar que não estivera inteiramente morto, ou que a morte não o tocara de modo algum.

3. Se morte e ressurreição se sucedessem sem intervalo, a glória da incorruptibilidade permaneceria incerta. Por isso, no intuito de demonstrar que o corpo estava bem morto, o Verbo deixou passar um dia intermediário e no terceiro apresentou-se a todos incorrupto.

4. Querendo provar a morte do corpo, ressuscitou-o ao terceiro dia.

5. Ora, se houvesse esperado mais tempo para ressuscitar um corpo já totalmente corrompido, suscitaria talvez incredulidade, como se não se tratasse de seu corpo, mas de outro. Provavelmente, decorrido algum tempo, surgiria recusa de credibilidade na aparição e esquecimento do sucedido. Por esse motivo, não tardou além de três dias, nem deixou aguardarem por muito tempo os que o haviam ouvido referir-se à ressurreição.

6. Ora, enquanto eles tinham ainda nos ouvidos o som de sua voz, os olhos ainda o buscavam, os espíritos se mantinham em suspenso, enquanto viviam ainda na terra e nos mesmos lugares os que o mataram e podiam atestar a morte corporal do Senhor, o Filho de Deus apresentou imortal e incorrupto o corpo que estivera sem vida pelo espaço de três dias. Evidenciou-se que se estivera inanimado não fora por fraqueza do Verbo que o inabitava, e sim para ser nele destruída a morte por virtude do Salvador.

27. 1. Prova notável e testemunho evidente da destruição da morte e de representar a cruz a vitória por ele obtida sobre a morte, já sem vigor, verdadeiramente morta, é a seguinte: Todos os discípulos de Cristo a desprezam, marcham contra ela, sem temor, e pelo sinal da cruz e a fé em Cristo, calcam-na aos pés, como a um cadáver.

2. Outrora, antes do advento divino do Salvador, os defuntos eram chorados porque destinados à corrupção. Entretanto, após ter o Salvador ressuscitado seu corpo, ela cessou de ser pavorosa. Os fiéis de Cristo calcam-na aos pés como um nada, e preferem morrer a renegar a fé em Cristo. Estão cientes de que ao falecerem não perecem, mas vivem, e a ressurreição os fará incorruptíveis.

3. E o diabo, que outrora pela morte insultava malignamente os homens, agora, uma vez supressas as dores da morte (cf. At 2,24) é o único verdadeiramente morto. Comprova tal afirmação o seguinte fato: Antes de crerem em Cristo, os homens olhavam a morte qual coisa terrível e dela tinham pavor. Ao contrário, uma vez acolhidas a fé e a doutrina, de tal modo desprezam a morte que se lançam ardorosamente para ela, e tornam-se testemunhas da vitória do Salvador sobre a morte através da ressurreição. Apesar da idade, as crianças apressam-se para a morte, exercitam-se para ela não somente homens, mas também mulheres. A morte de tal forma se enfraqueceu que as próprias mulheres, outrora por ela iludidas, riem-se dela, como de ser inanimado e inerme. Se um tirano, vencido por rei valoroso, acha-se ligado de mãos e pés, os transeuntes dele zombam, batem-no, maltratam-no, sem qualquer receio de sua raiva e crueldade, por causa do rei vencedor; assim também a morte, uma vez vencida e desonrada pelo Salvador, de mãos e pés amarrada, é pisoteada pelos que caminham em Cristo os quais lhe prestando testemunho, zombam da morte e insultam-na, repetindo as palavras da Escritura: “Morte, onde está a tua vitória? Inferno, onde está o teu aguilhão?” (1Cor 15,55).

28. 1. Seria prova insignificante da fraqueza da morte? Ou demonstração falha da vitória alcançada sobre elas pelo Salvador o fato de que crianças e jovens em Cristo menosprezam a vida presente, prontas para morrer?

2. O homem naturalmente receia a morte e a decomposição do corpo. Coisa estupenda! Quem se revestiu da fé na cruz, despreza este sentimento natural, e por causa de Cristo não tem medo da morte.

3. O fogo tem naturalmente a propriedade de queimar: mas conta-se que existe uma matéria que não teme a labareda do fogo, mas lhe demonstra antes a fraqueza, como se diz do amianto dos

indianos; e se alguém, permanecendo cético diante deste propósito, quer fazer a experiência do que foi dito, revestirá a substância não-inflamável e se lançará ao fogo, e doravante crerá imediatamente na fraqueza do fogo.

4. Ou se alguém deseja ver o tirano aprisionado, deve necessariamente fazer-se presente no país e no reino do vencedor, para ver privado de sua força aquele que os outros temiam. Semelhantemente, se alguém é incrédulo, mesmo após provas importantes, após tantos mártires suscitados no Cristo, após a derisão preparada cotidianamente à morte por aqueles que se honram no Cristo; se ele hesita ainda a se pronunciar a respeito da destruição da morte e de seu fim, faz bem de se admirar de semelhante coisa, contanto que não se endureça na descrença e que não tenha a imprudência de negar os fatos tão evidentes.

5. Mas como aquele que usou o amianto reconhece que este é não-inflamável, e aquele que quer ver o tirano aprisionado passe no reino do vencedor, do mesmo modo aquele que não crê na vitória sobre a morte, que receba a fé do Cristo, e se põe à sua escola: ele verá a impotência da morte e a vitória alcançada sobre ela. Numerosos são aqueles que permaneceram, de início, incrédulos e zombeteiros, depois se tornaram crentes e desprezaram a morte a ponto de se tornarem mártires de Cristo.

29. 1. Mas se, graças ao sinal da cruz e à fé no Cristo, a morte é calcada aos pés, é manifesto ao julgamento da verdade que nenhum outro senão Cristo em pessoa não alcançou estes trofeus e estas vitórias contra a morte, e que ele a reduziu à impotência.

2. Se a morte atormentava, no começo, e por isso era temível, mas que no presente, após a vinda do Salvador, a morte de seu corpo e sua ressurreição, esta morte se encontra desprezada, é visível que ela foi arruinada e vencida pelo Cristo elevado sobre a cruz.

3. Quando, após a noite, o sol aparece e ilumina toda a face da terra, não há nenhuma razão de duvidar que este sol que espalha por toda parte a luz, é também aquele que expulsou as trevas e tudo iluminou. Assim, pois que a morte é desprezada e calcada aos pés desde a manifestação salutar do Salvador no corpo e sua morte sobre a cruz, é evidente que é o mesmo Salvador, que apareceu num corpo, destruiu a morte e cada dia faz ver em seus discípulos, seus trofeus contra ela.

4. Com efeito, ao notar que homens, naturalmente fracos, lançam-se na morte, sem se deixarem intimidar pela corrupção do túmulo, nem temerem a descida aos infernos, e além disso desejarem ardentemente a morte, sem temor das torturas e por Cristo preferirem à vida presente, esse impulso para a morte, quando se observam homens e mulheres, jovens e crianças acorrerem rapidamente à morte, pela fé em Cristo, quem seria bastante tolo ou incrédulo, quem teria espírito tão cego para não compreender e refletir que é Cristo, a quem esses prestam testemunho, quem dá e obtém para cada um a vitória sobre a morte, destruindo seu poder em cada um dos que nele têm fé e trazem o sinal da cruz?

5. Quem vê uma serpente calcada aos pés, sobretudo se conhece sua anterior crueldade, não duvida de que esteja morta, ou tenha perdido as forças, a menos que se trate de perturbado mental, ou que nem mesmo seus sentidos corporais estejam sadios. Quem ainda, ao ver crianças desafiarem um leão, não compreenderá que ele está morto e perdeu o vigor?

6. Vê-se com os próprios olhos que tal é a realidade. Assim, se os fiéis em Cristo desafiam e desprezam a morte, ninguém duvide nem recuse crer ter Cristo aniquilado a morte, cortando e arruinando a corrupção.

30. 1. Nossas palavras contêm prova ponderável de ter sido eliminada a morte e constituir a cruz do Senhor troféu contra ela. Cristo, Salvador comum e verdadeira Vida, ressuscitou seu corpo, doravante imortal. A demonstração extraída dos fatos é mais clara que todos os discursos para os que conservam em bom estado os olhos espirituais.

2. Se, conforme as conclusões de nossa reflexão, a morte foi eliminada e todos por Cristo a pisoteiam, com maior razão ele próprio, em seu corpo, calcou-a aos pés e a venceu. Se a morte por ele pereceu, que lhe restava senão ressuscitar o corpo, qual troféu de vitória? Como apareceria a derrota da morte se o corpo do Senhor não tivesse ressuscitado? Se não se julgar ser esta demonstração suficiente da ressurreição, é possível confirmar nossas palavras por fatos evidentes.

3. Um morto nada mais pode fazer. Sua lembrança vai até o túmulo e logo se extingue. Aos vivos somente pertencem ação e influência sobre os homens. A quem quiser é possível essa constatação; se julgar de acordo com o que vê, confessará que é verdade.

4. Se o Salvador de tal forma age entre os homens e invisivelmente persuade todos os dias, em toda a parte, grande multidão de gregos e bárbaros a nele crer e a escutar sua doutrina, como seria possível ainda hesitarmos e perguntarmos se o Salvador ressuscitou, se Cristo está vivo, ou melhor, se ele é a própria Vida?

5. Seria um morto capaz de penetrar no coração dos homens, fazer com que renegassem as leis de seus pais, e abraçassem a doutrina de Cristo? Ou se não age, o que é próprio de defunto, como pode fazer com que homens vivos e ativos parem de agir, o adúltero cesse de adulterar, o homicida deixe de assassinar, o injusto desista de sua cupidez, o ímpio se transforme em piedoso? Se Cristo não ressuscitou, se não passa de defunto, como consegue expulsar, perseguir, derrubar os falsos deuses que os ímpios afirmam serem vivos e os demônios por eles adorados?

6. Nomeiem-se Cristo e a fé nele e logo a idolatria é arruinada, as ilusões demoníacas são refutadas. Demônio algum suporta este nome; basta ouvi-lo e é afugentado. Tudo isso não é obra de morto; ao contrário, é próprio de vivo e até mesmo de Deus.

7. Aliás, seria ridículo afirmar serem vivos os demônios por ele afugentados, os ídolos derrubados e declarar morto quem os expulsa, por seu poder fá-los desaparecer e é reconhecido por todos como Filho de Deus.

31. 1. Levantam contra si mesmos grave argumento os que recusam crer na ressurreição, se os demônios e deuses por ele adorados não perseguem esse Cristo que eles asseveram estar morto; mas ao invés, é Cristo quem comprova estarem todos eles mortos.

2. É verdade que um morto nada pode fazer; no entanto, o Salvador opera diariamente tantos prodígios, atrai à piedade, persuade à prática da virtude, ensina a imortalidade, conduz ao desejo do céu, revela o conhecimento do Pai, inspira força contra a morte, mostra-se a cada um e destrói a impiedade dos ídolos. Tais coisas não fazem os deuses e demônios dos infiéis, enquanto, ao invés, apenas a presença de Cristo faz deles uns mortos, que apenas têm aparência vã e oca, pois o sinal da cruz elimina toda magia, reduz a nada os encantamentos. Os ídolos são abandonados e menosprezados, cessam os prazeres desordenados e todos olham da terra para o céu. De quem se afirmará que está morto? Cristo, que fez tudo isso? Mas, um morto não age. Ou se trata de alguém que não tem atividade alguma, jaz inanimado? Tal é o caso dos demônios e dos ídolos, semelhantes a seres mortos.

3. O Filho de Deus, porém, vivo e atuante (cf. Hb 4,12) opera cada dia, realizando a salvação de todos. Entretanto, a morte está condenada a perder cada dia mais seu vigor, os ídolos e os demônios assemelham-se cada vez mais a seres mortos, e ninguém pode mais ficar na incerteza sobre a ressurreição do corpo de Cristo.

4. Se alguém recusasse crer na ressurreição do corpo do Senhor, mostraria ignorar o poder do Verbo, da Sabedoria de Deus. Se o Verbo assumiu corpo e fê-lo seu de modo conseqüente e racional, conforme demonstrou nossa exposição, que havia de fazer o Senhor de seu corpo? Ou qual devia ser o fim desse corpo em que o Verbo entrara? Impossível não morrer, por ser mortal e haver sido entregue

à morte pela salvação de todos; era justamente para isso que o Salvador o plasmara. Permanecer na morte, porém, não era possível ponderando-se que se tornara o templo da Vida. Assim, morreu, enquanto ser mortal, mas ressurgiu por causa da vida que nele estava, e suas obras são o sinal de sua ressurreição.

32. 1. Quem recusar crer na ressurreição porque não o vê, cuide de que neguem também os incrédulos o que está na natureza das coisas. Pois, é próprio de Deus ser invisível, mas através das obras dá-se a conhecer, segundo mencionado mais acima.

2. Se as obras não existem, eles têm razão de não acreditar no que é invisível. Mas, se estas obras clamam e claramente o demonstram, por que negam propositadamente a vida revelada com tamanha evidência pela ressurreição? Se têm o espírito obcecado, ao menos verifiquem com os sentidos externos o incontestável poder de Cristo e sua divindade (Rm 1,20).

3. O cego não vê o sol, mas ao menos recebe seu calor, sabe que existe um sol acima da terra. De forma semelhante, nossos contraditores, que não querem crer, cegos no cume do espírito em relação à verdade, ao menos ao notarem com que força os outros crêem, não neguem a divindade de Cristo e a ressurreição de que é autor.

4. É evidente que se Cristo estivesse morto, não afugentaria os demônios, nem despojaria os ídolos. Os demônios não obedeceriam a morto. Como basta seu nome para visivelmente pô-los em fuga, é claro que não está morto, tanto mais que os demônios, vendo o que os homens não vêem, podem verificar se Cristo é defunto e não lhe obedecerem.

Agora, porém os demônios vêem o que os ímpios não crêem, que ele é Deus. Por isso, todos fogem, caem a seus pés, repetindo as frases que gritavam quando ele ainda estava nesta vida: “Sei quem tu és: O Santo de Deus” (Lc 4,34), e ainda: “Que existe entre mim e ti, Filho de Deus? Peço-te que não me atormentes” (Mc 5,7; cf. Lc 8,26).

6. Uma vez que os demônios o reconhecem e suas obras atestam a seu favor todos os dias, é claro — e ninguém devia resistir com impudência à verdade — que o Salvador ressuscitou seu próprio corpo e que é o verdadeiro Filho de Deus. De Deus saiu, como Verbo nascido do Pai, Sabedoria e Poder, que assumiu nos últimos tempos um corpo em prol da salvação de todos e ministrou à terra inteira ensinamentos acerca do Pai, destruiu a morte, deu a todos a graça da incorruptibilidade, prometendo a ressurreição, ressuscitando seu corpo qual primícias e exibindo-o qual troféu da vitória sobre a morte e a corrupção, pelo sinal da cruz.

CAPÍTULO V

CONTRA OS JUDEUS INCRÉDULOS TESTEMUNHAS DA ENCARNAÇÃO DE CRISTO

33. 1. Assim sendo, após clara demonstração da ressurreição do corpo do Salvador e da vitória alcançada sobre a morte, refutemos agora a incredulidade dos judeus e a zombaria dos gregos.

2. Em oposição a esses fatos, os judeus recusam crer e ridicularizam os gregos, puxando para cá e para lá o que a cruz e a encarnação do Verbo de Deus apresentam de menos adequado. Não deixarei, contudo, de dirigir minha exposição contra uns e outros, tanto mais que possuo contra eles argumentos convincentes.

3. Os judeus incrédulos encontrariam comprovação nas Escrituras, a cuja leitura também eles se dão. Do começo ao fim, o livro inspirado todo inteiro clama estas realidades, segundo revelam suas próprias palavras. Os profetas, há muito, anunciavam o milagre da Virgem e do menino que dela nasceria: “Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e por-lhe-á o nome de Emanuel” (Is 7,14;

Mt 1,23), que significa: Deus conosco.

4. Moisés, realmente grande, cuja veracidade reconheciam os judeus, aprecia de igual modo como sendo das maiores coisas as palavras proferidas sobre a encarnação do Salvador, e tomando-as como tais, cita-as em seus livros: “Um astro procede de Jacó, um homem se levanta, procedente de Israel. E esmaga os príncipes de Moab” (Nm 24,17b). E ainda: “Como são formosos as tuas moradas, ó Jacó, e as tuas tendas, ó Israel! Como vales sombreados, e como jardins ao lado de um rio e como tendas que o Senhor levantou, como cedros junto às águas! Um herói surge na sua descendência, e domina sobre muitos povos” (Nm 24,5-7a) E ainda Isaías: “Porque, antes que a criança saiba dizer ‘papai’ e ‘mamãe’, as riquezas de Damasco e os despojos de Samaria serão levados para o rei da Assíria” (Is 8,4b).

5. Palavras proféticas acerca de seu aspecto humano. Mas os profetas prenunciam ser ele o Senhor de todos, nesses termos: “O Senhor, montado em uma nuvem veloz, vai ao Egito. Os deuses do Egito tremem diante dele” (Is 19,1) De lá, com efeito, é que o Pai o chama novamente do Egito: “Do Egito chamei o meu Filho” (Mt 2,15; Os 1,1).

34. 1. Sua morte também não passou sob silêncio, mas foi distintamente indicada nas Sagradas Escrituras. No intuito de que ninguém o ignorasse, permanecendo em erro, os profetas não hesitaram declarar nem mesmo a causa desta morte, que não padeceu por si mesmo, mas para a imortalidade e salvação de todos, nem de narrar as ciladas dos judeus e os ultrajes infligidos por eles.

2. Assim se expressam: “Um homem sujeito à dor, familiarizado com a enfermidade, sua face foi objeto de aversão; desprezado, não se fazia caso dele. E, no entanto, eram os nossos pecados que ele levava sobre si, as nossas dores que ele carregava. Nós o tínhamos como sofredor, ferido e humilhado. Mas ele foi ferido por causa de nossas transgressões e esmagado em virtude das nossas iniquidades. O castigo que havia de trazer-nos a paz caiu sobre ele, sim por suas feridas fomos curados” (Is 53,3b-5). Admira a filantropia do Verbo, que aceita ultrajes por nossa causa, a fim de sermos honrados. “Todos nós, como ovelhas, andávamos errantes, seguindo cada um o seu próprio caminho; mas o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós. Foi maltratado, mas não abriu a boca, como cordeiro conduzido ao matadouro, como ovelha que permanece muda na presença de seus tosquiadores ele não abriu a boca. Em sua humildade seu julgamento foi retirado”(At 8,32s).

3. Enfim, para não passar por homem vulgar, devido a seus sofrimentos, a Escritura previne os pensamentos dos homens e dá a conhecer sua natureza e seu poder, diversos dos nossos, dizendo: “Quem contará sua geração? Foi cortado da terra dos vivos, foi conduzido à morte por causa da transgressão do seu povo. Deram-lhe sepultura com os ímpios, e o seu túmulo está com os ricos, se bem que não houvesse praticado violência nem houvesse engano em sua boca. Mas o Senhor quis curá-lo de suas feridas” (Is 53,8b-10a).

35. 1. Mas, talvez após ter ouvido a profecia sobre sua morte, queiras saber o que foi prenunciado sobre a cruz. Pois, ela também não passou sob silêncio, mas foi brilhantemente destacada pelos santos.

2. Moisés foi o primeiro a anunciá-la com grandes clamores: “Tua vida penderá diante de teus olhos por um fio, e não acreditarás” (Dt 28,66).

3. Depois dele, também os profetas deram testemunho: “Mas eu como cordeiro manso que é levado ao matadouro, não sabia; eles tramavam planos contra mim: ‘Vinde, coloquemos madeira em seu pão, arranquemo-lo da terra dos vivos’ ” (Jr 11,19a).

4. E ainda: “Traspassaram as minhas mãos e os meus pés, contaram todos os meus ossos; repartiram entre si as minhas vestes, e sobre a minha túnica lançaram sorte” (Sl 21,17s).

5. Esta morte por suspensão num madeiro só podia ser a da cruz; e em nenhum outro gênero de

morte mãos e pés se traspassam a não ser no da cruz.

6. E como pelo advento do Salvador todas as gentes começaram a reconhecer o Senhor, nem isso a Sagrada Escritura deixou de citar, mas o relembra nesses termos: “Ele será a raiz de Jessé, que se ergue para governar os povos; nele esperarão as nações” (Is 11,10; Rm 15,12). Estas poucas palavras bastam para demonstração dos fatos.

Desenvolvimento oratório sobre estas testemunhas

7. A Escritura inteira, efetivamente, acha-se repleta de traços a refutarem a incredulidade dos judeus. Entre os justos mencionados nas divinas Escrituras, os santos profetas, os patriarcas, houve algum que tenha nascido somente de virgem? Ou que mulher basta, sem concurso de marido, para dar à luz um homem? Acaso Abel não nasceu de Adão, Enoc de Jared, Noé de Lamec, Abraão de Taré, Isaac de Abraão e Jacó de Isaac? Judá de Jacó, Moisés e Aarão de Amram? Samuel não nasceu de Elcana, Davi de Jessé, Salomão de Davi, Ezequias de Acaz, Josias de Amós, Isaías de Amós, Jeremias de Helcias, Ezequiel de Buzi? Na origem de cada um deles não houve pai? Qual nasceu somente de virgem? Ora, o profeta cuidadosamente indicou este sinal.

8. De quem um astro anunciou nos céus e proclamou à terra inteira seu nascimento? Moisés, ao nascer, foi escondido pelos pais. De Davi até mesmo os vizinhos não tinham ouvido falar, pois o grande Samuel não o conhecia e perguntou se havia ainda outro filho de Jessé. Abraão só depois de adulto foi notado pelos mais próximos. Mas, Cristo, ao nascer, não teve apenas o testemunho de um homem e sim de um astro que apareceu no céu, donde ele próprio descera.

36. 1. Qual o rei que antes de poder chamar ‘papai’ e ‘mamãe’ (cf. Is 8,4) começou a reinar e alcançou troféus contra os inimigos? Davi não começou a reinar aos trinta anos, e Salomão, já rapaz? Não tinha Joás sete anos ao começar a reinar (cf. 2Rs 12,1) e Josias, mais novo ainda, pelos sete anos, não recebeu o poder? (cf. 2Rs 22,1) Mesmo os que, porém, já haviam atingido tal idade, podiam chamar o pai e a mãe.

2. Quem, pois, quase antes de nascer reina e despoja os inimigos? Os judeus, que perscrutam as Escrituras, digam-me qual o rei de Israel e de Judá em quem todas as nações depositaram sua esperança e com ele mantinham a paz? Ao invés, não eram elas antes inimigas?

3. Enquanto Jerusalém subsistia, faziam-lhe guer-ra sem tréguas. Combatiam todas contra Israel. Os assírios a oprimiam, os egípcios a perseguiam, os babi-lônios a invadiam. E coisa espantosa, os sírios, seus vizinhos eram também adversários. Davi não guerreava os moabitas, e não talhava em peças os sírios, Josias não se precavia de seus vizinhos, e Ezequias não temia a jactância de Senaquerib? Amalec não lutou com Moisés, a quem eram hostis também os amorreus? Os habitantes de Jericó não combateram contra Josué, filho de Nun? E em geral, na falta de verdadeiras tréguas, houve acaso amizade entre as nações e Israel? Será bom verificar em quem, pois, as nações depositam sua esperança. Deve existir alguém, pois é impossível que os profetas tenham mentido.

4. Qual, então, o santo profeta ou santo patriarca que morreu na cruz pela salvação de todos? Quem foi ferido e morto para a cura de todos? Qual dos justos ou dos reis desceu ao Egito, a fim de derrubar, por ocasião de sua chegada, os ídolos dos egípcios? Abraão desceu, e no entanto, a idolatria em geral exercia seu império. Foi lá que Moisés nasceu; todavia, a superstição ali reinava.

37. 1. Qual dentre os mencionados pela Escritura teve mãos e pés traspassados, ou pendeu de fato do madeiro e morreu na cruz pela salvação de todos? Abraão acamou-se e morreu; Isaac e Jacó também juntaram os pés no leito e morreram. Moisés e Aarão faleceram no monte. Davi, em casa, e não

sucumbiu às conjurações do povo. Sem dúvida, fora perseguido por Saul, mas escapou incólume. Isaías foi cortado ao meio, mas não pendeu do lenho. Jeremias foi coberto de injúrias, não foi, contudo, condenado à morte. Ezequiel não sofreu por causa da plebe, mas por anunciar o que aconteceria ao povo.

2. Conseqüentemente, todos esses que assim padeceram eram homens, semelhantes por natureza aos outros. Aquele, porém, cujos sofrimentos foram prenunciados nas Escrituras não é simplesmente homem, mas diz-se que é a Vida de todos, embora por natureza semelhante aos homens. “Tua vida penderá diante de teus olhos por um fio”, diz a Escritura (Dt 28,66); e ainda: “Quem contará sua geração?” (Is 53,8). É possível ter notícia da geração de todos os santos e contar desde o começo o que foi cada um deles, e onde nasceu; mas a Palavra de Deus indica ser inenarrável a geração do que é a própria Vida.

3. A quem, pois, assim as Sagradas Escrituras se referem? Quem é este ser tão grande do qual os profetas anunciam coisas tão prodigiosas? Nenhum outro se encontra enquanto tal nas Escrituras, a não ser nosso Salvador comum, o Verbo de Deus, nosso Senhor Jesus Cristo. É procedente da Virgem, apareceu qual homem na terra aquele cuja geração segundo a carne é inenarrável. Com efeito, não se lhe atribui um pai segundo a carne, porque seu corpo não provém de homem e sim apenas de virgem.

4. Não é difícil traçar a genealogia dos antepassados de Davi, de Moisés e dos patriarcas; ao invés, ninguém pode narrar, como se fosse originária de um homem, a geração do Salvador, segundo a carne. Foi ele quem fez um astro anunciar o nascimento de seu corpo; forçoso era, uma vez que o Verbo descia do céu, houvesse também um sinal do céu. A chegada do rei da criação precisava ser claramente noticiada por toda a terra.

5. Sem dúvida, nasceu na Judéia, entretanto persas vieram adorá-lo. Mesmo antes de sua aparição corpo, devia alcançar a vitória contra os demônios, seus adversários, e obter os troféus contra a idolatria. Podemos observar com os nossos próprios olhos como, por toda parte os povos abjuram aos costumes de seus pais e a impiedade dos ídolos, depositando de então em diante a confiança em Cristo e sendo contados entre os seus.

6. A impiedade dos egípcios não cessou a não ser quando o Senhor do universo, levado, por assim dizer, sobre uma nuvem e vindo corporalmente para o meio deles, reduziu a nada o erro da idolatria, e reconduziu os homens a si e por seu intermédio ao Pai.

7. Foi ele quem, à luz do sol, diante de toda a criação e dos que o matavam, foi crucificado; sua morte trouxe salvação universal e a criação inteira foi redimida. Ele é a Vida de todos e qual ovelha entregou o corpo à morte, em resgate pela salvação de todos, mesmo se os judeus continuam incrédulos.

Outras testemunhas e reflexões sobre os milagres de Cristo

38. 1. Se tudo isso não lhes basta, deixem-se persuadir por outros textos de que eles mesmos dispõem. A quem se referem os profetas nesses termos: “Consenti em ser buscado pelos que não perguntavam por mim, consenti em ser encontrado pelos que não me procuravam. A uma nação que não invocava o meu nome eu disse: ‘Eis-me aqui!’ Todos os dias estendi as mãos a um povo desobediente e rebelde?” (Is 65,1-2; Rm 10,20-21).

2. Quem, pois, se revelou? Seja referido aos judeus! Se é do profeta que se trata, digam eles quando se escondeu para logo em seguida se mostrar! Quem é, portanto, esse profeta, que de invisível se tornou visível e estendeu as mãos na cruz? Nenhum dos justos, mas somente o Verbo de Deus, por natureza incorpóreo, fez-se por nossa causa visível corporalmente e por nós sofreu.

3. E se isto não lhes é suficiente, outros testemunhos causem-lhes confusão, com manifesta refutação. Pois, diz a Escritura: “Fortalecei as mãos abatidas, revigorai os joelhos cambaleantes. Dizei aos corações conturbados: ‘Sede fortes, não temais.’ Eis que o vosso Deus vem para vingar-vos, ele vem para salvar-nos. Então abrir-se-ão os olhos dos cegos e os ouvidos dos surdos se desobstruirão; então o coxo saltará como o cervo e a língua dos surdo-mudos será ágil” (Is 35,3-6). Que replicar diante disso ou como encarar esses fatos? A profecia assinala a vinda de Deus, os milagres revelam a época de sua chegada. Que os cegos vejam, os coxos andem, os surdos ouçam e a língua dos mudos se torne ágil, tudo isso os profetas referem à vinda do Senhor. Digam-nos quando tais sinais se produziram em Israel, onde tal aconteceu na Judéia?

5. Naaman, o leproso, foi curado, mas não houve surdo que ouvisse, nem coxo que andasse. Elias e Eliseu ressuscitaram mortos, mas não houve cego de nascença que recuperasse a vista. Certamente, grande milagre é ressuscitar um morto, mas o portento operado por eles não foram tão grandes quanto os que o Senhor realizou. E se a Escritura não omitiu a cura do leproso, nem a ressurreição do filho da viúva, sem dúvida se houvesse acontecido antes que um coxo andasse ou um cego visse, a Palavra de Deus não teria deixado de publicar também esses fatos. Visto que não há referências da Escritura a esse respeito, é claro que tais milagres não se haviam produzido anteriormente.

6. Quando, então, sucederam, senão quando o próprio Verbo de Deus apareceu corporalmente? Quando, pois, veio ele, senão quando os coxos andaram, os mudos falaram com desembaraço, os surdos ouviram, os cegos de nascença viram claramente? Por essa razão, os judeus que o constataram e jamais haviam ouvido falar de fatos idênticos, diziam: “Jamais se ouviu dizer que alguém tenha aberto os olhos a cego de nascença. Se este homem não fosse de Deus, nada poderia fazer” (Jo 9,32-34).

39. 1. Talvez, incapazes de resistir diante da evidência, não negarão as Escrituras, entretanto assegurem que ainda esperam o Verbo, que é Deus, e ainda não veio. Eis o que eles repetem à porfia, sem saírem de sua ousada oposição aos fatos evidentes. Mas aqui também serão refutados, não por nós, mas por Daniel, que era muito prudente, e anuncia a época atual e o advento divino do Salvador, nesses termos: “Setenta semanas foram fixadas para o teu povo e a tua cidade santa para fazer cessar a transgressão e lacrar os pecados, para expiar e perdoar a iniquidade e instaurar justiça eterna, para selar visão e profeta e para ungir o santo dos santos. Ficarás sabendo, pois, e compreenderás isto, desde a promulgação do decreto sobre o retorno e a reconstrução de Jerusalém até o reino do Ungido” (Dn 9,24-25).

3. Talvez pudessem encontrar pretextos nos outros profetas, e atribuir ao futuro o que foi escrito. Mas, que poderão dizer ou contrapor a este texto? Nele se indica o Cristo, não se anuncia o Ungido somente como homem, mas como o santo dos santos. Jerusalém subsiste até a sua vinda, e em seguida cessam em Israel profeta e visão.

4. Outrora tinham sido ungidos Davi, Salomão e Ezequias; mas então Jerusalém e o lugar santo subsistiam, e profetizavam Gad, Asaf, Natan, e após estes, Isaías, Oséias, Amós e outros profetas. Além disso, os ungidos eram denominados homens santos, e não: santo dos santos.

5. Se, porém, apresentarem como objeção o cativo e que por causa deste Jerusalém não mais existia, que dirão acerca dos profetas? Com efeito, ao ser outrora o povo levado para Babilônia, viviam Daniel, Jeremias e Ezequiel, Ageu e Zacarias profetizavam.

40. 1. Pura invenção dos judeus, portanto, que transferem para o futuro fatos presentes. Quando cessaram em Israel profeta e visão, a não ser quando apareceu o santo dos santos, o Cristo? Sinal e marca considerável da presença do Verbo de Deus era não subsistir Jerusalém, não surgir profeta

algum, nem revelação por meio de visão. E era perfeitamente exato.

2. Pois, tendo chegado o que os sinais prenunciavam, que necessidade ainda havia destes sinais? Ao aparecer a realidade, para que ainda as sombras? Por esta razão, os profetas falaram até que chegasse a própria justiça, quem redime os pecados de todos. Jerusalém perdurou muito a fim de que os judeus ali considerassem as figuras da realidade futura.

3. Mas, agora, com a vinda do santo dos santos, precisamente foram seladas visão e profecia e o reino de Jerusalém deixou de existir. Seus reis foram ungidos até que fosse também ungido o santo dos santos. Moisés profetizou que o reino de Jerusalém duraria até esta vinda, com essas palavras: “O cetro não se afastará de Judá, nem o bastão de chefe de entre seus pés, até que o tributo lhe seja trazido e ele é a expectativa das nações” (Gn 49,10).

4. O próprio Salvador também exclamava: “Todos os profetas bem como a Lei profetizaram até João” (Mt 11,13). Se, portanto, agora ainda existem entre os judeus, rei, profeta e visão, eles têm razão de negar que Cristo tenha vindo; mas se não há mais rei, nem visão, se toda profecia está selada, se cidade e templo foram destruídos, por que são ímpios e transgressores a ponto de negar Cristo, causa desses eventos, apesar do que se passou? Por que, ao verificarem que os gentios abandonaram os ídolos e por meio de Cristo depositam esperança no Deus de Israel, eles renegam Cristo, oriundo segundo a carne da raiz de Jessé, a reinar de hoje em diante? Se os gentios adorassem outro Deus, sem confessar o Deus de Abraão, de Isaac, de Jacó e de Moisés, os judeus razoavelmente pretenderiam que Deus não veio.

5. Entretanto, se o Deus adorado pelos gentios é idêntico ao que deu a Lei a Moisés, fez a promessa a Abraão, cujo Verbo os judeus rejeitaram, por que não o reconhecem, ou antes, por que recusam voluntariamente aceitar que o Senhor, renunciado pela Escritura, resplandeceu na terra inteira e se mostrou presente no corpo? De fato, diz a Escritura: “O Senhor é Deus: ele nos ilumina” (Sl 117,27a) e ainda: “O Senhor enviou sua Palavra para curá-los” (Sl 106,20) e novamente: “Não foi um mensageiro ou um anjo, mas a sua própria face que os salvou” (Is 63,9).

6. Seu estado assemelha-se ao de demente que veria a terra à luz do sol e negaria a existência do sol que a ilumina. O que restava fazer, se já viera aquele que esperavam? Chamar os pagãos? Mas, ele se antecipara neste chamado. Fazer cessar profeta, rei, visão? Também já haviam cessado. Denunciar a impiedade dos ídolos? De fato, denunciara e condenara. Aniquilar a morte? Ele a aniquilou.

7. Do que competia a Cristo fazer, o que não fez? Que falta ainda, para os judeus se regozijarem e recusarem crer? No entanto, se, como vimos, eles não têm rei, nem profeta, nem Jerusalém, nem sacrifício, nem visão, e não obstante, a terra inteira está cheia do conhecimento de Deus, e os gentios rejeitam a impiedade para buscarem o Deus de Abraão, por meio do Verbo, nosso Senhor Jesus Cristo, faz-se evidente, até aos mais ousados, que Cristo já veio, que para todos os homens brilha inteiramente sua luz, e ele lhes ministra a respeito do Pai ensinamento verdadeiro e divino.

8. Por este testemunho e outros mais, extraídos das divinas Escrituras, refutam-se as objeções dos judeus.

CAPÍTULO VI

CONTRA OS GREGOS FILÓSOFOS E IDÓLATRAS ARGUMENTOS DA RAZÃO: A CONVENIÊNCIA COSMOLÓGICA DA ENCARNAÇÃO

41. 1. Quanto aos gregos, é verdadeiramente espantoso como se riem das questões mais respeitáveis, obcecados também acerca de sua própria vergonha, que lhes passa despercebida, prestando culto a

ídolos de pedra e madeira.

2. Sentindo-nos à vontade na demonstração de nossa doutrina, confundi-los-emos com boas razões, sobretudo por fatos que constatamos. O que existe de estranho, de ridículo, entre nós? Afirmar que o Verbo realmente se manifestou corporalmente? Ora, se querem ser amigos da verdade, hão de reconhecer conosco que não se trata de evento tão estranho.

3. Se negam inteiramente a existência do Verbo de Deus, perdem tempo por zombarem do que ignoram.

4. Se assentem, contudo, que existe um Verbo de Deus, senhor do universo, que nele o Pai criou e por sua providência concede a todos os seres a luz, a vida, o ser, que reina sobre todos a ponto de ser possível perceber sua providência e por meio dele, o Pai, examina, por favor, se imperceptivelmente não caem no ridículo.

5. Os filósofos gregos asseveram ser o mundo um grande corpo,¹⁷ e é verdade. Efetivamente, notamos que caem sob o domínio dos sentidos o mundo e suas partes. Se, portanto, o Verbo de Deus acha-se no mundo material, e veio a todas e a cada uma de suas partes, porque seria espantoso e estranho afirmar que veio também a um ser humano?

6. Numa palavra, se é estranho que se tenha encarnado, seria também que viesse ao mundo e todos os seres recebessem de sua providência luz e movimento, uma vez que o universo é também corporal.

7. Conseqüentemente, se convém que ele venha ao mundo e seja percebido em todo o universo, também é conveniente que apareça com corpo humano, iluminado e movido por ele. Com efeito, o gênero humano é também parte deste todo. E se não se faz mister que esta parte sirva de instrumento ao Verbo para proclamar sua divindade, seria completamente estranho que se desse a conhecer no conjunto do cosmos.

42. 1. Considerando-se que o homem ilumina e move o corpo inteiro, quem julga estranho atinja a força do homem também um artelho, passaria por insensato, pois, apesar de conceder que o homem está e age no corpo inteiro, negaria estar também numa parte. De igual modo, quem concede e crê estar o Verbo de Deus presente no mundo inteiro, ser o universo iluminado e movido por ele, não se admira de que ilumine e mova um corpo humano.

2. Se eles acham não ser apropriado falar de aparição humana do Salvador, pelo fato de ser o gênero humano criado, feito do nada, vê que o estão excluindo também da criação, igualmente tirada do nada pelo Verbo.

3. Embora também a criação tenha sido produzida, e não seja de admirar que o Verbo nela se ache presente, de igual forma não se estranhe que esteja em corpo humano. Conforme concebem o universo, forçoso é que pensem a respeito das partes dele; e, conforme disse, o homem também é parte do universo.

4. Por conseguinte, não é inconveniente que o Verbo esteja num homem, e que tudo seja nele, e por ele iluminado, movido e vivificado, segundo asseveram até seus próprios autores: “É nele, com efeito, que temos a vida, o movimento e o ser” (At 17,28).

5. Em que, portanto, será ridículo afirmar que o Verbo se serve qual instrumento para sua manifestação, deste corpo no qual está? Se nele não se achasse, não poderia utilizá-lo. Começamos por conceder que ele se acha no todo e nas partes. Que há de incrível em que ele se manifeste nas partes onde se encontra?

6. Estando todo inteiro, por sua virtude, em cada um dos seres e em todos, e organizando tudo com largueza, se quisesse empregar o sol ou a lua, o céu ou a terra, a água ou o fogo, qual voz para se dar a conhecer a si e ao Pai, ninguém se admiraria, considerando que ele contém todas as coisas, e está

simultaneamente em cada parte, revelando-se de modo invisível. Assim também se a todo ser ordena e vivifica, e quer se dar a conhecer aos homens, nada de extraordinário que empregue corpo humano qual instrumento para manifestar a verdade, e revelar o Pai. Pois, a humanidade é também parte do todo.

7. A alma está difundida no homem todo e se manifesta numa parte do corpo, por exemplo, a língua, e ninguém afirma que a substância da alma com isso fica diminuída. Não se julgue indigno do Verbo, presente em todos os seres, utilizar-se de instrumento humano. Pois, segundo assegurei, se não convém que use o corpo como instrumento, igualmente não fica bem que esteja em todo o mundo.

43. 1. Por que, questionam eles, em lugar do homem, não se manifestou em outros seres mais nobres da criação? Por que não se serve de instrumento mais belo, como o sol, a lua, os astros, o fogo, o éter? Fiquem cientes de que o Senhor não veio somente para se exhibir, e sim para curar e ensinar os que sofriam.

2. Para se exhibir, bastava aparecer e surpreender os espectadores. Mas para curar e instruir, era insuficiente vir, precisando ainda de se pôr a serviço dos necessitados e aparecer de forma adaptada a suas carências, a fim de não perturbar a humanidade sofredora por excesso e não ser improfícua a manifestação divina.

3. Criatura alguma, senão o homem, equivocava-se no conhecimento de Deus. Pois, nem o sol ou a lua, o céu ou os astros, a água ou o éter, perturbam a ordem estabelecida, mas reconhecendo o Verbo, seu criador e rei, mantêm-se tais quais foram criados. Somente os homens se apartaram do bem, fizeram ídolos de nada em lugar da verdade e atribuíram a honra devida a Deus, o conhecimento de Deus, a demônios, a homens figurados em pedra.

4. Desta forma, sendo indigno da vontade de Deus desinteressar-se de tal situação, e visto que os homens não o percebiam presente a governar o mundo, assumiu qual instrumento uma parte do todo, o corpo humano, ao qual acedeu. Assim, os homens que não conseguiam conhecê-lo através do todo, não o desconheciam através de uma parte; uma vez que não podiam erguer os olhos ao poder invisível, ao menos podiam compreendê-lo e contemplá-lo num ser semelhante a si mesmos.

5. Homens como são, poderiam por meio de um corpo igual ao seu e pelas obras divinas corporalmente realizadas, conhecer mais rapidamente e mais de perto o Pai do Verbo, pela reflexão de não serem humanas e sim divinas, as obras realizadas.

6. E se acaso se lhes afigurar estranho dê-se o Verbo a conhecer pelas obras corporais, também espantoso será que se manifeste pelas obras operadas no universo. Estando embora no meio da criação, em nada participa dos seres criados, mas, ao invés são estes que participam de seu poder. De igual sorte, utilizando qual instrumento o seu corpo, em nada participa de condições corporais; ao invés, santifica o corpo.

7. Platão, tão admirado entre os gregos, disse que o autor do universo, vendo-o agitado pela tempestade e em perigo de soçobrar nas desigualdades, assentou-se ao leme da alma e veio socorrê-la, reparando todas as suas faltas. Por que admirar a asserção de que no seio da humanidade desnorteada o Verbo veio se estabelecer, aparecer como homem, a fim de salvá-la da tempestade por sua direção e sua bondade?

A conveniência física da encarnação

44. 1. Talvez eles, envergonhados, concedam tudo isso, tentando, porém declarar que se Deus quisesse instruir e salvar os homens, o fizesse por ato voluntário apenas, como outrora fizera, ao tirar os seres do nada, sem que o Verbo tocasse o corpo.

2. Provavelmente se responda a essa objeção da seguinte maneira: Outrora, nada existia e bastava um só ato da vontade e um propósito para criar o universo. Depois, contudo, que o homem foi feito e não se impunha fossem seres tirados do nada e sim a cura de seres já existentes, segue-se que o médico e salvador devia aproximar-se das criaturas, para curá-las. Por isso, ele se fez homem e empregou o corpo humano, qual instrumento.

3. Ao invés, se assim não devia acontecer, de que maneira havia de vir o Verbo, empregando um instrumento? De onde tomá-lo, senão dentre seres já existentes, necessitados do socorro da divindade, por meio de ser semelhante a eles? O nada não carecia de salvação e era suficiente apenas uma ordem. Mas, o homem já existia, entregue à corrupção e à ruína; fez-se mister, então, que o Verbo se servisse de instrumento humano e se estendesse a todas as coisas.

4. Em seguida, faz-se mister saber que a corrupção não se achava fora do corpo. Nele penetrara. Forçoso era que em vez da corrupção, a vida a ele se apegasse. A morte estivera no corpo, a vida também nele se instalasse.

5. Assim, se a morte fosse exterior ao corpo, a vida deveria ficar também de fora. Mas, uma vez que a morte se lhe unira, exercendo poder sobre ele, a vida precisava apegar-se ao corpo, a fim de que este, revestindo-se da vida, se livrasse da corrupção. De outro modo, se o Verbo se mantivesse fora do corpo e não dentro, a morte teria sido muito naturalmente vencida, por não possuir poder algum contra a vida. No entanto, a corrupção restaria no corpo no qual se sobrepusera.

6. Conseqüentemente, o Salvador devia se revestir de corpo, a fim que este, assim apegado à vida, cessasse de estar unido à morte, enquanto mortal; ao invés, revestindo a imortalidade e ressuscitado, perdurasse imortal. Revestido da corrupção, era impossível ressurgir sem revestir a vida. Além disso, como a morte não subsiste em si mesma, e sim num corpo, o Verbo revestiu corpo, para ir ao encontro da morte neste corpo e fazê-la desaparecer. Como, pois, teria o Senhor demonstrado ser a Vida, senão vivificando o que é mortal?

7. O fogo naturalmente consome a palha; afastada do fogo, não se queima, continua sendo palha, mas como tal tem medo das ameaças do fogo, pois naturalmente ele a consome. Se, contudo, a palha estiver bem revestida de amianto, o qual, diz-se, é incompatível com o fogo, a palha não mais teme o fogo, apoiada na segurança oferecida por este revestimento incombustível.

8. O mesmo se pode dizer relativamente ao corpo e à morte. Se o Verbo tivesse apartado a morte somente por uma ordem, o corpo, contudo, manter-se-ia mortal e corruptível, segundo a lei que rege os corpos. A fim de que tal não sucedesse, o corpo vestiu o Verbo incorpóreo de Deus. Assim, não receia mais a morte, nem a corrupção, uma vez que revestiu a vida e a corrupção desapareceu.

Conclusão: a razão dos efeitos universais da encarnação

45. 1. Foi, portanto, inteiramente plausível tivesse o Verbo de Deus assumido corpo e se servido de instrumento humano. Assim, vivifica o corpo e como na criação suas obras o revelam, ele opera no homem e por toda a parte se mostra, e nada priva de seu conhecimento e de sua divindade.

2. Repito o que disse mais acima: O Salvador assim procedeu, pois, uma vez que tudo enche com sua presença, igualmente plenifica todas as coisas com seu conhecimento. Segundo a Sagrada Escritura: “A terra ficará cheia do conhecimento do Senhor” (Is 11,9).

3. Se olhar alguém para o céu, verá a ordem nele reinante. Se for impossível olhar para lá, incline-se somente para o homem, e haverá de constatar por meio das obras o poder incomparável do Senhor sobre os homens, reconhecendo ser ele o único Verbo de Deus no meio dos homens. Se for alguém seduzido e aterrorizado pelos demônios, há de verificar que ele os expulsa e considerar que se trata do

dono deles. Se mergulhar na natureza das águas, julgando que são deuses, como os egípcios adoradores da água, notará ter sido a água transformada pelo Senhor e certificar-se-á de que é o criador das águas.

4. Se descer aos infernos, e admirar os heróis que para lá desceram e são venerados quais deuses, observará a ressurreição do Senhor e a vitória sobre a morte, pensando que mesmo entre eles Cristo é verdadeiro Senhor e Deus. O Senhor atingiu todas as partes da criação, libertou-as, desenganou-as de qualquer erro, conforme afirma Paulo: “Ele despojou os Principados e as Potências” e triunfou sobre a cruz (Cl 2,15), a fim de que doravante ninguém mais seja iludido, mas encontre em todo lugar o verdadeiro Verbo de Deus.

6. Ademais, o homem assim envolvido sempre e em toda parte, isto é, no céu, no inferno, no homem, na terra, vendo expandida sobre a terra a divindade do Verbo, não mais se engana acerca de Deus e adora a um só, e por meio dele conhece bem o Pai.

7. Provavelmente os gregos ficarão impressionados com estas boas razões; entretanto se julgarem insuficientes esses argumentos para confundi-los, acreditem em nossas palavras acerca de fatos a todos evidentes.

Recursos aos fatos: O fim da idolatria, da divinização e do reino dos filósofos

46. 1. Quando os homens começaram a abandonar o culto dos ídolos, a não ser depois que o Verbo de Deus veio para junto dos homens? Quando cessou aniquilada a adivinhação entre os gregos e por toda a parte, senão ao aparecer o Salvador da terra inteira?

2. Quando os pretensos deuses e heróis dos poetas foram pela primeira vez convencidos de não passarem de simples mortais, a não ser quando o Senhor ergueu o troféu contra a morte, e conservou incorrupto o corpo assumido, ressuscitando-o dentre os mortos?

3. Quando a fraude e a loucura dos demônios foi desprezada, senão na oportunidade em que o poder de Deus, o Verbo, Senhor de tudo e até dos próprios demônios, condescendendo com a fraqueza dos homens, surgiu na terra? Quando se começou a calcar aos pés a arte e ensinamentos mágicos, senão por ocasião do aparecimento do Verbo divino entre os homens?

4. Em resumo, quando a sabedoria dos gregos foi se enlouquecendo, a não ser ao aparecer na terra a verdadeira Sabedoria de Deus? Desde muito, a terra habitada e todos os lugares iludiam-se com o culto dos demônios e os homens julgavam não existirem outros deuses senão os ídolos. Agora, porém, por toda a terra os homens abandonam o culto supersticioso dos ídolos, refugiam-se em Cristo, adoram-no como Deus, e por ele conhecem o Pai, antes ignorado.

5. E, coisa admirável, enquanto existem milhares de cultos diferentes, cada país possui seus próprios ídolos e o que eles denominam Deus não é capaz de ir à região vizinha persuadir o povo dos arredores a adorá-lo, e apenas é cultuado em seu próprio domínio — (pois ninguém adora o deus mais próximo, mas cada qual conserva seu ídolo particular, acreditando ser ele o senhor dos demais) —, somente Cristo é um só e adorado por toda parte entre os povos. Cristo realiza o que não consegue fazer a fraqueza dos ídolos: persuadir os povos da vizinhança. Convence não somente os povos circunvizinhos, mas toda a terra a adorar um só e mesmo Senhor e por intermédio dele a Deus, seu Pai.

47. 1. Outrora, o mundo estava cheio de fraudes dos oráculos. Os oráculos de Delfos, de Dodona, da Beócia, da Lícia, da Líbia, do Egito, das Cabiras e a Pítia enchiam de admiração a imaginação dos homens. Agora, porém, desde que Cristo é anunciado por toda parte, esta loucura terminou e não existe mais adivinhos entre eles.

2. Antigamente também, os demônios impressionavam os homens, apossando-se previamente das fontes, dos rios, das estátuas de madeira ou de pedra. Seus sortilégios espantavam os simples. Agora, contudo, após a aparição divina do Verbo, acabaram essas fantasias. De fato, só pelo sinal da cruz, o homem afugenta estes artifícios.

3. Outrora, os homens consideravam deuses Zeus, Cronos, Apolo e os heróis, mencionados pelos poetas, adorando-os erroneamente. Agora, todavia, que o Salvador apareceu no meio dos homens, foi descoberta sua qualidade de homens mortais, e somente Cristo é acolhido entre os homens enquanto Deus do Deus verdadeiro, o Verbo-Deus.

4. Que dizer da magia, tão admirada entre eles? Antes do advento do Verbo, era todo-poderosa e atuante entre egípcios, caldeus, indianos e enchia de admiração os espectadores. Mas, pela presença da Verdade e a manifestação do Verbo, foi igualmente convencida de erro e reduzida inteiramente a nada.

5. Quanto à sabedoria helênica e às grandes frases dos filósofos, ninguém, a meu ver, carece de discurso sobre a questão, porque todos podem constatar a seguinte maravilha: enquanto os sábios da Grécia escreveram tanto, foram incapazes de persuadir até mesmos alguns de seus vizinhos a abraçarem a doutrina concernente à imortalidade e à vida virtuosa, Cristo com palavras simples e através de homens de linguagem inábil convenceu, por toda a terra, numerosas grupos humanos a desprezarem a morte e a pensarem na imortalidade, a rejeitarem as coisas transitórias, a olharem para a eternidade, a terem em conta de nada a glória terrena, pretendendo apenas a da imortalidade.

48. 1. Não constituem palavras ocas o que acabamos de proferir, pois a própria experiência atesta sua veracidade.

2. Quem quiser pode acercar-se para contemplar os sinais da virtude nas virgens de Cristo e nos jovens que se conservam puros e castos. Verá do coro imenso dos mártires, a fé na imortalidade.

3. Aproxime-se quem desejar prova de nossas afirmações e diante das fantasias demoníacas, das ilusões dos oráculos, dos portentos mágicos, faça uso desse sinal tão escarnecido entre eles, o sinal da cruz e apenas profira o nome de Cristo. Verá os demônios fugirem, calarem-se os oráculos, perecerem magia e feitiçaria.

4. Quem, qual é este Cristo, cujo nome e presença sempre obscurecem e aniquilam todas as coisas, sozinho é o mais forte e difunde no mundo inteiro seu ensinamento? Digam-no os gregos, que riem sem pudor.

5. Se é homem, como sozinho poderia se elevar acima de todos os seus deuses, e comprovar por seu poder que eles nada são? Se é mago, como é possível a mago destruir toda a magia, em vez de a fortalecer? Se houvesse vencido os magos, homens como são, se não tivesse triunfado a não ser de um só dentre eles, teriam podido pensar com razão que os superava por meio de arte superior.

6. Mas se a cruz de Cristo alcançou vitória sobre toda espécie de magia, até mesmo sobre o nome de magia, é evidente que mago não é o Salvador, de quem fogem os demônios invocados por outros magos, qual de um senhor?

7. Então, quem é ele? Digam-no os gregos que só cuidam de zombar. Talvez assegurem que foi demônio e daí provém sua força. Mas, com tal afirmação, tornam-se ridículos, por sua vez, e os nossos precedentes raciocínios deixam-nos suficientemente confundidos. Como pode ser demônio quem expulsa demônios?

8. Pois, se tivesse apenas exorcizado demônios, talvez se pudesse pensar que lhe vem do príncipe dos demônios o poder contra os subordinados deste último, conforme asseguravam os judeus, querendo ultrajá-lo (cf. Mt 9,34; Jo 8,48-52). Mas se apenas a invocação de seu nome exorciza e afugenta a loucura dos demônios, evidencia-se que nisso também eles se enganam e Cristo nosso

Senhor e Salvador não é, conforme eles opinam, potência demoníaca.

9. Assim, pois, se o Salvador não é simples homem, nem mago, nem demônio, e a sua divindade aniquilou e obnubilou as ficções dos poetas, as fantasmagorias dos demônios, a sabedoria dos gregos, evidencia-se e todos reconhecem que ele é verdadeiramente o Filho de Deus, Verbo, Sabedoria e Poder do Pai. Por isso, suas obras não são humanas e sim super-humanas e se fazem notórias como verdadeiramente oriundas de Deus, conforme os fatos e a comparação com as obras puramente humanas atestam.

49. 1. Terá jamais existido homem que plasmasse para si corpo, somente de uma virgem? Que homem jamais curou doenças tais quais o comum Senhor de todos curou? Quem supriu deficiência natural, e fez cego de nascença ver?

2. Esculápio foi divinizado pelos pagãos por ter exercido a medicina e aplicado plantas no tratamento de doenças corporais. No entanto, ele não as extraiu da terra, e sim as descobriu, por meio da ciência de que era dotado naturalmente. Que dizer do Salvador, o qual não apenas curou feridas, mas formou a natureza e reconstituiu a integridade corporal?

3. Heracles é adorado como deus pelos gregos, por ter combatido seus semelhantes e com astúcia eliminado monstros. Que dizer do Verbo, a expelir do corpo humano doenças, demônios e até a própria morte? Os gregos honram Dioniso porque ensinou aos homens a embriaguez, enquanto o verdadeiro Senhor e Salvador do mundo, por ter ensinado a temperança, é objeto de suas zombarias.

4. Sobre o assunto, basta. Que narrar acerca dos outros milagres operados pela divindade? Qual a morte que provocou escurecimento do sol e terremoto? Morrem os homens até hoje e desde o começo morreram. Quando tal maravilha se produziu por causa disso?

5. Ou melhor, para calar as obras realizadas corporalmente e mencionar somente as operadas após a ressurreição do corpo, quem jamais fez sua própria doutrina dominar de uma extremidade do mundo à outra e permanecer uma só e idêntica em toda parte, a ponto de se estender seu culto através da terra inteira?

6. E se Cristo, conforme sua opinião, é apenas homem e não Deus-Verbo, por que seus deuses não impedem que se espalhe seu culto pelas regiões onde eles habitam? Por que acontece o oposto, pois o advento do Verbo com sua doutrina põe termo ao culto e cobre de confusão a vã aparência dos deuses?

A expansão miraculosa e a força divina do ensinamento de Cristo

50. 1. Anteriormente existiram muitos reis e tiranos na terra. Contam os historiadores ter havido entre caldeus, egípcios e indianos, muitos sábios e magos. Qual dentre eles foi capaz, não digo após a morte, mas até mesmo durante a vida, de ter bastante poder para encher com seu ensinamento a terra inteira, e de afastar da superstição idolátrica tão grande multidão como nosso Salvador atraiu, apartando dos ídolos?

2. Os filósofos gregos escreveram muitos livros, compostos com eloquência e arte. Teriam sido tão convincentes quanto a cruz de Cristo? Seus sofismas até a morte conservaram força persuasiva. Mas durante a vida, o que aparentava força suscitava rivalidades, e suas discussões se transformavam até em contendidas.

3. O Verbo de Deus, porém (coisa espantosa!) ensinava com palavras bem simples e superou os mais hábeis sofistas, eliminando suas doutrinas. Atraiu todos a si e encheu suas igrejas. Mais admirável ainda, sofrendo a morte enquanto homem, confutou as eloqüentes palavras dos sábios sobre os ídolos.

4. Quem, de fato, por sua morte expulsou demônios? Quem morreu de forma mais temível para os

demônios quanto a de Cristo? Desde que se nomeia o Salvador, os demônios fogem. Quem eliminou as paixões da alma a ponto de transformar impudicos em castos, de fazer com que homicidas larguem da espada, de mudar tímidos em corajosos?

5. Quem persuadiu bárbaros, habitantes de regiões pagãs, a renunciarem ao furor e conceberem pensamentos de paz, senão a fé em Cristo e o sinal da cruz? Quem transmitiu aos homens fé na imortalidade quanto a cruz de Cristo e a ressurreição de seu corpo?

6. Apesar de todas as suas mentiras, os gregos não foram capazes de imaginar uma ressurreição de seus ídolos, nem de forma alguma pensar que o corpo pudesse reviver após a morte. Nisto, aliás, é possível aprová-los porque este pensamento convence de fraqueza a idolatria e oferece oportunidade a Cristo de se dar a conhecer a todos como Filho de Deus.

51. 1. Quem após a morte, ou até durante a vida, ensinou a virgindade e estimou não ser impossível aos homens a prática de tal virtude? Ora, o ensinamento de nosso Salvador e rei universal, Cristo, sobre o assunto, foi bastante poderoso para que até crianças antes de atingirem a idade legal, professassem a virgindade, superior à lei.

2. Quem pode percorrer tais distâncias e ir à busca dos citas, etíopes, persas, armênios, godos, dos que habitam, como se conta, a região além do Oceano, ou além da Hircânia, dos egípcios e caldeus, povos praticantes da magia, extremamente supersticiosos, de costumes selvagens, a fim de pregar-lhes a virtude, a continência, o abandono do culto idolátrico, conforme fez o Senhor de todos, o Poder de Deus, nosso Senhor Jesus Cristo?

3. Ele não somente pregou através de discípulos, mas ainda os dissuadiu interiormente da selvageria de seus costumes, do culto dos deuses de seus pais e, ao invés, induziu-os a reconhecê-lo e por seu intermédio adorar o Pai?

4. Outrora eles eram idólatras. Gregos e bárbaros guerreavam-se mutuamente, cheios de crueldade até para os de sua raça. Era impossível atravessar a terra ou o mar, sem uma espada à mão, por causa das lutas irreduzíveis entre eles.

Passavam a vida sob as armas, a espada lhes servia de bastão, de sustento, de único recurso. E no entanto, segundo mencionei acima, serviam os ídolos, sacrificavam aos demônios. No entanto, essa idolatria supersticiosa em nada se prestava à reforma de sua maneira de pensar.

6. Ao adotarem, porém, a doutrina de Cristo (então, coisa maravilhosa!), realmente compungidos no seu íntimo, renunciaram à crueldade dos assassinios, sem cogitar mais de guerra. Tudo entre eles tornou-se pacífico e nada mais desejavam que a amizade.

52. 1. Quem realizou tudo isso, aproximou pacificamente povos que se odiavam, senão o bem-amado do Pai, o Salvador comum, Jesus Cristo, que no seu amor tudo suportou por nossa salvação? Há muito profetizara a Escritura que ele traria a paz, nesses termos: “Quebrará as suas espadas, transformando-as em relhas, e suas lanças em foices. Uma nação não levantará a espada contra outra, nem se aprenderá mais a guerra” (Is 2,4).

2. Tal coisa não é incrível, pois ainda agora os bárbaros, de costumes naturalmente selvagens, que sacrificam a seus ídolos, enfurecem-se uns contra os outros e não toleram ficar uma hora desarmados de espadas.

3. Ao ouvirem, porém, a doutrina de Cristo, logo deixam a guerra e dedicam-se à agricultura. Em vez de com as mãos tomar da espada, estendem-nas para a oração. Em resumo, em vez de se guerrearem mutuamente, munem-se contra o diabo e os demônios e vencem-nos pela temperança e a virtude da alma.

4. Constitui sinal da divindade do Salvador o fato de que os homens dele aprenderam o que os

Ídolos não lhes haviam ensinado. Esta comprovação da fraqueza e nulidade dos demônios e ídolos não carece de importância. Conhecedores da debilidade humana, os demônios os incitavam outrora à guerra entre si, a fim de não suceder que, terminadas as contendas, dirigissem a luta contra os próprios demônios.

5. Assim, os discípulos de Cristo, que já não se combatem mutuamente, opõem-se aos demônios, por meio de costumes e ações virtuosas, afugentam-nos, escarnecem-lhe o chefe, o diabo. Na juventude, guardam a temperança, nas provações a paciência, nos sofrimentos a capacidade de suportar. Toleram as injúrias, desprezam as espoliações e o que é admirável, desdenham a própria morte e tornam-se mártires de Cristo.

53. 1. Acrescentemos ainda sinal mais admirável da divindade do Salvador. Jamais houve homem, mago, tirano, rei capaz de assumir tamanha empresa qual a de combater a idolatria e o exército dos demônios, a magia, a sabedoria grega, tão poderosa, ainda no auge do vigor, causa de geral admiração, capaz, digo, de se opor a todos, num só ataque, como o fez nosso Senhor, o Verbo de Deus verdadeiro? Refutava invisivelmente cada erro, só contra todos, afastando-os dos erros, de sorte que os adoradores dos ídolos agora calcam-nos aos pés, os admiradores dos magos queimam-lhes os livros, os sábios preferem a interpretação do evangelho a tudo.

2. Renunciam aos deuses antes adorados, e adoram aquele que ridicularizavam, Cristo crucificado, professando que é Deus. São expulsos os que eram tidos na conta de deuses, pelo sinal da cruz. O Salvador crucificado é proclamado por toda a terra Deus e Filho de Deus. Os próprios gregos rejeitam envergonhados os deuses que adoravam; e os que acolhem o ensinamento de Cristo levam vida mais honesta que a daqueles.

3. Se todas essas realidades, e outras semelhantes, não passam de coisas humanas, que se nos apresentem provas de que fatos idênticos sucederam outrora. Se evidentemente tais feitos não são próprios dos homens, e sim obras divinas, por que continuam tão ímpios os infiéis, sem aceitarem o Mestre que as operaram?

4. Erram tanto quanto os que não descobrem a Deus Criador por meio das obras criadas. Se tivessem crido na divindade por seu poder sobre todas as coisas, teriam igualmente visto que as obras operadas por Cristo corporalmente não são obras humanas, e sim do Salvador de todos, o Verbo de Deus. E se o tivessem reconhecido, segundo a palavra de Paulo: “Não teriam crucificado o Senhor da glória” (1Cor 2,8).

Conclusão: a universalidade efetiva da encarnação

54. 1. Se alguém quer ver a Deus, invisível por natureza, e que de forma alguma pode ser visto, há de apreendê-lo, conhecê-lo por suas obras. Igualmente quem não vê espiritualmente Cristo, vá se tornando ciente por meio de suas obras corporais, e examine se derivam de homem ou de Deus.

2. Se originárias de homem, ria-se delas; se, porém, não se trata de obras humanas, e sim de Deus, aceite, não se ria daquilo de que não se zomba. Ou melhor, admire-se de terem realidades divinas aparecido através de meios tão simples e de se ter a imortalidade, através da morte, estendido a todos; aprecie que a encarnação do Verbo nos tenha tornado notórios a providência universal e o Verbo de Deus, regente de coro e demiurgo.

3. Ele se fez homem para que fôssemos deificados; tornou-se corporalmente visível, a fim de adquirirmos uma noção do Pai invisível. Suportou ultrajes da parte dos homens, para que participemos da imortalidade. Com isso nenhum dano suportou, sendo impassível e incorruptível, o próprio Verbo e Deus.¹⁸ Mas, em sua própria impassibilidade guardou e preservou os homens sofredores, em prol dos

quais tudo isso suportara.

4. Numa palavra, as ações do Salvador se realizaram depois da encarnação, tais e tão grandes que os que pretenderem narrá-las não de assemelhar-se aos que contemplam a amplidão do mar, buscando contar-lhe as ondas. Da mesma forma com que não se abraça com o olhar o conjunto das ondas, pois à medida que elas chegam, superam a percepção de quem experimenta contá-las, também quem quisesse abranger as ações corporais de Cristo, nem pelo pensamento consegue apreendê-las, pois as que ultrapassam sua compreensão apresentam-se em maior número do que as que julga ter entendido.

5. É preferível não falar de tudo que vês, pois até mesmo uma só parte seria inexprimível, mas deves relembrar um ponto e admirar globalmente o todo. Pois o conjunto é igualmente admirável, e para onde quer que dirijas o olhar, ficas estupefacto divisando a divindade do Verbo.

Conclusão geral: exortação ao estudo da Escritura e à prática das virtudes

55. 1. Após tudo que dissertamos, aprende o que vem em seguida, tendo-o por princípio de todos esses discursos. Admira-te de que, por ocasião da aparição do Salvador, a idolatria não se desenvolve, mas o restante diminui e cessa progressivamente. A sabedoria dos gregos não progride, mas tende a desaparecer. Os demônios não mais seduzem os homens com suas fantasmagorias, a adivinhação e a magia e desde que ousam empreender algo, são confundidos pelo sinal da cruz.

2. Em resumo, vê como a doutrina do Salvador se propaga, enquanto a idolatria e qualquer oposição à fé de Cristo diminui cada dia, debilita-se e cai. Ao contemplar tudo isso, adora o Verbo, Salvador de todos e Deus todo poderoso. Condena os que ele rebaixa e faz desaparecer.

3. Da mesma forma que ao raiar do sol as trevas desvanecem e ele expulsa o pouco que delas restar em algum canto, igualmente a divina aparição do Verbo dissipa as trevas da idolatria e o universo fica iluminado com sua doutrina.

4. Se acaso um rei não aparece, mas fica dentro de casa, muitas vezes cidadãos sediciosos abusam de sua ausência, proclamam-se reis e com disfarce iludem os simples, passando por verdadeiros reis. E assim, os cidadãos são iludidos por este nome. Ouvem dizer que existe um rei, mas não o vêem, porque nem podem entrar em sua morada. Quando, porém, aparece o genuíno rei e se manifesta, sua presença convence de mentira a esses rebeldes e os outros, diante do rei verdadeiro, apartam-se de seus sedutores.

5. Assim, os demônios há muito seduziam os homens, atribuindo a si mesmos honras divinas; entretanto, com a aparição corporal do Verbo de Deus que trouxe o conhecimento de seu Pai, dissipou-se, cessou a ilusão demoníaca. Os homens em presença do Deus verdadeiro, Verbo do Pai, renunciam aos ídolos e de ora em diante acolhem o Deus verdadeiro.

6. Eis uma prova de que Cristo é o Verbo, Deus, Poder de Deus. Uma vez que passam as realidades humanas e a palavra de Cristo permanece, evidencia-se em geral que terminou o que é transitório. Subsiste, contudo, Deus, o Filho de Deus, o Verbo realmente unigênito.

56. 1. Eis o que te apresento brevemente, amigo de Cristo, acerca dos elementos e do caráter da fé em Cristo e da divina manifestação entre nós. Sirva-te a oportunidade, se começa a estudar a Escritura, para aplicar o espírito nessas questões e apreenderás de forma mais completa e clara a exatidão de nossas asserções.

2. Esses textos foram proferidos e escritos, da parte de Deus, por homens que dele nos falam. E nós os recebemos desses mestres divinamente inspirados, testemunhas da divindade de Cristo. A ti nós os transmitimos, tentando satisfazer teu desejo do saber.

3. Ficarás ciente também de seu segundo advento, glorioso e realmente divino, quando não virá

mais na simplicidade, mas na glória que lhe pertence. Não mais com humildade, e sim na grandeza que possui. Vem, não para sofrer e sim no intuito de comunicar a todos os benefícios da morte na cruz, isto é, a ressurreição e a incorruptibilidade. Então, não será julgado, mas julgará a todos os homens sobre as ações que cada qual tiver praticado na vida corporal, boas ou más; em seguida, o reino dos céus está reservado aos bons, e quanto aos que praticaram ações más, irão para o fogo eterno e as trevas exteriores.

4. Pois o próprio Senhor assim se exprime: “Eu vos digo que de ora em diante, vereis o Filho do Homem sentado à direita do Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu” (Mt 26-64), na glória do Pai.

5. Por esta razão, é salutar que o Verbo nos previna relativamente a esse dia e nos diga: “Estai preparados e vigiai, porque não sabeis em que hora virá” (Mt 24,42-44). Efetivamente, segundo declara são Paulo: “Porquanto todos nós teremos de comparecer manifestamente diante do tribunal de Cristo, a fim de que receba cada um a retribuição do que tiver feito durante a sua vida, seja para o bem, seja para o mal” (1Cor 5,10).

57. 1. Mas, além do estudo das Escrituras e da ciência genuína, importa a vida honesta, a pureza da alma e a virtude segundo ensina Cristo, a fim de que o espírito, seguindo tal caminho, possa obter e aprender o que deseja, tanto quanto é possível à natureza ser instruída acerca do Verbo de Deus.

3. Se alguém quer ver a luz do sol, forçosamente há de enxugar e iluminar o olho, purificando-o para tornar um tanto semelhante ao objeto desejado. Um olho transformado em luz veja a luz do sol. Quem quiser contemplar uma cidade ou região deve ir aonde está localizada. Assim, no intuito de se entender o pensamento dos teólogos, deve-se pelo modo de viver purificar e lavar a alma, assemelhar-se aos santos nas ações, a fim de que, unidos a eles pela conduta, se compreenda o que Deus lhes revelou. Unido a eles, evite-se o perigo que ameaça os pecadores, o fogo que os aguarda no dia do julgamento e receba-se a recompensa reservada aos santos no reino dos céus, “o que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram e o que o coração do homem não percebeu. Isso Deus prepara para os” (1Cor 2,9) que vivem virtuosamente e amam seu Deus e Pai, em Cristo Jesus nosso Senhor, por quem e com quem seja a ele o Pai, com ele, o Filho, no Espírito Santo, honra, poder e glória nos séculos dos séculos. Amém.

¹Esta afirmação de que o mesmo Verbo do Pai é criador e salvador dos homens era tradicional na apologética cristã desde o século II. O que é mais original aqui é que “O tratado sobre a encarnação examina a manifestação do Verbo do Pai não mais na alma do homem ou no criado, mas no corpo, como coroamento da obra de Deus e via suprema para o conhecimento de Deus. (...) Esta obra é uma criação original de Atanásio e a primeira tentativa de expor organicamente a fé cristã tomando como ponto de referência a manifestação do Verbo na carne” (Enzo Bellini. *L’Incarnazione del Verbo*. Collona di testi patristici 2. Roma, Città Nuova Editrice, 1993, p. 11)

²Se Atanásio exclui O Pastor de Hermas do cânon das Escrituras e o recomenda apenas como livro paracanônico, cf. Carta Festal 39, de 367, para muitos outros Padres, Orígenes, por exemplo, era livro inspirado.

³Atanásio quer justificar a necessidade da Encarnação: o pecado é a causa da vinda do Verbo: o Verbo se encarnou principalmente para pagar a dívida que tínhamos. Graças à encarnação, a alma é regenerada, criada de novo à imagem de Deus.

⁴Descrição trágica do pecado que acarretou para os homens sentença de morte, subjugação à morte, ameaças de aniquilamento. Verdadeira tragédia se abateu sobre os homens.

⁵Atanásio descreve a progressão do mal, sublinhando a responsabilidade pessoal dos homens no seu asujeitamento ao mal.

⁶Em todos os números 6,1-10, Atanásio procura mostrar a necessidade e a conveniência da redenção do homem mediante a encarnação. Não convinha a Deus nem abandonar, nem perder o homem.

⁷Atanásio quer mostrar, neste número 7, a profundidade do pecado revelando assim porque não basta o arrependimento do homem. Como a corrupção atingiu os homens em seu ser, foi necessário providenciar-lhes um acesso ao estado de incorruptibilidade inteiramente diferente daquele que se encontrava em Gn 2.

⁸O texto quer evidenciar a realidade da encarnação. Talvez pensando contra os gnósticos para quem o corpo de Jesus era apenas aparente e não real. A concepção virginal é para Atanásio a garantia da absoluta transcendência do Logos sobre seu corpo, vista como iniciativa gratuita do Salvador. Deve-se notar a insistência na expressão do corpo como instrumento que, na tradição patristica

mais antiga, só se encontra em Tertuliano mais explicitamente esta noção, é uma singularidade de Atanásio.

⁹“Para Atanásio, o cristianismo consiste na vinda do Verbo de Deus na carne para restituir ao homem o conhecimento de Deus comprometido pela culpa, contra a imortalidade e a incorruptibilidade originárias à imagem de Deus” (Enzo Bellini, op. cit.,14).

¹⁰O verbo, imagem perfeita do Pai, pelo qual Deus criara o homem, agora recria o homem restaurando nele a imagem autêntica.

¹¹Note-se a insistência de Atanásio em sublinhar a função salvadora do corpo, da necessidade do Verbo em assumir um corpo para poder testemunhar pelas obras corporais a vontade de redimir os homens. Conforme Atanásio, Deus não parece ter outro meio de operar este socorro senão pela encarnação, de “residir na terra como homem”. Veja 20,1. Contudo, jamais Atanásio menciona a existência da “alma de Cristo”. Sobre as razões deste silêncio, cf. Charles Kannenbiesser, Athanase d’Alexandrie. Sur L’incarnation du Verbe. Col. Sources Chrétiennes, n° 199. Paris, Éd. Du Cerf, 1973, pp. 149-153.

¹²Insistindo a cada passo na realidade do corpo, Atanásio, quer deixar claro que o Verbo, apesar da realidade da encarnação, não ficou adscrito a esse corpo. Sua ação de vigilância providencial sobre todo o universo não se encolheu com a encarnação, mas continuou a se exercer em plenitude. Ainda sobre a questão de não fazer menção da alma humana de Cristo veja P. Galtier, “Saint Athanase et l’âme humaine du Christ”, in Gregorianum 36, 1955, pp. 553-589.

¹³Mais uma vez, Atanásio evidencia a necessidade da morte do Verbo como solução definitiva para a restauração dos homens.

¹⁴A integridade do corpo de Cristo na morte é vista como símbolo da integridade do corpo da Igreja que é continuamente ameaçada pelos heréticos que a querem dilacerar. Provavelmente aqui Atanásio alude aos arianos. Veja J. Lebon “Une ancienne opinion sur la condition du corps du Christ dans la mort”, in Ruvue d’Histoire Ecclésiastique, 23, 1927, pp. 5-43; 209-241.

¹⁵Já a Didaqué 16,6 e Ireneu, Contra as heresias 5,17,3, e muitos outros Padres, testemunham o emprego do simbolismo das mãos e braços estendidos.

¹⁶A subida das almas dos mortos para as regiões celestes com as expressões “os que procuram subir”, “abrir-nos o caminho para a subida ao céu” e “reabri para nós o caminho para o céu” é um dos temas mais universalmente recebidos da religião antiga. Note-se o contraste: enquanto as almas dos remidos “sobem”, “satanás cai do céu como um relâmpago”.

¹⁷A apreciação favorável à opinião dos filósofos gregos sobre o “grande corpo” do cosmo identificado com a divindade por alguns pseudos - sábios antigos, deixa de lado o traço do panteísmo, mas retém a idéia estoica da Providência.

¹⁸Encontramos neste número uma espécie de síntese e o objetivo último da encarnação: o Verbo se fez homem para que nos tornássemos deuses. Assim, a encarnação é já um ato salvífico. Do momento em que se uniu ao nosso corpo, à nossa carne, nos santifica, nos cura e nos ensina através dela. Se seus milagres demonstram seu poder divino, sua vida de dores e sofrimento é sacrifício pela nossa redenção, como paga de nosso débito, para nos abrir a via do céu.

**APOLOGIA
AO IMPERADOR CONSTÂNCIO**

APRESENTAÇÃO

A Apologia ao Imperador Constâncio, é escrito começado próximo a 350 e terminado no deserto do Egito enquanto Jorge da Capadócia, ainda governava o patriarcado de Alexandria, provavelmente no verão de 357. É um dos mais perfeitos escritos de Atanásio. Nasceu, portanto, como resposta às acusações que seus inimigos levaram junto ao imperador Constâncio, justamente quando pela morte de Constante e do usurpador Magnêncio, Constâncio tornava-se o único chefe do Império. Para comprometê-lo junto ao imperador que era mais favorável aos arianos, estes e os melecianos o acusavam de ter favorecido o usurpador Magnêncio. Estas denúncias foram a causa do terceiro exílio de Atanásio. O objetivo desta apologia, portanto, é demonstrar sua inocência e assim obter do imperador a desculpa principalmente da acusação de ter mantido contato com o rebelde Magnêncio. Por este contato, Atanásio teria traído o imperador Constâncio e teria instigado o povo de Alexandria e o próprio irmão do imperador, Constante, porque este era favorável ao arianismo.

Refugiado no deserto, Atanásio compôs esta obra, em estilo de eloqüência simples, num tom calmo, digno, respeitoso, mas incisivo. Atanásio procura desfazer a suspeita de haver instigado o povo de Alexandria e o próprio irmão do imperador, Constante, contra o agora único imperador de todo o império. Reclama, portanto, um justo tratamento e rebate as acusações de ter traído a confiança do imperador Constâncio. Refere-se, brevemente, à fuga que foi obrigado a empreender para salvar a própria vida, defendida, nos detalhes, na Apologia de sua fuga. É uma das peças mais bem acabadas dentre os escritos de Atanásio. Ela é preciosa ainda pelas informações que fornece sobre a vida de Atanásio.

INTRODUÇÃO

O estado geral da questão

1. Desde muitos anos, eu o sei, tu és cristão e homem religioso de antepassada tradição; apresento-te agora com confiança a apologia de meus feitos e gestos. Eu retomo os termos do bem-aventurado Paulo (At 26,2) para tê-lo como embaixador junto de ti. Se é efetivamente, ele, o arauto da verdade, eu sei que tu, mui piedoso Augusto, és feliz de ouvir os seus ensinamentos. A propósito das disputas eclesiásticas e de conspiração contra mim, a tua prudência autorizará suficientemente o testemunho escrito de muitos bispos consideráveis. Além disso a mudança de opinião de Ursácio e de Valente¹ mostra suficientemente a todos a falta de fundamento de todas as acusações dirigidas contra mim. Que testemunho se poderá apresentar cujo valor se possa comparar ao próprio escrito? “Nós mentimos e inventamos; as acusações dirigidas contra Atanásio são uma trama de calúnias”. Acresçamos a este claro testemunho, se tu te dignares observá-lo, que em nossa presença os acusadores não expuseram argumento algum contra o sacerdote Macário.² Após a nossa partida, ao contrário, eles fizeram entre si o que mais lhes agradou. Porém os processos deste gênero encontram-se, pela lei divina em primeiro lugar, mas também pelas nossas leis, cheios de nulidade porque não foram lavrados nas formas da lei. Estas considerações, tu o sabes, põem-nos fora de toda a suspeita aos próprios olhos da tua prudência, zelosa de Deus e da verdade; os nossos adversários, pelo contrário, encontram-se convencidos pela calúnia.

ATANÁSIO TERIA TRABALHO PARA DESUNIR OS DOIS IMPERADORES

a) Captatio benevolentiae

2. Quanto à acusação dirigida contra mim junto da tua bondade, na ocasião, do mui piedoso Constante Augusto, teu irmão de fiel e eterna memória,³ (os meus inimigos efetivamente a repetem com malevolência e ousam escrevê-la), a vaidade dos primeiros a mostra por sua vez falsa. Efetivamente, se outros acusadores a vinham vendendo, o fato mereceria ser levado ao tribunal: seria necessário uma argumentação rigorosa e as confrontações costumeiras; mas uma vez que são os fautores das primeiras calúnias que lançaram acusações novas, porque, a partir dos primeiros não demonstrar a falsidade destes?

Ora, eles continuam em concórdia mútua com a esperança de chegar a enganar a tua piedade. Decepção! Tu não os escutaste como eles o teriam desejado: ao contrário, a tua longanimidade deus-nos, a nós também, a vontade de nos defendermos. Tu não te perturbaste inconsideradamente, tu odiaste a condenação: é o fato de rei justo, que espera a defesa de homem que é caluniado. Se te dignares escutá-lo, eu tenho confiança que ainda nesta ocasião condenarás sua temeridade e sua insolência com relação a Deus, que proíbe proferir mentira na presença do rei (Pr 25,6).

3. Ruborizo-me de ter de me justificar de danos que meu acusador se empenharia, creio, em olvidar na minha presença. Sei perfeitamente que ele mente, e que eu não me tornei louco; que não perdi o senso comum ao ponto de me deixar suspeitar de ter pensado em tais horrores. Ainda mais, eu mesmo não teria respondido a outros juízes, para evitar que meus ouvintes, por ocasião da minha defesa, não mantenham suas suspeitas; mas diante da tua piedade, falarei franca e claramente; estenderei a mão como ensinou o Apóstolo: “Invoca a Deus por testemunha sobre a minha alma” (2Cor 1,23), e como está escrito no livro dos reis: “O Senhor é a minha testemunha e também seu Cristo” (1Sm 12,5). (Permite-me repetir por minha vez estas fórmulas). Jamais, por causa da tua piedade, tive mau propósito na presença do teu irmão Constante de fiel memória, o muito piedoso Augusto.

b) A defesa

Jamais o excitei como me acusam. Mas se algumas vezes, no momento em que nos apresentávamos a ele próprio falava de tua bondade, — fê-lo, por exemplo, quando Tálossos chegou a Pitibion — nós, então permanecíamos em Aquiléia — o Senhor é testemunha em que termos eu falava da tua piedade; e desejava que Deus revelasse estas palavras à tua alma: tu terias a prova do embuste dos meus acusadores. Desculpa as minhas palavras, Augusto muito clemente, dá prova de grande indulgência em minha consideração. Este amigo de Cristo, efetivamente, não o freqüentava muito, e eu não era grande personagem para ter com ele tais propósitos, para atacar um irmão do seu irmão ou falar mal do imperador. Príncipe, eu não sou louco e não esqueci a advertência divina: “No teu pensamento, não maldigas o soberano, nem o rico, no secreto do teu quarto; porque o pássaro do céu lhe levará a tua palavra e o mensageiro alado o teu propósito” (Ecl 10,20). Se, então, as palavras proferidas em segredo contra vós, os príncipes, não ficam escondidas, como é crível que na presença do imperador e perante tal assistência, eu tenha falado contra ti? Porque jamais estive a sós ao visitar teu irmão, jamais conversou comigo a sós. Sempre estava com o bispo do lugar e permanecia em companhia das outras personagens presentes na corte: eu o visitava acompanhado e partia acompanhado.

Fortunaciano de Aquiléia pode testemunhar tal fato; serão igualmente capazes de afirmar o venerável Ósio, Cristino de Pádua, Lucílio de Verona, Dionísio de Leida e Vicente, bispo de Campânia. Enfim, embora Maximino de Tréveros e Protásio de Milão estejam mortos, tu podes ainda ter o testemunho de Eugênio que era o chefe do palácio: ele mantinha-se diante do véu e ouvia a nossa petição assim como a resposta do imperador. Tudo isto pode então ser suficiente para a minha defesa; com a tua permissão, entretanto, exporei em minúcias a série das minhas deslocações: de tudo isso tu de igual modo poderás tirar uma conclusão contra os vãos ataques dos meus acusadores.

4. Deixando Alexandria não me dirige nem para o campo do teu irmão nem para a casa de quem quer que fosse; fui a Roma. Lá apresentei as minhas dificuldades à igreja (era a minha única preocupação), e encontrei meu lazer nas assembléias religiosas. Com teu irmão não mantive correspondência alguma; escrevi-lhe somente quando os eusebianos lhe enviaram uma carta contra mim; fui obrigado a me defender antes da minha partida de Alexandria; outra vez ainda, logo após ter recebido ordem de estabelecer uma sinopse das Divinas Escrituras, enviei-lhe o meu trabalho. É por certo necessário que numa apologia diga toda a verdade à tua piedade. Três anos se passaram, então, e eis que ele me envia por escrito a ordem de me apresentar perante ele; então, residia em Milão. Por mim, curioso de saber a razão (o Senhor é testemunha de que ignorava o assunto) tive conhecimento que grande grupo de bispos viera solicitar para escrever à tua piedade para realizar um sínodo.⁴ Príncipe, crede-me, isso se passou assim, não minto. Então fui a Milão, onde tive acolhimento muito benevolente. Ele se dignou me ver para me dizer que te havia escrito e que te havia enviado uma embaixada para solicitar a reunião dum sínodo.

Eu residia então na supradita cidade, quando novamente ele me fez vir para perto dele na Gália. É para lá que seguia também o venerável Ósio: nós devíamos de lá partir para Sárdica. Após o Sínodo, enquanto eu estava em Naíossos, ele me escreveu. Eu partiria e passaria o resto do tempo em Aquiléia onde me alcançou a carta da tua piedade. Convocado ainda uma vez pelo falecido, parti para a Gália, e, enfim, cheguei junto da tua piedade.

5. Em que lugar, então, em que momento meu acusador me censura de haver tido os propósitos em questão? Perante qual testemunha tive a loucura de pronunciar estas palavras que inventou como tendo saído de minha boca? Há alguém com ele para me acusar ou para testemunhar? O que seus olhos viram é o que se deve dizer, segundo o mandamento da santa Escritura (Pr 25,8). Mas para fatos imaginários não encontrará testemunho. Por mim, não minto e tenho para testemunhos disso, com a verdade, a tua piedade mesma. Tens memória excelente, e lembrar-te-ás, penso, das palavras que te dirigia quando te dignastes me ver, primeiramente em Viminácio, e depois na Cesaréia da Capadócia e a terceira vez em Antioquia. Sabes se deixei escapar, não seria senão uma alusão contra os eusebianos que me haviam ultrajado; sabes se acusei meus injusto perseguidores. Se, então, eu próprio não ataquei os que poderia atacar, que loucura me teria tomado de caluniar um imperador junto de outro imperador, de levantar um irmão contra outro irmão?

c) Conclusão

Por favor, faz-me comparecer e que eu seja confundido ou então põe fim nestas calúnias, à imitação de Davi quando proclamava (Sl 100,5): “O caluniador hipócrita do seu próximo, eu o exterminava”. Porque à medida que lhe foi possível, “a sua boca mentirosa atentou contra a minha vida” (Sl 1,11). Mas tua paciência foi a mais forte, uma vez que me deixou a liberdade de me defender e de os fazer condenar como sediciosos e delatores. Assim o respeito do teu mui piedoso irmão, o de fiel memória,

muito o afirmei; podes, segundo a sabedoria com a qual Deus te gratificou adivinhar o resto a partir de algumas destas palavras e reconhecer a falsidade da acusação.

II. SEGUNDA ACUSAÇÃO

COMPROMISSOS COM O USURPADOR MAGNÊNCIO

a) A calúnia

6. Quanto à segunda calúnia, minha pretendida carta ao Tirano — (eu não quero sequer pronunciar seu no-me) — peço-te, usa os meios que quiseres, escolha astros, pessoas, conduza o inquérito e tu pronunciarás a sentença. Para mim, a enormidade da acusação me aniquila e me tira todos os meios. Acredita-me, mui piedoso imperador, detive-me muitas vezes a meditar neste fato e não chego a crer que se possa ficar louco a ponto de pronunciar tais mentiras. Por conseguinte, este boato se espalhava para lá do círculo dos arianos; eles se gabavam de ter escrito um gesto da minha carta e com isso eu estava mais aniquilado. Eu passava noites sem sono, lutava contra meus acusadores como se eles lá estivessem. Subitamente acontecia de soltar um grande grito, entregar-me à oração, solicitando com lágrimas e soluços encontrar o teu ouvido benevolente. A graça do Senhor o concedeu a mim. Portanto, eis-me de novo no embaraço: por onde começar minha defesa? Tenho de procurar falar agradavelmente, a monstruosidade do fato vem-me deter. Para o que diz respeito a teu falecido irmão, efetivamente, as afirmações dos caluniadores apresentam todos os traços da verosimilhança: ele nos honrava para sua conversação, e desdenhava em nosso favor, de apelar à tua afeição fraternal. Junto dele, nos honrava em muita ocasião; ausente ele nos fazia vir.

b) Os argumentos de Atanásio

Mas este maldito Magnêncio, — o Senhor é minha testemunha e o seu Cristo — não quero conhecê-lo, e me é totalmente estranho. Que amizade pode haver entre desconhecidos, que pretexto podia me levar a escrever a homem desta espécie? Que começo teria inventado para a minha carta? Talvez este: “Um homem que me apresentava sinais de honra e cujas benemerências jamais poderiam se apagar da minha memória, tu o destruístes e por isso te felicito. Aliás te felicito nesta oportunidade por teres eliminado cristãos meus amigos e meus homens de confiança; nós te admiramos por teres massacrado os que nos receberam fraternalmente em Roma”, a tua bem-aventurada tia Eutropos, a muito estimada Aboutérios de coração franco, o muito fiel Esperânco e muitas outras pessoas de valor.

7. Vejamos a única suspeita de tal conduta da parte do meu acusador, não é loucura? Por que enfim, que razão me teria levado a depositar a minha confiança neste homem? Que firme segurança podia encontrar nele? É pelo fato de ter suprimido o seu próprio mestre que se mostrara infiel aos seus amigos, que desprezara os seus juramentos, que em relação a Deus fora sacrílego, consultando feiticeiros e mágicos, em violação dos decretos divinos? Que cumplicidade nele eu teria felicitado? A sua posição furiosa e a sua bárbarie não me lançaram a mim somente na aflição, mas o nosso país inteiro. Grandes certamente e abundantes deveriam ter sido as minhas obrigações em sua consideração: o teu pesaroso irmão cumulava as igrejas de oferendas; ele massacrava o doador. O fato desta generosidade não inspirou respeito algum ao perverso. A própria graça de que nosso falecido foi revestido pelo batismo não lhe despertara algum temor. Como gênio maldito, possuído pelo diabo, se

arremessou sobre ele. Por isso mesmo, ao nosso falecido é dado o título de mártir, enquanto o outro de hoje em diante perseguido como fugitivo, revivendo as lágrimas e a angústia de Caim, ficou reduzido a escolher a morte de Judas, tornando-se o seu próprio carrasco e atraindo para si duplo castigo no julgamento do além.

8. Eis o indivíduo que meu acusador pretende fazer meu amigo; talvez até não acredita em nada, mas a sua ira o fez inventar este absurdo, porque sabe perfeitamente que mentiu. Desejaria vê-lo quem quer que possa ser, e adjurá-lo em nome da Verdade — porque se nós falamos estando diante de Deus, não há necessidade de outro juramento para nós, cristãos — quem de nós dois tinha mais alegria em ver vivo o deplorado Constante e quem mais orava por suas intenções? A primeira acusação serve aqui de argumento, é evidente aos olhos de quem quer que seja. Se então ele mesmo sabe muito bem que, misturado a pessoas assim dispostas e com tal afeição pelo inesquecível, Constante não se torna o amigo de seu rival, e, se os seus sentimentos fossem diferentes dos nossos, eu temo fortemente que odiando o imperador, ele não tenha posto em minha conta os seus próprios sentimentos.

c) As testemunhas que depõem a favor do réu

9. Por mim, sinto-me em terreno desconhecido e encontro-me perplexo sobre os argumentos a empregar para minha defesa. Não posso senão me condenar a mil mortes ao supor somente que, ao final de contas, isso seria apenas uma suspeita sob minha responsabilidade neste processo. Mas perante ti, príncipe, inacessível à mentira, eu defendo a minha causa com toda a confiança. Por favor, como te pedi, faz tua investigação, sobretudo tu que tens as testemunhas na mão: estes embaixadores que enviaste, quero dizer os bispos Sevais e Máximo como seu séquito, assim como Clemente e Valente. Informo-te, peço-te, se me trouxeram cartas: isso me teria dado pretexto para lhe escrever por minha vez. Mas ele não me escreveu; e se ele não me conhecia, como eu lhe teria escrito sem o conhecer? Pergunta se na presença de Clemente eu não evoquei a lembrança do nosso pranteado príncipe, e se, para retomar uma palavra da Escritura (Sl 6,7), não banhei de lágrimas as minhas vestes no pensamento da sua caridade e do seu coração de verdadeiro cristão. Informo-te como à notícia das crueldades do monstro, à vista de Valente que atravessara a Líbia, temi que ele também viesse a tentar alguma aventura e como um bandido, massacrasse os amigos e os fiéis do falecido nos lugar dos quais não pretendo ceder o lugar a ninguém.

10. Assim, temendo tais sentimentos de sua parte não teria redobrado as minhas orações para a tua bondade? E dedicando a minha amizade ao assassino do príncipe, teria manifestado indignação contra ti, seu irmão que vingavas a sua morte? Não me teria lembrado da sua perversidade e teria esquecido a generosidade: devias, segundo a segurança que te dignaste dar-me pela carta, mantê-la após a morte do falecido tal como ela fora em sua vida. Com que olhos teria afrontado o assassino? Como não acreditar que ainda via o falecido no momento em que orava pelo teu sucesso? Os irmãos são por natureza o reflexo um do outro. Também, vendo-te nele, eu não teria podido atacar-te e vendo-o em ti, jamais teria podido escrever ao seu inimigo. Antes, porém, eu rezava pelo teu sucesso.

Minhas testemunhas: — Primeiro o Senhor, que me atendeu e te fez dom integralmente de todo o império herdado dos teus pais. Minhas testemunhas ainda, as que estavam então presentes, Felicíssimo que se tornou prefeito do Egito, com Rufinos e Estevão, um intendente geral, o outro, mestre do palácio, o conde Astérios e Paládio que foi mestre do palácio, os inspetores gerais Antíoco e Evágrio. Eu dizia somente: Rezemos pela salvação do mui piedoso Augusto, Constâncio ! Esta mesma oração se prolongou.

d) Falsa peça para convicção

11. Jamais escrevi ao usurpador, jamais recebi carta dele, Deus é minha testemunha e o seu Verbo, seu único Filho nosso Senhor Jesus Cristo. Quanto ao meu acusador deixa-o fazer-se interrogar um pouco por sua vez sobre os pontos seguintes: como foi posto a par dos fatos? Pretendia-se detentor duma cópia da minha carta? Os arianos estão obstinados em fazer correr o boato? Mas é necessário primeiro observar que mesmo se ele produzisse uma escrita semelhante à nossa, não teria em mãos a prova irrefutável. São falsários que mais de uma vez imitaram até os caracteres dos nossos próprios rescritos imperiais. Mas a imitação não dá o seu valor a uma escrita se os secretários habituados em usá-la não confirmaram a autenticidade do escrito. Outro rigor que desejo pedir aos meus acusadores: qual indivíduo pode ter fornecido esta carta, e onde se a encontrou? Porque é fato que eu tinha os meus secretários e ele, por seu lado, pessoas que recebiam a sua correspondência antes de lha transmitir. De nossa parte, eles lá estão; tenha a bondade de convocar os seus, é totalmente provável que ainda vivam. Informa-te a respeito desta carta, ordena uma sindicância como se a Verdade em pessoa estivesse diante de ti: ela é a salvaguarda dos princípios cristãos sobretudo. Com ela, governas sem risco, uma vez que a Escritura Santa afirma: “A misericórdia e a verdade são uma guarda para o rei; e esta rodeará o seu trono com toda a justiça” (Pr 20,28). O sábio Zorobabel pusera-a em primeiro lugar e ele alcançou a vitória; todo o povo proclamou: “Grande é a verdade; é ela que é a mais forte” (3 Esdr 4,41).

Conclusão: apelo a Deus, convite a investigação séria

12. Se eu fora, é verdade, deferido a outro tribunal, apelar para a tua piedade, tal como o Apóstolo antigamente apelou para César (At 25,11) e viu cessar a intriga dos seus inimigos contra ele. Mas como é diante de ti que se teve a audácia de me atacar, a quem posso apelar de ti? Ao Pai daquele que disse: “Eu sou a Verdade” (Jo 14,6) a fim de que incline o teu coração para a benevolência.

Senhor todo poderoso, Pai Eterno, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, és tu que, pelo teu Verbo, deste este império ao teu servidor Constâncio; a clara tu mesmo o seu coração: ele reconhecerá a intriga hipócrita urdida contra mim e, não somente receberá com bondade a minha Apologia, mas ainda fará conhecer a todos que seus ouvidos se consolidaram na verdade, e que, segundo a palavra da Escritura: “Só terão acesso ao rei os lábios justos” (Pr 16,13). É assim efetivamente que se consolida o poder do império: Tu o fazes dizer por Salomão (Pr 25,5).

Leva então a fundo a tua investigação; que eles aprendam, os meus acusadores, a tua solicitude em conhecer a verdade e vê se, pela cor do seu rosto, eles não mostram a sua hipocrisia: isso é indício que trai a consciência, e a Escritura o declara: “a alegria do coração ilumina o rosto, o desgosto o entristece” (Pr 15,13). Assim os fautores de intrigas contra José (Gn 42,21) encontraram-se traídos pela sua consciência. Assim o rosto de Labão traiu a sua crueldade contra Jacó (Gn 31,5). Ora, tu podes ver a desconfiança da nossa gente que foge e se esconde, neste caso em que nós nos defendemos francamente. Porque hoje não é questão de bens materiais, aqui está a glória da Igreja. O ferido que foi atingido por uma pedra solta procura o médico, porém, as feridas da calúnia são mais pungentes que as dos calhaus: “Maça, espada e flecha aguda é o que testemunha em falso contra o seu próximo” (Pr 25,18), diz Salomão. Só a verdade pode ser o médico. Desdenhamo-la, vemos agravar-se perigosamente a ferida.

13. Deste lugar, em toda a parte nas igrejas, reina a perturbação. Imaginam-se pretextos, e grandes bispos com idade venerável, foram exilados por causa da sua comunhão comigo. Se todo o processo se

detivesse lá, ficaria alguma esperança: tu és humano. Mas se desejamos que o mal não vá mais longe é necessário que a verdade seja tua primeira preocupação. Não deixes levantar-se contra toda a Igreja a suspeita de que estas intrigas e estes êxitos são obra de cristãos e até de bispos. Ou bem, se não quiseres inquirir, será justo também acreditar mais na nossa defesa do que nos seus ataques. Eles se colocam como inimigos pelos procedimentos mordazes; nós traçamos a luta fornecendo provas. Eu me admiro, no final das contas, como nossos protestos chegam a guardar as conveniências, enquanto eles levam a impudência a ponto de mentir ao imperador. Porém faz tua investigação, por amor da verdade, e que segundo a Escritura, “a tua investigação seja verdadeira investigação” em nossa presença, para saber donde vêm os seus propósitos e onde foi descoberta a carta. Mas algum dos nossos secretários será confundido, nem algum dos seus poderá falar, uma vez que tudo não é senão invenção. Procurar mais a nada chegaria, talvez; aliás eles não o desejam, de modo que pela força o falsário seja descoberto; porque os meus caluniadores são os únicos a conhecer a exclusão de qualquer outro.

III. TERCEIRA ACUSAÇÃO

CULTO CELEBRADO NUMA IGREJA EM CONSTRUÇÃO

a) O fato

14. Eles me atacam ainda, a propósito da Grande Igreja, porque ali se celebrou a assembléia antes do acabamento dos trabalhos. Pois bem! Sobre isso também me defenderei diante da tua piedade: nós ali estamos reduzidos pelo seu próprio ódio que se encarna contra nós.

O fato é exato, convenho. Não menti nas minhas primeiras afirmações, não negarei agora um fato. Mas desta vez ainda, totalmente diferente é a sua afirmação e o fato é totalmente outro. Primeiramente, permite-me dizer-te, mui piedoso Augusto, que isto não foi a celebração da dedicatória: então teria sido realmente ilícito fazê-lo antes de ter recebido o teu acordo, também não houve premeditação de chegar lá. Nenhum bispo, nem mesmo algum outro clérigo foi convidado; o próprio edifício estava longe de estar acabado. É necessário acrescentar que nenhuma proclamação organizou esta assembléia, que pode dar pretexto a uma acusação de sua parte. O fato é conhecido de todos: escuta-me, no entanto, com a tua costumeira indulgência e paciência.

Era a festa da Páscoa. O povo era muito numeroso de tal modo que imperadores amigos do Cristo poderiam desejar que houvesse cristãos numa cidade. Ora as igrejas eram pouco numerosas e muito pequenas. Reinava grande agitação: pessoas reclamavam para se reunirem na igreja grande e que todos aí viessem também orar pela tua salvação. Foi o que aconteceu. Por mim, exortei inutilmente para esperarem e encontrarem um meio de se reunirem nas outras igrejas; eles não me escutaram e estavam prestes a sair da cidade para se reunirem no deserto em pleno sol, gostando mais de suportar a fadiga da rua do que ficarem se incomodando na celebração da festa.

b) As razões que o justifica

15. Acredita em mim, príncipe, e, aqui ainda, aceita a verdade como testemunha. No decurso das Assembléias da quaresma precedente pela decorrência dos lugares e da concorrência do povo, muitas crianças, mais de um jovem, muitas pessoas velhas e pessoas jovens ficavam sufocadas tendo sido necessário transportá-las para suas casas. Graças a Deus, ninguém morreu ali, mas todos ficaram

murmurando e reclamando a Grande Igreja. Se os dias de preparação já tinham visto tal aperto, que aconteceria no próprio dia da festa? Incidentes sem dúvida mais penosos. Ora, não convinha dar ao povo, em lugar de alegria, a tristeza, em lugar dos divertimentos a aflição, em lugar da festa, as lágrimas, sobretudo, conhecendo bem o exemplo dos Antigos. O pranteado Alexandre,⁵ pelo fato de exigüidade de todas as igrejas, construiu uma que, se acreditava, ser então muito grande, a que se chama Theonos; ele reuniu lá o povo muito numeroso e houve os trabalhos sem interrupção. Eu vi o mesmo fato acontecer em Tréveros e Aquiléia; lá também, num dia de festa por causa da grande concorrência do povo, organizaram-se assembléias, continuando ainda os trabalhos de construção. Ninguém encontrou motivo de acusação. Mas também o teu pranteado irmão tomou parte, em Aquiléia, numa assembléia celebrada nestas condições. Assim eu mesmo fiz. Não foi a dedicatória mas simples assembléia eucarística de oração.

Enfim, eu sei que, no teu amor por Deus, tu aprovas esta diligência dos povos e que tu me perdoas não ter entravado a oração de tal multidão.

c) Discussão à luz do bom senso da Escritura

16. Por mim, eu quero ainda dirigir-me ao meu acusador a este respeito e perguntar-lhe onde seria normal fazer o povo rezar: no deserto ou num lugar de oração construído? Onde seria conveniente e santo para fazer responder o Amém ao povo? No deserto ou num lugar que já usava o nome do Senhor? E tu, príncipe devotado inteiramente a Deus, onde terias querido ver o povo estender as mãos e fazer votos por ti? No lugar onde até os pagãos passando, param, ou no lugar que usa o teu nome, que todos já chamam, e mesmo desde sua fundação o lugar do Senhor?

Eu sei bem que tu te declaras a favor da tua igreja porque eu te vejo a sorrir, e este sorrir é confissão.

— Mas, dirá o meu acusador, isso deveria se fazer nas igrejas.

— Mas são muito pequenas, e muito exíguas, todas sem exceção, como já o disse, para conter o povo. E conseqüentemente, como foi conveniente organizar a oração aí? Valeu mais separar e espalhar o povo com grande perigo de empurrões ao invés de aproveitar um lugar já existente capaz de receber a todos para aí se reunirem e fazerem uma só e mesma oração, na harmonia perfeita de todo o povo? Seria a melhor solução: mostrava a união das almas de toda a multidão. Tal modo de orar é ouvido por Deus, mais rapidamente. Se, efetivamente, segundo a promessa do próprio Salvador (Mt 18,19), “dois homens concordam sobre uma coisa para pedi-la, qualquer que seja, ela lhes será concedida”; que dizer se de tal multidão de povo reunido sobe uma só voz para dizer a Deus o Amém?

Quem não se admirou? Quem não bendisse o teu nome, na tua presença de tal agrupamento de povo num só lugar? E que dizer da alegria do povo que se podia ver, ao passo que antigamente se reunia em lugares separados? O acontecimento alegra todo o povo e só aborrece o meu caluniador.

17. Resta outra objeção do meu adversário. Deixei-a de lado, mas quero examiná-la por sua vez. Ele efetivamente me diz: o edifício, não estando acabado, não se poderia organizar, a oração. Todavia o Senhor disse: “Tu, quando quiseses orar entra no teu quarto e fecha as portas” (Mt 6,6). Que poderia então declarar o meu acusador? Melhor, que poderiam dizer os verdadeiros cristãos racionais? Pergunta-lhe, príncipe, uma vez que escreveu acerca de uns: “o tolo dirá tolíces” (Is 32,6), e a respeito de outros: “Toma o conselho de todo o homem sábio” (Tb 4,19).

As igrejas eram muito estreitas, o povo, encontrando-se tão numeroso, queria ir ao deserto. Que era necessário fazer? — No deserto não há portas, todos os que lá vão têm livre acesso. A casa do Senhor, ao contrário, possui paredes e portas. Ela marca a diferença entre os homens de Deus e os profanos.

Príncipe, não é necessário reconhecer que, de acordo com a tua piedade, todo o homem sensato nisso convirá? Cada um sabe efetivamente que de um lado se organiza uma oração regular, de outro conjecturar-se-á desordem a menos que os fiéis vivam à parte, no deserto, sem lugar de culto, como o povo de Israel. Ainda que para estes últimos, logo houve um taber-náculo que delimitou o lugar de oração.

Ó Senhor e verdadeiro Rei dos reis,
Cristo, Filho Monogênito de Deus,
Verbo e Sabedoria do Pai,

porque o meu povo dirigiu a sua oração à tua bondade, porque, por teu intermédio suplicou ao teu Pai, o Deus de todas as coisas, em favor do teu servo, o mui piedoso Cons-tâncio, eis-me acusado.

Mas, graças sejam dadas à tua bondade de eu ser acusado pela fidelidade às tuas leis. Porque a acusação teria sido mais grave, e real a censura, se negligenciando o lugar organizado pelo imperador, tivéssemos ido ao deserto para orar.

Que motivo de vãs tagarelices então para o meu acusador! E que oportunidade de ser crido! “Ele desprezou a tua igreja, diria ele, o empreendimento não é segundo os seus gostos. Riu passando perto e designou o deserto para suprir na falta de local. As multidões queriam ali orar, ele as impediu”. Eis o que ele procurava. Não conseguiu, daí a sua raiva. Limitou-se a inventar histórias.

Porque se tivesse dito aquilo, ter-me-ia igualmente coberto de confusão, exatamente como hoje, faz-me mal adotando atitude de acusador para observar as pessoas rezando. É o que o enganou quando leu o livro de Daniel: o ignorante acreditou que os modos de ver babilônicos tinham também poder sobre ti. Ele não sabia que tu eras o amigo do bem-aventurado Daniel, e que tu adoravas o mesmo Deus que ele e que, bem longe de obstaculizar, encorajavas todos a rezarem, sabendo que a sua oração pede para todos a tua salvação e a paz sobre todo teu império.

Conclusão: o imperador é convidado a vir celebrar a Dedicatória

18. Por mim, é do que me lamento frente ao meu acusa-dor. Quanto a ti, mui piedoso Augusto, que vivas muitos anos e venhas celebrar a Dedicatória! Porque as orações comuns oferecidas pela tua intenção em nada se opõem à solenidade da Dedicatória. Que os ignorantes não venham aqui com as suas mentiras! Que vão preferencialmente à escola dos Padres e que leiam as Escrituras. Mais, que venham aprender de ti, porque tu tens cartas: como o sacerdote Josué, filho de Josedeque, com seus irmãos e o sábio Zorobabel, filho de Sabatiel, assim como Esdras, sacerdote e escriba da Lei, lançaram-se a construir o templo após o cativoiro (1Esd 3,8-11). Chegou a festa dos Tabernáculos, festa solene, toque de reunir e ocasião de orações públicas por todo o Israel. De comum acordo eles reuniram o povo no vasto recinto da porta principal voltada para o oriente; levantaram o altar de Deus e aí fizeram as oferendas. Toda a festa ocorreu ali. Em seguida tomaram o hábito de lá celebrar em cada sábado e em cada lua nova; e o povo aí oferecia as suas orações.

Ora, a Escritura afirma claramente que tudo aquilo teve lugar antes que o templo de Deus tivesse sido acabado; ou antes, é no meio de decorações feitas nestas condições que a construção se efetuava e subia. Assim, nem a espera da Dedicatória impedia o culto, nem a organização das assembléias de oração se opunha à Dedicatória, mas o povo assim orava e quando a construção estava acabada, procedeu-se à Dedicatória. Fizeram-se as oferendas prévias para a inauguração e houve grande festa para o acabamento dos trabalhos.

O fato foi renovado pelo pranteado Alexandre e por outros Padres: eles tinham organizado

assembléias, pois, terminados os trabalhos, davam graças ao Senhor celebrando a Dedicatória.

É o que por tua vez, Príncipe, iluminado te convém fazer; o lugar está pronto, purificado pelas orações preliminares, esperando a presença da tua piedade: é o único ornamento que falta à plenitude da sua perfeição. Possas tu lha dar vindo oferecer a oração ao Senhor para quem construístes esta habitação: é o voto de todos.

IV. SUPORTA CONVOCAÇÃO DO IMPERADOR À QUAL ATANÁSIO NÃO TERIA OBEDECIDO

19. E agora permite-me examinar a última calúnia, e tolera que eu me justifique disso. A sua impudência chegou ao ápice de me acusar de resistir às tuas ordens a ponto de não querer deixar a minha igreja. Estas pessoas, devo confessar, são admiráveis pela obstinação na delação. De minha parte, sou obstinado em me defender. Bem mais, regozijo-me disso, porque mais os pontos de defesa são numerosos, mais os meus acusadores se expõem à condenação. Eu não me oponho a uma ordem da tua piedade: — Deus me guarde disso! Não sou sequer inclinado a resistir a um administrador urbano e me oporia a tão grande príncipe? Aliás, sobre isso, não há necessidade de muito discurso de minha parte: toda a cidade é minha testemunha. Concede-me, entretanto, retomar ainda este assunto para expô-lo desde o começo. Porque se quiseres me escutar, te admiras, disso estou certo, da habilidade dos meus inimigos.

Montano, oficial do Palácio, veio me trazer uma carta como se eu tivesse escrito para me fazer convocar para a Itália com poder de lá reformar o que eu acreditava constatar de defeitos nos negócios eclesiásticos.

Graças sejam dadas à tua piedade por se ter dignado aquiescer à minha pretendida carta de pedido, assim como ter providenciado a minha viagem para junto de ti e às fadigas da estrada! Mas para aqueles que mentiam aos teus ouvidos, mais uma vez me espanto que não tenham tremido ao pensamento de que a mentira é a característica do diabo e que os mentirosos são estranhos ao que disse: “Eu sou a verdade” (Jo 14,6). Porque eu não tinha escrito, e o meu acusador estará em dificuldades para encontrar tal carta. Deus sabe, entretanto, se deveria ter escrito todos os dias para gozar da tua benevolência. Mas é crime abandonar a própria igreja e não é conveniente ser importuno à tua piedade, sobretudo quando acolhes os pedidos do próprio clero também se estamos longe de ti. Quanto às ordens transmitidas por Montano, permite-me que as leia.

Ei-las⁶.

20. Mas onde, então, meus acusadores puderam ainda encontrar esta carta? Eu desejava ouvi-los dizer quem lhes deu este novo documento. Força-os a responder. Poderás assim ter conhecimento que esta também eles a fabricaram exatamente como tinham negociado a outra a propósito do maldito Magnêncio. Desmascarados sobre este ponto, para que nova justificativa nos querem ainda arrastar? Tal é efetivamente a sua inquietação, tal é, vejo-o, a sua preocupação: agitação e perturbação universais. É para temer muito que pela força de falar cheguem a excitar a cólera entre nós. É também normal que nos desviemos de tais pessoas e que as detestemos. Efetivamente, julgam semelhantes a eles próprios os que os escutam e pensam que as suas calúnias não estarão sem força mesmo perto de ti. Assim foi eficaz antigamente a calúnia de Doeg (1Sm 22,9) contra os sacerdotes de Deus. Mas quem o escutava era o ímpio Saul. Mais tarde Jezabel, pela sua calúnia conseguiu prejudicar o piedoso Nabot (1 Rs 21,7); mas era o mau Acab, o apóstata, que a escutava. Quanto ao santo rei Davi de quem tu deves ser o imitador — e todos o desejam — longe de deixar livre acesso a tais pessoas, ele os

expulsava como cães raivosos e dizia: “o caluniador hipócrita do seu próximo, o exterminarei” (Sl 100,5).

Guardava efetivamente o preceito que proíbe “acolher os vãos rumores” (Ex 23,1). Vãs também são as suas palavras perto de ti; porque pediste ao Senhor, como Salomão (Pr 30,8) e obtiveste, podes crer em mim, que ele se digne afastar para longe de ti todas a palavra vã e toda a mentira.

21. Eis porque, por minha vez, vendo que a carta era o fruto de calúnia, que aliás, não formulava a ordem de vir, compreendi que lá não havia vontade alguma da tua piedade de nos fazer vir à tua presença. O fato de não me convidar formalmente a vir, mas de me escrever como se eu tivesse primeiramente escrito na intenção de reformar uma situação aos meus olhos lamentável, mostrava claramente, sem que ninguém me pudesse dizê-lo que a carta, chegada inesperadamente, não era a perfeita expressão da tua mansuetude. Todos o reconheceram, escrevi-o claramente; e Montano sabe perfeitamente que eu não recusava vir. Mas julgava inconveniente apresentar-me como se tivesse escrito: ali ainda os meus delatores teriam encontrado pretexto para me acusar de ser importuno à tua piedade. De fato, preparava-me, ele também o sabe, no caso em que terias te dignado escrever-me, para me pôr a caminho sem subterfúgio e, na minha solicitude anteceder até a tua ordem. E não teria a louca pretensão de discutir tal ordem. Portanto, é fato: tua piedade não me escreveu: posso ter resistido a uma ordem não dada? Mas como podem eles ainda falar da minha recusa a obedecer quando não houve ordem? Como ainda não tachar este fato de baixa calúnia, quando inimigos apresentam como acontecido algum fato que não houve? E agora, no exato momento em que me defendo, posso temer de vê-los espalhar o boato de que não me dignei defender-me, talmente sou presa fácil para seus ataques, e tão grande é sua prontidão em caluniar, sem consideração pelas palavras da Escritura: “não te comprazas em acusar, arriscas-te a ser extirpado” (Pr 20,13 segundo LXX).

V. COMPLEMENTOS DA ATUALIDADE PARA A APOLOGIA PRIMITIVA

a) As pistas (astúcias) de Diógenes e do Duque Siriano

22. Montanos partiu e vinte e seis meses depois chegou o notário Diógenes. Mas ele não me transmitiu a carta, nós não nos vimos e ele não me notificou nenhuma ordem. Quando, mais tarde, o general Siriano entrou em Alexandria, como os arianos faziam correr boatos anunciando a realização de todos os seus desejos, eu lhe pedi se ele tinha uma carta no sentido das suas insinuações. Eu reclamava, eu o confesso, uma ordem escrita. Como me disse não a ter, pedi que ele mesmo Siriano ou Máximo, o prefeito do Egito, me fornecesse uma carta a este respeito.

Fiz este pedido uma vez que a tua bondade me escrevera que com nada me atormentasse e não desse atenção aos que tentariam me assustar, mas que permanecesse tranqüilamente nas igrejas. Os que me trouxeram esta última carta foram Paládio, o antigo mestre do palácio, e Astérios, o antigo governador da Armênia. Permite-me te ler a cópia desta carta.

Ei-la:

23. Constâncio, Vencedor, Augusto, para Atanásio. Eu não cessei de fazer votos para a perfeita felicidade do que foi meu irmão Constante, isto não escapou à tua sabedoria. Logo que tive conhecimento de que uma conspiração de pessoas sem testemunho o tinha feito desaparecer, pode-se facilmente fazer uma idéia da tristeza que de mim se apoderou. E uma vez que há pessoas que nas suas

conjecturas, procuram te assustar por este lamentável acontecimento, eu julguei bom enviar a presente carta à tua reverência a fim de te dar coragem para continuares exercendo o teu cargo episcopal: instruíras o povo a se reunir para se desempenhar dos seus deveres religiosos e te dedicares com ele à oração segundo o costume. Não quero que acredites nos boatos que possam correr. Tal é o nosso bom prazer que segundo a nossa decisão, em todas as circunstâncias, sejas bispo do teu país. — E finalmente: Possa a Divindade te guardar durante numerosos anos, Pai bem-amado!

24. Eles falavam também desta carta aos juízes. Para mim que a tinha nas mãos, não me era legítimo solicitar precisões escritas e não me sujeitar ingenuamente às suas manobras? Eles não mostravam uma ordem da tua piedade: não tomavam o contrapé da tua carta? Quanto a mim, como tinha uma carta, não podia logicamente pensar que seus propósitos eram sem fundamento? Era justamente contra tais propósitos que me prevenia a carta da tua bondade.

Então agi com toda a justiça, mui piedoso Augusto: tendo regressado à minha pátria com uma carta de chamada, não queria deixá-la senão sob ordem a fim de não incorrer um dia na acusação de ter abandonado minha querida igreja, mas poder justificar meu afastamento por ordem recebida.

Esse era também o pensamento de todo o povo e do clero assim como da maioria da cidade, para não dizer da totalidade, quando fizeram sua tentativa junto de Siriano. O prefeito do Egito, Máximo, estava lá também. Seu voto era que se enviasse uma ordem escrita ou então que não se agitasse muito as igrejas até que o povo mesmo tivesse enviado uma delegação a ti. Perante as suas vivas insistências, Siriano deu-lhes razão e, jurando pela tua salvação assegurou na presença de Hilário que não mais nos perturbaria e que ele referiria isso à tua piedade. O séquito do governador e do prefeito do Egito estão a par do fato. O cartório da cidade guardou os próprios termos da declaração, e tu podes te assegurar que eu nem pessoa alguma estamos contra uma ordem tua.

25. Todos reclamavam por se ter mostrado uma carta da tua bondade. Só a palavra do imperador, sem dúvida, tem a mesma autoridade que uma resolução régia por escrito, sobretudo quando o seu mensageiro não hesita em transmitir a própria ordem por escrito. Mas estes homens não diziam claramente que houve uma ordem, estes homens não a davam por escrito quando se lha pedia, ao contrário, pareciam fazer tudo por iniciativa própria. Então, eu o reconheço e o digo com toda a franqueza, levantei suspeitas a esse respeito. Havia, com efeito, muitos arianos nessa roda. Eles se alimentavam juntos e se aconselhavam mutuamente. Não tomando francamente nenhuma medida eles não tinham senão um cuidado: conspirar contra mim e me armar emboscadas. Nada em suas ações que parecesse referir-se a uma ordem do imperador, agindo, parece, sob instigações maldosas, eles próprios se desqualificavam. Isso não me incitou muito a reclamar uma carta, uma vez que tudo era suspeito: seus atos e seus projetos; aliás, não me convinha reentrar com ordens tão precisas, deixar minha igreja sem nenhum escrito.

b) O atentado de 8 de fevereiro

Fortalecidos pela palavra de Siriano, todos se reuniam então nas igrejas com alegria e sem inquietação. Mas vinte e três dias após a sua promessa, ele invadiu a igreja com a tropa, enquanto orávamos como de costume.

Entretanto, eles bem o viram: celebrava-se a vigília da assembléia do dia seguinte. E, nesta noite, aconteceu aquilo com que sonhavam os arianos e que tinham mencionado por antecipação: o general, efetivamente, entrando os tinha ao seu redor: eles eram os chefes e os instigadores deste atentado.

Esta minha narração não é indigna de fé, mui piedoso Augusto, ficaram bem marcados e o fato é

notório.

Por mim, diante desta intrusão, convidei primeiro o povo a se retirar; depois, por minha vez, após os outros, — Deus me escondia, me conduzia, meus companheiros de então foram testemunhas disso — eu me retirei. Depois deles, eu fiquei ao abrigo, com toda a confiança e bem certo de poder justificar aos olhos de Deus, primeiramente, em seguida junto da tua piedade, que a minha fuga não foi abandono do meu povo, sendo a própria intrusão do general franca medida de perseguição.⁷ É o que provocou em todos a mais profunda impressão. Ele deveria, efetivamente, ou não empenhar a sua palavra ou, então, estar presente ali.

26. Porque então tantos conciliábulos, porque estes ataques pelas costas, agora que eles podiam dar uma ordem e confirmá-la por escrito? Porque uma decisão do imperador é garantia séria. Mas o próprio fato de quererem ficar desconhecidos tornava ainda mais evidente a nossa suspeita de que eles não tinham ordens. Tinha eu formulado um pedido impróprio. Príncipe amigo da verdade? Ousar-se-á dizer que isso foi uma exigência indigna de bispo? Tu sabes, tu que lês as Escrituras, qual é a culpabilidade dum bispo que abandona a sua igreja, sem consideração pelo rebanho de Deus. Porque a ausência do pastor dá ao lobo a ocasião de se lançar sobre o rebanho. É o que procuravam os arianos e todo o seu bando de heréticos: a nossa ausência devia proporcionar-lhes inteira liberdade para extraviar o povo na impiedade. Supondo que eu fugi, que desculpa apresentar aos olhos dos verdadeiros bispos, qual desculpa sobretudo aos olhos daquele que me tinha confiado o seu rebanho? Ele é o juiz de toda a terra, o rei universal autêntico, nosso Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus. Não me acusaram com justa razão de faltar à dedicação com relação ao povo? A tua piedade não me fez esta justa censura: por que tendo entrado munido duma carta, e partes sem ordem escrita após ter abandonado o teu povo? E o povo, por sua vez não teria razão no dia do julgamento de lançar sobre mim a sua própria negligência e dizer: “Aquele que tinha o encargo de velar sobre nós fugiu e ninguém se ocupou de nós; não havia alguma pessoa para nos fazer advertências”? A tais acusações que poderia eu responder? Essa a censura que receberam de Ezequiel os pastores (Ez 34,2); é esse o pensamento do bem-aventurado apóstolo Paulo quando, para além do seu discípulo, nos diz a cada um em particular: não negligencies a graça que te foi dada no momento da imposição das mãos pelo colégio dos anciãos” (Tm 4,14). É isso também que eu temia quando recusava partir e reclamava uma ordem para estar seguro que era uma vontade da tua piedade. Mas em lugar de obter aquilo que tinha o direito de pedir, eis-me acusado diante de ti, injustamente; porque não resisti a uma ordem da tua piedade, não tentaria agora reentrar em Alexandria até que a tua bondade me autorize. Eu me empenho a declará-lo de modo que, deste ponto ainda, os maus caluniadores encontrem pretexto para novos ataques.

c) A perseguição contra os bispos e contra o povo

27. Tais eram as minhas reflexões e eu não me sentia culpado. Tendo também em mãos esta apologia, me apressava para a tua piedade. Conhecia tua bondade e guardava na memória as tuas certezas sem falso semblante, fortalecido também pela declaração escrita no livro dos Provérbios divinos: “Perto de um rei bom, as justas razões têm possibilidade de serem acolhidas” (Pr 16,13). Eu já estava a caminho e saía do deserto, quando de súbito espalhou-se um boato, à primeira vista parecia incrível, mas depois foi realidade.

1º Os fatos

Em toda a parte contava-se que o bispo de Roma, Libério, o bispo da Espanha, o grande Ósio, Paulino das Gálias, Dionísio e Eusébio de Itália, LúCIFER de Sardenha, alguns outros bispos, padres e diáconos, tinha sido banidos porque não se resignavam em assinar a minha condenação. Eles tinham, então, sido exilados, ao passo que Vicente de Cápua, Fortunaciano de Aquiléia, Herêmio de Tessalônica e todos os bispos do ocidente tinham sofrido violência pouco comum, constrangimento muito forte e maus tratos até que tivessem prometido não ficar em comunhão conosco. Isto não é tudo. No nosso estupor nós não sabíamos o que fazer, e eis que nos chega outra novidade sobre os acontecimentos do Egito e da Líbia. Os bispos, em número perto de noventa, tinham sido perseguidos, as suas igrejas entregues aos partidários de Ário. Tinham exilado dezesseis, os restantes tinham fugido ou então se viram forçado a representar a comédia. Tão violenta era a perseguição, dizia-se, que em Alexandria os irmãos celebravam o culto, o dia da Páscoa e os domingos, num lugar deserto perto do cemitério. O governador militar, por sua vez, com uma tropa de mais de três mil soldados com armas, as espadas desembainhadas e os dardos de arremesso preparados caiu sobre os cristãos. O resultado foi tal como se podia esperar duma agressão deste gênero, com relação a mulheres e crianças culpadas somente de orar a Deus. Fazer a descrição destes fatos não pode ser talvez conveniente agora: é de temer que só a evocação deles provoque as lágrimas de todos. Eis com efeito, qual foi a sua selvageria: não contentes em despojar as virgens de suas vestes, eles recusaram-se a entregar, à vista duma sepultura pronta, os corpos daqueles que tinham morrido sob os seus golpes, e os entregaram aos cães até que as famílias conseguissem ocultá-los secretamente, esforçando-se muito para evitar que fosse sabido.

28. A continuação dos acontecimentos poderá parecer inverossímil. Todos ficarão horrorizados pelo excesso da sua abominação. É necessário, entretanto, que o diga para que teu zelo de cristão e a tua piedade saibam que os seus ataques e as suas calúnias não têm outra finalidade senão expulsar das igrejas e ter a faculdade de aí introduzir a sua própria impiedade. Porque uma vez exilados ou postos em fuga os veneráveis e legítimos bispos, os pagãos, catecúmenos, foram os titulares das principais cadeiras do Senado, os ricos mais em evidência, que no lugar dos cristãos foram prepostos pelos arianos para ensinar a verdadeira fé. E não é mais segundo o preceito do apóstolo (1Tm 3,2) a questão de saber se qualquer que foi colocado é irrepreensível; mas retorna-se a prática do ímpio Jeroboão (1Rs 12,31): o que mais oferece é nomeado bispo. Pouco lhes importa que ele seja pagão, contanto que dê dinheiro. Assim, todos os bispos do templo de Alexandre, antigos monges vivendo como ascetas, encontram-se exilados e os nossos peritos em calúnias sabotaram a constituição apostólica, visto que esteve em seu poder, até ao ponto de profanar as igrejas. E o fruto das suas calúnias não foi sem importância: foi-lhes permitido viver à margem da lei e agir sob o teu reino, de modo que a palavra da Escritura pode ser-lhes aplicada: “Infelicidade para aqueles que fazem que o seu nome seja blasfemado pelos pagãos” (Rm 2,24; Is 52,5).

29. Tais eram então os rumores, tudo está transformado em desordem. Conseqüentemente não abdiquei do meu ardor e tomei o caminho para me entregar à tua piedade. Eu punha tanto mais ardor para o fazer, que estava seguro de que tudo se passava com o teu desconhecimento. Se a tua bondade estava a par dos acontecimentos, penso, ela logo daria um fim nisso; porque não é próprio dum príncipe religioso querer que os bispos sejam exilados, virgens despojadas, numa palavra, que as igrejas sejam perturbadas.

Agitando estes pensamentos e seguindo o meu caminho sem demorar, eis que surge terceira novidade: escreveu-se aos reis de Axum para pôr fora o bispo da cidade, Frumêncio, de me procurarem, eu mesmo, até em casa dos bárbaros e de me conduzirem sob escolta ao tribunal dos

prefeitos; o povo e os clérigos deviam ser forçados a estar de acordo com a heresia ariana. Quanto aos recalcitrantes, devia-se fazê-los morrer.

2º Documentos

E para prova de que tudo aquilo não era simples rumor, mas confirmado por atos, eis — com a permissão da tua bondade — a carta que estes miseráveis se obstinaram em fazer ler, prometendo a morte a todos:

30. Cópia da carta: Constâncio, Vencedor, grandíssimo, Augusto, aos Alexandrinos.

Vossa cidade, fiel à sua conduta tradicional, lembrando-se da virtude de seus fundadores, dá uma vez mais exemplo de sua habitual obediência. Quanto a nós, se a nossa benevolência em relação à vossa Cidade não eclipsasse aquela mesma de Alexandre, nós julgaríamos cometer grande falta. É próprio da sabedoria sempre uma boa ordem, mas é dever do poder imperial render homenagem ao que vós me permitiríeis chamar a vossa virtude. Os primeiros, vós tomastes dos mestres de sabedoria os primeiros, vós escutastes o verdadeiro Deus, vós que escolhestes os melhores guias e que fostes de boa vontade submissos à nossa decisão. Com razão vós expulsastes o impostor e o charlatão, unindo-vos, como era necessário, a estes homens veneráveis para além mesmo de toda a admiração. Quem, efetivamente, habitando nos confins do mundo não reconheceria a ambição em todos os seus procedimentos? Não sei mesmo a que se poderia compará-lo no passado. A maioria dos habitantes da cidade, com efeito, eram atingidos pela cegueira: um homem tinha surgido das bases mais sórdidas para comandar como senhor. Homem de trevas, ele desencaminhava as almas sequiosas de verdade, jamais veio dele uma palavra fecunda. As suas intrigas em sua própria tolice, arruinavam as almas. Os lisonjeadores aclamavam, aplaudiam, pasmavam de admiração: eles devem ainda, é normal, murmurar entre os dentes; os ingênuos, na maioria, comprometiam-se no negócio; tudo ia por água abaixo como em plena inundação, por causa da incúria geral. A frente dos negócios, um homem saído do vulgo (como falar mais exatamente?), nenhuma diferença com os operários manuais, o único bem que ele trouxe à cidade foi não empurrar seus habitantes para o abismo. Mas esta nobre e brilhante personagem não esperou a sua sentença e condenou-se ele próprio ao exílio. Ora, seria do interesse dos próprios bárbaros suprimi-lo, receosos de que ele não convertesse alguns à impiedade, expondo as suas infelicidades como no teatro perante o primeiro que chega.

Dizemos-lhe então adeus por muito tempo. Mas nós, é-me necessário vos incluir no número duma elite ou, antes só a vós, devo render uma excepcional homenagem, uma vez que a realidade de vossa virtude e da vossa inteligência responde ao que mostram os vossos atos, célebres, por quase todo o universo.

Homenagem à vossa sabedoria! Possa eu escutar tantos mensageiros a informar ainda uma vez a vossa conduta e elogiá-la! Ó vós cujo ardor eclipsa o dos vossos antepassados e que podeis ser para os vossos contemporâneos como para as futuras gerações um esplêndido exemplo, vós fostes escolhido unicamente como guia, o mais perfeito possível, tanto pelos dons da palavras como pelos da ação. Sem o mínimo instante de hesitação, vos retratando com coragem, viestes aumentar as fileiras da comunidade e, das pobres inquietações desta terra, vos voltastes para os valores celestes, sob a condução do venerável Jorge, homem em todos os pontos experimentado nesta matéria.

Graças a ele, vós caminhareis na direção da vida futura com uma bela esperança e vivereis o presente com facilidade. Possamos nós ver todos os membros da cidade se aplicar a seguir a tua voz com coração unânime, como se apoiando numa âncora sagrada: nós não teríamos mais que usar, contra as suas almas doentes, o bisturi e o cautério. Nós os convidamos vivamente a se desfazer da sua

admiração por Atanásio, a esquecer esta grandiloqüência ôca e redundante, do contrário arriscam-se a se expor imprudentemente aos piores perigos e não sabemos se haverá um homem bastante hábil para desviar os rebeldes. Seria, de fato, estupidez arrastar, de país em país, o sinistro Atanásio, surpreendido em comportamentos indignos, para lhe infligir um justo castigo, — quando seria necessário tirar-lhe a vida por dez vezes — e aliás negligenciar, deixando-os se agitar, os seus lisonjeadores, os seus ministros, charlatões e homens que o pudor impede de nomear, pessoas a quem depois de muito tempo os juízes ordenam fazer morrer. E talvez ainda não morrerão, se ao menos, renegando os seus erros passados, eles chegarem bem tarde ao arrependimento. E o miserável Atanásio que era seu chefe: ele solapou o Estado e impôs sobre as mais santas personagens, mãos ímpias e criminosas.

31. Eis ainda o que a respeito de Frumêncio, o bispo de Axum, se escreveu aos príncipes deste país; apresento o texto:

Constâncio, Vencedor, mui grande, Augusto a Aizanas e Sazanas.

É nossa inquietação o objeto da vossa maior solicitude que o Todo-poderoso seja cada vez melhor conhecido. É necessário, ao meu ver, que toda a raça humana seja, a respeito deste ponto, tratada com igual solicitude. Todos poderão assim passar a sua vida até à realização da sua esperança, com igual conhecimento de Deus, sem divergências na perseguição da verdade e da justiça. Na intenção pois de dar prova em vossa consideração da mesma vigilância e de vos fazer participar das vantagens dos habitantes do império, nós ordenamos que uma só doutrina, a mesma que entre eles, tenha autoridade nas vossas igrejas. Queiram então enviar o mais rápido possível ao Egito o vosso bispo Frumêncio: ele se apresentará ao mui venerável Jorge e aos outros bispos do Egito, que tiveram autoridade para impor as mãos e julgar estas questões. Porque vós, sem dúvida, sabeis e lembrais, a menos que somente vós queirais ignorar um fato que todos comentam, que este Frumêncio foi elevado a este estado de vida por Atanásio, homem carregado de todos os crimes que não pode se desculpar com toda a justiça de qualquer das acusações levantadas contra ele, e, sem tardar, foi deposto da sua sede. Em nenhuma parte conseguiu se estabelecer e vai errante de uma cidade a outra, como se quisesse fugir à sua própria maldade. Se, então, Frumêncio está pronto a obedecer e prestar conta de toda a sua administração, ficará claro aos olhos de todos que ele não está em desacordo com a lei da Igreja e da fé oficial, uma vez que ele comparecerá, será examinado a respeito de toda a sua vida e prestará conta a juízes competentes. Receberá em seguida a sua investidura, se parecer verdadeiramente que deve com toda a justiça ser bispo. Se ele discordar e quiser escapar ao julgamento, será evidente que sofreu influência das doutrinas perversas de Atanásio para tratar das coisas de Deus com impiedade, mostrando conscientemente como ele a sua maldade. Além disso, pode-se temer que (este último) não passe em Axum e não perverta lá o vosso povo com os seus discursos sacrílegos e ímpios, não se contentando por arruinar e perturbar as igrejas e injuriar o Todo-poderoso, mas ainda tramando rigorosamente a ruína e destruição completa para os que são prepostos à nação.

Mas nós sabemos que Frumêncio juntará à sua própria ciência e trará um sério complemento ao bem comum, pelo seu contato com o mui venerável Jorge assim como com outros que são perfeitamente experimentados neste gênero de ensinamento. Ele recuperará a sua sede com eminente conhecimento dos afazeres eclesiásticos.

Que Deus não cesse de vos guardar, irmãos mui honrados.

3º Justificação do seu refúgio no deserto.

32. Eu ouço estas notícias, sou, por assim dizer, testemunha dos fatos na descrição dolorosa dos que os

informam, e, confesso, retomo o caminho do deserto, alimentando em meu espírito estes pensamentos que a tua piedade compreenderá: se alguém nos procurar para nos entregar aos prefeitos, algum meio haverá para termos acesso à tua bondade. Efetivamente, se os bispos que recusaram assinar a nossa condenação tanto sofreram, se os fiéis refratários à comunhão de Ário foram condenados à morte, não existe dúvida alguma que estes patifes imaginaram contra mim mil mortes requintadas. Após minha morte, os meus inimigos mobilizarão contra quem eles quiserem tal empreendimento que lhes agradar mentindo contra nós com tamanha liberdade que não mais encontrarão contraditores. Porque não é o medo da tua piedade que me fez fugir (eu conheço bastante a tua paciência e a tua bondade), mas os acontecimentos me puseram diante dos olhos a raiva dos meus inimigos e eu concluía que, no medo de ser confundido por estes atos praticados sem o consentimento da tua virtude, eles iam se esforçar totalmente para me fazer morrer. Eis, com efeito, que a tua bondade decretara que não se expulsassem os bispos para longe do território da sua cidade e da sua província. Ora, estas pessoas admiráveis não hesitaram em ultrapassar as tuas ordens e relegaram para lá de três províncias, no deserto em lugares incultos e hostis, velhos bispos carregados de anos. Os da Líbia foram remetidos para o Grande Oásis, os da Tebaida para o oásis de Amon, na Líbia. E, ainda uma vez, não foi o medo da morte que me fez fugir: que não me acusem entre eles de covardia; mas o Salvador nos convida a fugir quando somos perseguidos, a nos escondermos quando somos procurados, a não nos expormos a perigo evidente, a não nos mostrarmos para não excitarmos a cólera dos perseguidores. Entregar-se ao inimigo para morrer equivale efetivamente a se suicidar, enquanto fugir, segundo o preceito do Salvador, é conhecer a oportunidade, é verdadeiramente preocupar-se com os perseguidores para evitar que espalhem o sangue e infrinjam o (mandamento): “Tu não matarás de modo algum” (Ex 20,13). E, portanto, é o nosso sofrimento justamente que eles desejam nos caluniando. A sua presente conduta mostra uma vez mais que isso é a sua inquietação e que eles sonham com o homicídio. Verificando isto, eu o sei, tu, mui piedoso Augusto, persuadir-te-ás: há, com efeito, motivo de se encher de estupor perante a sua audácia. Até onde ela vai, apreende-a em poucas palavras.

33. O Filho de Deus, nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo, tornado homem por nós, aboliu a morte e libertou a nossa raça do império da corrupção. Mais que todas estas graças, ele nos deu possuir sobre a terra uma imagem de santidade própria dos anjos, a virgindade. Aqueles que fazem profissão desta virtude, a Igreja católica tem costume de chamar noivas de Cristo. Os próprios pagãos que as vêem, as admiram como templos do Verbo; em nenhuma parte efetivamente, é verdade, se encontra em vigor esta venerável e celeste instituição a não ser entre nós, os cristãos. Isso é sobretudo a grande prova que em nossa casa se professa realmente o verdadeiro culto de Deus. As virgens recebiam antes de todos os outros as marcas de honra do teu mui piedoso pai Constantino Augusto, de feliz memória. Foram também muitas vezes qualificadas de honoráveis e santas por tua própria piedade, nos teus escritos. E eis que agora, os nossos famosos arianos, os mesmos que nos caluniam, os mesmos cujos tormentos se encarniçam sobre a maior parte dos bispos, tendo os juízes à sua disposição e devoção, despojam as virgens das suas vestes, fazem-nas suspender no que se chama de pórticos⁸ (nos ginásios) e fazem aplicar-lhes sobre as costas três ou mais golpes que os verdadeiros malfeitores jamais receberam. Pilatos, para agradar aos judeus do seu tempo, fez que um dos lados do Salvador fosse trespassado pela lança. Eles vão além da loucura de Pilatos: não é um só mas os dois lados que eles feriram: os membros das virgens não são os de não importa quem, mas os próprios membros do Salvador? Basta sem dúvida narrar estes fatos para que todos, com tal descrição, tremam de horror. Eles não somente não tremem ao despojar e dilacerar os membros puros que as virgens consagraram só a Cristo nosso Salvador, mas para o cúmulo da perversidade, diante da reprovação geral de tal crueldade, em lugar de

se ruborizarem, declaram que isso é a ordem da tua piedade: eis a sua audácia toda, eis a perversidade dos seus planos. Jamais, mesmo no curso das perseguições passadas, se ouviu falar de tal prática. E quando tal ponto pudesse tornar-se conhecido um dia, não convinha que sob imperador cristão como tu, a virgindade sofresse tal violência, tamanho ultraje, nem que estas pessoas praticassem sua selvageria por conta da tua piedade. Isso é malignidade que é o apanágio dos heréticos: impiedade com relação ao Filho de Deus, fúria contra as virgens santas.

34. Ainda uma vez, perante tais maldades cometidas pelos arianos, tive razão de obedecer à divina Escritura que me diz: “Vai, oculta-te por um momento, até que a cólera do Senhor passe” (Is 26,20). Esse foi efetivamente, repito, o motivo da minha retirada, mui piedoso Augusto; não hesitei em me refugiar no deserto e, se houvesse necessidade ter-me-ia feito descer das muralhas num cesto.⁹ Tudo suportei, partilhei a morada das feras até que tu passes. Esperava o momento propício para este discurso, com a confiança de que os meus caluniadores seriam julgados e que a tua bondade manifestar-se-ia. Bem-aventurado e piedoso Augusto, que terias tu desejado? Que eu afrontasse o furor inflamado dos meus inimigos e as suas tentativas de me destruir, ou então, segundo a Escritura, que me esconda um momento para dar tempo aos meus caluniadores de se convencerem de heresia e à tua bondade de se manifestar? Ó, príncipe, tu terias querido que me apresentasse aos teus juízes? Tu não terias sem dúvida escrito qual a maneira de estar prevenido, mas eles, sem compreender o teu pensamento, importunados aliás pelos arianos, estariam autorizados pela tua carta para me destruírem, depois teriam lançado o crime sobre ti, por causa da tua carta. Não foi conveniente que me adiantasse por mim próprio e entregasse o meu próprio sangue; não foi conveniente que tu, imperador cristão, subscrevesse o homicídio dos cristãos, os homicídios dos bispos.

Conclusão: toda a esperança de Atanásio está no imperador

35. Assim, pois, valeu mais me esconder e esperar a hora favorável. Sei muito bem que conheces as divinas Escrituras, que então estás de acordo e me aprovas por ter agido assim. Em todo o caso, eis que tendo os meus instigadores cessado as suas buscas, aparece toda a tua clemência de piedade, e é evidente para todos que tu não foste o promotor da perseguição contra os cristãos. Eram os que arruinaram as nossas igrejas na intenção de implatar por toda a parte a sua própria impiedade pela qual nós também, se não tivéssemos fugido, teríamos há muito tempo sucumbido. Pessoas efetivamente que não tenham hesitado em pronunciar tais calúnias a meu respeito diante de príncipe tão augusto, que tenham executado ação como a sua contra bispos e virgens, é evidente que estavam à espreita de uma ocasião, para me fazer morrer por minha vez. Graças sejam dadas ao Senhor que te deu o império. O mundo inteiro com efeito proclama a tua benignidade e a malícia deles. Esta última devia ser primeiramente a ocasião da minha fuga, para que igualmente te dirigisse esta apologia enquanto a tua bondade encontrará alguém para socorrer. Eu te suplico, uma vez que está escrito: “Uma resposta humilde afasta a cólera” (Pr 15,1), e: “As justas razões têm possibilidades de serem aceitas por um rei” (Pr 14,35), acolhe também esta Apologia, restitui à sua pátria e às suas igrejas todos os bispos e todos os clérigos. Assim os caluniadores verão a sua malícia posta à luz do dia. Tu mesmo, tu terás agora e no dia do julgamento o direito de dizer ao nosso Senhor e Salvador, o Soberano Rei, Jesus Cristo: “Eu não deixei perecer algum dos teus” (Jo 18,19). Foram eles os que conspiraram contra todos. Quanto a mim, em face dos que foram mortos, em face destas virgens brutalizadas, na presença do males chegados inesperadamente aos cristãos, afligi-me. Quanto aos exilados, trouxe-os novamente e os entreguei às suas igrejas particulares.

¹Estes são os investigadores delegados pelo Sínodo de Tiro que retornaram com falsos testemunhas prejudiciais para Atanásio.

²Macário é o presbítero envolvido na questão do cálice de Ischyras, do qual não se cessará de acusar Atanásio.

³Constante foi assassinado em 350, por Magnêncio, que, em seguida, se proclamou Augusto, na Gália. Por sua vez, foi derrotado por Constâncio, em 353.

⁴Minúcias sobre esta embaixada em Sozomeno (Hist. Eccl. III,10). Ela era composta de quatro bispos, Narciso de Neronias, Maris de Calcedônia, Teodoro de Herácleas e Mare de Aretusa. Atanásio faz menção de um formulário que eles apresentaram a Constâncio.

⁵Trata-se do predecessor de Atanásio.

⁶Infelizmente, a Apologia não transmite o documento anunciado.

⁷Veja os detalhes na Apol. por sua fuga, § 5-6..

⁸O instrumento de suplício era uma espécie de barra onde se suspendiam as vítimas para açoitá-las.

⁹Atanásio evoca 2Cor 11,33, quando Paulo relata sua fuga: “mas fizeram-me descer de uma janela, ao longo da muralha, dentro de um cesto; e assim eu escapei das mãos dele” (isto é, do governador do rei Aretas, em Damasco).

APOLOGIA DE SUA FUGA

INTRODUÇÃO

Atanásio havia fugido e seus inimigos não perderam a ocasião de representá-lo como um medroso e covarde. A resposta foi esta Apologia, célebre, junto aos antigos autores e que, pelo mérito, não o cede de modo algum à precedente. Com que dignidade o nobre fugitivo desmascara os verdadeiros sentimentos de seus caluniadores, e lhes opõe a doutrina de Cristo, seu exemplo e o dos santos. Depois, retomando a ofensiva, com qual vigor pinta os furores selvagens de seus perseguidores e seus tristes empreendimentos. Esta Apologia foi composta antes da morte de Leôncio de Antioquia, provavelmente, pelo fim de 357. Se na Apologia anterior Atanásio não mencionava diretamente seus inimigos, nesta, ao contrário, não poupa ninguém. Entrega nomes e personalidades. Desmascara os desígnios de seus caluniadores, descreve as abominações cometidas por ordem de Jorge da Capadócia, o intruso, mostra as igrejas chorando seus pastores. Por ele, ele se escondeu não por medo mas por dever, para continuar a fazer entender a voz da verdade. O escrito acaba como começou, por uma pintura indignada dos costumes arianos

INTRODUÇÃO

Ocasão da Apologia

1. Parece que o atual bispo de Antioquia, Leôncio, com Narciso, bispo de Nerônias e Jorge de Laodicéia, assim como todo o seu bando de arianos repetiram muitas calúnias a meu respeito. Ouço-os a me insultar, a me acusar de covardia, porque perante as suas manobras para me fazer desaparecer, não me entreguei sem defesa nas suas mãos. Contra as suas injúrias e as suas insinuações, poderia, é verdade, apresentar mais um fato que eles então se preocupariam em negar, uma vez que todos estão a par, por pouco que se tenha ouvido falar deles. Desejaria, por conseguinte, opor-lhes outra defesa baseada na palavra do Senhor “a mentira é filha do diabo” (Jo 8,44); e na palavra do apóstolo: “os caluniadores não terão parte no Reino de Deus” (1Cor 6,10). Basta efetivamente confrontá-los com estas sentenças para mostrar a sua completa oposição com o evangelho nos seus pensamentos e ações. Então o que desejam é o que agrada aos seus gostos.

2. Mas eles têm o ar de me acusar de covardia, assim me vejo obrigado a tratar do assunto em algumas palavras: à luz deste escrito, ver-se-á que eles são perigosos e que jamais leram a Santa Escritura. Ou então se tomaram conhecimento e não acreditam efetivamente, não exerceriam a sua audácia contra os seus ensinamentos e não rivalizariam maldade como os judeus deicidas.

Deus, com efeito, impôs o preceito de “honrar pai e mãe” (Ex 20,12 e 21,17) e de “punir de morte o homem que amaldiçoasse o pai ou a mãe”. Ora os judeus inverteram o preceito: a honra tornou-se ultraje e o dinheiro a ser dado aos pais pelos filhos desviou-se da sua destinação (cf. Mt 15,4-7). Aliás, eles conheciam o gesto de Davi (1Sm 21,7); mas o interpretaram em sentido contrário e censuram inocentes por colherem e comerem espigas de trigo num dia de sábado (Mt 12,1). De fato, pouco lhes importava a Lei e não se inquietavam com o sábado: porque no dia de sábado violavam a Lei mais do que nunca. Mas na sua perversidade eram ciumentos por verem os apóstolos perdoados e o seu único desejo era verem triunfar o seu ponto de vista pessoal. — Eis que a sua injustiça recebeu a sua recompensa: perderam o seu caráter sagrado ficando conseqüentemente na condição de merecer o nome de chefes de Sadoma e de povo de Gomorra (cf Is 1,10).

Meus caluniadores, por sua vez, não se encontram menos divididos que eles. O seu castigo, já

recebido, é não ter consciência de sua loucura. Porque não somente eles não sabem o que dizem, mas crêem ainda saber o que ignoram. Todo o seu conhecimento consiste em fazer mal e cobrir o último lance nos leilões em cada dia sobre suas maldades.

Assim, por exemplo, a nossa fuga de hoje, eles não nos causam dano com a intenção de nos converterem ao heroísmo: ide pedir tais votos a inimigos para pessoas “que não correm ao seu lado” (1Pd 4,4) nas vias da maldade! Mas o seu gênio se espalhou sobre este assunto em comentários ruidosos: crêem, pobres tolos verdadeiramente! Que o medo da sua língua mordaz terminará um dia por nos precipitar em suas mãos. É o seu voto secreto, fonte da sua agitação desordenada; posicionam-se como inimigos e investigam como adversários. Já repletos de sangue, ainda querem se desembaraçar de nós, porque condenamos e não cessamos de combater e votar ao poste da infâmia a sua heresia.

I. AS VÍTIMAS DA PERSEGUIÇÃO

a) Todos os bispos fiéis

3. Qual infeliz perseguiram e atacaram sem tratá-lo indignamente, como lhes aprouve? Quem procuraram sem reduzi-lo, após tê-lo encontrado, a morte miserável ou a completa enfermidade? Dir-se-á que foi obra dos tribunais. De fato, eles são os promotores, ou melhor, os juízes se colocam ao serviço de seus planos e dos seus vícios. Encontrar-se-á, ao contrário, um lugarejo que não possua um monumento da sua malícia? Um adversário que não tenha sido vítima das suas maquinações sob pretextos forjados segundo os métodos de Jezabel? Uma igreja que não esteja em luta em virtude do seu bispo ser alvo das suas conspirações? Antioquia pelo seu confessor Eustácio, campeão da ortodoxia, Balanea pelo admirável Eufração, Paltos e Antarados por Cimátio e Cartério, Adrianópolis por Eutrópio, o amigo de Cristo, por Lúcio seu sucessor, mais duma vez acorrentado e morto algemado. Ancira por Marcelo, Beréia por Ciro, Gaza por Asclepas?¹ Todos estes homens grandemente maltratados viram-se exilados pela malícia dos seus inimigos. Quanto a Teódulo e Olímpio, bispos de Traça, quanto a nós mesmo e aos nossos sacerdotes, eles nos fizeram perseguir, resolvidos, em caso de êxito, a se vingarem sobre as nossas cabeças. Seria rapidamente o nosso fim se, mais uma vez nossa fuga não tivesse frustrado sua esperança. Porque era justamente este o conteúdo das cartas enviadas, umas ao procônsul Donato para regular a questão de Olímpio, as outras contra nós a Filágrio. A prova é que para o bispo de Constantinopla, Paulo, perseguido e descoberto, não se disfaçaram em fazê-lo estrangular na cidade de Cucusa, na Capadócia: o executor das altas obras foi Filipe, o antigo governador, que patrocinava oficialmente a sua heresia e colocava-se a serviço dos seus projetos perversos.

4. Mas após tal seqüência de crimes, sentiram-se saciados e com isso tranqüilos? De modo nenhum. Longe de parar por aí, semelhantes à sanguessuga dos Provérbios (Pr 30,15), eles se encarniçam no mal e se lançam ao ataque às grandes igrejas. Os crimes cometidos ultimamente, quem os saberia exprimir exatamente? Alguém é capaz de dar uma idéia de conjunto dos seus procedimentos? Justamente como as igrejas viviam em paz, no momento em que o povo orava nas assembleias eucarísticas, eles vieram arrancá-los de suas sedes e lançar no exílio santos bispos porta-vozes da verdade, como o bispo de Roma Libério, Paulino, o primaz das Gálias, Dionísio, primaz da Itália, LúCIFER, primaz das ilhas Sárdicas e Eusébio, bispo da Itália. Eles não eram partidários da heresia ariana e não tinham subscrito as acusações caluniosas forjadas contra nós.

b) Em particular Ósio de Córdoba

5. É supérfluo falar por minha vez do grande e bom ancião, do confessor da fé Ósio o bem nomeado, pois, parece conveniente que ninguém ignore o seu exílio por causa das tramóias deles. Não é personagem obscura, mas o mais representativo de todos e ancião muito em evidência. Existe, efetivamente, um concílio que ele não tenha presidido? E o bom senso da sua palavra não seduziu a todos? Há uma igreja que não guarde a recordação mais preciosa da sua mediação? Alguém já o abordou em lágrimas sem sair consolado? Um solicitador jamais se viu repellido de mãos vazias. Por conseguinte eles tiveram a audácia de atacá-lo e isto porque, posto a par das insinuações caluniosas da sua impiedade, recusou-se a subscrever as suas conspirações contra nós.² Ele finalmente, então submeteu-se-lhes por um momento sob os redobrados golpes com os quais o sobrecarregavam a vista dos seus como alvo de perseguição: que podia um ancião de corpo desgastado? — Mas a malícia deles se trai por si mesma logo que se encarniçaram por excessos deste gênero a mostrar por toda a parte que não eram verdadeiros cristãos.

c) A perseguição contra o povo

6. Pouco depois, efetivamente, ei-los chegados a Alexandria. Procuram ainda nos matar e a situação torna-se mais crítica do que nunca. Uma tropa de soldados investiu de súbito contra a igreja, e os gritos de guerra cobrem a voz da oração. No decorrer da quaresma entrou o seu emissário Jorge, vindo da Capadócia, e o seu embuste ultrapassa as lições dos seus mestres. Com efeito, após a semana da Páscoa as virgens são aprisionadas, soldados levam os bispos acorrentados, os órfãos e as viúvas vêm as suas casas e os seus alimentos serem roubados; perseguições forçam os domicílios, de noite levam os cristãos; os selos judiciais são colocados nas habitações; as famílias dos clérigos estão em perigo por causa dos seus parentes. Eis então muitas atrocidades, mas a sua audácia não pára aí. Na oitava do santo dia de Pentecostes, o povo no fim do jejum, vinha orar perto do cemitério: todos se horrorizavam pela comunhão de Jorge. O figurão teve o vento a seu favor; ele suscita o zelo de um oficial Sebastião, que era maniqueu. Imediatamente se faz acompanhar dum tropa de soldados armados levando suas espadas desembainhadas, seus arcos e suas flechas; e, num dia de domingo, se lança sobre o povo. De fato encontrou só algumas pessoas em oração — a maioria acabava de partir porque a hora estava avançada — e os seus atos foram aquilo que se podia esperar dum homem relativamente a seu soldo. Ele acendeu um grande fogo, para lá se conduziram virgens e ele queria fazê-las dizer que partilhavam a fé de Ário. Mas diante da sua resistência vitoriosa, da sua indiferença pelo fogo, ele as fez se despojarem das suas vestes e baterem no rosto até ficarem irreconhecíveis.

7. Quanto aos homens, conseguiu apanhar quarenta dentre eles e os fez bater segundo um método pouco comum: com ramos de palmeiras que se acabava de cortar, dos que são eriçados de espinhos, ele os fez rasgar cruelmente as costas. Muitos tiveram necessidade de intervenção repetida do cirurgião por causa dos espinhos cravados na carne; alguns chegaram mesmo a morrer. Em seguida todos os que foram tomados, em bloco, com as virgens, foram relegados no grande Óasis. Os corpos das vítimas entretanto não foram enviados imediatamente para as famílias, mas os carrascos os esconderam segundo o seu capricho, deixando-os sem sepultura, com a ilusão de poder camuflar a sua inominável crueldade. Eis o que eles fazem, os insensatos, segundo o extravio de seus espíritos. Os parentes regozijando-se totalmente pela confissão dos seus, choravam o desaparecimento dos corpos e viam-se multiplicar os protestos contra a sua impiedade e crueldade. Ora, no mesmo momento exilavam do Egito e da Líbia os bispos Amônio, Muio, Gaio, Hermes, Plênio, Psenósiris, Nilamon, Ágatos, Anaganfor, Marcos, Amônio, outro Marcos Dracôncio, Adélfio, Atenódoro, os sacerdotes

Hierax e Dióscoro. Expulsaram-nos com tais maus tratamentos que alguns não suportaram a viagem, outros morreram ao final do seu exílio. Expulsaram assim mais de trinta bispos, com a obstinação de Acab, na intenção, se possível, de extirpar a verdade. Eis a atrocidade destes ímpios.

II. JUSTIFICAÇÃO DA FUGA EM CERTOS CASOS

a) Mais vale ser perseguido do que ser perseguidor

8. Nestas conjunturas, sem se ruborizar das primeiras conspirações tramadas contra nós, ei-los que nos acusam ainda de termos podido escapar de suas mãos criminosas. Muito mais lamentam enfim, amargamente não ter conseguido se desembaraçar de nós e ei-los que propõem a censura de covardia sem se darem conta que preparando-a voltam a acusação contra eles próprios. Porque se a fuga é vergonha, a perseguição é mais culpada; o fugitivo se esconde para escapar à morte. A fuga efetivamente é autorizada pela Escritura (Mt 10,23), mas quem tem a intenção de matar transgride a Lei, e ele mesmo dá a desculpa para a fuga. Se então os nossos adversários nos reprovam a nossa fuga, farão melhor reprovarem a sua perseguição. Que eles cessem de conspirar e os fugitivos não continuarão a fugir. Mas longe de renunciar à sua maldade, tudo organizam para a perseguição, esquecendo que a fuga dos perseguidos é sério argumento contra os perseguidores. Efetivamente não é o homem doce e tratável que foge, mas preferencialmente o homem violento contra os maus costumes. Assim, por exemplo “os desgraçados e os devedores” fugiam de Saul para se refugiar junto de Davi (1Sm 22,2). Os perseguidores têm também em mente suprimir as suas vítimas que se escondem para fazer desaparecer os traços da sua malvadez. Mas ainda lhes parece bem que continuem a ser cegos, os pobre loucos: porque a fuga tem mais ressonância, a morte ou o exílio causados pelas suas intrigas tornam-se mais evidentes. Se matam a sua vítima, a morte os desgasta mais junto da opinião. Se o exilam novamente, eles mesmos dispersam, espalham pelo mundo monumentos da sua iniquidade.

9. Se, pois, eles quisessem guardar o seu bom senso, veriam que se embaraçam e tropeçam nos seus próprios cálculos. Mas sufocaram o seu bom senso e por isso mesmo se lançam na perseguição e totalmente na elaboração dos seus atentados e ficam cegos na sua própria iniquidade. Rapidamente terão a audácia de culpar a própria Providência — todas as audácias lhes parecem naturais — o fato de que ela não lhes entrega as suas vítimas, porque é evidente que até um pássaro, segundo a promessa do Salvador, não pode, sem a permissão do Pai do céu, ser surpreendido numa emboscada. Ora desde o momento que estes desenfreados prenderam alguém, esquecem todos e antes de tudo se esquecem deles próprios: ouvindo somente o seu orgulho põem-se a franzir as sobrancelhas, não tomando mais em conta nenhuma oportunidade, e para molestar homens, não respeitam qualquer lei natural. Ao contrário, põem-se na escola do tirano da Babilônia e se lançam a sua presa, ainda com mais selvageria. Longe de se deixar tocar pela piedade, “eles sobrecarregam o fardo do ancião” (Is 46,7); “a sua insensibilidade — viva a dor das feridas” (Sl 49,26) segundo a expressão da Escritura.

Se não tivessem acumulado todos estes crimes, se não tivessem exilado os nossos partidários que denunciavam as suas calúnias, as suas alegações teriam encontrado ouvintes simpáticos. Mas atacaram tantos bispos tão veneráveis sem mesmo poupar o grande Ósio, o confessor, o bispo de Roma e tantos outros da Espanha, da Gália, do Egito, da Líbia e de outros lugares, se encarniçaram tanto contra os que os tinham plenamente convencido a meu respeito. Também como não se ocupariam de nós antes de qualquer outro? Após as suas primeiras vítimas, querem suprimir nós mesmos no deserto. Efetivamente estão alerta (à espreita) e se sentem lesados uma vez que encontram

com vida os que desejariam ver morto.

10. Assim, pode-se fechar os olhos às suas patifarias? Não é a virtude — alguém poder-se-ia enganar nisso? — que os obriga a reprovar a covardia, mas é a sede de sangue que os faz tramar suas intrigas, como as malhas duma rede, na esperança de ver cair nela os que procuram para eliminar. Uns revelaram os seus procedimentos, outros mostram o seu coração, mais selvagem que o das feras, mais cruel que o dos babilônios.

b) Argumentos tirados da Escritura

Enfim, o argumento tirado de todas estas considerações é por si mesmo bastante forte. Entretanto, como eles imitam “seu pai o diabo” (Jo 8,44) e a sua linguagem hipócrita pode enganar quando denunciam a covardia, mais covardes eles mesmos que as lebres, consideremos o que as divinas Escrituras dizem sobre este assunto. Por isso não aparecerão nada menos que os adversários da Santa Escritura e os detratores da virtude dos santos. Porque se atacam todos os que estão disfarçados diante das tentativas de homicídio dirigidas contra eles, e se incriminam todos os que fugiam dos seus perseguidores, que farão na presença de Jacó fugindo na presença de seu irmão Esaú, de Moisés refugiado em Madiã pelo medo do faraó? Como poderão eles com as suas tolices defender Davi: ele deixou a sua casa, fugiu na presença de Saul que deu ordem para o matar, esconde-se diante dele na caverna (1Sm 24,1-8), maquila os traços do seu rosto e, enfim, despista Abimeleque e confunde os seus projetos.³

Acab, se esconde e, diante das ameaças de Jezabel, foge (1Rs 17,17)? Vê-se igualmente na mesma época os filhos dos profetas que se escondem embaixo da terra nas suas grutas pelo medo de Abadias (1Rs 18,4).

11. Talvez eles não estejam a par destas histórias um pouco velhas, mas os fatos do evangelho não mais parecem presentes à sua memória. Efetivamente, os próprios discípulos esconderam-se “por medo dos judeus” (Jo 20,19); e Paulo em Damasco, perseguido pelo etnarca (2Cor 11,30), faz-se descer das muralhas num cesto para escapar das mãos do perseguidor.

Se a Escritura narra tais fatos a propósito dos santos, que pretexto poderão eles inventar para justificar a sua animosidade? Se começam a acusar os santos de covardia, a sua audácia parecerá loucura; se os censuram de ter agido contra a vontade de Deus, eles mostrarão a sua ignorância da Escritura. A Lei, com efeito, ordenara a criação de cidades, de refúgio para pessoas acusadas de morte, que poderiam assim aproveitar o asilo (Ex 21,13; Nm 35,12). Quando os tempos foram cumpridos (Hb 9,26), aparece Aquele que falou a Moisés, o Verbo do Pai, e dá o mesmo mandamento: “Quando vos perseguirem numa cidade, fugi para outra” (Mt 10,23) e pouco depois diz ainda: “Quando tiverdes sob os olhos o horror da devastação anunciada pelo profeta Daniel, instalada no Lugar Santo — que o leitor compreenda! —, aqueles que estiveram na Judéia procurem refúgio no lado das montanhas, aquele que estiver sobre o terraço de sua casa não desça para procurar seus móveis, aquele que trabalhar nos campos não volte atrás para pegar as suas vestes” (Mt 24,15-18). Os santos conheciam isto; também tiveram esta linha de conduta; estas recomendações diretas do Senhor já foram efetivamente expressas antes de sua vinda na carne pela vida dos santos. E a regra de toda a perfeição para os homens é realizar as recomendações divinas.

12. Eis porque o próprio Verbo, feito homem por nós, julgou bom, quando procurado de novo, frustrar as intrigas. Efetivamente, convinha-lhe por este meio também, e não somente pela fome, pela sede e pelo sofrimento mostrar o peso da sua carne e a realidade da sua condição humana. Com efeito, desde

o princípio, apenas tendo entrado na humanidade, ainda criancinha, fez comunicar pelo seu anjo, as suas ordens a José: “Levanta-te, toma o menino e a sua mãe, e foge para o Egito: Herodes tem intenção de atentar contra a vida do menino” (Mt 2,13). Depois na morte de Herodes, vê-se-o evitando Arquelau, seu filho, e retirando-se para Nazaré. Mais tarde ainda houve por bem provar a sua divindade e curar a mão ressequida (Mt 22-23), “os fariseus saem da sinagoga e conspiram contra ele a respeito dos meios de o perder. Mas Jesus tendo conhecimento disto afastou-se, destes lugares” (Mt 12,14-15) E ainda, no momento da ressurreição, o evangelista diz: “A partir deste dia, eles tramaram a sua morte; também Jesus não mais circulava abertamente na Judéia, mas se retirou para a região vizinha do deserto” (Jo 11,53-54). No dia também em que o Salvador tinha declarado: “Antes de Abraão existir, eu sou”, os judeus apanharam pedras para lhas atirar, mas Jesus ocultou-se e saiu do Templo, e passando no meio deles, ia-se embora” (Jo 8,58-59; Lc 4,30); é assim que ele tinha o costume de escapar.

13. Assim, eles vêem tudo aquilo, ou antes, o ouvem, uma vez que perderam a visão e querem sinceramente não ser a vítima do fogo seguindo o que está escrito (Is 9,5), agora que meditem e proclamem princípios em oposição com os gestos e ensinamentos do Salvador? Por exemplo, após o martírio de João, quando os discípulos enterraram o seu corpo, Jesus soube e, deixando a região, retirou-se numa barca para um lugar solitário e afastado (Mt 14,13). Eis um gesto do Senhor, e ele estava em harmonia com o seu ensinamento. Se ainda estas pessoas se contentassem com ruborizar-se e limitassem os seus ataques ao homem sem acentuarem a loucura a ponto de censurarem de covardia ao Salvador, indo até ao cúmulo de blasfemar contra ele. Felizmente que ninguém se vá envolver em apoiar tais loucos; mais, ser-lhes-á demonstrado que nada compreendem do evangelho. Ora, a razão de tal retirada, de tal fuga atribuída ao Salvador pelos evangelistas, é lógica e digna de fé. Cabe a nós aplicá-la a todos os santos (porque o que está escrito do Salvador em relação à sua humanidade, pode-se aplicar a todo gênero humano, uma vez que se revestiu do nosso corpo e mostrou a enfermidade humana). Eis então a explicação dada no texto de João (Jo 7,30): “Procuravam, então, prendê-lo, mas ninguém lhe pôs a mão, porque ainda não chegara a sua hora”. E justamente antes que esta hora chegasse, ele dizia à sua mãe: “A minha hora ainda não chegou” (Jo 7,5). Depois retomando a mesma expressão, chegando o momento, dizia aos discípulos: “Dormi agora e descansai, pois eis que a minha hora chegou, e o Filho do Homem vai ser entregue nas mãos dos pecadores” (Mt 26,45).

c) Argumentação

1º A hora da Providência

14. Portanto, como Deus e o Verbo do Pai, não tinha hora para se apoderar, ele, o criador das horas; mas feito homem, usa estes termos para mostrar que cada homem tem o seu tempo medido — não certamente seguindo o acaso como o pretendem certos gregos acerca da fé nas suas fábulas, mas segundo o que ele, o criador, determinou para cada um em conformidade com a vontade do Pai. A Escritura fala disso e isso para que ninguém crie dificuldade. Há, certamente, mistério impenetrável a todo homem quanto às modalidades e quanto ao termo fixado para cada um. Portanto, todos sabem, cada estação tem a sua hora, a primavera, o verão, o outono e o inverno. De igual modo, segundo a Escritura (Ecl 3,2), há um tempo para a morte e um tempo para a vida. Eis porque se pode dizer que a geração de Noé viu o seu tempo abreviado (cf. Gn 6,13) e como se o termo fixado para cada um tinha-se aproximado, os anos da vida diminuíram. Ao contrário, em Ezequias, foram juntados quinze anos (Is 38,5). E Deus tendo prometido aos que o teriam bem servido: “Eu preencheri o número dos teus dias” (Gn 25,8), Abraão morre preenchido de dias; e Davi reza nestes termos: “não me tires a metade

dos meus dias” (Sl 101,25). Um dos amigos de Jó, Elifaz igualmente bem informado, diz por sua vez: “Tu estarás no túmulo como trigo bem maduro, ceifado no seu tempo, ou como o montão espalhado sobre a eira no momento oportuno” (Jó 5,26); e Salomão subscreve a palavra de Elifaz: “A vida do mau será quebrada antes da sua hora” (Pr 11,30). Eis porque ele ainda adverte no Eclesiastes (7,18): “Não abuses da impiedade, não endureças por medo de ter de morrer num tempo que não seria o teu”.

15. Segundo estas citações, a Palavra de Deus quer mostrar que os santos não ignoram que todo o homem dispõe de certa duração. Mas o termo final, a pessoa não o conhece, como prova a oração de Davi: “Faz-me conhecer o pequeno número de meus dias” (Sl 101,2). Como se ele quisesse aprender o que ignorava. É pela mesma razão que, por exemplo, o rico, que se imaginava ter ainda longo tempo para viver, ouviu: “Insensato, nesta mesma noite, te pedirão a tua alma; para quem serão os bens acumulados?” (Lc 12,20). E o Eclesiastes, sob a fé do Espírito Santo, declara: “É verdade que o homem ignora a sua hora” (Ecl 9,12). Pela mesma razão também, o patriarca Isaac dizia ao seu filho Esaú: “Eis que estou velho e não conheço o dia da minha morte” (Gn 27,2). Assim o Senhor, Deus em verdade do Verbo do Pai, conhecia o tempo fixado por ele para todo o homem, e sabia que tempo havia fixado ao seu próprio corpo para sofrer. Feito homem por nós, amplamente ao longo dos dias que procederam o tempo fixado, ocultava-se, inteiramente como nós, quando se o tornasse a procurar; perseguido fugia; frustrava as conspirações, “e, passando por meio deles, ia-se embora” (Lc 4,30). Mas quando fez chegar o tempo fixado por ele próprio, o tempo escolhido para sofrer no seu corpo no lugar de todos, anuncia a seu Pai: “Pai, é chegada a hora, glorifica o teu Filho” (Jo 17,1). Depois não se esconde mais dos que o procuram, mas, de pé, se deixa prender espontaneamente. Dirigiu-se à multidão que veio contra ele, diz o evangelho: “Quem procurais?” Como eles responderam: “Jesus de Nazaré”, em seguida, diz: “Sou eu, aquele que vós procurais” (Jo 18,5). E isto não uma vez, mas por duas vezes. E assim o levam à presença de Pilatos. Antes do tempo não permitiu que se apoderassem de sua pessoa. Mas chegada a hora, sem mais se esconder, entregou-se à mercê, nas mãos dos perseguidores, para mostrar a todos que somente do julgamento do alto dependem a vida e a morte dos homens, e que, sem aprovação do nosso Pai dos Céus, nem um cabelo da cabeça dum homem pode tornar-se branco ou preto, nem um pardal cair numa armadilha (Mt 5,36; 10,29).

16. O Senhor então se oferece, ele mesmo por todos, nas circunstâncias lembradas neste mesmo instante. Os santos, por sua vez, tomaram como modelo o Salvador — é na sua escola, antes (da sua manifestação) como sempre, que todos tomavam as suas lições — sustentaram a luta contra os seus perseguidores, empreendendo a fuga quando era necessário, usando esconderijos quando eram perseguidos. Ignoravam, como homens, o termo fixado para eles no tempo pela Providência e não queriam verdadeiramente entregar-se sem resistência aos seus perseguidores. Eles, aliás, conheciam as Escrituras para quem “o destino de todos os homens está nas mãos de Deus” (Sl 30,16), para quem só o Senhor dá a morte ou comunica a vida (1Sm 2,6). Muito mais, resistiam até ao fim, segundo a palavra do Apóstolo: “errando vestidos de peles de ovelhas e de cabra, necessitados, torturados, vagando pelos desertos, escondendo-se nas cavernas e antros da terra”, até a expiração do termo estabelecido para a sua morte (Hb 11,37), embora Deus, que o tinha determinado, lhes falasse e apaziguasse a perseguição, embora sem hesitação entregasse os fugitivos aos seus carrascos conforme lhe parecesse bom. Esta lição de aplicação geral pode muito bem tirar-se do exemplo particular de Davi: “Vive o Senhor; se não se levanta o dia da sua morte, se o rei não entra no combate ou não se lança contra adversários, eu não levantarei a mão sobre o Ungido do Senhor (1Sm 26,10-11).

17. Se também algumas vezes os fugitivos se rendiam aos seus perseguidores, não o faziam por ceder ao cansaço: o Espírito lhes falava e é o amor de Deus que os fazia entregar-se; e por este meio

mostravam uma vez mais a sua docilidade e o seu ardor. Assim fez Elias quando à ordem do Espírito, se apresentou a Acab (1Rs 18,17), assim o profeta Miquéias quando foi à casa do próprio Acab (1Rs 22,15); assim o profeta que amaldiçoou o templo de Samaria e converteu Roboão (1Rs 13,2);⁴ assim são Paulo quando apelou a César (At 25,11). Não era, evidentemente, o medo que os lançava na fuga! Certamente não! A fuga servia-lhes mais de treino, de preparação para a morte. Eles obedeciam a duplo cuidado, e isto era sabedoria: longe deles, antes de tudo, o pensamento de se entregar inconscientemente, o que teria sido um suicídio; responsáveis pela sua própria morte, teriam infringido o preceito do Senhor: “O homem não separará o que Deus uniu” (Mt 19,16). Por outro lado, queriam evitar a censura de covardia: pareceriam, efetivamente, enfraquecer perante a perspectiva das provas do exílio, dos sofrimentos maiores e mais terríveis que a morte. Porque quando se morre, a prova termina; ao contrário, quando se foge, cada dia traz a angústia das armadilhas do inimigo, a ponto de se julgar a morte menos dolorosa. Também as vítimas do exílio não devem ficar numa morte sem glória mas gozar, também elas, do glorioso título de mártires. Eis porque Jó se tornou famoso pela sua resistência aos sofrimentos, quando suportou viver atormentado por tantas e variadas enfermidades; morto, não teria sentido o menor golpe. Eis porque também os santos Padres se decidiram por seu regime de vida; perseguidos, não se deixavam intimidar e manifestavam, de preferência, a sua força de alma, escondendo-se em estreitos e tenebrosos refúgios e tratando-se duramente, depois, o momento de morrer se apresentava novamente, não o rejeitavam; porque não pensavam de modo algum em tremer perante a morte, ou em prevenir a decisão tomada pela Providência, ou ainda contrariar aos desígnios para os quais sabiam estar reservados, de modo que agindo com precipitação, não fossem as causas dos seus terrores. A Escritura diz efetivamente: “os lábios inconsiderados buscam ruínas para si próprios (Pr 13,3).

2º A fuga não é sempre covardia

18. Enfim, sem dúvida alguma, eles estavam solidamente estabelecidos na virtude da força: o homem de modo nenhum tem o poder de contestá-lo. Efetivamente, o patriarca Jacó, que outrora havia fugido perante Esaú, não temeu a morte quando se apresentou (Gn 49). E também o momento que ele escolheu para abençoar os Patriarcas cada um em particular. O grande Moisés, para se esconder primeiro do Faraó, foi-se embora para Madiã (Ex 3,10). Mas pela ordem que recebe de “voltar ao Egito” faz calar os seus temores. Depois recebendo novamente a ordem de escalar o monte Abar para aí morrer (Dt 32,49-50), não recuou tremendo, mas para lá subiu com alegria. Davi, por sua vez, que primeiramente fugira perante Saul, não hesitou em ser o primeiro a se expor aos perigos da guerra pelo seu povo (2Sm 24). E também quando se encontra na situação entre a morte e a fuga, com a possibilidade de escapar e de viver, prefere, na sua sabedoria, a morte. E o famoso Elias, que perante Jezabel, outrora, se escondera, não mais hesitou, (1Rs 18,1), convidado pelo Espírito, em resistir a Acab, e em condenar Ocozias (2Rs 1,15). E são Pedro que se esconde “pelo medo dos judeus” (Jo 20,19), e o apóstolo Paulo que se faz descer num cesto para fugir (2Cor 11,32), desde que se lhes disse: “Darás o teu testemunho em Roma (At 23,11), ei-los que partem sem demora, de preferência na alegria; o primeiro, como se estivesse apressado em rever os seus, irradia alegria pelo pensamento de morrer; o segundo, longe de estar aterrorizado quando o momento se aproxima, entusiasma-se e se felicita: “agora me ofereço em sacrifício e eis eminente a hora da minha partida” (2Tm 4,6).

19. Tudo isto demonstra bem que a sua primeira fuga não era saída frouxa nem a sua conduta final acontecimento passageiro; e nós temos nisso magnífica prova da sua esplêndida virtude de força.

Porque a sua retirada estava longe de satisfazer o gosto da facilidade: ao contrário, era ocasião para intensificarem o seu esforço ascético. Aliás não se consideravam como fugitivos, não concordavam em acusá-los de covardia por pessoas da índole dos nossos trapaceiros. Muito mais, eles foram abençoados pelo Senhor: “Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça” (Mt 5,10). E uma prova deste gênero não lhes foi inútil, porque, provados como o ouro na fornalha, segundo a palavra da Sabedoria (3,5), Deus os achou dignos dele; e vê-se-os brilhar num fogo mais intenso, libertados dos seus perseguidores, livres dos tormentos, guardados sãos e salvos para a edificação dos povos. Além disso, a sua fuga frustrou a raiva dos perseguidores e foi na linha da vontade do Senhor: eles tornaram-se por este meio os muito amados de Deus e deram o mais belo testemunho de heroísmo.

20. O patriarca Jacó por exemplo, foi recompensado, no curso da sua fuga por muitas visões vindas de Deus; e até no deserto, desfrutou da proteção do Senhor, que converteu Labão e desmanchou projetos de Esaú (Gn 31-32); após o que se torna o pai de Judá, o antepassado do Senhor segundo a carne, e deu a sua bênção a cada um dos patriarcas. Moisés também o amado de Deus, também na visão (Ex 3); depois, fugitivo de seus perseguidores, voltou para o Egito com a missão de profeta. Foi, em seguida, o grande tauma-turgo, o legislador, e no deserto, o chefe deste grande povo. Davi, por sua vez, perseguido, nos dá os mesmos ensinamentos: “Meu coração fez jorrar uma palavra de escolha” (Sl 44,1) e: “Nosso Deus virá com brilho, é nosso Deus, não guardará o silêncio” (Sl 49,3). Ele sentia-se mais forte quando dizia: “Meu olho olhou do alto o inimigo” (Sl 91,12), depois: “Eu depus em Deus a minha esperança, não terei medo algum perante os comportamentos humanos” (Sl 55,12). Obrigado a fugir perante Saul e a se esconder numa caverna, cantava: “Do seu céu, ele fez um gesto e me salvou, entregou à vergonha os meus adversários. Deus enviou a sua misericórdia e a sua verdade e livrou a minha vida dum bando de leões novos” (Sl 56,4-5). Ele também após ter sido salvo segundo uma disposição providencial, tornou-se rei e recebeu a promessa de ver nascer nosso Senhor do seu sangue.

O grande Elias ainda, refugiado no monte Carmelo, gritou a Deus, e após ter vencido sozinho os profetas de Baal em número de mais de quarenta (1Rs 18,36) recebeu os dois oficiais, com os seus cem homens, enviados contra ele ao grito de: “O fogo do céu desça sobre vós!” (2Rs 1,10-11) e ele mesmo se encontrou incólume a ponto de poder ungir com óleo sagrado Eliseu em seu lugar e aparecer ainda como modelo de ascese para os filhos dos profetas (2Rs 2). E o bem-aventurado Paulo escrevia: “Que perseguições sofri das quais o Senhor não me tenha livrado? E me livrará ainda” (2Cor 1,10); ele reencontrou novas forças para dizer: “Nós somos mais que vencedores em tudo isto porque nada nos afastará da caridade de Cristo” (Rm 8,35-37). É então, efetivamente, que ele foi arrebatado ao terceiro céu e levado ao paraíso para ouvir palavras inexprimíveis que não foi dado ao homem repetir (2Cor 12,2-4). É por esta finalidade que foi então guardado para aperfeiçoar a sua pregação desde Jerusalém até os confins da Ilíria (Rm 15,19).

Conclusão. Resumo dos argumentos

21. Não se pode então reprovar nem considerar como inútil a fuga dos santos; porque se não tivessem escapado dos seus perseguidores, como nosso Senhor seria descendente do sangue de Davi? Quais arautos te-riam anunciado a palavra da verdade? A finalidade dos perseguidores que perseguiam os santos era suprimir todo o mestre de doutrina, como os judeus o declararam aos apóstolos (At 5,28). Mas, estes últimos tudo suportaram para que o evangelho fosse anunciado. A prova disso está em que mesmo no meio destes combates não deixavam estéril o tempo da sua fuga; por mais perseguidos que

fossem, não esqueceriam o bem do próximo, mas guardando o seu papel de servidores da boa doutrina, não hesitavam em comunicá-la a todos. Mesmo no curso de sua fuga, permaneciam os arautos do evangelho. Preveniam-se contra as astúcias dos inimigos; os seus encorajamentos fortaleciam os fiéis.

Assim o bem-aventurado Paulo falava por experiência quando declarava: “Se alguém quer viver piedosamente em Cristo, será perseguido” (2Tm 3,12); mas ele se empenha a encorajar os perseguidos: “A resistência nos faz correr a corrida que nos é proposta” (Hb 12,1). Porque também se a prova não dá alívio, “Ela exerce ao menos a resistência, a resistência dá o hábito que gera a esperança; e esta última não engana” (Rm 5,4). O profeta Isaías, na perspectiva de situação análoga, eleva a voz e exclama: “Vai meu povo, refugia-te nas tuas casas, fecha as portas, esconde-te por um momento, até que a cólera passe” (Is 26,20). O Eclesiástico, perfeitamente a par das conspirações tramadas contra os homens de Deus, diz por sua vez: “Se vires caluniar o pobre, se tu vires violar todo o direito e toda a justiça no país, não te admires diante do fato, porque acima de uma autoridade há outra autoridade, e acima da própria terra, existem ainda dominadores e um poder!” (Eclo 5,7). Ele tinha Davi por pai, para quem os sofrimentos de perseguição não tinham mais segredo e cuja palavra seguinte reconfortava os sofredores: “Sede corajosos e valentes no vosso coração, vós todos que tendes a vossa esperança no Senhor (Sl 30,25), porque aos homens dobrados sob tal prova, não é um homem, mas “o próprio Senhor quem prestará socorro; ele os libertará uma vez que a sua esperança está nele” (Sl 36,40); “porque eu também sustentei a luta e esperei no Senhor, e ele inclinou-se para mim, ouviu o meu clamor e tirou-me do poço fatal do charco lodoso” (Sl 39,1-3). Tudo isto mostra que a fuga dos santos é útil aos povos, e não é estéril, qualquer seja o pensamento dos arianos.

22. Assim então os santos, como acaba de ser dito, estiveram preservados, graças à sua fuga, de modo extraordinário e segundo plano providencial, tudo tal como os médicos o seriam para os seus doentes. Para os outros e praticamente para nós todos, os homens, existe uma lei de fuga quando nos perseguem, nos escondermos quando nos procuram, não nos deixarmos ser obrigados a tentar o Senhor, mas esperarmos, como disse ainda há pouco, o momento determinado para a nossa morte ou a sentença do juiz proferida segundo o seu bel-prazer. Cada um, entretanto, estará preparado para “sustentar o combate pela verdade até a morte” (Eclo 4,28). Tal foi a conduta adotada pelos bem-aventurados mártires nas perseguições do seu tempo: perseguidos, fugiam; escondidos, ficavam firmes; descobertos, davam testemunho. E mesmo se alguns dentre eles se entregassem espontaneamente aos perseguidores, não o faziam inconsideradamente; suportavam o martírio sem tardar, e todos reconheciam que esta pressa e esta diligência tão espontâneas eram o fato do Espírito.

23. Tais eram então os ensinamentos do Salvador e tal a prática dos santos. Que nos dizem, estes homens que jamais ouvirão a respeito deles próprios uma apreciação assaz severa, que nos dizem ou onde ensinaram-lhes a arte de perseguidor! Em casa dos santos? — Eles não ousariam pretendê-lo. Então em casa do diabo — não há senão esta alternativa; — justamente ele que dizia: “Eu perseguirei e chegarei aos meus fins” (Ex 15,9). A fuga efetivamente foi recomendada pelo Senhor e praticada pelos santos; a perseguição ao contrário é prática do diabo e pretende usá-la contra não importa quem.

Em que então será necessário confiar? Que respondem eles ainda? Nas palavras do Senhor ou nas suas histórias para eles? Que prática adotar? A dos santos ou a que eles inventam? Porém eles ainda arriscam a falta de discernimento — sofrem efetivamente de obscurecimento da consciência como diz Isaías (5,20) e tomam o amargo por doce, a luz por trevas. Venha então um dos nossos cristãos para os confundir com uma solene sentença: “Vale mais confiar no Senhor” (Sl 117,8) do que se apoiar sobre as suas divagações. A palavra do Senhor, efetivamente, está plena de vida eterna, os argumentos deles,

ao contrário, estão repletos de perfídia e de sangue.

Aplicação ao caso particular de Atanásio

24. Eis então o suficiente para confundir as loucas pretensões destes ímpios e mostrar que eles não se apaixonaram senão para rivalizar maus procedimentos e injúrias. Mas, já que tiveram a audácia, uma vez, de tomar partido contra o Cristo, e que então se perturbam sem trégua, que vão ao menos se informar da nossa fuga, sem esquecer-se de investigar junto dos seus próprios amigos. Porque havia arianos com a tropa de soldados para os excitar e indicar-lhes a nossa pessoa que lhes era desconhecida. Eles têm por bem efetivamente não possuir sentimentos, que se apaziguem ao menos num sentimento de vergonha pela narração destes fatos. A noite já tinha chegado; algumas pessoas vigiavam a espera de reunião quando o general Siriano chegou de repente com os seus homens. Eram mais de cinco mil armados, mil de espadas que tinham desembainhado, de arcos e de flechas, de bastões, como já foi dito anteriormente. Ele fez cercar a igreja, ocupando-se ele próprio de colocar os homens em fileira estreita, de medo que ninguém pudesse deixar a igreja e lhes escapar. Quanto a mim, julguei indigno abandonar o meu povo num momento tão crítico em lugar de ocupar-me da minha pessoa. Assentei-me no meu trono e dei ordem ao diácono para ler um salmo, e ao povo para participar respondendo: “Sua misericórdia dura eternamente” (Sl 136,1). Em seguida, cada um devia se separar e entrar novamente em sua casa. Mas o general tinha então forçado a entrada e, os seus homens rodeavam o coro para se apoderarem de nós. Os clérigos presentes e o povo começaram a gritar, julgando já ter chegado o momento de nos afastarmos. Quanto a mim, não queria ir-me embora antes que todos até ao último escapassem. Eu também me levantei e tendo ordenado para rezar supliquei que primeiramente todos fossem embora: “Mais vale, eu dizia, passar eu mesmo um perigo do que ver alguns de entre vós serem maltratados”. Então a maioria tinha saído e o resto seguia quando os monges do nosso meio e alguns clérigos voltaram para nos arrastar. E foi assim, a Verdade é minha testemunha de tal fato, uma parte dos soldados cercando o coro e outra patrulhando ao redor da igreja, que nos evadimos. O Senhor nos servia de guia, ele próprio nos guardava. Nós nos afastamos com desconhecimento deles, rendendo glória a Deus por termos conseguido não trair o povo e tê-lo feito partir antes de nós, sem termos sido por tal fato impedidos de nos salvarmos e termos podido escapar das mãos dos perseguidores.

25. Eis então a maneira extraordinária pela qual a Providência nos pôs fora de perigo. Quem poderia agora emitir uma crítica justificada de nós não termos sido libertados sem defesa das mãos dos perseguidores ou de não termos voltado a nos libertar a nós mesmos? Esta última maneira de agir é propriamente uma ingratidão para com o Senhor, uma desobediência à sua ordem formal, uma condenação da conduta dos santos. Pois bem! Que este acusador ouse também acusar o grande apóstolo Pedro, uma vez que, bem fechado e sob boa guarda seguiu o anjo que o chamava; depois, tendo saído da prisão e encontrando-se salvo, não voltou a se entregar, tendo sido posto a par da conduta de Herodes. Que ele culpe São Paulo, ó meu pobre louco Ário, de que havendo descido da muralha e sido salvo, não tenha mudado de idéia para voltar a se entregar espontaneamente! Que culpe Moisés de não ter deixado Madiã para retornar ao Egito e se entregar nas mãos dos seus perseguidores; Davi que na caverna recusou mostrar-se a Saul; sem olvidar filhos dos profetas, que ficaram escondidos embaixo da terra e não se entregaram a Acab. Em todos os casos eu repito, infringiu-se um preceito uma vez que a Escritura declara: “Tu não tentarás o Senhor teu Deus” (Dt 6,16).

26. Em resumo, por minha vez, tenho grande respeito por tudo isto, e, tendo-o aprendido na Escritura,

regulei a minha conduta segundo estes modelos. Não desprezo a graça do Senhor, nem o seu socorro, apesar dos possíveis rangidos de dentes destes loucos irritados contra nós. Tais foram as circunstâncias da nossa fuga e não creio que ela suscite a mínima censura das pessoas sem espírito, já que, segundo a divina Escritura, tal é justamente o exemplo dos santos dado para nossa instrução. Mas, aos olhos de nossos adversários, — é evidente — não há audácia demasiado atrevida, experiência desprezível para dar prova de sua maldade e da sua crueldade. A sua própria vida é, aliás, conforme ao seu orgulho e insensatez, e nenhuma acusação contra eles poderia enumerar e apreciar atos cujo acúmulo e gravidade não os fazem corar. Leôncio, por exemplo, em presença da acusação e interdição de coabitar com uma mulher, jovem ainda, de nome Eustólião, mutilou-se a fim de poder viver impunemente com ela. Mas longe de o livrar de toda a suspeita, este ato, tomada em consideração a sua qualidade de sacerdote, precipita a sua destituição. Isto não impediu o herético Constâncio de impor a sua nomeação para o episcopado. Narcísio, outro, não conta mais os seus crimes de toda a natureza e viu-se três vezes deposto em diferentes sínodos, ei-lo agora o mais enfurecido entre eles. Quanto a Jorge, viu-se deposto do seu cargo ainda simples sacerdote, por causa de sua má conduta e tendo-se nomeado ele mesmo bispo, foi radicalmente deposto pelo grande concílio de Sárdica. Mas tem uma tara maior ainda, uma vez que é do conhecimento de todos, vive na libertinagem. Também não é surpreendente que mesmo entre os seus amigos se censure de pôr seu objetivo e a sua alegria de viver na ignomínia.

27. Assim, pois cada um deles exagera sobre os vícios dos outros, mas uma tara comum os marca a todos: é esta heresia que os levanta contra o Cristo. Não se os chama mais de cristãos, mas arianos. Eis os crimes que eles deveriam denunciar uma vez que contradizem a fé do Cristo. Mas no seu próprio interesse, os escondem; e nada de espantoso se, na sua suficiência, embaraçados em tal trama de vícios, tornam a procurar e perseguem as pessoas que não se agregam à sua heresia, a mais ímpia de todas. Também em caso de captura, se regozijam; ao contrário, ficam tristes se não vencem os que desejavam, e sentem-se lesados quando, segundo o que eu disse ainda há pouco, vêem viver os que desejam ver mortos.

Ah! Pudessem ser lesados de modo a verem enfraquecer a sua maldade, ao passo que as vítimas da sua perseguição darão graças ao Senhor pelas palavras do Salmo 26: “O Senhor é minha luz. Ele é o meu salvador, quem eu temerei? O Senhor é o amparo dos meus dias, a quem recearei? No momento em que os inimigos se aproximavam para investir contra mim, os que me atacavam, tropeçaram e caíram” (1-2).

Que eles repitam também com o Salmo 30: “Tu salvas a minha alma das suas angústias, e tu não me deixaste cair nas mãos do inimigo, e tu puseste meus pés em caminho espaçoso” (8-9).

Em Cristo Jesus nosso Senhor, para quem são a glória e o poder, ao Pai, no Espírito Santo, pelos séculos dos séculos. Amém.

¹Os bispos aqui mencionados são apresentados com mais detalhes na História dos arianos aos monges, na qual estes acontecimentos são mais uma vez lembrados. São também as vítimas do “Latrocínio de Tiro”, sínodo no qual Atanásio foi condenado e enviado ao exílio para Tréveros. A maior parte destes bispos foram chamados, após a morte de Constantino, às suas sedes, mas a reintegração de posse das dioceses ocupadas não se deu senão através de sérias dificuldades (cf. Apol. Contra arianos 87,19)

²Atanásio tece os melhores elogios a Ósio. Nascido por volta de 256 e sagrado bispo por volta de 300 d.C., Ósio foi amigo de confiança de Constantino que o encarregou de estabelecer a paz na controvérsia ariana e de reduzir o cisma meleciano no Egito no tempo do bispo Alexandre, predecessor de Atanásio. Com esta missão, presidiu o concílio de Antioquia nos inícios de 325 e exercitou extrema influência no concílio de Nicéia. Teve participação de primeiro plano no concílio de Sárdica e mais tarde, quando o Ocidente passou à administração de Constâncio, recusou-se, em 356, subscrever a condenação de Atanásio. Cf. Apol. contra arianos, 74-75.

³Sm. No cap. 21, Davi começa uma vida de fugitivo depois de se fazer passar por louco na presença de Aquis, rei de Gat. A confusão remonta ao Sl 34 (33).

⁴1Rs 13,2-4 fala de Jeroboão. Deve ter sido falha de memória de Atanásio. Roboão era filho de Salomão e lhe sucedeu no trono. Seu governo foi marcado pela exploração do povo. Jeroboão queria dar nova identidade político-religiosa para as tribos do Norte. Para isso tomou medidas importantes para evitar que o povo voltasse para Roboão.

SOBRE A VIDA E CONDUTA DE SANTO ANTÃO

INTRODUÇÃO

Depois do Vaticano II e do decreto *Perfectae caritatis*, que remete às “intenções dos fundadores”, os capítulos de atualização das diversas famílias monásticas deram novo aspecto de atualidade às origens do monaquismo e aos documentos que são suas testemunhas.

Como imaginar essa vaga sísica e sua respectiva novidade? Que significados, que analogias, que modelos podem ser encontrados aí, para o nosso tempo? Em que esse fenômeno se destaca com relação ao passado, com relação à sociedade ambiente e como se liga ao evangelho? O que vemos aparecer na origem: uma instituição, uma doutrina; um gênero de vida, observâncias? Se olharmos de perto, é o nascimento de uma verdadeira literatura de espiritualidade o único indício (determinante para o historiador) do surgimento do monaquismo.

Já em 1944, em sua bela coleção sobre a virgindade cristã, o Pé. Camelot sublinhava a importância dessa evolução: “O monaquismo é o primeiro a dar origem a obras ‘espirituais’, bem como a uma doutrina sistemática construída por si própria. É nos tratados sobre a virgindade, primeiramente, que devemos buscá-las” (Th. Camelot, op, *Virgines Christi*, Paris, 1944, p. 48). As implicações desse fato não podem ser subestimadas, porque essa literatura de espiritualidade, em sua novidade, com o caráter prático, concreto, totalizante, radical que a caracteriza, deverá ser considerada precisamente como a expressão da intenção monástica original.

O fenômeno monástico é o desdobramento sistemático, em um modo de vida, da espiritualidade da virgindade. E é muito significativo que, na história da Igreja, as duas primeiras obras “espirituais”, como entende acima o Pé. Camelot, se refiram à experiência da mesma personagem: Antão, o pai dos monges — na forma de uma vida, esta Vida de Antão, cuja tradução reeditamos aqui, e de uma coleção de Cartas. Ambas foram escritas logo, sob a pressão imediata dos acontecimentos e já trazem todos os traços de uma espiritualidade completa e coerente, com a consciência (proclamada nas Cartas como querigma) segura de que esse fenômeno original, essa Vida, como existência e como obra literária, é ato de Deus que nos provoca à decisão. Procurar receitas nela seria tão inútil quanto querer fazer separação entre doutrina e maneira de viver.

A presente tradução

Não é necessário dar verdadeira introdução a uma tradução conhecida e apreciada da Vida de Antão, quando tal tradução muda de pele pela terceira vez e quando já foram editados ou reeditados, no mesmo decênio e na mesma coleção, dois comentários complementares desse manifesto do monaquismo primitivo.¹ Seja-nos suficiente expressar nosso reconhecimento ao Pé. Lavaud, por nos ter autorizado com a maior generosidade a sua reprodução.

Estudos recentes

Podemos, pois, supor que o leitor já esteja bem provido de guia. Se alguém desejar empreender estudo mais aprofundado sobre Antão, sua doutrina e sua Vida, o volume dos *Studia Anselmiana*, publicado por ocasião do 16º centenário de sua morte,² e, muito particularmente, a análise dos Estudos históricos antonianos de 1929 a 1956, de autoria do Pé. L. von Hertling,³ fornecerão base bibliográfica razoável, a qual é ainda hoje o melhor ponto de partida. Mas se passaram vinte e dois anos, e se impõe uma atualização dessa revisão dos estudos antonianos. É o que tentaremos fazer em poucas palavras. Inicialmente devemos reconhecer que esse período de vinte e dois anos, comparado

com o precedente, do ponto de vista da contribuição para o conhecimento de Antão, é claramente menos decisivo. Depois de uma época que viu a elaboração de três grandes teses histórico-teológicas clássicas,⁴ que editou pela primeira vez essa inestimável testemunha textual que é a Vida latina do Capítulo de São Pedro,⁵ que reabilitou as Cartas de Antão⁶ e publicou texto mais inteligível delas,⁷ o que restava era explorar esses tesouros.

É significativo a esse respeito o opúsculo da Ir. Noëlle Devilliers, editado também pela Bellefontaine.⁸ Das interpretações teológicas e psicológicas da Vida, apresentadas pelo Pé. Bouyer e que contribuíram para a atualização da teologia do monaquismo, ela aproveitou o que era imediatamente utilizável para o leitor de boa vontade, num primeiro contato, saboroso e espiritual, com Antão. A isso ela acrescentou, em conformidade com a investigação do Pr. Doerries, o esclarecimento precioso dos apotegmas da série alfabética atribuídos a Antão. Vemos aqui bom exemplo da preocupação de pôr inteligentemente a serviço da lectio divina a contribuição dos historiadores e dos teólogos.

As versões latinas

Infelizmente há obstáculo sério para melhor leitura da Vida de Antão, e está na origem. O texto grego de santo Atanásio ainda não recebeu e, sem dúvida, não receberá em prazos previsíveis a edição crítica que merece. Não se pode dizer, entretanto, que, no período que nos interessa, os pesquisadores tenham permanecido inativos. Os especialistas em latim cristão da Escola de Nimega, com efeito, se dedicaram às duas versões latinas, com resultados notáveis e já proveitosos ao leitor que não se complica com ciência. Essas duas versões, particularmente a mais antiga, interessam diretamente a todos enquanto testemunhas do texto, à medida que são fiéis, mas dizem respeito a nós diretamente e de modo impressionante como testemunhas do meio cristão, e do meio monástico que recebeu o texto e reagiu a ele à medida que elas o ultrapassam.⁹ Na versão mais difundida, a do amigo de são Jerônimo, Evágrio de Antioquia, B. R. Voss¹⁰ nos mostra o esforço para elevar essa obra-prima da literatura popular ao nível da grande literatura, enquanto G. J. M. Bartelink¹¹ encontra nela releituras e ampliações características da teologia de Antioquia. Temos, porém, testemunho mais eloquente ainda. Em 1939, quando o saudoso Pr. Garitte editou *La version inédite des Archives du Chapitre de Saint Pier de Rome*,¹² o que mais chamou a atenção foi seu literalismo extremo: “O literalismo servil da primeira versão, ao lado de sua grande antiguidade, nos garante testemunho do maior valor para a crítica textual da Vida grega, porque esse testemunho nos dá a reprodução minuciosamente fiel de um texto grego do próprio séc. IV”.¹³ Por sua vez, Chr. Mohrmann, em 1956, reagiu contra essa primeira impressão.¹⁴ E pouco depois, dom H. Hoppenbrouwers, em sua introdução a uma nova edição crítica,¹⁵ estabelecia que esse literalismo não é tão servil ao ponto de a personalidade e as pretensões literárias de seu autor não se manifestarem nele com a ingenuidade de primeiro esboço escrito sob ditado. O mesmo estudioso beneditino assinalou minuciosamente o que esse autor deixa escapar de si próprio em sua tradução, e recentemente reconheceu nele um íntimo de Antão, que dita em latim a Vida de Antão na montanha de Antão, a peregrinos que atravessaram o mar para encontrarem o rastro de Antão.¹⁶ Sob certos aspectos, esse latim teria valor em si mesmo, ele nos situaria mais perto de Antão que o original! Compreende-se melhor assim que, na ausência de bom texto grego, Christine Mohrmann e G. J. M. Bartelink, premidos a oferecer uma Vida de Antão à coleção *Scrittori greci* e

latini, tenham optado pela reedição desse texto latino com tradução italiana e com notas que constituem verdadeiro comentário.¹⁷ Como esse livro é o primeiro de uma série de “vidas dos santos do séc. III ao séc. VI”, Chr. Mohrmann antepôs a ele duas introduções, que têm o mérito de situar a Vida de Antão depois dos Atos e paixões dos mártires e da Vida de Cipriano, e no quadro de uma apresentação geral do monaquismo antigo. Em reação explícita contra a escola comparatista, cuja influência, no começo do século, marcou profundamente as primeiras pesquisas científicas sobre a Vida de Antão, os empréstimos da cultura profana são minimizados ou negados. O continente e o conteúdo, o gênero literário, a doutrina e o vocabulário, a demonologia e a ascese, tudo deve ser restituído a seu contexto cristão, no qual se banham a experiência de Antão e a tradição oral do monaquismo, fielmente recolhida por santo Atanásio. Essa posição, talvez um pouco excessivamente abrupta, mas fecunda, não seria o sinal de que agora o que se procura nos documentos-fontes é o que é especificamente cristão e especificamente monástico?

Esclarecimento sobre as cartas

Enquanto se pedia às Vidas latinas nova luz sobre a obra de santo Atanásio, as Cartas de Antão — descobertas por Klejna em 1938,¹⁸ editadas em georgiano e traduzidas para um latim inteligível por Garitte em 1955¹⁹ e das quais von Hertling podia escrever em 1956: “Temos a certeza moral, essa certeza que, em Patrística, nos basta na maior parte dos casos, de que as sete cartas vistas por são Jerônimo e cujo texto possuímos... são obras autênticas de Antão”²⁰ — saíam com dificuldade de seu longo sono, não parecendo, entretanto, que já esteja afastada toda suspeita a seu respeito. Nem Doerries, nem N. Devilliers quiseram tomá-las em consideração para o esclarecimento da Vida. Essas cartas eram de uma obscuridade desencorajadora, e continuam difíceis. Mas a razão principal do descrédito do qual elas mal começam a sair vem muito mais da imagem de Antão que elas refletem: asceta que apenas evoca as grandes práticas do deserto, eremita que encontra tanto calor e argumentos tão teológicos para falar da caridade fraterna, santo cuja Vida é célebre por suas diabruras e que declara o demônio invisível, iletrado que se antecipa à linguagem origenista de Evágrio. Na recensão da edição de Garitte, na Revue d’Histoire Ecclésiastique,²¹ dom Gribomont foi, sem dúvida, o primeiro a chamar a atenção para esse fenômeno, que, se refletirmos bem, está longe de ser contraditório com o testemunho de santo Atanásio e abre perspectivas muito novas sobre as origens do monaquismo.²² Recentemente duas traduções completas, uma em inglês e a outra em francês, e extratos significativos²³ puseram essas Cartas numa forma mais acessível àqueles que, depois de terem ouvido falar de Antão por Atanásio, desejariam ouvir a sua voz.

Na Vida, como nas Cartas, recebemos o mesmo apelo original, imediato e sempre novo do Senhor, diante do qual, como Elias e como Antão, estamos nós hoje. É mensagem que não pode envelhecer.

Pé. Guerric Couilleau, ocr

Dia de santo Antão, 17 de janeiro de 1979.

Abadia de Bellefontaine

¹Noëlle Devilliers, Antoine lê Grand, père des moines, “Spiritualité Orientale et Vie Monastique” 8, Bellefontaine, 1971; Louis Bouyer, La Vie de St. Antoine, “Spiritualité Orientale et Vie Monastique” 22,2* ed. (revista e corrigida), Bellefontaine, 1977.

²Antonius Magnus Eremita. 356-1956. Studia ad aníquum monachismum spectantia, coordenação de B. Steidle, osb (“Studia Anselmiana” 38), Roma, 1956.

³L. von Hertling, “Studi storici antoniani negli ultimi trent’anni”, in Antonius Magnus..., pp. 13-34.

⁴A do Pé. L. von Hertling, *Antonius der Einsiedler*, Innsbruck, 1929; a de H. Doerries, *Die Vita Antonii als Geschichtsquelle*, Nachr. Ak. d. Wiss. in Goettingen, Phil.-Hist. Klasse 1949, n. 14; e a do Pé. Bouyer, citada na nota 1 (1ª ed., 1950).

⁵Descoberta por dom A. Wilmart, “Une Version latine inédite de la Vie de Saint Antoine”, in *Revue bénédictine* 31 (1914): 163-73, editada por G. Garitte, *Un témoin important du texte de la Vie de St. Antoine par St. Athanase. La version latine inédite des Archives du Chapitre de Saint Pier à Rome*, Bruxelas-Roma, 1939.

⁶F. Klejna, “Antonius und Ammonas, eine Untersuchung ueber Herkunft und Eigenart der aeltesten Moenchsbriefe”, in *Zeitschrift f. kath. Theol.* 62 (1939): 309-48.

⁷Lettres de St. Antoine, version géorgienne et fragments coptes, trad. de G. Garitte (“CSCO” 149), Lovaina, 1955.

⁸Cf. nota 1.

⁹O Pé. L. Th. A. Lórié, sj, publicou sua tese sobre o vocabulário dessas versões muito tarde, para que pudesse figurar entre os estudos antonianos analisados por von Hertling: *Spiritual Tenninology in the Latin Translations of the Vita Antonii with Reference to Fourth and Fifth Century Monastic Literature* (“*Latinitas Christianorum Primaeva*” 11), Nimega, 1955.

¹⁰B. R. Voss, “Bemerkungen zu Euagrius von Antiochien, Vergil und Sallust in der Vita Antonii”, in *Vigiliae Chrístianae* 21 (1967): 93-102.

¹¹G. J. M. Bartelink, “Einige Bemerkungen ueber Euagrius’ von Antiochien Ubersetzung der Vita Antonii”, in *Rev. bénédictine* 82 (1972): 98-105; cf. também, do mesmo autor: “Grécismes lexicologiques et syntaxiques dans lês traductions latines du IV” siècle de la Vita Antonii d’Athanase”, in *Mnemosyne* 30 (1977): 388-422.

¹²Cf. nota 5.

¹³Op. cit., p. 9.

¹⁴Em sua contribuição ao volume do 16º centenário: “Note sur la version latine la plus ancienne de la Vie de Saint Antoine par Saint Athanase”, in *Antonius Magnus...*, pp. 35-44.

¹⁵H. W. Hoppenbrouwers, osb, *La plus ancienne version latine de la Vie de St. Antoine par St Athanase. Etude de critique textuelle* (“*Latinitas Christianorum Primaeva*” 14), Nimega, 1960.

¹⁶Idem, “La technique de la traduction dans l’antiquité d’après la première version latine de la Vita Antonii”, in *Mélanges Chr. Mohrmann, nouveau recueil*, Utrecht-Anvers, 1973, pp. 80-95 (cf. pp. 92-4: poderia tratar-se de Isidoro de Cetéia).

¹⁷Vita di Antonio, introd. de Christine Mohrmann, texto crítico e comentário org. por de G. J. M. Bartelink, trad. de Pietro Citati e Salvatore Lilla, *Fondazione Lorenzo Valla*, 1974.

¹⁸Cf. nota 6.

¹⁹Cf. nota 7.

²⁰Op. cit., p. 34.

²¹51 (1956): 546-50; cf. também seu art.: “Antônio l’eremita S.”, in *Dizionario degli Istituti di Perfezione*. São essas intuições, entre outras, que procurei desenvolver em “La liberte d’Antoine”, in *Commandements du Seigneur et libération évangélique* (“*Studia Anselmiana*” 70), Roma, 1977, pp. 13-46.

²²Cf. G. Couilleau, “L’Alliance aux origines du monachisme égyptien”, in *Collectanea Cisterciensia* 39 (1977): 170-93.

²³The Letters of St. Antony the Great, trad. de D. J. Chitty (“Fairacres Publication” 50), Oxford, 1975; *Saint Antoine, Lettres*, introd. de dom André Louf, ocr, trad. francesa dos monges de Mont-des-Cats (“*Spiritualité Oriental*” 19), Bellefontaine, 1976; dom V. Desprez, “Lês Lettres de St Antoine. Traduction de quelques extraits”, in *Lettre de Ligugé* 177 (1976): 9-16.

PREFÁCIO

É bom combate o que empreendestes com os monges do Egito, propondo-vos igualá-los ou até ultrapassá-los por vossa ascese virtuosa; porque também entre vós existem mosteiros, e o nome dos monges é célebre. Seria justo louvar esse propósito; orai, e Deus se digne realizá-lo. Mas, como me interrogastes sobre o gênero de vida do bem-aventurado Antão, e quereis saber como começou a ascese, quem era antes, qual o fim de sua vida e se o que dizem dele é verdade, para rivalizardes com ele, recebi vossa ordem com grande alegria, porque, também para mim, só o fato de me recordar de Antão é de grande proveito. Sei também que, depois de ouvirdes falar dele, não só o admirareis, mas também quereis imitar sua conduta, porque, para monges, a vida de Antão é suficiente como exemplo de ascese. Não vos recuseis a crer no que vos narram dele; pensai, antes, que vos dizem muito pouco dele. Mal puderam narrar-vos as grandes coisas que fez; e eu mesmo, a quem pedis que vos instrua, direi bem pouco, escrevendo e narrando-vos todas as minhas recordações. Não cesseis de interrogar aqueles que vão daqui, por mar, até vós, porque é provável que, ainda que cada um diga o que dele sabe, dificilmente falará dignamente.

Ao receber vossa carta, desejaria pedir que viessem até aqui alguns monges e me assistissem seus mais íntimos familiares: sabendo mais, eu vos instruiria mais completamente, mas a temporada de navegação encerrava-se, e o mensageiro estava apressado. Adiantei-me, pois, em escrever a Vossa Piedade o que eu mesmo sei, porque o vi muitas vezes, o que pude aprender dele, tendo-o frequentado por muito tempo, tendo derramado água em suas mãos. Em tudo tive a preocupação de dizer a verdade; se alguém ficar sabendo mais do que espera, não se recuse a crer; se ficar sabendo menos do que é necessário, não despreze o homem.

PRIMEIRA PARTE

Nascimento e educação de Antão (251-269)

1. Antão era egípcio de nascimento, filho de nobres riquíssimos. Eles mesmos cristãos, educaram-no cristãmente. Enquanto criança, foi criado com os pais, e não conheceu nada fora eles e a casa. Crescendo e avançando em idade, não quis aprender as letras, para evitar a companhia dos outros jovens. Todo seu desejo era, como está escrito de Jacó, viver somente em casa. Ia com os pais à casa do Senhor. Enquanto criança, não foi preguiçoso; avançando em idade, não desprezou (os pais), mas era-lhes submisso; atento às leituras, conservava interiormente seus frutos. Malgrado a fortuna bastante considerável dos pais, o menino não os importunava para ter alimentação abundante e variada, não procurava nela o prazer. Contente com o que era servido, não reclamava de nada.

Tornando-se órfão, despojou-se dos bens

2. Com a morte dos pais, ficou sozinho com uma irmã muito jovem. Entre os dezoito e vinte anos, assumiu a responsabilidade da casa e da irmã. Menos de seis meses depois do luto, indo à igreja, segundo seu costume, refletia consigo mesmo, meditava, caminhando, como os apóstolos deixaram tudo para seguir o Cristo, como, segundo os Atos dos Apóstolos, os fiéis vendiam seus bens e davam o dinheiro, colocando-o aos pés dos apóstolos, renunciando a eles em benefício dos necessitados; e quão grande esperança tinham nos céus. Ocupado o coração com esses pensamentos, entrou na igreja. Ocorreu que se leu o evangelho, e ouviu o Senhor dizendo ao rico: “Se queres ser perfeito, vai, vende

tudo o que tens e dá aos pobres; vem e segue-me, terás um tesouro nos céus” (Mt 19,21). Antão, tendo recebido de Deus a lembrança dos santos, como se a leitura tivesse sido feita para ele, saiu logo da igreja. Os bens que recebeu dos pais, trezentos arures de excelente terra fértil, deu-os de presente às pessoas da aldeia, para não ser estorvado por eles, nem ele nem sua irmã. Vendeu todos os móveis e distribuiu aos pobres todo o dinheiro recebido, salvo pequena reserva para a irmã.

Inícios na ascese (270)

3. Entrando na igreja outra vez, ouviu no evangelho o Senhor que dizia: “Não vos preocupeis com o dia de amanhã” (Mt 6,34). Não suportando mais, distribuiu aquela reserva aos pobres. Recomendou sua irmã a virgens conhecidas e fiéis, colocou-a numa casa de virgens para aí ser educada. Quanto a si, fez o aprendizado da ascese diante de casa, atento a si mesmo e submetendo-se a rude disciplina. Não havia ainda no Egito mosteiros tão numerosos, e o monge não sabia absolutamente nada do grande deserto. Quem queria aplicar-se a si mesmo, exercitava-se não longe de sua aldeia. Vivia então na aldeia vizinha um ancião que desde a juventude levava vida solitária. Antão o viu e rivalizou com ele no bem. Antes de tudo, começou, também ele, a habitar nos arredores da aldeia. De lá, quando ouvia falar de um zeloso, ia procurá-lo, como uma abelha diligente, e não retornava ao eremitério sem tê-lo visto; tendo recebido dele como que um viático, a fim de caminhar para a virtude, voltava. Assim, pois, no começo lá permaneceu e se fortificou em sua resolução de não retornar aos bens dos pais e de não mais se lembrar dos parentes. Todo seu desejo, toda sua aplicação eram orientados para a faina ascética. Trabalhava com as mãos, porque ouvira: “Quem não trabalhar, também não há de comer” (2Ts 3,10). Com parte de seu ganho, comprava o pão; o resto distribuía aos necessitados. Orava continuamente, tendo aprendido que é necessário orar sem cessar em particular. Era tão atento à leitura que nada lhe escapava das escrituras, e a memória lhe fazia as vezes de livros.

Instrui-se junto de outros ascetas e se esforça por imitar suas virtudes

4. Comportando-se assim, Antão era amado de todos. Submetia-se de bom grado aos zelosos (ascetas) que ia ver, e se instruía junto deles na virtude e na ascese próprias de cada um. Contemplava em um a amabilidade, em outro a assiduidade em orar; neste via a paciência, naquele a caridade para com o próximo; de um notava as vigílias, de outro a assiduidade à leitura, admirava a um pela constância, a outro pelos jejuns e pelo repouso na terra nua. Observava a mansidão de um e a grandeza de alma de outro; em todos notava, ao mesmo tempo, a devoção a Cristo e o amor mútuo.¹ Assim satisfeito, voltava para o lugar onde se entregava à ascese, condensando e esforçando-se por exprimir em si mesmo as virtudes de todos. Dos contemporâneos não era invejoso senão num só ponto: não lhes ser inferior no melhor. Procedia de tal modo que a ninguém importunava, e todos sentiam alegria a seu respeito. Todos os habitantes da aldeia e as pessoas de bem que tinham relações com ele viam-no assim, chamavam-no de amigo de Deus, e amavam-no, uns como a um filho, outros como a um irmão.

O inferno faz de tudo para levá-lo a abandonar sua decisão

5. Mas o diabo, inimigo do bem e invejoso, não suporta ver semelhante propósito num jovem. O que maquinara contra ele começou a executar. Primeiramente, tentou fazê-lo abandonar a ascese, sugerindo-lhe a recordação dos bens, a responsabilidade pela irmã, suas relações familiares, o amor ao dinheiro, o desejo de glória, o prazer variado da comida, as outras satisfações da vida, enfim, a aspereza da virtude e as grandes fainas que ela requer ele lhe representou igualmente a fraqueza de seu

corpo e o longo tempo que lhe resta para viver. Em suma, despertou em seu espírito tempestade de pensamentos, querendo fazê-lo renunciar à reta eleição. Mas quando o inimigo se viu enfraquecido diante da resolução de Antão, vencido por sua constância, posto em fuga por sua grande fé e sucumbindo às suas orações contínuas, pôs sua confiança nas armas que estão in umbilico ventris ejus.² (São suas primeiras ciladas contra os jovens): ele atacou o jovem, perturbando-o noite e dia, e assediando-o de tal maneira que aqueles que o viam se apercebiam do combate. O diabo lhe sugeria pensamentos obscenos. Antão os repelia pela oração. O demônio o excitava. Ele, ruborizando-se, fortalecia o corpo com a fé, as orações e os jejuns. À noite, o diabo miserável chegava a tomar a forma de mulher e a lhe imitar os gestos, com o único fim de seduzir Antão, mas este, pondo Cristo no coração e meditando sobre a nobreza que vem dele e sobre a espiritualidade da alma, apagava o tição dos embustes do demônio. Novamente o inimigo lhe sugeriu as doçuras da voluptuosidade, mas ele, cheio de cólera e de tristeza, pôs no coração a ameaça do fogo e o tormento do verme. Graças a esse escudo, saiu incólume. Tudo concorria para a confusão do inimigo: ele, que pensou em fazer-se semelhante a Deus, agora era vencido por um jovem; ele, que despreza a carne e o sangue, era desbaratado por um homem de carne, ajudado pelo Senhor, que tomou carne por nós e dá ao corpo a vitória contra o diabo, o que faz todos aqueles que lutam dizer: “Não eu, mas a graça de Deus que está comigo” (1Cor 15,10).

O demônio da impureza se confessa vencido

6. Enfim, o dragão, incapaz de abater Antão com esse meio, e vendo-se rejeitado de seu coração, rangia os dentes fora de si, como está escrito. Tal é espiritualmente, tal se mostrava sensivelmente, aparecendo-lhe sob as feições de menino negro. Caindo sobre ele, assaltava-o não mais com pensamentos (esse ardil fracassara), mas dizendo com voz humana: “Enganei a muitos, venci a maior parte, e eis que, atacando, como a muitos, a ti e a tuas fainas, fracassei”. Antão o interrogou: “Quem és tu, que me dizes essas coisas?” Esse respondeu logo, com voz lastimosa: “Sou o amigo da impureza, pela qual armei contra os jovens ciladas e excitações; chamam-me o espírito de fornicção. Enganei quantos queriam viver retamente; seduzi e fiz mudar de idéia, excitando-os, a quantos eram continentes. É por causa de mim que o profeta censura aqueles que caem: ‘Um espírito de prostituição vos desencaminhou’ (Os 4,12). Foi por mim, com efeito, que foram arruinados. Fui eu quem muitas vezes te perturbou, e todas as vezes tu me puseste em fuga”. Antão deu graças ao Senhor, se encorajou contra o demônio e lhe disse: “Tu és verdadeiramente muito desprezível, porque, espiritualmente, és negro, e és fraco como um menino. Não tenho mais nenhuma preocupação a teu respeito. O Senhor é meu socorro, desprezarei meus inimigos” (Sl 117,7). A essas palavras, o negro fugiu: ele temia a voz e receava até aproximar-se do jovem.

Antão reforça sua ascese na previsão de novos combates

7. Tal foi a primeira vitória de Antão contra o diabo. Mas foi, antes, em Antão, o sucesso do Salvador, que “condenou o pecado na carne, a fim de que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não caminhamos segundo a carne, mas segundo o espírito” (Rm 8,3-4). Antão não tirou pretexto da derrota do demônio, para se negligenciar e cair na presunção. Por outro lado, vencido, o inimigo não cessou de preparar-lhe ciladas. Vagava como um leão, procurando ocasião contra ele. Antão, conhecendo pela Escritura a variedade dos métodos táticos do inimigo, perseverava na ascese, dizendo a si mesmo que, se o diabo não tivera força para enganar seu coração com a voluptuosidade do corpo, tramava tentá-lo

de maneira totalmente diferente, porque o demônio é amigo do pecado. Por isso cada vez mais Antão castigava o corpo e o reduzia à servidão, temendo que, vitorioso em alguns pontos, sucumbisse em outros. Resolveu exercitar-se nas mais duras austeridades. Muitos se espantavam, mas suportava com facilidade a faina. Seu zelo perseverante operava nele bons hábitos. Tendo recebido de outros apenas pequeno impulso, mostrava grande aplicação. Permanecia tanto em vigília que às vezes passava sem dormir a noite toda. Todos se admiravam que ele o fizesse não uma vez só, mas com muita freqüência. Comia só uma vez por dia, depois do pôr-do-sol, e acontecia, por vezes, tomar alimento apenas de dois em dois dias, muitas vezes até de quatro em quatro. Ora, seu alimento era pão e sal; a bebida, água pura. Da carne e do vinho é supérfluo falar, uma vez que para os outros ascetas zelosos nada disso existe. Para dormir, contentava-se com uma esteira, e na maior parte do tempo dormia na terra nua. Recusava para si toda unção com óleo, dizendo que aos jovens mais convinha exercitar-se com entusiasmo na ascese e não procurar o que amolece o corpo, mas, antes, exercitá-lo nas fainas. Meditava a palavra do apóstolo: “Quando sou fraco, então é que sou forte” (2Cor 12,10). Dizia que o vigor da alma se fortalece quando os prazeres do corpo se enfraquecem. Fazia o seguinte raciocínio verdadeiramente admirável: não se deve medir o caminho da virtude, nem a vida em retiro com vista à virtude, pelo tempo, mas pelo desejo e pela resolução. Ele próprio não recordava o tempo passado, mas, dia após dia, como se estivesse iniciando na ascese, mais se esforçava para progredir, repetindo continuamente a palavra de São Paulo: “Esquecendo-me do que fica para trás e lançando-me para o que está diante, prossigo para o alvo” (Fl 3,14). Lembrava-se também da palavra de Elias: “Vive o Senhor, diante do qual estou hoje” (1Rs 18,15). Observava que, dizendo “hoje”, Elias não contava o tempo passado. Por isso, como se estivesse sempre no começo, esforçava-se todos os dias para se mostrar tal como se deve comparecer diante de Deus: com o coração puro e pronto a obedecer à sua vontade, e a nenhuma outra. Dizia que o asceta deve aprender sempre da conduta do grande Elias, como num espelho, a vida que deve levar.

Retirado em túmulo, suporta heroicamente as cruéis sevícias dos demônios

8. Assim, triunfando de si mesmo, Antão foi para os sepulcros que se encontram longe da aldeia, tendo recomendado a um de seus amigos que lhe levasse pão a longos intervalos. Entrou num dos túmulos, fechou a porta e lá permaneceu sozinho. O inimigo não suportou, temendo que, em pouco tempo, enchesse de ascese o deserto. Certa noite, entrando com uma tropa de demônios, abateu-o a poder de golpes, a tal ponto que a dor o estendeu por terra, sem voz. As dores eram tão fortes que pensava que os golpes dos homens jamais poderiam causar tal tormento. Por disposição da providência divina (o Senhor não abandona jamais aqueles que nele esperam), no dia seguinte, seu amigo foi levar-lhe pães. Abrindo a porta, viu Antão deitado na terra como morto. Ele o ergueu, levou-o para a igreja da aldeia e o estendeu sobre a terra. Muitas pessoas de sua parentela e as pessoas da aldeia o cercavam como a um morto. Pela meia-noite, recobrando os sentidos, despertou. Vendo que todos dormiam, e só seu amigo estava acordado, fez-lhe sinal para se aproximar e lhe pediu que o tomasse novamente e o levasse de volta aos túmulos, sem despertar ninguém.

Provoca os adversários, que o assaltam na forma de animais ferozes e venenosos

9. Transportado por esse homem, ficou sozinho no interior (do túmulo), com as portas fechadas, como de costume. Muito fraco para se manter de pé, em consequência das feridas, orou deitado. Depois da oração, gritou: “Eu, Antão, aqui estou, não fujo das feridas. Se me causares outras, e mais numerosas, ‘nada me separará do amor de Cristo’ ” (Rm 8,35). Depois salmodiou: “Ainda que um exército

acampe contra mim, meu coração não temerá” (Sl 26,3).

Eis o que pensava e dizia o asceta. Mas o inimigo, que odeia o bem, surpreso da audácia dele em voltar, apesar de tantas feridas, convocou seus cães e lhes disse, arrebatado de furor: “Vedes que nem pelo espírito de fornicção, nem pelas feridas conseguimos fazê-lo desistir; ao contrário, ousa contra nós. Ataquemo-lo, pois, de outra maneira”.

É fácil ao diabo revestir-se de diversas formas, a fim de praticar o mal. À noite os demônios fizeram, pois, alarido tal que todo o local tremia. As paredes da pequena habitação estavam como que rompidas, e os demônios irromperam, metamorfoseados em animais e répteis; todo o lugar se encheu de espectros de leões, ursos, leopardos, touros, serpentes, víboras, escorpiões e lobos. Cada animal se comportava segundo sua natureza. O leão rugia querendo atacá-lo, o touro parecia dar chifradas, a serpente rastejava mas sem se aproximar, o lobo avançava mas era contido, e todas essas feras de aparição faziam ruídos horríveis e mostravam disposições ferozes. Antão, fustigado, espicaçado por elas, sentia dores cada vez mais atrozes. Intrépido e com a alma atenta, jazia por terra, gemendo de dor física, mas com a alma bem vigilante, e zombava deles: “Se tivésseis algum poder, bastaria que viesse um só de vós, mas o Senhor tirou a vossa força, por isso tentais assustar-me pelo vosso número. É sinal de fraqueza imitardes formas de animais”. Ousando, dizia: “Se podeis alguma coisa, se recebestes poder contra mim, não tardeis, atacai. Se não podeis, por que vos perturbar em vão? Nossa fé no Senhor é nosso selo e nosso muro de proteção”. Depois de várias tentativas, rangiam os dentes contra ele, furiosos por serem eles os vencidos, e não ele.

Uma visão celeste o reconforta e lhe promete assistência

10. O Senhor não se esqueceu do combate de Antão e trouxe-lhe socorro. Levantando os olhos, viu o teto como que aberto e um raio de luz descendo até ele. Os demônios haviam desaparecido, a habitação estava novamente intata. Consciente do socorro, respirando mais tranquilo e aliviado de suas penas, interpelou a visão: “Onde estás? Por que não apareceste desde o começo, para fazer cessarem minhas dores?” Ouviu-se uma voz: “Eu estava aqui, Antão. Esperava para te ver combater. Já que resististe e não foste vencido, serei para sempre teu socorro e tornar-te-ei célebre por toda parte”. Ao ouvir essas palavras, ele se levantou e orou. Estava tão reconfortado que sentia em seu corpo mais força que antes do combate. Andava pelos trinta e cinco anos.

Retira-se para o deserto, indiferente à magia do diabo

11. Chegado o dia, saiu, ainda mais ardente no serviço de Deus, e foi ter com o ancião, mais velho que ele, e lhe pediu que fosse viver com ele no deserto. O ancião se recusou, alegando idade e falta de costume. Antão partiu logo para a montanha. Mas o inimigo, vendo seu zelo e querendo impedi-lo, atirou no caminho a aparência de um grande disco de prata. Antão adivinhou o estratagema do inimigo do bem, deteve-se, olhou para o disco e confundiu o diabo, dizendo-lhe: “De onde vem este disco, nesse deserto? Essa estrada não é batida, não se vê rasto de ninguém por aqui. Se caiu, foi percebido porque é grande; aquele que o tivesse perdido voltaria e, procurando, o teria encontrado, uma vez que o lugar é deserto. Trata-se, portanto, de um artifício do diabo. Não é com isso, demônio, que impedirás meu propósito. “Fique ele contigo para tua perdição” (At 8,20). Diante dessas palavras de Antão, o disco desapareceu como a fumaça diante do fogo.

Antão despreza o ouro e se estabelece numa fortificação abandonada (285-305)

12. Continuando, viu na estrada não mais uma magia, mas ouro verdadeiro. Teria sido o inimigo que lá o pusera ou algum poder superior, a fim de exercitar o atleta e mostrar ao diabo que ele não se preocupava inclusive com riquezas verdadeiras? Ele não no-lo disse, e nós não o sabemos, mas o ouro era verdadeiro. Antão, surpreso com tal quantidade, passou além como se fosse fogo. Caminhou sem se voltar, apressando o passo, até que estivesse bem longe, para não ver esse ouro. Cada vez mais firme em seu propósito, lançou-se em direção à montanha. Depois do rio, encontrou um castelo fortificado, deserto, cheio de répteis desde o tempo em que deixou de ser habitado. Lá se estabeleceu definitivamente. Os répteis se retiraram logo, como se alguém os perseguisse. Antão tapou a entrada. Levava pão para seis meses. (Os tebanos fazem pães que se conservam por um ano.) Como havia água aí dentro, ele não saía, nem via aqueles que lá iam. Exercitou-se assim por longo tempo, recebendo somente pão, por cima, duas vezes por ano.

Novos assaltos dos demônios. Antão tranquiliza os visitantes espantados com suas lutas

13. Alguns de seus familiares foram a ele, que não lhes permitiu entrar. Ficaram de fora dia e noite; ouviam então como que tropas barulhentas fazendo alarido, esbravejando no interior, falando com voz lamentosa e gritando: “Vai-te de nossa casa! Que tens a fazer no deserto? Não suportarás nossa conjuração”. Inicialmente, de fora, pensavam que homens, descidos até ele por escadas, se batessem com ele. Mas olhando por algumas frestas e não vendo ninguém, os visitantes concluíram que se tratava de demônios. Aterrorizados, chamavam por Antão. Ouvia mais estes, não se preocupava com os demônios. Aproximando-se da porta, exortava as pessoas a se retirarem, sem temor, porque, dizia, os demônios usam de magias contra aqueles que têm medo. “Persignai-vos e parti corajosamente, deixai que eles se iludam a si mesmos”. Partiram, munidos do sinal-da-cruz. Antão ficou. Os demônios não podiam fazer-lhe nenhum mal, ele não se cansava de combatê-los. Os vizinhos celestes e a fraqueza dos inimigos aumentavam seu ardor. Muitas vezes aqueles que o conheceram vinham e, pensando encontrá-lo morto, ouviam-no salmodiar: “Deus se levanta: seus inimigos debandam, seus adversários fogem de sua frente. Tu os dissipas como a fumaça se dissipa; como a cera se derrete na presença do fogo, perecem os ímpios na presença de Deus” (Sl 67,2-3). E ainda: “As nações todas me cercaram: em nome do Senhor as destruí” (Sl 117,12).

Seus discípulos o forçam a deixar o retiro (305-306). Faz diversos milagres. Sua aparência nessa época

14. Viveu cerca de vinte anos assim, recluso, levando vida ascética, não saindo, não se mostrando. No fim, muitos queriam imitar sua ascese. Seus amigos vieram, quebraram e arrombaram a porta. Antão saiu, como que iniciado nos mistérios no segredo do templo e como que inspirado por sopro divino. Então, pela primeira vez, aqueles que foram o viram e admiraram: seu aspecto permanecera o mesmo; não engordara em consequência da falta de exercícios físicos, nem emagrecera por causa dos jejuns e da luta contra os demônios, mas estava tal como o conheceram antes de seu retiro. Espiritualmente puro, não estava nem encolhido pelo desprazer, nem dilatado pelo prazer; nele nem riso nem tristeza; a multidão não o perturbava, as muitas pessoas que o saudavam não lhe davam alegria excessiva: sempre igual a si mesmo, governado pela razão, natural. Por ele o Senhor curou várias pessoas que sofriam em seus corpos e purificou outras dos demônios. Antão recebera de Deus a graça de consolar os aflitos e de reconciliar as pessoas em discórdia. Dizia-lhes que não estimassem coisa alguma do mundo mais que o amor de Cristo. Exortando à recordação dos bens futuros e do amor testemunhado a nós por Deus, que não poupou seu próprio Filho, mas o entregou por nós, persuadiu muitas pessoas a

abraçarem a vida solitária; foi assim que mosteiros se ergueram nas montanhas e o deserto se povoou de monges, tendo muitos homens renunciado a todos os bens e dado seu nome à cidade dos céus.

O pai dos monges

15. Certo dia, para ir visitar seus irmãos, como de costume, teve de atravessar o canal de Arsínoe (no lago Merare), infestado de crocodilos. Limitou-se a fazer uma prece e a entrar na água com seus companheiros; atravessaram incólumes. Retornando à sua solidão, retomou as antigas fainas com vigor. Em freqüentes colóquios, encorajava os monges e determinou vários visitantes a se tornarem monges. Era como que o pai de todos esses mosteiros.

SEGUNDA PARTE

Utilidade dos colóquios espirituais. O combate ascético dura pouco. A vitória será eterna

16. Certo dia, todos os monges foram vê-lo e lhe pediram que lhes dirigisse a palavra. Disse-lhes em egípcio: “As santas escrituras bastam para o nosso ensinamento, mas é bom que nos exortemos mutuamente na fé e nos animemos com conversações. Vós, meus filhos, trazeis ao vosso pai o que sabeis; eu, mais velho que vós, comunico-vos o que a experiência me ensinou. Que nosso esforço comum seja, antes de tudo, de não abandonarmos o que começamos, de não nos desencorajarmos no trabalho, de não dizermos: a nossa ascese dura há muito tempo. Ao contrário, como se estivéssemos começando, aumentemos cada dia nosso zelo. Toda a vida do homem é muito curta em comparação com os séculos futuros, todo o nosso tempo não é nada, se comparado com a vida eterna. Todas as coisas do mundo podem ser vendidas, trocadas por seu valor, mas a promessa da vida eterna se compra barato. Está escrito: ‘Setenta anos é o tempo da nossa vida, oitenta anos, se ela for vigorosa; e a maior parte deles é fadiga e miséria’ (Sl 89,10). Se, pois, passarmos nossos oitenta ou ainda cem anos na vida ascética, não reinaremos só cem anos, mas pelos séculos dos séculos. Tendo combatido na terra, teremos herança não terrestre, mas celeste, e, deposto este corpo, receberemos outro, incorruptível”.

Deixar tudo é pouco

17. “Portanto, meus filhos, não nos cansemos, não pensemos que o tempo seja longo ou que fazemos grande coisa. ‘Os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória futura que se manifestará em nós’ (Rm 8,18). Olhando para o mundo, não pensemos que renunciamos a grandes coisas. A terra inteira é muito pequena diante do céu. Se, pois, possuíssemos a terra inteira e renunciássemos totalmente a ela, isso não seria digno do reino dos céus. Como quem desprezasse uma dracma para ganhar cem, assim o senhor de toda a terra, renunciando a ela, deixaria pouco e receberia o cêntuplo. Se toda a terra não é digna do reino dos céus, aquele que deixa algumas jeiras de terra não perde, por assim dizer, nada, e, se deixa sua casa e muito ouro, não tem motivo para se gloriar ou esmorecer. Aliás, as coisas que não deixamos, a morte no-las tira, e elas muitas vezes passam às mãos de pessoas para as quais não quereríamos que fossem, como diz o Eclesiastes (Ecl 4,8). Por que não deixá-las por virtude, para obtermos a herança do reino? Portanto, que o desejo de possuir não nos invada. Qual a vantagem em adquirirmos o que conosco não levaremos? Adquiramos, pois, o que levaremos: a prudência, a justiça, a temperança, a fortaleza, a inteligência, a caridade, o amor aos pobres, a fé em Cristo, a mansidão, a hospitalidade. Se as obtivermos, encontrá-las-emos para nos

receberem na terra dos mansos”.

Perseverar até o fim

18. “Por essas e outras razões semelhantes, cada um se persuade para não ser pusilânime, especialmente refletindo que, sendo servo de Cristo, deve servi-lo. Um servo não diz: trabalhei ontem, hoje descanso; não mede o tempo passado, para deixar de trabalhar, mas cada dia, como está no evangelho, tem igual zelo no trabalho para agradar a seu senhor e não se pôr em perigo. Também nós, perseveremos todos os dias na vida ascética; se nos negligenciarmos um dia sequer, o Senhor não nos perdoará em razão do tempo passado, mas se irritará conosco por causa de nossa negligência. Assim está escrito em Ezequiel (Ez 18,24.26; 33,12). Assim Judas, em uma noite, perdeu a faina do tempo decorrido”.

“Quotidie morior”

19. “Por isso, meus filhos, apliquemos nossa atenção à ascese, não nos descuremos. O Senhor colabora conosco; está escrito: ‘Aquele que escolheu o bem, Deus colabora com ele’ (Rm 8,28) para o bem. Para não sermos pusilânimes é bom que meditemos na palavra do apóstolo: ‘Todo dia estou exposto à morte’ (1Cor 15,31). Se vivermos como devendo morrer todo dia, não pecaremos. Eis como se deve entender isso. Todo dia, ao nos levantarmos, pensemos que não chegaremos até à noite, e à noite, ao nos deitarmos, pensemos que não acordaremos no dia seguinte. A nossa vida, por natureza, é incerta; todo dia nos é medido pela providência. Dispostos e vivendo assim todo dia, não pecaremos, não teremos desejo de nada, não teremos ressentimento contra ninguém, não entesouraremos na terra, mas, esperando morrer todo dia, seremos pobres, perdoaremos tudo a todos (ou seremos condescendentes em tudo com todos); se não dominarmos inteiramente os desejos de mulher ou de outros prazeres impuros, desviar-nos-emos deles como de coisas caducas, lutando sempre e tendo em vista o dia do julgamento, porque o maior temor e o perigo dos tormentos dissipam a doçura do prazer e mantêm a alma dócil”.

A virtude está em nós...

20. “Tendo, pois, começado assim e já seguindo o caminho da virtude, lutemos mais, a fim de chegarmos aos bens futuros (Fl 3,14). Que ninguém olhe para trás como a mulher de Ló (Gn 19,26) porque o Senhor disse: ‘Quem põe a mão no arado e olha para trás não é apto para o reino dos céus’ (Lc 9,62). Olhar para trás é mudar de decisão e retomar gosto pelo mundo. Não temais quando ouvirdes falar da virtude, não vos assusteis com o nome. Ela não está longe de nós e não se forma fora de nós; ela age em nós e é fácil, contanto que a queiramos. Os gregos viajam e atravessam o mar para estudarem as letras. Nós não temos necessidade de viajar por causa do reino dos céus, nem de atravessar o mar pela virtude. Antecipando-se a nós, o Senhor disse: ‘O reino dos céus está dentro de vós’ (Lc 17,21). A virtude tem, pois, necessidade somente de nossa boa vontade, já que está em nós e se forma em nós. Se a alma conserva sua parte inteligente conforme a natureza, a virtude se forma. Ela é segundo a natureza quando permanece como foi feita, porque foi feita bela e reta. Por isso Josué, filho de Nun, disse ao povo, exortando-o: ‘Dirigi vosso coração para o Senhor, Deus de Israel’ (Js 24,23), e João Batista: ‘Retificai vossos caminhos’ (Mt 3,3). Para a alma, ser reta é ter a inteligência segundo a natureza, como ela foi criada; mas quando se desvia e se põe em distorção em relação à natureza, fala-se em vício da alma. A coisa não é, pois, difícil; se permanecermos como fomos feitos,

estaremos na virtude, mas se meditarmos coisas más, seremos julgados maus. Se a coisa devesse ser procurada fora, seria difícil, mas, como está em nós, guardemo-nos de pensamentos impuros e guardemos nossa alma para o Senhor, como que tendo recebido um depósito, a fim de que ele reconheça sua obra, encontrando-a como a fez”.

Nossos inimigos os demônios

21. “Lutemos, pois, para que a cólera não nos tire e o desejo não nos domine. Com efeito, está escrito: ‘A cólera do homem não é capaz de cumprir a justiça de Deus; a concupiscência, tendo concebido, dá à luz o pecado, e o pecado, atingindo a maturidade, gera a morte’ (Tg 1,15. 20). Conduzindo-nos assim, vigiemos atentamente, como está escrito (Pr 4,23). Temos inimigos terríveis e cheios de recursos, os malignos demônios; é contra eles a nossa luta, como diz o apóstolo: ‘Pois nosso combate não é contra o sangue nem contra a carne, mas contra os príncipes, contra as potestades, contra os dominadores deste mundo de trevas, contra os espíritos maus, espalhados pelo ar’ (Ef 6,12). Numerosa é sua tropa no ar que nos cerca; não estão longe de nós. Entre eles há grandes diferenças. Sobre sua natureza e sua distinção seria possível fazer longo discurso. Semelhante tratado caberia àqueles que são maiores que nós. O que agora nos é necessário e indispensável é somente conhecer suas velhacarias contra nós”.

Necessidade de conhecermos suas astúcias

22. “Sabemos que os demônios não foram criados como demônios. Deus não faz nada mau. Também eles foram criados bons, mas, decaídos da sabedoria celeste e precipitados na terra, desviaram os gentios por meio de ficções. Invejam a nós, cristãos, e movem tudo para nos fechar o acesso ao céu, a fim de que não subamos para o lugar do qual caíram. Por isso temos necessidade de orações e da ascese para, mediante o carisma do discernimento dos espíritos, recebido pelo Espírito Santo podermos conhecer o que diz respeito a eles, quais dentre eles são menos maus, quais piores, a especialidade de cada um, e como cada um é vencido e rejeitado. Muitas são, com efeito, suas velhacarias e suas manobras insidiosas. Sabiam-no bem o bem-aventurado apóstolo e seus colaboradores, que diziam: ‘Não ignoramos as intenções dele’ (2Cor 2,11). A experiência de suas tentações deve servir para nos ajudarmos mutuamente a nos precavermos. Tendo deles alguma experiência, eu vos falo como a meus filhos”.

Para eles, todos os meios são bons. Vencidos tentam novas táticas

23. “Quando os demônios vêem cristãos — sejam quais forem, principalmente se forem monges — trabalhando e progredindo, primeiramente os atacam e os tentam e armam ciladas em seu caminho; suas ciladas são os maus pensamentos. Mas não devemos temer suas sugestões, porque, pelas orações, pelos jejuns e pela fé no Senhor, eles caem logo. Mas, caídos, não desistem e retornam depressa com velhacaria e astúcia. Não podendo desviar o coração pelo prazer manifesto e impuro, atacam de outro modo, formam ficções, procuram assustar, metamorfoseiam-se e tomam as feições de mulheres, de animais, de serpentes, de grandes corpos, de tropas de soldados. Também essas ficções não devem ser temidas: não são nada e desaparecem depressa, se nos munirmos da fé e do sinal-da-cruz. Eles são atrevidos e impudentes em excesso. Vencidos, experimentam rapidamente outro modo. Fingem profetizar e predizer coisas futuras. Querem dar a impressão de serem tão altos que atinjam o teto, e

imensos em largura, a fim de poderem submeter, com suas aparições monstruosas, aqueles que não puderam enganar com os pensamentos. Se encontram uma alma consolidada na fé e na esperança, levam consigo seu chefe”.

Os demônios se gabam. São fracos

24. E Antão dizia que muitas vezes aparecem tal como Deus revelou o diabo a Jó: “ ‘Seus olhos são como arrebois da aurora. De suas fauces irrompem tochas acesas e saltam centelhas de fogo. De suas narinas jorra fumaça, como de caldeira acesa e fervente. Seu hálito queima como brasas, e de sua boca saltam chamas.’ Aparecendo assim, o príncipe dos demônios espanta. Eu o disse: ele, velhaco, se gaba, como disse o Senhor a Jó: ‘O ferro para ele é como palha; o bronze, como madeira carcomida. Faz ferver o abismo como uma caldeira, e fumegar o mar como um piveteiro’ (Jó 41,10-13.19.23). E pelo profeta: ‘O inimigo dissera: — Perseguirei, hei de alcançar, despojos terei’ (Ex 15,9). E por outro ainda: ‘A minha mão, como em um ninho, apanhou as riquezas dos povos, como se colhem ovos abandonados, assim colhi a terra inteira: não houve ninguém que batesse as asas, ninguém que desse um pio’ (Is 10,14). Os demônios se gabam de fazer tudo isso, anunciam essas coisas, a fim de enganarem os homens piedosos. Mas nós, fiéis, não devemos temer suas magias nem dar atenção à sua voz. Ele mente e não diz absolutamente nada de verdadeiro. Ele, que se diz e se considera capaz de tão belas e grandes coisas, como o dragão, foi pego no anzol pelo Salvador; como num animal de carga, foi-lhe colocado um anel nas ventas. Foi preso como um fugitivo, acorrentado com uma argola nas narinas e seus lábios foram perfurados com um anel. Foi preso pelo Senhor como um passarinho, para que zombemos dele (Jó 40,25-26.29). Ele e os demônios com ele foram reduzidos, como escorpiões e serpentes, a serem calcados com os pés por nós, cristãos (Lc 10,19). A prova é que vivemos segundo nosso gênero de vida, apesar dele. Porque ele, que se gabava de secar o mar e apoderar-se da terra inteira, eis que não pode impedir nossa ascese, nem a mim de falar contra ele. Por isso, não demos atenção ao que diz, uma vez que mente, nem temamos suas ficções, tão mentirosas. O que aparece nelas não é a verdadeira luz. Do fogo preparado para ele, elas trazem o prelúdio e a imagem, e com as chamas nas quais serão queimados, tentam aterrorizar os homens. Aparecem, mas desaparecem depressa, sem ferir nenhum dos fiéis, mas levando consigo a semelhança do fogo que deve recebê-los. Por isso não devem ser temidos. Pela graça de Cristo, todas as suas maquinações se reduzem a nada”.

Seus disfarces

25. “São astutos e estão prontos para qualquer mudança ou metamorfose. Muitas vezes fingem salmodiar, sem se mostrarem, e recordam palavras da escritura. Quando lemos, eles, como eco, logo repetem o que lemos. Quando dormimos, despertam-nos para a oração e o fazem tão continuamente que quase não nos permitem dormir. Eis que, transformando-se na aparência de monges, fingem falar como homens piedosos, a fim de enganar-nos pela semelhança externa, e para arrastarem para onde querem aqueles que se desviaram. Mas não devemos dar atenção a eles, ainda que nos convidem a orar, que nos aconselhem a não comermos de tudo, que nos acusem ou nos censurem pelo que sabem de nós. Não fazem isso para a piedade ou para a verdade, mas para levarem os simples ao desespero e persuadi-los de que a ascese é inútil, para incutir-lhes náusea da vida monástica, fazendo-os senti-la como onerosa e muito penosa, e para afastá-los dela”.

Fazê-los calar, ainda quando dizem a verdade, para seduzirem

26. “O profeta enviado pelo Senhor os designa quando diz: ‘Ai daquele que faz beber seus vizinhos, e mistura seu veneno até embriagá-los’ (Hab 2,15). Suas maquinações e seus pensamentos invertem o caminho que leva para a vida. Ainda quando diziam a verdade (eles diziam a verdade quando gritavam: ‘Tu és o Filho de Deus’ (Lc 4,41), o Senhor lhes fechava a boca e lhes impunha silêncio, para impedi-los de misturar o verdadeiro com o falso, e para nos habituar a jamais ouvi-los, ainda quando parecem dizer a verdade. Tendo as escrituras e a liberdade que o Senhor nos deu, não nos convém fazer-nos ensinar pelo demônio, que não conservou sua posição e não cessa de inventar outras coisas. Por isso, ainda quando ele repete as palavras da sagrada escritura, o Senhor lho proíbe, dizendo: ‘Ao ímpio Deus declara: — Que te adianta recitar meus preceitos e ter minha aliança na boca?’ (Sl 49,16). Fazem e dizem tudo e se entregam a tumultuosas manifestações, a simulações e agitações, a fim de enganarem os simples. Fazem ruídos, riem loucamente e assobiam. Se ninguém dá atenção a eles, acabam chorando e se lamentando como se em desvantagem”.

Nunca ouvi-los. Não temer suas ameaças

27. “Portanto, o Senhor, como Deus, lhes fechava a boca. E a nós, ensinados pelos santos, convém que façamos como estes e imitemos sua coragem. Estes, vendo essas coisas, diziam: ‘Enquanto o ímpio estava diante de mim, calei-me, privado de todo bem’ (Sl 38,2-3), e ainda: ‘E eu, como um surdo, não escuto, como um mudo que não abre a boca’ (Sl 37,14). Não os ouçamos, pois, uma vez que nos são estranhos, não lhes obedecemos, ainda que nos despertem para a oração e nos falem de jejuns. Permanecemos firmes no propósito de nossa ascese, e não nos deixemos desviar por eles, que fazem tudo com astúcia. Não devemos também temê-los, ainda que pareçam dispostos a nos atacar e ameacem matar-nos, são fracos e só podem fazer isto: ameaçar-nos.”

Explicações. Apesar de seus estratagemas diversos, os demônios não têm poder. Seria absurdo temê-los

28. “Até aqui falei como que de passagem. Agora não é necessário ter receio de dizer com mais desenvoltura o que diz respeito a eles. Recordar-vos isso, será segurança para vós. Tendo vindo o Senhor, o inimigo caiu, e seus poderes se enfraqueceram. Por isso, nada podendo, são como um tirano que, mesmo caído, não fica tranqüilo, mas se gaba com palavras. Se cada um de vós refletir nisso, poderá desprezar os demônios. Se eles estivessem presos a corpos como nós, ser-lhes-ia possível dizer: os homens que se escondem, não os encontramos, mas fazemos mal àqueles que encontramos. Também nós, escondendo-nos, poderíamos escapar deles, fechar-lhes as portas. Mas a coisa é muito diferente, eles podem entrar com as portas fechadas e se encontram em toda parte do ar, eles e seu chefe, o diabo; são maus e prontos a fazer o mal, porque, como diz o Salvador: ‘Desde o princípio é homicida o pai da malícia, o diabo’ (Jo 8,44). Ora, vivemos, levamos nossa vida, apesar deles; claro está, portanto, que não têm poder. Nenhum lugar os impede de nos preparar ciladas, não nos consideram como seus amigos para nos pouparem; não são amigos do bem para se corrigirem; ao contrário, são maus e não trazem no coração nada mais que prejudicar os homens, amigos da virtude e tementes a Deus. Nada podendo fazer, nada fazem senão ameaças. Porque, se pudessem alguma coisa, não hesitariam e fariam logo o mal, para o qual sua vontade está sempre pronta, especialmente contra nós. Mas vede: estamos reunidos, falando contra eles, e eles sabem que nossos progressos os enfraquecem. Se tivessem poder, não deixariam viver nenhum de nós, cristãos. Porque ‘para o pecador a piedade é execrável’ (Eclo 1,25). Nada podendo, acabam ferindo-se a si mesmos, por não poderem executar nenhuma de suas ameaças. A fim de não os temermos, refutamos bem o seguinte: se tivessem

poder, não viriam em multidão, não fariam magias, não procederiam por metamorfoses. Bastaria um só vir fazer o que pudesse e o que quisesse. Aquele que tem tal poder não mata por magias, não assusta com a vinda em massa, mas usa seu poder logo, como quer. Quanto aos demônios, nada podendo, representam como no palco, mudam de formas, assustam as crianças com aparições em massa e com várias máscaras. São, pois, tanto mais desprezíveis por causa de sua fraqueza. O anjo verdadeiro enviado pelo Senhor contra os assírios não teve necessidade de tropas, de aparências estranhas, nem de tambores, nem de trombetas, mas usa tranqüilamente seu poder e subitamente mata cento e oitenta e cinco mil homens (2Rs 19,35). Enquanto os demônios, impotentes como são, procuram assustar com suas magias”.

Por permissão divina é que o demônio pôde provar Jó

29. “Se alguém, pensando na história de Jó, objeta: por que então o diabo, saindo contra ele, pôde fazer tudo, tirar-lhe as riquezas, matar os filhos e ferir a ele mesmo com chaga maligna? (Jó 1,15-22; 2,7). Que reconheça: o diabo não era forte, mas Deus lhe entregou Jó, para que o provasse. Precisamente porque nada podia, o demônio pediu esse poder e, tendo-o recebido, agiu. O exemplo confirma que é necessário desprezar o inimigo, já que, ainda quando quer, nada pode contra um homem justo. Se tivesse o poder, não o teria pedido. E o pediu não só uma, mas duas vezes, o que manifesta sua fraqueza e impotência. Não é surpreendente que nada pudesse contra Jó. Só pôde destruir seu rebanho com a permissão divina. Os demônios não têm poder nem mesmo sobre os porcos. No evangelho está escrito que rogaram ao Senhor: ‘Permite-nos passar para a manada de porcos’ (Mt 8,31). Se não têm poder sobre os porcos, por razão muito mais forte não o têm contra o homem, feito à imagem de Deus”.

Quanto os demônios temem os ascetas

30. “É, pois, a Deus somente que se deve temer; a eles é necessário desprezar e não os temer em nada. Quanto mais coisas fazem, mais devemos praticar nossa ascese contra eles. Arma poderosa contra eles são a vida reta e a fé em Deus. Dos ascetas temem o jejum, as vigílias, as orações, a mansidão, a calma, o desprezo do dinheiro e da vanglória, a humildade, o amor aos pobres, as esmolas, a bondade e, acima de tudo, a piedade em relação a Cristo. Não há nada que não façam para não serem calcados aos pés. Sabem da graça contra eles dada aos fiéis pelo Salvador, quando disse: ‘Eis que vos dei o poder de pisar serpentes, escorpiões e todo o poder do inimigo’ ” (Lc 10,19).

Vacuidade das predições dos demônios

31. “Se, pois, fingem predizer o futuro, que ninguém faça caso. Com efeito, muitas vezes anunciam, com vários dias de antecedência, a chegada de irmãos, e realmente estes vêm. Não fazem isso em consideração àqueles que os ouvem, mas para persuadi-los a confiar neles e, tendo-os nas mãos, levá-los à perdição. Não devemos, portanto, fazer caso deles, mas enxotá-los, ainda quando predizem coisas futuras, porque não temos necessidade deles. Que há de surpreendente se, tendo corpos mais leves que os dos homens, e vendo-os porem-se a caminho, corram na frente e os anunciem como um cavaleiro, indo na frente, anuncia aquele que caminha a pé? Não há motivo para admirá-los por causa disso. Não conhecem o que não existe ainda. É só Deus que conhece todas as coisas antes que existam (Dn 13,42). Quanto a eles, anunciam o que vêm, correndo na frente como ladrões. A quantos anunciam o que se passa atualmente entre nós, que estamos reunidos e falando contra eles, antes que

alguém de nós vá e o diga? Um menino bom corredor pode fazer o mesmo, antecipando-se a um homem cujo passo seja lento. O que quero dizer é o seguinte: se alguém está para vir da Tebaida ou de outra região, antes que se ponha a caminho, eles não sabem se partirá. Mas, tendo-o visto sair, correm adiante e o anunciam antes que chegue, e sucede que ele chegue alguns dias depois. Mas muitas vezes, tendo os viajantes voltado atrás, verifica-se que os demônios se enganaram”.

Os demônios são incapazes de verdadeiras profecias

32. “Igualmente, a respeito das águas do rio, falam a torto e a direito. Tendo constatado chuvas abundantes nas regiões da Etiópia, e vendo que essa é a causa da cheia do rio, antes que a água chegue ao Egito, correm na frente e o dizem. Os homens também o diriam, se pudessem correr como eles. Do mesmo modo como o vigia de Davi (2 Sm 18,24), postado em lugar elevado, via mais facilmente que um homem vinha do que quem estava embaixo, e como o corredor anuncia a outros não o que não existe, mas as coisas que estão em via de se realizar e já realizando-se, assim vão anunciar e indicar aos outros coisas futuras, mas é com a única finalidade de enganá-los. Nesse meio tempo, se a providência dispuser outra coisa a respeito das águas e dos viajantes, o que ela pode fazer, os demônios mentiram, e aqueles que neles creram foram enganados”.

Mais conjeturam que prevêm. Que nada se queira aprender deles

33. “Foi assim que se deram as adivinhações dos helenos e que foram enganados outrora pelos demônios, depois a ilusão se acabou. Porque o Senhor veio e reduziu à impotência os demônios com seus artifícios. Por si mesmos nada sabem, mas, semelhante a ladrões, exibem o que vêem nos outros. Deve-se dizer que mais conjeturam que prevêm. Aliás, quando dizem a verdade, que ninguém os admire muito. Também os médicos, da experiência que têm com os doentes, e tendo visto a mesma doença em vários, muitas vezes predizem mediante conjetura, em virtude do hábito. E os pilotos e os agricultores, em virtude do hábito, considerando o estado da temperatura, predizem a tempestade ou o bom tempo. Ninguém dirá por isso que predizem mediante inspiração divina, mas mediante a experiência e o hábito. Portanto, quando os demônios falam por conjetura, que ninguém os admire, nem dê atenção ao que dizem. Qual é a utilidade em ficar sabendo por eles as coisas futuras alguns dias antes que se realizem? Qual a necessidade de sabê-las, ainda que possam verdadeiramente conhecê-las? Esse conhecimento não é nenhum instrumento de virtude nem de bons costumes. Ninguém de nós será julgado por não saber essas coisas, e nenhum se torna feliz por tê-las conhecido e por sabê-las. Cada um será julgado a respeito destes pontos: conservou a fé, guardou fielmente os mandamentos?”

Não desejar o dom da profecia. Deus, se quiser, o dará aos corações puros

34. “Não é necessário, pois, dar grande importância a essas coisas, nem se exercitar e sacrificar-se por elas, mas para agradar a Deus por meio de uma vida boa. Não se deve rezar para prever o futuro, nem desejar isso como recompensa da ascese, mas para que o Senhor nos ajude a vencermos o diabo. Se fazemos questão absoluta de prever, purifiquemo-nos em espírito. Creio que a alma inteiramente purificada e que se conforma com a natureza pode tornar-se mais perspicaz e ver mais coisas e maiores que os demônios, porque ela tem o Senhor para lhas revelar. Tal foi o estado de alma de Eliseu, vendo o que se referia a Giezi (2Rs 5,26) e as forças que estavam em torno de si mesmo” (2Rs 6,17).

Discernimento dos espíritos. Sinais das aparições angélicas

35. “Se portanto vierem a nós, de noite, e quiserem anunciar-nos o futuro ou nos disserem: ‘Nós somos os anjos’, não lhes deis atenção, estão mentindo. Se louvam vossa ascese e vos declaram bem-aventurados, não lhes deis ouvidos, não lhes deis atenção. Ao contrário, fazei o sinal-da-cruz sobre vós mesmos e sobre a casa e orai, que os vereis desaparecer: são frouxos e têm muito medo do sinal-da-cruz do Senhor, ‘porque por esse sinal o Salvador os despojou e os entregou em espetáculo’ (Cl 2,15). Se se comportarem mais impudentemente, dançarem, tomarem formas e máscaras variadas, não temais, não vos assusteis, não os observeis como se fossem bons. É possível e fácil distinguir a presença dos bons e dos maus, se Deus der essa graça. A vista dos santos não é perturbadora. ‘Ele não clamará, não levantará a voz, não fará ouvir sua voz nas ruas’ (Is 42,2). Ela se produz tranquila e suavemente, de modo que logo se insinua na alma a alegria e a coragem. Porque com eles está o Senhor, que é nossa alegria e o poder de Deus, o Pai. Os pensamentos da alma permanecem sem perturbação e sem agitação. Ela, iluminada, vê por si mesma as aparições. O desejo dos bens divinos futuros se apodera dela, e ela quereria com todas as forças unir-se a eles, ir até eles. E se, por serem homens (fracos), alguns temem a vista dos bons (espíritos), estes, ao aparecerem, substituem o temor que se tem deles pelo amor. Assim disse Gabriel a Zacarias (Lc 1,13), e o anjo que, no túmulo divino, apareceu às mulheres (Mt 28,5), e aquele que, segundo o evangelho, disse aos pastores: ‘Não temais’ (Lc 2,10), porque o temor diante deles não vem da pusilanimidade da alma, mas do conhecimento da presença dos melhores. Assim é com a aparição dos santos”.

Caracteres e efeitos das aparições demoníacas

36. “Mas a incursão e a aparição dos maus são perturbadoras, e acompanhadas de ruídos, rumores e gritos como de agitação de pessoas mal-educadas e de salteadores; isso produz logo terror na alma, perturbação e desordem nos pensamentos, tristeza, ódio contra os ascetas, acídia, desgosto, recordação dos parentes, temor da morte e, enfim, maus desejos, pusilanimidade para a virtude e desregramento dos costumes. Por isso, quando, à vista de alguma aparição, temeis, se o temor não for logo retirado e se, em seu lugar, não se produzirem alegria inefável, alacridade, confiança, reconforto e tranqüilidade dos pensamentos e os outros movimentos interiores que eu disse, força da alma e amor de Deus, tende coragem e orai, porque a alegria e o estado da alma testemunham a santidade daquele que se torna presente. Assim Abraão, vendo o Senhor, exultou (Jo 8,56), e João, quando a Mãe de Deus, Maria, falou, estremeceu de alegria (Lc 1,41). Mas se, quando alguns aparecem, produzem-se perturbação e ruído fora e um aparato mundano e o temor da morte e as outras coisas que eu disse, sabeis que a vinda é dos maus”.

Opor aos demônios as palavras do Senhor

37. “E que isto ainda vos sirva de sinal. Quando a alma continua a ter temor, a presença é dos inimigos. Porque os demônios não tiram o temor, como fez o grande arcanjo Gabriel a Maria e a Zacarias, e aquele que apareceu no túmulo às mulheres. Quando vêem que alguém tem medo, aumentam as aparições, a fim de atemorizarem mais, e chegam ao ponto de zombar, dizendo: ‘Prostrai-vos e adorai-nos’. Foi assim que enganaram os helenos. Assim foram admitidos entre estes os falsos deuses. Mas a nós, o Senhor não nos deixa ser enganados pelo diabo. Quando este fez semelhantes prestígios para tentar Jesus, ele lhe disse: ‘Vai-te, satanás, porque está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás e só a ele servirás’ (Mt 4,10). O que o Senhor disse, disse-o por causa de nós, a fim

de que os demônios, ouvindo-o de nós, sejam expulsos pelo Senhor, que os repreendeu com essas mesmas palavras”.

Não se gloriar de mandar nos demônios

38. “Mas ninguém deve gloriar-se de expulsar os demônios, nem elevar-se por ter o dom de curar (os doentes). Não se deve admirar somente aquele que expulsa os demônios, e desprezar quem não os expulsa. Antes, em cada um deve-se observar a ascese e imitá-lo ou corrigir-se. Fazer milagres não depende de nós. É obra do Senhor. Ele disse aos discípulos: ‘Não vos alegreis porque os espíritos se vos submetem; alegrai-vos, antes, porque vossos nomes estão inscritos nos céus’ (Lc 10,20). Que nossos nomes estejam escritos nos céus é testemunho de nossa virtude e de nossa vida, mas expulsar os demônios é dom do Salvador. Por isso, àqueles que se gloriavam não de suas virtudes, mas dos milagres e diziam: ‘Senhor, não foi em teu nome que expulsamos os demônios e em teu nome que fizemos muitos milagres?’, ele respondeu: ‘Em verdade vos digo: não vos conheço’ (Mt 7,22-23; 25,12). O Senhor não conhece os caminhos dos ímpios. Devemos, portanto, orar, como eu disse, para recebermos a graça de discernir os espíritos, a fim de que, como está escrito (1Jo 4,1), não ‘acreditemos em qualquer espírito’.”

Experiências pessoais de Antão

39. “Queria calar-me e nada dizer do que me concerne, contentar-me com o que precede. Mas, para que não penseis que não faço mais que dizer essas coisas, para que creiais que as conto por experiência e com verdade, por isso, ainda sob o risco de ser insensato (mas o Senhor, que está ouvindo, conhece a pureza de meu coração e que falo não por mim mesmo, mas por amor de vós e por vosso projeto), as maquinações do demônio que vi, digo-as novamente. Quantas vezes me proclamaram bem-aventurado, mas os amaldiçoava em nome do Senhor. Quantas vezes me anunciaram a enchente do rio, e lhes dizia: ‘E que proveito isso vos traz?’ Às vezes, vieram ameaçadores e me cercaram como soldados armados; outras vezes, encheram a casa de cavalos, de animais ferozes e de serpentes. Quanto a mim, salmodiava: ‘Uns confiam em carros, outros em cavalos; nós, porém, invocamos o nome de Javé nosso Deus’ (Sl 19,8) e por meio das orações, foram postos em fuga pelo Senhor. Às vezes vieram nas trevas, com aparências de luz, e disseram: ‘Viemos alumiar para ti, Antão’; eu, fechando os olhos, orava, e logo a luz dos ímpios se apagava. Alguns meses depois, vieram como que salmodiando e recitando palavras das escrituras, mas ‘eu, como o surdo, não escutava’ (Sl 37,14). Às vezes abalavam a minha cela; eu rezava, permanecendo imóvel na alma. Depois disso, voltavam, faziam ruído, assobiavam, dançavam. Como rezasse e permanecesse deitado, salmodiando comigo mesmo, logo começavam a se lamentar e chorar, como se desfalecessem; mas eu glorificava o Senhor, que quebrava sua audácia e seu furor, e fazia deles um exemplo”.

Como ele repelia os demônios

40. “Certa vez um demônio muito alto me apareceu e ousou dizer-me: ‘Sou o poder de Deus, sou a providência. Que queres que te conceda?’ Então soprei com mais força contra ele; tendo invocado o nome de Cristo, pus-me a bater nele, e parece-me que, de fato, bati. Ao ouvir o nome de Cristo, logo esse grande (demônio) desapareceu com todos os seus demônios. Então, quando eu jejuava, o astuto voltou sob a aparência de monge, trazendo pães, e me aconselhou, dizendo: ‘Come e cessa com esses

grandes trabalhos; também tu és homem, e vais enfraquecer’. Refletindo em sua astúcia, levantei-me para orar. Ele não suportou, deixou-me e parece ter saído pela porta como fumaça. Quantas vezes, no deserto, fez aparecer ouro diante de mim, para me tentar ao menos a tocá-lo e olhá-lo. Salmodiava contra ele, e tudo desaparecia. Muitas vezes seus golpes me feriram, e eu dizia: ‘Nada me separará do amor de Cristo’ (Rm 8,35). Depois disso se bateram muito mais entre si. Não era eu que os fazia cessar e os abatia, mas o Senhor, que disse: ‘Vi satanás cair do céu como um relâmpago’ (Lc 10,18). Mas eu, meus filhos, lembrando-me da palavra do apóstolo (1Cor 4,6), apliquei isso a mim, para que aprendais a não desfalecer na ascese, a não temer as magias do diabo e de seus demônios”.

Satã se queixa dos monges

41. “E uma vez que me tornei insensato, narrando tudo isso, recebi também o seguinte, para vossa segurança e intrepidez. E confiai em mim, porque não minto. Certa vez alguém bateu à porta de meu mosteiro, saí e vi alguém grande e alto. Perguntei-lhe: — Quem és? — Sou Satã. — Por que estás aqui? — Acusam-me sem motivo os monges e os outros cristãos todos, por quê? Por que me execram o tempo todo? — Por que os molestas? — Não os atormento, eles mesmos é que se perturbam. Sou fraco. Não leram eles: ‘O inimigo acabou, para sempre em ruínas, arrasaste as cidades, sua lembrança sumiu!’ (Sl 9,7). Não tenho mais lugar, nem feições, nem cidade. Agora por toda parte há cristãos e, por cúmulo, o deserto está cheio de monges. Que eles mesmos se protejam e não me amaldiçoem sem motivo. Então admirei a graça do Senhor. E disse ao diabo: ‘Tu és sempre mentiroso, nunca dizes a verdade, e, no entanto, sem queres, acabas de dizer a verdade. Cristo, quando veio, tornou-se fraco, abatido, desarmado’. Ao ouvir o nome do Salvador e não suportando a queimadura, desapareceu”.

Sejamos ousados contra os demônios

42. “Se, pois, o próprio diabo confessa que nada pode, devemos desprezá-lo totalmente, a ele e seus demônios. O inimigo com seus cães tem muitos artifícios, mas nós, tendo conhecimento de sua fraqueza, podemos desprezá-lo. Assim, não nos curvemos em espírito, não raciocinemos em nossa alma sobre suas artimanhas, não cedamos ao terror, dizendo: oxalá o demônio não venha me aterrorizar, oxalá não me arrebate e não me atire (para baixo), oxalá não irrompa e não me aterrorize! Não pensemos de forma alguma em tais coisas, não nos aflijamos como se fôssemos morrer. Encorajemo-nos e alegremo-nos sempre por sermos salvos. E meditemos em nossa alma que o Senhor está conosco, que os pôs em fuga derrotados. Refutamos, ponhamos bem no coração que, estando o Senhor conosco, os inimigos nada nos fazem, porque, quando eles vêm, tratam-nos tais como nós encontramos e adaptam suas magias aos pensamentos que encontramos em nós.

Se percebem em nós o temor e a perturbação, logo atacam como ladrões que encontram o lugar sem defesa, e fazem nossos pensamentos intensificar-se. Se nos vêem temerosos e aterrorizados, aumentam o terror por meio de suas aparições e de ameaças, e, finalmente, a alma infeliz se sente atormentada por essas coisas. Mas se nos encontram alegres no Senhor, pensando nos bens futuros, meditando em nossos corações as coisas do Senhor e refletindo que tudo está nas mãos do Senhor e que o demônio não tem força contra os cristãos e nenhum poder contra quem quer que seja — vendo a alma tranqüila por causa de tais reflexões, eles batem vergonhosamente em retirada. Assim o inimigo, vendo Jó fortificado, dele se afastou. Mas encontrando Judas desguarnecido, dele se apoderou. De modo que, se queremos desprezar o inimigo, pensemos sempre nas coisas do Senhor, e nossa alma se alegre sempre pela esperança, e consideraremos os artifícios dos demônios como fumaça; em vez de perseguir-nos, fugirão, porque, como eu disse, são medrosos, tendo sempre a perspectiva do fogo que

lhes está preparado”.

Obriguemos o diabo a se declarar

43. “E para não temê-los, tende convosco este sinal: quando se produz aparição, não sucumbas ao terror, mas, seja ela qual for, começa corajosamente por interrogar: ‘Quem és, de onde vens?’ Se a visão for de santos, eles te tranquilizarão e mudarão teu temor em alegria, mas se (a visão) for diabólica, logo se enfraquecerá, vendo (o espírito) fortalecido. É sinal de ataraxia perguntar: ‘Quem és, de onde vens?’ Assim o filho de Nun aprendeu, interrogando (Is 5,13); e o inimigo não escapou a Daniel, que o interrogou” (Dn 13,51-59).

Efeitos dos ensinamentos de Antão

44. Ouvindo Antão discorrer assim, todos se alegravam: em uns, aumentava o amor à virtude; de outros desaparecia a pusilanimidade; em outros ainda, as opiniões errôneas eram retificadas. Persuadia a todos a desprezarem as ciladas do demônio, e cada um admirava a graça de discernimento dos espíritos concedida pelo Senhor a Antão.

Portanto na montanha havia como que tendas cheias de coros divinos de homens, cantando salmos, estudando, jejuando, orando, exultando na esperança dos bens futuros e trabalhando para dar esmolas. Entre eles reinava o amor mútuo e a concórdia. Podia-se verdadeiramente ver como que uma região à parte, de piedade e justiça. Ninguém cometia ou sofria injustiça, ninguém se queixava do coletor de impostos, uma multidão de ascetas empenhados no mesmo esforço pela virtude. Vendo os mosteiros, cada um podia exclamar: “Como são formosas tuas tendas, ó Jacó, e tuas moradas, ó Israel! Como vales que se estendem, como jardins ao lado de um rio, como aloés que Iahweh plantou, como cedros junto às águas” (Nm 25,56).

Cuidar muito da alma e muito pouco do corpo

45. Antão, segundo seu costume, segregando-se em seu próprio mosteiro, fortalecia sua ascese. Todos os dias suspirava, pensando nas moradas do céu, desejando-as e meditando quão efêmera é a vida humana. Quando devia comer ou dormir ou cuidar de outras necessidades do corpo, sentia vergonha, pensando na parte espiritual da alma. Muitas vezes, estando para tomar a refeição com os numerosos outros monges, lembrando-se do alimento espiritual, recusava-se e se afastava, considerando vergonhoso que o vissem comendo com os outros, e ia comer retirado, por necessidade. Muitas vezes, também, comia com seus irmãos; sentia vergonha, mas se consolava, aproveitando a ocasião para palavras úteis. É necessário, dizia, aplicar todo o tempo livre à alma, não ao corpo, reservar ao corpo pouco tempo, por necessidade, mas consagrar todo o resto à alma, a procurar seu bem, para que ela não seja atraída pelas voluptuosidades do corpo, e para que o corpo seja reduzido à servidão por ela; é a recomendação do Senhor: “Não busqueis o que comer ou beber; e não vos inquieteis. Vosso Pai sabe que tendes necessidade disso. Pelo contrário, buscai o seu reino, e essas coisas vos serão acrescentadas” (Lc 12,29-31).

Antão vem a Alexandria confortar os confessores e procurar o martírio

46. Irrompeu então a perseguição de Maximino contra a Igreja. Os santos confessores foram conduzidos a Alexandria. Antão, deixando seu mosteiro, acompanhou-os, dizendo: “Combateremos,

também nós, se formos chamados, ou contemplaremos aqueles que combatem”. Desejava sofrer o martírio. Mas, não querendo entregar-se a si mesmo, servia os confessores nas minas e nas prisões. Tinha grande solicitude, diante do tribunal, em exortar à coragem aqueles que eram chamados ao combate, em receber e acompanhar até o fim aqueles que davam testemunho. Vendo a intrepidez de Antão e de seus companheiros e o zelo que demonstravam, o prefeito proibiu aos monges aparecerem no tribunal e continuarem na cidade. Os outros se ocultaram. Antão, sem preocupar-se com a proibição, mandou lavar sua veste de cima e no dia seguinte se colocou bem em evidência sob os olhos do prefeito. Ele estava à porfia. O prefeito, ao passar com sua guarda, notou-o: intrépido, demonstrava sua alegria cristã, porque, já o disse, desejava dar testemunho pelo sangue e se afligia por não conseguir fazê-lo. O Senhor o guardava para o bem dos outros, para fazer dele, na ascese que aprendera nas escrituras, mestre de grande número. Só de vê-lo viver, muitos se esforçavam para imitar sua conduta. Serviu, pois, os confessores da fé, como se estivesse preso com eles, e se consumia nesse serviço.

Ascese mais estrita

47. Quando a perseguição cessou, depois do martírio do bem-aventurado bispo Pedro, Antão partiu de Alexandria e se retirou novamente em seu mosteiro. Lá, todos os dias, era mártir pela consciência e atleta das lutas da fé. Seus exercícios eram muitos e mais rigorosos. Jejuava diariamente, usando sobre o corpo uma veste de pelos e, por cima, uma veste de pele, que guardou até o fim. Não tomava banho, sequer molhava os pés, mergulhando-os na água só por necessidade. Jamais alguém o viu nu até sua morte, quando foi necessário sepultá-lo.

Antão livra do demônio a filha de um oficial

48. Assim retirado, tendo-se fixado algum tempo a passar sem sair nem receber ninguém, Antão foi importunado por certo Martiniano, oficial, cuja filha era atormentada pelo demônio. Esse homem permaneceu longo tempo batendo à sua porta e suplicando-lhe que viesse e orasse a Deus pela menina. Antão não quis abrir-lhe, mas inclinando-se do alto, disse-lhe: “Homem, por que gritas por mim? Sou um homem como tu. Mas, se crês em Cristo, que eu adoro, vai, ora a Deus com fé, e tua súplica será ouvida”. Logo o homem acreditou, invocou a Cristo e partiu: sua filha estava purificada do demônio.

Cristo, que disse: “Pedi e vos será dado” (Mt 7,7), fez por meio de Antão muitas outras obras. A maioria dos que sofriam (e vinham) dormia fora de seu mosteiro, porque não lhes abria a porta. Eles acreditavam, oravam com ardor e eram purificados.

TERCEIRA PARTE

(312-356)

Antão, ávido de solidão, afunda no deserto interior

49. Vendo-se importunado pela multidão, impedido de viver no retiro segundo suas idéias e segundo queria, e temendo orgulhar-se por causa das obras que o Senhor fazia por meio dele ou tornar-se objeto de comentários, deliberou e decidiu partir para a alta Tebaida, onde ninguém o conhecia. Munido de pães levados pelos irmãos, assentou-se na margem do rio, vigiando os barcos que passavam, a fim de embarcar num deles. Ouviu então uma voz do alto: “Para onde vais, Antão, e por quê?” Ouviu sem se perturbar, habituado a ser assim interpelado, e respondeu: “Não me deixam viver

como eremita; quero ir para a alta Tebaida, a fim de evitar as freqüentes importunações, tanto mais que me pedem coisas que ultrapassam meus poderes”. A voz lhe disse: “Irias para a Tebaida, como pensas, mas até entre os bois terias de suportar faina maior e ainda dobrada. Se queres realmente ser eremita, vai para o deserto interior”. Antão replicou: “Quem me mostrará o caminho? Não o conheço”. Logo a voz lhe indicou uns sarracenos prontos para a viagem. Antão foi encontrá-los e lhes pediu o favor de segui-los ao deserto. Por disposição da Providência, aceitaram de bom grado. Viajou com eles três dias e três noites, afinal chegou a uma montanha muito alta.³ Ao pé da montanha corria água límpida, suave e fresca. Mais longe estendia-se um planalto, onde havia palmeiras selvagens.

O eremitério da montanha interior

50. Como que por moção divina, Antão gostou do lugar: ele o reconheceu como aquele que, na margem do rio, a voz lhe indicara. Inicialmente, provido de pães por seus companheiros, permaneceu só, absolutamente só na montanha. Considerava o lugar como sua morada. Os próprios sarracenos, admirados de seu zelo, passavam intencionalmente por lá e levavam-lhe pães com alegria. As tâmaras lhe ofereciam pequena refeição, sem muito trabalho. Quando os irmãos ficaram sabendo do lugar de seu retiro, como filhos que não esquecem o pai, cuidaram de mandar-lhe víveres. Antão percebeu que, para alguns, levar-lhe pães era fatigante e penoso. Preocupado, até nisso, em poupar os monges, pediu a alguns de seus visitantes que lhe levassem um enxadão de duas pontas, uma machadinha e trigo. Tendo-os recebido, explorou os arredores de sua montanha, encontrou pequeno lugar apropriado, preparou-o e, tendo água em abundância para irrigar, semeou-o. No fim de um ano, teve com que fazer seu pão, feliz por não incomodar, nem ser mais pesado a ninguém. Mais tarde, como fossem a ele alguns visitantes, cultivou alguns legumes para reconfortar um pouco esses hóspedes das fadigas do caminho difícil. No começo, os animais selvagens do deserto iam beber água e muitas vezes danificavam suas sementeiras e suas culturas. Capturou amigavelmente um desses animais e disse a todos: “Por que me prejudicais? Não prejudico a nenhum de vós! Ide, e em nome do Senhor, não vos aproximeis mais daqui!” Daí em diante, como que respeitando a proibição, não foram mais.

Novos assaltos do inferno

51. Morava, pois, sozinho na montanha interior, dedicando-se à oração e à ascese. Os irmãos que o serviam pediram-lhe permissão para visitá-lo todos os meses e para levar-lhe azeitonas, legumes e óleo, porque ele já estava velho. As lutas que sustentou nesse lugar, “não contra a carne e o sangue, mas contra os demônios adversos”, como está escrito (Ef 6,12), nós as conhecemos por intermédio de seus visitantes: ouviam o rumor de muitas vozes e um tinido de armas; à noite, viam a montanha cheia de animais e Antão combatendo e orando contra esses inimigos, que ele via. Incutia confiança em seus visitantes; combatia de joelhos, orando ao Senhor. E era coisa verdadeiramente admirável que, sozinho nesse deserto, não tivesse medo dos demônios que o atacavam, e que, encontrando-se lá tantos quadrúpedes e tantos répteis, não temesse sua ferocidade. Como está escrito (Sl 124,1), tinha verdadeiramente confiança no Senhor como na montanha de Sião, seu espírito estava tranqüilo e sem perturbação: os demônios fugiam, e os animais selvagens, como está escrito (Jó 5,23), faziam as pazes com ele.

Novas vitórias de Antão

52. O diabo, como canta Davi, espiava, pois, Antão e rangia os dentes contra ele. Mas, consolado pelo

Senhor, permanecia incólume entre os múltiplos artifícios e as maquinações do demônio. Quando o santo velava de noite, o diabo lhe enviava animais, e quase todas as hienas do deserto o rodeavam, com a boca aberta, ameaçando mordê-lo. Ele, no meio, conhecendo os artifícios do inimigo, dizia a todos eles: “Se recebestes poder contra mim, estou pronto a me deixar devorar; se fostes enviados pelos demônios, não espereis mais, retirai-vos sou servo de Cristo!” Ouvindo isso, fugiam; dir-se-ia que expulsos pelo açoite de suas palavras.

Um demônio, na fornica de animal, é posto em fuga

53. Alguns dias depois, estando a trabalhar, porque tinha preocupação em fatigar-se, alguém veio à porta e puxou a corda com a qual ele tecia cestos para dar aos visitantes em troca do que lhe levavam. Levantando-se, viu um animal de aparência humana até as coxas, mas com pernas e pés parecidos com os de asno. Antão contentou-se com persignar-se e dizer: “Sou servo de Cristo. Se foste enviado contra mim, eis-me”. O animal, com seus demônios, fugiu tão rapidamente que caiu e morreu. A morte do animal significou a derrota dos demônios. Fizeram de tudo para expulsá-lo do deserto, mas em vão.

A uma prece de Antão, a água jorra em pleno deserto

54. Certa vez os monges lhe pediram que descesse até eles e velasse sobre eles por algum tempo. Partiu com eles. Um camelo levava pães e água, porque todo esse deserto é árido, e água potável só existia na montanha em que estava seu mosteiro. Foi de lá que tiraram água para a viagem. Na estrada, faltou a água. O calor era extremo: todos estavam em perigo. Nos arredores não encontraram água. Incapazes de continuar, deitaram-se, deixando o camelo caminhar sozinho, não tendo mais esperança em si mesmos. Vendo-os em perigo, o ancião se entristeceu e gemeu; em seguida, afastou-se um pouco, pôs-se de joelhos, estendeu as mãos e orou. Logo o Senhor fez jorrar água no mesmo lugar em que ele estava orando. Todos beberam e se refizeram. Tendo enchido os odres, foram procurar o camelo, acharam-no parado — a corda à qual estava preso tinha-se enrolado numa pedra, mantendo-o parado. Levaram-no até a fonte, fizeram-no beber e terminaram a viagem sãos e salvos. Quando Antão chegou aos mosteiros exteriores, todos os monges, que o consideravam como pai, o abraçaram. Ele, como se lhes tivesse levado viáticos da montanha, tratava-os como hóspedes e com eles repartia a riqueza de sua experiência. Assim, reanimou ele nas montanhas a alegria, o ardor no progresso e a consolação da confiança mútua. Antão se rejubilou também por constatar a alegria dos monges e por encontrar sua irmã, envelhecida na virgindade, na direção de outras virgens.

Conselhos espirituais do solitário a seus visitantes

55. Depois de alguns dias, voltou para a montanha (interior). Daí em diante muitos visitantes e doentes foram a ele. Sempre exortava todos os monges que lá iam, e eis o que lhes recomendava: crer no Senhor e amá-lo, guardar-se dos pensamentos impuros e dos prazeres carnis, e, como está escrito no livro dos Provérbios (Pr 24,15), não deixar-se desviar por um ventre saciado, fugir da vanglória e orar sem cessar, salmodiar antes de deitar e ao levantar, imprimir (na alma) os preceitos das escrituras e lembrar-se das ações dos santos, para pôr em uníssonos com seu zelo uma alma sempre atenta aos mandamentos divinos. Aconselhava sobretudo a meditar continuamente na palavra do apóstolo: “ ‘Não se ponha o sol sobre a vossa ira’ (Ef 4,26). Devemos pensar, explicava, que isso se aplica a todos os mandamentos. O sol não deve pôr-se nem sobre a vossa ira, nem sobre nenhuma falta. É belo e necessário que o sol não nos condene por um pecado do dia, nem a lua por um pecado ou pensamento

da noite. Para nos fazer entender e guardar essa palavra, o apóstolo diz: ‘Julgai e provai a vós mesmos’ (2Cor 13,5). Que cada um pense em suas ações do dia e da noite: se pecou, cesse de pecar; se não pecou, não se glorie, mas persevere no bem; não descuide de si e não condene o próximo, nem se justifique até que, como diz o bem-aventurado apóstolo Paulo, Venha o Senhor, o qual julga as coisas ocultas’ (1Cor 4,5; Rm 2,16). Com efeito, muitas vezes o que fazemos permanece oculto a nós mesmos. Não o sabemos, mas o Senhor observa tudo. Deixemos-lhe, pois, o julgamento, compadeçamo-nos uns dos outros e carreguemos os fardos uns dos outros. Julguemos a nós mesmos e tentemos preencher nossas lacunas. Eis uma coisa a observar para evitar o pecado. Anotemos e escrevamos, cada um, as ações e os movimentos de nossa alma como que para no-los comunicar mutuamente, e estejamos certos de que, pela vergonha de vê-los conhecidos, cessaremos de pecar e de ter no coração algo de perverso. Porque quem é que, quando peca, consente em ser visto, ou quem é que, quando peca, não prefere mentir, para ocultar sua falta? Ninguém fornicaria diante de testemunhas. Igualmente, escrevendo nossos pensamentos como se devêssemos no-los comunicar mutuamente, guardar-nos-emos melhor dos pensamentos impuros, pela vergonha de vê-los conhecidos. Que a Escritura substitua os olhares dos companheiros de ascese: corando tanto por escrevermos como por sermos vistos, guardemo-nos de todo pensamento mau. Disciplinando-nos desse modo, poderemos reduzir o corpo à servidão e frustrar os ardis do inimigo”.

Atendido ou não em sua oração pelos outros, Antão rende graças a Deus

56. Eis o que prescrevia a seus visitantes. Compadecia-se dos que sofriam e com eles orava. Em muitos casos o Senhor o ouviu: atendido, ele não se gloriava; não atendido, não murmurava. Sempre dava graças ao Senhor. Exorta os doentes a terem ânimo e lhes lembra que curar não pertence nem a ele nem a ninguém, mas está reservado a Deus, que o faz quando quer e a quem quer. Como a cura, os doentes recebiam também as palavras do ancião e aprendiam a não se abandonarem (ao desespero), mas a se encorajarem; os curados aprendiam a dar graças, não a Antão, mas a Deus somente.

Cura de Frontão

57. Certo homem chamado Frontão, membro da Corte (de Justiça), sofria de terrível mal. Dilacerava sua língua com os dentes e estava ameaçado de perder a vida. Foi à montanha e suplicou a Antão que orasse por ele. Antão orou e lhe disse: “Vai e sejas curado”. Frontão se recusou a partir e permaneceu lá alguns dias. Antão insistiu: “Se permaneceres aqui, não poderás sarar. Vai. Chegando ao Egito, verás o sinal realizado em ti”. Frontão acreditou, partiu e, logo que avistou o Egito, ficou livre de seu mal e tornou-se novamente são, segundo a palavra de Antão, que, em oração, soube pelo Salvador (que o milagre se realizara).

Menina curada a distância

58. Certa menina, de Busíris, na Tripolitânia, sofria de horrível mal. Suas lágrimas, o muco e os humores que escorriam do nariz e dos ouvidos, ao caírem na terra, logo se tornavam vermes. Estava paralisada e tinha uma deformação nos olhos. Seus pais, ao saberem que alguns monges estavam de partida para o mosteiro de Antão, pediram-lhes permissão para acompanhá-los com a filha. Eles ficaram, com a menina, fora da montanha, na casa de Pafnúcio, o monge confessor. Os monges entraram na morada de Antão. Quando iam falar da menina, Antão se antecipou e explicou o mal dela.

Então pediram permissão para que os pais viessem com ela. Ele não permitiu, mas disse: “Voltai, se ela não estiver morta, encontrá-la-eis curada. Não tenho esse poder de curar, para permitir que ela venha a mim, miserável. Curar é obra do Salvador, em todo lugar ele usa de misericórdia para com aqueles que o invocam. O Senhor ouviu a minha oração e me mostrou seu amor aos homens, revelando-me que curará a menina enquanto ela lá está”. De fato, o milagre se realizou. Os monges encontraram os pais alegres, a menina fora curada naquele momento.

Antão envia socorro a um irmão que estava morrendo de sede no deserto

59. Dois irmãos iam vê-lo. Enquanto iam, faltou água, e um deles morreu. O outro estava para morrer. Esgotado, deitado na terra, esperava a morte. Antão, assentado em sua montanha, chamou dois irmãos que lá se achavam e lhes disse: “Tomai uma bilha com água e parti apressadamente pelo caminho do Egito: vinham dois irmãos, um já está morto e o outro morrerá, se não vos apressardes. Acabo de receber essa revelação na oração”. Os monges partiram, encontraram o morto, enterraram-no, reconfortaram o sedento, fazendo-o beber e o conduziram ao ancião. A distância era de um dia de marcha. Talvez alguém se pergunte: por que não disse isso antes que o primeiro morresse? Isso não teria razão. Não cabia a Antão decretar a morte. Esta cabe a Deus, que decidiu assim para um e revelou (a Antão) o perigo do outro. Admirável é que, estando assentado na montanha, seu coração velava e o Senhor lhe mostrou o que se passava longe.

Ele vê subir ao céu a alma de Amun, o nitriota

60. Outra vez, assentado em sua montanha, levantou os olhos e viu no ar um homem sendo levado para o céu e outros vindo ao encontro dele com grande alegria. Maravilhado, glorificando esse coro, quis saber o que era aquilo. Logo chegou até ele uma voz, dizendo que era a alma de Amun, o monge de Nitria. Ora, da Nitria à montanha de Antão são treze dias de marcha. Os companheiros do ancião, vendo-o tocado de admiração, quiseram saber a causa; disse-lhes que Amun morrera. Conheciam Amun, porque este viera freqüentemente e fizera vários milagres. Eis um:

Certa vez, devendo atravessar o rio Lico, no tempo da cheia, pediu ele a Teodoro, que o acompanhava, que se afastasse, a fim de não se verem nus, atravessando a nado. Teodoro se afastou. Amun teve o pudor e o cuidado de não se olhar sem roupa. Subitamente estava ele na outra margem. Alcançando-o, o piedoso Teodoro verificou que ele tomara aquela dianteira e não estava molhado, perguntou-lhe então como atravessara. Amun não quis dizer nada. Teodoro se agarrou aos seus pés e disse que não os soltaria antes de saber. Diante de desejo tão ardente e, sobretudo, de tais palavras, Amun pediu a Teodoro que não contasse nada antes de sua morte e lhe confiou que fora transportado de uma margem à outra sem caminhar sobre as águas, que isso era coisa humanamente impossível, possível só a Deus e àqueles aos quais ele concede esse favor, como fez com o grande apóstolo Pedro. Teodoro fez essa narração depois da morte de Amun.

Os monges aos quais Antão revelou essa morte anotaram a data, e, trinta dias mais tarde, tendo chegado alguns irmãos da Nitria, informaram-se com eles e ficaram sabendo que efetivamente Amun adormecera no dia e na hora em que o ancião vira sua alma ser levada ao céu. Uns e outros admiraram a pureza de Antão, que, a uma distância de treze dias, conheceu essa morte sem intermediário e viu a alma sendo levada.

Cura a distância da virgem Policrécia

61. Encontrando-se o conde Arquelaou na montanha exterior, pediu a ele que se dignasse orar por Policrécia, virgem da Laodicéia, de virtude admirável e portadora de Cristo. Ela sofria terrivelmente do estômago e do lado, em conseqüência de austeridades muito grandes, e estava bem enfraquecida. Antão orou. O conde anotou o momento. (Mais tarde) informou-se do dia e da hora que Policrécia fora curada. Levava o papel com a anotação da data. Informado, mostrou o que escrevera. Todos ficaram admirados ao saberem que o Senhor aliviara a doente de seus males no momento em que Antão orou e implorou por ela a bondade do Senhor.

Doentes e possessos recorrem a Antão

62. Muitas vezes anunciava visitantes e o motivo de sua vinda vários dias antes, às vezes até com um mês de antecedência. Uns vinham somente para vê-lo, outros, porque doentes ou atormentados pelos demônios. Não consideravam faina nem pena a fadiga de viagem cujo proveito cada um verificava na volta. E ele, agraciado com essas profecias e visões, pedia que ninguém o admirasse, que admirasse, antes, o Senhor, que concede a nós, homens, a graça de conhecê-lo segundo nossas forças.

Durante viagem de barco, Antão livra um possesso

63. Outra vez, descendo aos mosteiros exteriores, foi convidado a subir num barco e a orar com os monges. Somente ele sentiu horrível odor muito penetrante. As pessoas a bordo diziam que o barco transportava peixe e produtos salgados, donde o odor. Ele dizia que o odor era outro. Enquanto ainda falava, um jovem, possesso do demônio, que subira antes no navio e se mantinha oculto, deu um grito. Conjurado em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, o demônio saiu, e o homem ficou curado. Todos reconheceram então que o mau cheiro vinha dele.

Levam-lhe possesso furioso, ele o cura

64. Veio a ele outro homem, de família ilustre, possesso de demônio tão terrível que o energúmeno ignorava que estivesse perto de Antão e comia os próprios excrementos. As pessoas que o levaram pediam a Antão que intercedesse por ele. Cheio de simpatia por esse jovem, Antão orou e passou toda a noite velando com ele. Subitamente, ao despontar da aurora, o jovem se atira sobre Antão e o ataca. Seus companheiros se indignaram. Antão lhes disse: “Não vos irriteis contra esse jovem. Não é ele quem faz isso, mas o demônio que o domina. Amaldiçoei esse demônio e lhe ordenei que fugisse para lugares áridos. Ele o fez enfurecido. Glorificai, pois, o Senhor. O fato de o jovem ter-se atirado contra mim é para vós sinal de que o demônio saiu”. A essas palavras de Antão, o jovem ficou são, voltou a ser bem comportado como antes e abraçou o ancião, dando graças a Deus.

Antão, em êxtase, se vê morto. Defendem-no os anjos contra os demônios

65. Os numerosos monges atestavam a uma só voz muitas outras belas coisas. Não tão admiráveis, aliás, que outras não o possam ser ainda mais. Certo dia, antes da refeição, estando de pé para orar, pela nona hora, viu-se arrebatado em espírito. Coisa espantosa, de pé, viu-se fora de si como que conduzido através dos ares por algumas pessoas, em seguida viu outras, amargas e cruéis, de pé no ar e querendo impedi-lo de subir. Defendendo-o seus condutores, os outros perguntaram se lhes estava sujeito e quiseram fazê-lo prestar contas desde seu nascimento. Os guias de Antão se opuseram, dizendo aos adversários: “O Senhor perdoou as faltas cometidas desde seu nascimento, podeis pedir-

lhe contas das que cometeu depois que se fez monge e se consagrou ao Senhor”. Os adversários o acusavam, mas nada podiam provar. A rota ficou livre e sem obstáculos. Antão se viu então voltar, de pé diante de si, e de novo ele mesmo. Esquecendo a comida, passou o resto do dia e a noite em gemidos e na oração. Admirava por quais lutas e fadigas é necessário passar para atravessar os ares, e se lembrava do que diz o apóstolo sobre o “príncipe do poder do ar” (Ef 2,2). O inimigo tem o poder de combater e impedir aqueles que sobem através (dos ares).

Antão fazia, portanto, esta exortação principalmente: “Por isso deveis vestir a armadura de Deus, para poderdes resistir aos dias maus, para que o adversário fique confuso, não tendo nenhum (mal) que dizer contra nós” (Ef 6,13; Tt 2,8). Nós, que aprendemos isso, lembremo-nos do texto do Apóstolo: “Se no corpo ou fora do corpo, não sei; Deus o sabe” (2Cor 12,2). Mas Paulo foi arrebatado até o terceiro céu, e tendo ouvido palavras inefáveis, desceu. Antão se viu subir no ar e combater até que o caminho aparecesse livre.

Visão do gigante infernal e da passagem das almas

66. Tinha ainda este carisma: quando estava assentado, sozinho, em sua montanha, se tivesse alguma dificuldade ou procurasse alguma coisa fora dele, orava e recebia da Providência a revelação. O bem-aventurado se tornara teodidata, como diz a escritura. Mais tarde, teve uma controvérsia com alguns visitantes sobre a passagem e a morada da alma depois da morte. Na noite seguinte, alguém o chamou do alto: “Antão, levanta-te e olha”. Ele saiu, porque sabia a quem devia obedecer. Levantando os olhos, viu um ser gigantesco, horroroso, temível, de pé e atingindo as nuvens. Outros seres, que pareciam alados, subiam. O gigante estendia as mãos e impedia alguns; os outros, voando acima, atravessavam e eram conduzidos para o alto, sem serem inquietados. Para esses últimos, o gigante rangia os dentes; quanto aos outros, alegrava-se de vê-los cair. Logo Antão ouviu uma voz: “Compreendes o que vêes”. Seu espírito foi aberto: compreendeu que era a passagem das almas e o gigante de pé era o inimigo, que tem inveja dos fiéis e reina sobre aqueles que a ele se submeteram e os impede de passar, mas não domina de cima aqueles que não se deixaram persuadir por ele. Avisado por essa nova visão, lutava sempre mais para progredir cada dia. Não foi de boa vontade que falou dessas coisas. Como demorasse na oração e admirasse o que vira, seus companheiros indagaram e o atormentaram. Teve de se explicar como um pai que não pode ocultar nada aos filhos. Conhecia a pureza de intenção deles e sabia da utilidade de narração que mostra os bons frutos da ascese, sabia também que muitas vezes as visões são a consolação dos trabalhos.⁴

Respeito de Antão pelo clero

67. Além disso, era muito paciente e de alma humilde. Ele, tão grande, respeitava extremamente a lei da Igreja. Queria que todo o clero tivesse precedência sobre ele. Não temia inclinar a cabeça diante dos bispos e dos sacerdotes. Se um diácono vinha edificar-se junto dele, dizia-lhe o que era necessário para sua edificação; mas, no que concerne à oração, dava-lhe a precedência, não se envergonhando em aprender dele, por sua vez. Interrogava muitas vezes, queria ouvir seus companheiros e reconhecia o proveito em aprender deles coisas úteis. Seu semblante tinha grande e admirável graça. O Salvador lhe fizera ainda este favor: quando estava entre a multidão dos monges, se alguém que ainda não o conhecia queria vê-lo, este deixava todos os outros à chegada de Antão e corria para ele como que atraído por seus olhos. Não se distinguia dos outros nem pela altura nem pela corpulência, mas pela composição dos costumes e pela pureza da alma. Como sua alma estava em paz, seus sentidos

exteriores também estavam tranquilos; os movimentos de seu corpo davam a impressão e a ideia do estado de seu coração, segundo a palavra da Escritura: "Um coração alegre deixa o semblante sereno, o coração triste abate o espírito" (Pr 15,13). Foi assim que Jacó conheceu que Labão meditava uma cilada contra ele e disse às suas esposas: "Vejo que o semblante de vosso pai não me trata como antes" (Gn 31,50). Assim Samuel conheceu Davi (1Sm 16,12; 17,42), cujos olhos davam alegria e cujos dentes eram brancos como o leite.⁵ Eis como se reconhecia Antão: nunca estava perturbado, sua alma era serena; nunca estava triste, seu espírito era alegre.

Horror de Antão ao cisma e à heresia

68. Admiráveis eram sua fé e sua piedade. Nunca se relacionou com os melecianos cismáticos, cujas malícia e defecção discerniu desde o começo; não teve nenhuma relação de amizade com os maniqueus ou com os hereges, a não ser para exortá-los a se converterem à piedade; pensava e declarava que a amizade e o relacionamento com os hereges fazem mal à alma e a arruinam. Abominava a heresia ariana e proibia a todos de se aproximarem deles e de seguir sua fé pervertida. Algumas pessoas, vítimas das ilusões de Ario, vieram a ele; tendo conhecido sua impiedade, expulsou-as de sua montanha, dizendo que suas palavras eram piores que o veneno das serpentes.

A pedido dos bispos, vem a Alexandria refutar os arianos

69. Os arianos pretenderam falsamente que Antão pensava como eles. Indignou-se e se irritou contra eles. Então, a pedido dos bispos e de todos os irmãos, desceu da montanha e veio a Alexandria para condenar os arianos, dizendo que a sua heresia era a última e a precursora do anticristo. Ensinou também ao povo que o Filho de Deus não é criatura e que não foi tirado do nada, que ele é o Verbo eterno e a Sabedoria da substância do Pai. Por isso é impiedade dizer: houve tempo em que ele não existia. Ele estava sempre com o Pai. Não tendes, pois, nenhum contato com os arianos, muito ímpios. " 'Que há de comum entre a luz e as trevas?' (2Cor 6,14). Vós, que pensais piedosamente, sois cristãos, mas eles, que dizem que o Filho de Deus, que procede do Pai, é criatura, não diferem em nada dos pagãos, que adoram a criatura em lugar de Deus criador. Crede que toda a criação se indigna contra eles, porque colocam entre as coisas feitas o Criador e Senhor de tudo, no qual tudo foi feito".

É objeto de veneração universal

70. Todo o povo se alegrava ao ouvir esse homem condenar a heresia que combate o Cristo. Toda a cidade acorria para vê-lo. Os próprios helenos e até aqueles que eles chamam sacerdotes vinham à casa do Senhor e diziam: "Pedimos permissão para ver o homem de Deus", porque todos o chamavam assim. Em Alexandria mesmo, o Senhor purificou por meio dele muitos possessos e curou aqueles que tinham o espírito atingido. Muitos helenos pediam permissão para somente tocarem o ancião, esperando serem ajudados. Houve certamente tantas pessoas que se fizeram cristãs nesses poucos dias quantas foram as conversões em um ano. Alguns, temendo que a multidão o perturbasse, queriam afastar dele todos. Não se perturbava e dizia: "Os homens não importunam mais que os demônios com os quais lutamos na montanha".

Ao sair da cidade, cura menina possessa

71. Quando partiu, nós o acompanhamos em sinal de consideração. Ao chegarmos à porta da cidade,

uma mulher gritou atrás de nós: “Espera, homem de Deus, minha filha é cruelmente atormentada por um demônio. Espera, eu te peço, para que eu não me ponha em perigo correndo atrás de ti”. Ouvindo isso e a pedidos nossos, deteve-se de boa vontade. Quando a mulher já estava bem perto, a menina foi atirada por terra. Antão orou e invocou o nome de Cristo. A menina se levantou curada, o espírito impuro havia partido. A mãe bendisse a Deus, todos lhe deram graças, e ele (Antão) voltou com alegria para a montanha como se fosse para sua casa.”

Colóquio com dois filósofos

72. Antão era extremamente ponderado. Coisa admirável, sem ter aprendido as letras, compreendia e penetrava tudo. Um dia, dois filósofos helenos vieram vê-lo, crendo poder embarçá-lo. Estava na montanha exterior. Pela aparência, soube com quem devia lidar e disse por intérprete: “Por que tanto vos afadigais, ó sábios, para visitardes um ignorante?” Responderam que não o tinham por ignorante, mas por muito ponderado. Disse-lhes: “Se viestes ver um ignorante, vossa fadiga é vã, mas se me considerais ponderado, tornai-vos o que eu sou, porque deve-se imitar o bem. Se eu fosse a vós, eu vos imitaria... Como sois vós que vindes a mim, tornai-vos como eu, que sou cristão”. Os visitantes se retiraram admirados, porque viam Antão temido até pelos demônios.

O espírito, anterior às letras

73. Outras pessoas da mesma espécie vieram vê-lo na montanha exterior, pensando rir dele, que não aprendera as letras. Antão lhes disse: “Respondei-me, que coisa é anterior, o espírito ou as letras? Qual das duas coisas é causa da outra: o espírito, das letras, ou as letras, do espírito?” “O espírito, responderam eles, é que é anterior e inventa as letras”. “Então, replicou ele, para quem é são de espírito, as letras não são indispensáveis”. Essa resposta surpreendeu os assistentes e visitantes. Estes partiram cheios de admiração por terem encontrado num iletrado julgamento tão elevado. Não tinha os costumes rudes de homem criado e envelhecido na montanha, mas era afável e cortês. Sua linguagem era temperada com sal divino, de modo que ninguém tinha inveja dele, ao contrário, todos os que vinham a ele ficavam maravilhados.

Antão, apologista: defesa da cruz e ofensiva contra o paganismo

74. Mais tarde, outros daqueles que, entre os helenos, passam por sábios vieram pedir explicações de nossa fé em Cristo. Começaram argumentando sobre a pregação da divina cruz e zombando. Antão se conteve um pouco, tendo compaixão da ignorância deles, depois disse-lhes por meio de intérprete que traduzia bem suas palavras: “Que é mais belo: confessar a cruz ou atribuir a vossos pretensos deuses adultérios e perversões homossexuais? Nossa doutrina é testemunho de força e de desprezo da morte. As vossas são as paixões da luxúria. E que é melhor: dizer que o Verbo de Deus não mudou, mas, permanecendo o mesmo, para salvar os homens e fazer-lhes o bem, tomou corpo de homem e se uniu à natureza humana para fazer os homens participarem da natureza divina e espiritual? Ou assemelhar o divino aos seres sem razão e, por consequência, adorar os quadrúpedes e os répteis, e as imagens de homem, porque são esses os objetos de veneração de vossos sábios? Como tendes a audácia de zombar de nós, que dizemos que Cristo se manifestou como homem, quando vós, tirando a alma do céu, dizeis que ela errou e das alturas dos céus caiu no corpo? Mais: se ela tivesse caído só no corpo humano e não passasse, não cairia nos quadrúpedes e nos répteis! Nossa fé atesta que a vinda de Cristo foi para a salvação dos homens. Vós errais em vossas teorias sobre a alma ingerada. Nós pensamos no poder da

Providência e em seu amor aos homens, porque isso não seria impossível a Deus. Fazendo da alma a imagem do Nous, ⁶ vós lhe atribuídes quedas e a pretendeis sujeita à mudança e, finalmente, em razão da alma, afirmais que o próprio Nous é mutável! Com efeito, tal a imagem, tal deve ser necessariamente aquele do qual ela é imagem. Tendo tais idéias sobre o Nous, considerai que blasfemais o Pai do Nous”.

Os milagres de Cristo

75. “No que diz respeito à cruz, que pensais ser melhor: suportar a cruz, em consequência das maquinações dos maus e não temer nenhuma morte imposta, ou fazer a narração fabulosa das vicissitudes de Osíris e Ísis, dos estratagemas de Tifão e da fuga de Cronos, dos filhos devorados e dos parricídios? Porque é essa a vossa sabedoria. E como, zombando da cruz, não admirais a ressurreição? Porque os mesmos que ensinam uma, ensinam também a outra. Ou por que, lembrando-vos da cruz, guardais silêncio sobre os mortos ressuscitados, os cegos que recobram a vista, os paralíticos curados, os leprosos purificados, a respeito da caminhada sobre o mar e a respeito dos outros sinais e prodígios, que mostram que Cristo não é somente homem, mas também Deus? Parece-me que vos enganais a vós mesmos e que não fizestes leitura sincera de nossas Escrituras: lede-as com freqüência e verificareis que as obras de Cristo testemunham que ele é Deus e veio para a salvação dos homens”.

O alegorismo não legitima o politeísmo

76. “Vós, por vossa vez, expõe-nos vossas doutrinas. Que diríeis dos seres sem razão, senão coisas desarrazoadas e atrozes? Pretendeis que se trata de mitos, que designais a terra pelo arrebatamento de Prosérpina; o fogo, pela claudicação de Vulcano; o ar, por Juno; o sol por Apoio; a lua, por Diana; e o mar, por Netuno? Nesse caso, servis não a Deus, mas a uma criatura em lugar de Deus, criador de tudo. Se dizeis que formastes esses mitos para exprimir que a criação é bela, seria necessário ir até à admiração, não até à divinização das coisas criadas, a fim de não lhes atribuídes a honra devida ao Criador. Do contrário, seria o caso de transferirmos a honra do arquiteto para a casa que ele fez, ou a do general para o soldado. Que respondeis a isso? Dizei-o, para que saibamos se a cruz é coisa derrisória”.

Raciocínios humanos e fé cristã

77. Os visitantes, embaraçados, se viravam de um lado para o outro. Sorrindo, Antão continuou por meio do intérprete: “Essas doutrinas se refutam à primeira vista, mas, como vos apoiáis principalmente em raciocínios, sois fortes nessa arte e quereis que não adoremos a Deus sem discursos demonstrativos, dizei-nos, em primeiro lugar: as realidades e sobretudo o conhecimento de Deus, como são eles discernidos com exatidão: por demonstração, discurso, ou pela energia da fé? Qual é mais antiga, a fé ativa ou a demonstração pelo discurso?” Responderam: “A fé atuante é mais antiga, é ela que é o conhecimento exato”. Antão respondeu: “Dissestes bem, porque a fé nasce da disposição íntima da alma; e a dialética, da arte dos autores. Para aquele, pois, no qual está presente a energia da fé, a demonstração não é necessária e pode até ser supérflua, porque o que nós temos pela fé vós diligenciais estabelecer por discurso, e muitas vezes nem podeis exprimir o que cremos. A energia da fé é, pois, melhor e mais firme que vossos raciocínios sofísticos”.

Triunfo da fé

78. “Portanto, nós, cristãos, temos o mistério não em sabedoria de discursos helênicos, mas em virtude da fé concedida a nós da parte de Deus por Jesus Cristo. E que o nosso discurso é verdadeiro, eis a prova. Sem termos aprendido as letras, nós cremos em Deus, tendo reconhecido pelas obras sua providência universal. Nossa fé é eficaz: a prova é que, apoiando-nos em nossa fé em Cristo, e vós, em vossas logomaquias sofisticadas, vossos ídolos monstruosos são aniquilados, e a nossa fé se propaga em toda parte. Vossos raciocínios e sofismas não persuadem ninguém a se converter do cristianismo para o helenismo, e nós, ensinando a fé em Cristo, desmantelamos a vossa superstição, porque todos reconhecem que Cristo é Deus e Filho de Deus. E vossa eloquência não impede o ensinamento de Cristo. Com o nome de Cristo crucificado, pomos em fuga os demônios, que vós temeis como deuses. Onde se faz o sinal-da-cruz, a magia cede, e os venefícios não agem mais.”

Oficialmente protegido, o paganismo desmorona. Perseguido, o cristianismo se difunde por toda parte

79. “Dizei-me: onde estão agora vossos oráculos, os encantamentos dos egípcios, as magias dos magos? Quando tudo isso perdeu sua força, senão quando apareceu a cruz de Cristo? É ele que é digno de zombaria ou as coisas por ele abolidas e demonstradas fracas?

Ainda há algo admirável. Vossas superstições não foram perseguidas, mas honradas pelos homens em todas as cidades. Os cristãos foram perseguidos. E a nossa fé floresceu mais que a vossa, ela se dilata. Vossa religião é celebrada, mas periclita. A fé e a doutrina de Cristo, das quais vós zombais, frequentemente perseguidas pelos imperadores, encheram a terra habitada. Quando, pois, brilhou igualmente o conhecimento de Deus, a sabedoria e a virtude da virgindade, quando a morte foi tão desprezada, senão quando apareceu a cruz de Cristo? Quem vê os mártires desprezar a morte por Cristo, quem vê as virgens da Igreja guardar, por Cristo, seu corpo puro e intato não duvida disso”.

O argumento apologético do milagre

80. “Esses sinais são suficientes para mostrar que a fé em Cristo é a verdadeira religião. Vós estais no auge da incredulidade, procurando raciocínios e discursos; quanto a nós, não é com ‘a persuasiva linguagem da sabedoria (1Cor 2,4) grega que demonstramos. Persuadimos pela fé, que põe abaixo a armadura dos discursos. Há aqui pessoas possuídas dos demônios (vieram a ele algumas pessoas atormentadas pelos demônios, levou-as para o meio e disse): purificai-as por meio de vossos raciocínios ou pela arte que quiserdes, ou por magia, invocando os vossos ídolos. Ou, se não o podeis, cessai de lutar contra nós e vereis o poder da cruz de Cristo”. Ditas essas palavras, invocou a Cristo e fez o sinal-da-cruz sobre os doentes, duas e três vezes. Logo esses homens se levantaram ilesos, em plena posse de si mesmos e dando graças a Deus. Nossos filósofos ficaram admirados, verdadeiramente estupefatos com a sabedoria do homem e com o milagre realizado. Antão acrescentou: “Por que vos espantais? Não somos nós que fazemos essas coisas. É Cristo que as faz por meio daqueles que nele crêem. Crede, pois, também vós, e vereis que entre nós não é a arte da palavra, mas a fé pelo amor que age em Cristo. Se obtiverdes essa fé, não procurareis mais as demonstrações por discursos, mas pensareis que a fé em Cristo basta”. Assim falou Antão. Os visitantes, admirando-o até nisso, se despediram, abraçando-o e reconhecendo terem recebido proveito dele.

Cartas imperiais e resposta de Antão

81. O renome de Antão chegou até os imperadores. Tendo tomado conhecimento dessas coisas, Constantino Augusto, Constâncio Augusto e Constante Augusto lhe escreveram como a um pai,

pedindo-lhe que lhes respondesse. Não apreciou muito essas cartas imperiais, nem sentiu alegria com elas, mas permaneceu o mesmo que antes de tê-las recebido. Quando lhe foram levadas, chamou os monges e disse: “Não vos surpreendais que o imperador nos escreva, ele era um homem; admirai, antes, que Deus tenha escrito uma lei para os homens e nos tenha falado por seu próprio Filho”. Não queria receber as cartas, dizendo que não saberia responder a elas. Mas seus monges o incitaram a recebê-las, porque, sendo cristãos, os imperadores não convinha escandalizá-los com recusa; então aceitou que lhe lessem as cartas. Em sua resposta felicitou seus correspondentes por adorarem a Cristo e deu-lhes conselhos para sua salvação: não deviam dar muita importância às coisas presentes, pensar no julgamento; só Cristo é rei verdadeiro e eterno; recomendou-lhes que amassem os homens, observassem a justiça e cuidassem dos pobres. Os príncipes receberam com alegria suas cartas. Assim era ele querido de todos. Cada um queria tê-lo como pai.

Visão profética das violências arianas

82. É assim que era conhecido, que respondia àqueles que se dirigiam a ele. Voltando à sua montanha interior, entregou-se à sua ascese habitual. Muitas vezes, estando com seus visitantes, sentado ou andando, guardava silêncio, como está escrito em Daniel (Dn 4,16). Depois de alguns momentos, retomava o colóquio com os irmãos presentes junto dele. Seus companheiros percebiam que tivera uma visão. Muitas vezes, estando na montanha, via o que se passava no Egito e o explicava ao bispo Serapião, que, vindo ao interior, via-o absorvido em sua visão. Às vezes, trabalhando sentado, o ancião entrava como que em êxtase e, na visão, suspirava muito. Depois de algum tempo, voltava-se para os assistentes, suspirava, punha-se a tremer, orava, dobrava os joelhos e permanecia assim muito tempo. Tomados de tremor e temor, os assistentes o interrogavam e o pressionavam instantaneamente. Forçado, respondia, depois de grandes suspiros: “Meus filhos, seria melhor morrer antes que aconteça o que vi...” Interrogavam-no cada vez mais. Chorou e disse: “A cólera se prepara para cair sobre a Igreja, que está prestes a ser entregue a animais ferozes; vi o altar do santuário e, de todos os lados, mulas lançando contra seu interior patadas desordenadas como fazem os animais recalcitrantes e cabriolantes. Em todo caso, notastes que eu suspirava. Ouvi uma voz, que dizia: ‘Meu altar será conspurcado’ ”. Assim falou o ancião. Dois anos depois, deu-se a irrupção dos arianos que sofremos atualmente e o saque das igrejas. Roubaram os vasos sagrados e os deram a pagãos convidados a virem de suas lojas e se juntarem a eles; à presença deles fizeram na mesa sagrada tudo o que lhes passou pela cabeça. Reconhecemos então, todos nós, que as patadas das mulas anunciavam a Antão as atuais violências dos arianos. Quando teve essa visão, consolou os presentes, dizendo-lhes: “Não vos desencorajeis, meus filhos; como o Senhor se irritou, assim também curará; a Igreja recobrará logo seu esplendor e seu brilho habituais; vereis os perseguidos voltar, e a impiedade bater novamente em retirada para seus esconderijos, e a fé e a piedade verdadeiras exprimindo-se por toda parte com plena liberdade e franqueza. Apenas uma recomendação: não vos comprometais com os arianos; seus ensinamentos não vêm dos apóstolos, mas dos demônios e do pai dos demônios, o diabo, estéril e absurdo, desviado em pensamentos como mulas violentas”.

Milagres de Antão, cumprimento das promessas de Jesus

83. Tais são as gestas de Antão. Não devemos recusar-nos a crer em tantas maravilhas. Com efeito, o Salvador prometeu: “Se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a esta montanha: transporta-te daqui para lá, e ela se transportará, e nada vos será impossível (Mt 17,20). Em verdade, em verdade, vos digo: o que pedirdes ao Pai, ele vos dará em meu nome... pedi e recebereis” (Jo 16,23-24). Ele

mesmo disse a seus discípulos e a todos os que nele crêem: “Curai dos doentes... expulsai os demônios. De graça recebestes, de graça dai” (Mt 10,8).

A oração obtém o milagre. Solicitado, Antão vem em ajuda do próximo e apressadamente volta para seu eremitério

84. Antão curava, pois, não dando ordem, mas pela oração, pela invocação do nome de Cristo; era manifesto a todos que não era ele que agia, e sim o Senhor, o qual, por meio dele, exercia seu amor aos homens e curava os que sofriam. O mérito de Antão estava na oração e na ascese. Para isso, residia na montanha, alegrava-se contemplando as coisas divinas e se afligia ao ser assediado por muitos e arrastado por eles para a montanha exterior. Porque inclusive os juízes lhe pediam que descesse da montanha, por não poderem ir até ele com aqueles que ele devia julgar. Pediam-lhe que viesse simplesmente para vê-lo. Recusava-se e evitava vir. Insistiam e enviavam os réus, guardados por soldados, esperando que, por amor deles, ele descesse. Sofrendo também violência vendo-os chorar, vinha para a montanha exterior. Sua fadiga não era inútil; para muitos sua vinda era proveito e benefício. Ajudava os juízes aconselhando-os, acima de tudo, a observarem a justiça, a temerem a Deus e a saberem que serão julgados do mesmo modo que tiverem julgado. Fora esses casos, preferia a permanência na montanha a qualquer outra coisa.

A solidão, elemento do monge

85. Certa vez suportou violência semelhante da parte de pessoas que tinham necessidade dele. Um general rogou-lhe instantemente que descesse; veio, manteve com eles colóquios úteis para a salvação e para o bem daqueles que lhe suplicavam, e voltou apressadamente para a montanha. O mencionado oficial lhe pediu que ficasse mais um pouco com eles. Respondeu que não podia atrasar-se com eles e persuadiu o oficial com exemplo afável: “Permanecendo na terra árida, os peixes morrem. Assim, retardando-se convosco, fazendo paradas entre vós, os monges se relaxam. É necessário, pois, que, como o peixe volta para o mar, nós voltemos para a montanha, a fim de não nos esquecermos, atrasando-nos, das coisas interiores”. Ouvindo isso e várias outras coisas, o oficial se admirou e declarou que Antão era verdadeiramente servo de Deus. De onde viria a um iletrado tanto espírito, se não fosse amado por Deus?

Antão anuncia a Balac a iminência da cólera de Deus, e a profecia se cumpre

86. Certo general, de nome Balac, perseguia cruelmente os cristãos, levado por seu zelo pelos arianos. Era tão encarniçado que mandava bater nas virgens, e desnudar e açoitar os monges. Antão lhe enviou uma mensagem cuja ideia é a seguinte: vejo vir sobre ti a cólera; cessa de perseguir os cristãos, para que a cólera de Deus não te atinja, porque ela está prestes a se abater sobre ti... Balac zombou, atirou a carta por terra, cuspiu sobre ela, maltratou os mensageiros e lhes ordenou que dissessem a Antão: “Uma vez que te preocupas com os monges, é contigo que agora hei de tratar”. Não se passaram cinco dias, e a cólera (de Deus) se abateu sobre Balac. Ele ia com Nestor, prefeito do Egito, para o primeiro posto de muda da estrada para Alexandria, chamado Caireu. Ambos iam a cavalo. Os cavalos eram os mais mansos das cocheiras de Balac. Antes de chegarem à etapa, os cavalos se puseram a brincar entre si, como têm costume de fazer. Subitamente o mais manso, montado por Nestor, mordeu Balac, derrubou-o, caiu sobre ele e, a dentadas, dilacerou-lhe de tal modo a coxa que foi necessário transportá-lo para a cidade, onde, depois de três dias, morreu. Todos se admiraram da prontidão com

que se realizou a profecia de Antão.

Médico espiritual de todo o Egito

87. Era assim que advertia os cruéis. Os outros, que vinham até ele, exortava-os de tal modo que se esqueciam de tratar de seus negócios na justiça e proclamavam bem-aventurados aqueles que se separavam dessa vida (do mundo). Tomava a defesa daqueles que sofriam a injustiça como se fosse ele a vítima. Ele bastava para prover ao bem de todos. Muitos soldados e pessoas que tinham adquirido grandes bens renunciavam a seus cargos e se faziam monges. Realmente ele fora dado ao Egito como médico. Qual o aflito que veio a ele, e não partiu alegre? Qual o visitante que chegou lamentando-se sobre seus mortos, e não deixou logo seu luto? Quem veio a ele encolerizado, e não retornou apaziguado? Qual o pobre, triste com sua pobreza, que, ouvindo e vendo-o, não desprezou as riquezas e não foi consolado de sua pobreza? Qual o monge esmorecido que veio a ele, e não se tornou mais forte? Qual o jovem que, vindo à sua montanha, não renunciou logo aos prazeres e não abraçou a sabedoria? Qual o homem tentado pelos demônios que não encontrou repouso, e qual o homem perturbado em seus pensamentos que não foi tranqüilizado?

Variedade de seus benefícios. Todos os seus beneficiados o estimam e o chorarão como a um pai

88. Havia algo de forte na ascese de Antão: que, tendo o carisma do discernimento dos espíritos, conhecia seus movimentos e não ignorava para que coisa cada um era hábil e inclinado. Não só não era enganado por eles, como também, exortando-os, ensinava aos que estavam perturbados em seus pensamentos como frustrar os estratagemas dos demônios, cujas fraquezas e astúcias explicava. Cada um, pois, como se fora ungido por ele, descia cheio de audácia contra os pensamentos do diabo e seus demônios. Quantas virgens, tendo pretendentes, só por terem visto Antão, permaneceram virgens para Cristo! Vinham a ele também pessoas do estrangeiro e, como os outros, tendo recebido conselhos úteis, voltavam como que acompanhados por seu pai. Quando morreu, todos estavam como órfãos que acabam de perder seus pais e se consolavam recordando-se dele e de suas admoestações e exortações.

Última visita aos monges, seus discípulos. Recomenda-lhes a perseverança na ascese e a ortodoxia na fé

89. Como foi o fim de sua vida, é justo que eu o narre, porque desejais sabê-lo. Também a sua morte é motivo de emulação. Segundo seu costume, inspecionou os monges na montanha exterior e, informado de seu fim próximo pela Providência, dizia aos irmãos: “É a última visita que vos faço; ficaria surpreso, se nos tornássemos a ver nesta vida. Para mim é tempo de partir, estou me aproximando dos cento e cinco anos”. Ouvindo o ancião, choravam, abraçavam-no e o beijavam. Ele, como quem volta do estrangeiro para sua casa, discorria alegremente e os exortava a não relaxarem nos trabalhos e a não esmorecerem na ascese, mas a viverem cada dia como se fossem morrer, a preservarem cuidadosamente suas almas dos pensamentos impuros, como lhes dissera, a rivalizarem com os santos, a não se comunicarem com os arianos, cuja impiedade é evidente a todos, e a não se aproximarem dos melecianos cismáticos, porque, dizia: “Vós conheceis suas más e perversas intenções; ainda que vejais os juízes protegê-los, não vos perturbeis. O seu aparecimento cessará, ele é mortal e durará pouco. Guardai-vos puros de seu contato e conservai a tradição de vossos pais e sobretudo a fé piedosa em nosso Senhor Jesus Cristo, fé que aprendestes nas escrituras e que eu muitas vezes vos recordei”.

Antão reprova um costume egípcio de honrar os mortos

90. Os irmãos insistiam com ele para que permanecesse entre eles até sua morte. Não concordou por várias razões, que até seu silêncio manifestava, especialmente pela seguinte: os egípcios têm o costume de amortilhar e envolver em tiras os corpos dos mortos fervorosos, sobretudo os dos santos mártires. Em vez de enterrá-los, colocam-nos em leitos e os conservam em casa, crendo assim honrar os defuntos. A esse respeito, Antão chegou a pedir muitas vezes aos bispos que esclarecessem o povo; levou alguns leigos a mudar de sentimentos e repreendia as mulheres, dizendo-lhes que esse costume não é legítimo nem santo. Porque os corpos dos patriarcas e dos profetas foram mantidos nas sepulturas até agora; o próprio corpo do Senhor foi colocado num túmulo, e uma pedra, fechando a entrada, o ocultou até a ressurreição, no terceiro dia. Com isso mostrava o pecado daqueles que, depois da morte, não sepultam os corpos dos defuntos, ainda que se trate de santos. Que há de melhor, de mais santo, que o corpo do Senhor? Depois de o terem ouvido, muitas pessoas abandonaram a prática reprovada e se puseram a enterrar os mortos, davam graças a Deus por terem sido tão bem instruídas.

De volta a seu eremitério, Antão faz suas últimas recomendações aos monges que o assistem

91. Conhecendo essa prática e temendo que a usassem com ele, Antão se apressou em saudar os monges da montanha exterior e em ir para a montanha interior, onde permanecia habitualmente. Alguns meses mais tarde, caiu doente. Chamou seus dois companheiros (há quinze anos dois monges permaneciam com ele, praticando a ascese e servindo-o, por causa de sua idade avançada). Disse-lhes: “Seguirei o caminho dos Pais, como está escrito. Vejo que o Senhor me chama. Quanto a vós, velai e não deixai que vossa longa ascese se acabe. Tende cuidado, como se estivésseis começando agora, em conservar vosso fervor. Conheceis os demônios, que armam ciladas; sabeis como são ferozes, mas também como é fraco seu poder. Não os temais, pois, mas respirai sempre o Cristo, crede nele, vivei cada dia como se tivésseis de morrer, sede atentos a vós mesmos e lembrai-vos dos conselhos que vos dei. Não tenhais nenhuma comunicação com os cismáticos nem com os hereges arianos: sabeis como refutei a heresia que combate o Cristo e a heterodoxia destes últimos. Tende sempre o cuidado de vos apegardes primeiramente ao Senhor, e, depois, aos santos, a fim de que, após a vossa morte, eles vos ‘recebam nos tabernáculos eternos’ como amigos e familiares. Pensai nisso, e se me amais, cuidai de mim e recordai-vos de mim como de um pai. Não deixeis ninguém levar meu corpo para o Egito, a fim de colocá-lo numa casa. Foi para evitar isso que voltei. Sabeis que aqueles que seguiam essa prática, eu os fiz mudar de opinião e cessar. Sepultai, pois, o meu corpo vós mesmos, ocultai-o na terra e guardai de tal maneira minha ordem que ninguém, a não ser vós, saiba o lugar. Na ressurreição dos mortos, receberei do Senhor esse mesmo corpo, incorruptível. Reparti minhas vestes. Ao bispo Atanásio dai um melote e o manto que eu usava; recebi-o dele, novo; eu o usei. Ao bispo Serapião dai o outro melote; quanto a vós, ficai com a veste de crinas. E agora, meus filhos, Antão parte, ele não está mais convosco”.

Morre aos 105 anos. Suas últimas vontades são fielmente executadas. O segredo de seu túmulo

92. Tendo dito isso, seus discípulos o abraçaram. Ele estendeu os pés e olhando afavelmente seus companheiros, alegrou-se com a sua presença e permaneceu deitado, com o rosto alegre. Assim os deixou e juntou-se aos Pais. Fiéis às suas instruções, prestaram-lhe as honras fúnebres, sepultaram seu corpo e o ocultaram sob a terra, e ninguém, senão eles, soube onde fora enterrado. E os dois que

receberam um melote do bem-aventurado Antão e o manto usado por ele os guardam como coisa de grande valor. Olhando-os, parece-lhes ver Antão; vestindo-os, parece-lhes serem portadores das exortações de Antão.

Conclusão. O Senhor, que o amava, tornou-o célebre em toda parte. A leitura de sua vida edificará os cristãos e converterá os pagãos

93. Assim foi o fim da vida de Antão em seu corpo. Assim fora o começo de sua ascese. O que eu disse é bem pouco em comparação com a sua virtude. Mas julgai, com isso, também vós, como era esse homem de Deus, Antão, que, desde a juventude até idade tão avançada, conservou igual ardor na ascese. Não se deixou vencer pela velhice para fazer grandes gastos com alimentação. A fraqueza de seu corpo não o fez mudar a forma de suas vestes. Não lavou nem os pés. Entretanto o ancião se conservou absolutamente sadio. Tinha os olhos intatos e via com clareza. Não perdeu um só dente, mas suas gengivas estavam um pouco consumidas por causa de sua grande idade. Seus pés e suas mãos estavam perfeitamente sãos. Parecia mais corado de saúde e mais forte que aqueles que usam alimentos variados, banhos e vestes diversas. Que tenha sido célebre em toda parte, admirado por todos, desejado por todos aqueles que não o viram é sinal de sua virtude e da amizade de sua alma com Deus. Nem escritos, nem sabedoria profana, nem arte alguma, mas só a piedade para com Deus tornou Antão célebre. Ninguém poderia negar que isso é dom de Deus. Como poderia o renome desse homem, assentado e escondido em sua montanha, chegar à Espanha, às Gálias, a Roma, à África, sem a ação de Deus, que torna conhecidos em toda parte aqueles que lhe pertencem, precisamente como prometera a Antão no início? Esses homens agem ocultos, querem permanecer ocultos, mas o Senhor os mostra a todos como fachos, para que, ouvindo falar deles, todos conheçam o poder dos mandamentos para tornar a vida reta e feliz, e se animem a seguir o caminho da virtude. Lede essas coisas aos outros irmãos para lhes ensinardes como deve ser a vida dos monges e persuadi-los de que Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo glorifica aqueles que o glorificam, e não só conduz ao reino aqueles que o servem até o fim, mas também, por causa de sua virtude e para a utilidade dos outros, manifesta e torna célebres em toda parte aqueles que se ocultam e procuram retirar-se. Se for necessário, lede essas coisas aos helenos, para lhes ensinardes assim, e que nosso Senhor é Deus e Filho de Deus, e que os cristãos que o adoram nobremente e nele crêem piedosamente não só mostram que os demônios — que eles, helenos, têm por deuses — não são deuses, mas também os calcam sob os pés e os expulsam como enganadores e corruptores dos homens, e fazem isso pela virtude de Cristo Jesus nosso Senhor, ao qual seja dada glória pelos séculos dos séculos. Amém.

¹Segundo testemunho de Cassiano (Instituições, livro V. cap. III), Antão teria feito de sua prática uma doutrina: “Existe antiga e admirável máxima do bem-aventurado Antão: o monge que, depois de ter levado vida cenobítica, se esforça para atingir o ápice de perfeição mais sublime e, usando a regra da discrição, já pode se ajustar a seu próprio julgamento e chegar às alturas da vida anacorética, esse monge, digo, não deve querer aprender toda espécie de virtude de um só, por mais eminente que este seja. De um, as flores da ciência são o ornamento; outro aparece armado mais fortemente de discrição; aquele outro se baseia na gravidade da paciência. Um primeiro sobressai na virtude da humildade; um segundo, na abstinência; aquele brilha pela graça da simplicidade. Este ultrapassa o restante dos irmãos em magnanimidade; aquele, em misericórdia; outro, no amor às vigílias; um quarto, no amor ao silêncio; o último, no zelo pelo trabalho. O monge que deseja produzir mel espiritual deve, como abelha prudente, colher a flor de cada virtude junto àqueles aos quais ela é mais familiar e colocá-la diligentemente na colmeia de seu coração. Examinar o que falta a alguém? Nada disso, mas considerar somente o que ele tem de virtude, e aproveitar isso com ardor. Porque, se quisermos receber de um só todas as perfeições, não sucederá que dificilmente ou jamais encontraremos exemplos que possamos imitar?”

O autor explica então que, se as virtudes são assim, de certa forma, repartidas entre os servos de Deus, é porque Cristo ainda não é tudo em todos, como o será na eternidade, quando a perfeição de todos os eleitos será consumada. Esses modos de falar parecem pouco conformes com a doutrina certa da conexão das virtudes. Contudo, pensando bem, eles não a contradizem.

²Jó 40,11. Trata-se de Beemot: “Fortitudo ejus in renis ejus et virtus illius in umbilico ventris ejus” [Vê, tua força reside em teus

rins, e teu vigor, nos músculos de teu ventre].

³O monte Colzum. Antão permaneceu nesse eremitério, salvo algumas viagens, de 312 até sua morte em 356. Sua permanência deu origem ao célebre “Mosteiro de Santo Antão do mar Vermelho” ou Deir ai Arab.

⁴Crânio, sacerdote da Nitria, ouviu Antão contar essa visão e referiu essa narração a Paládio, que a reproduziu na História lausiaca, cap. XXI. Mais tarde também Crânio a narrou nos seguintes termos: “Naquela noite, o bem-aventurado Antão nos contou isto: ‘Durante um ano inteiro pedi em minhas orações que me fosse revelado o lugar dos justos e dos pecadores. E vi um gigante alto até às nuvens, negro, com as mãos estendidas para o céu, e embaixo dele um lago com a dimensão de mar. E via almas voando para o alto como pássaros. E todas as que voavam acima de suas mãos e de sua cabeça eram salvas. Mas todas as que eram golpeadas por suas mãos caíam no lago. Então veio uma voz que me disse: As almas que vês voando acima são as dos justos, que são salvas no paraíso; as outras são as que são puxadas para baixo, para o inferno, porque obedeceram às vontades da carne e ao ressentimento’ “ (cf. a trad. francesa de Lucot).

⁵Isso não é dito de Davi, mas de Judá, em Gn 49,12; e o hebraico traz: Ele tem os olhos vermelhos de vinho e os dentes de leite.

⁶Termo grego que designa o “espírito”, em oposição a pneuma, princípio de natureza espiritual.

Coleção **PATRÍSTICA**

1. Padres Apostólicos, Clemente Romano – Inácio de Antioquia – Policarpo de Esmirna – Pseudo-Barnabé – Hermas – Pápias – Didaqué
2. Padres Apologistas, Carta a Diogneto – Aristides – Taciano – Atenágoras – Teófilo – Hérmiás
3. Apologias e Diálogo com Trifão, Justino de Roma
4. Contra as heresias, Ireneu de Lião
5. Explicação dos símbolos (da fé) – Sobre os sacramentos – Sobre os mistérios – Sobre a penitência, Ambrósio de Milão
6. Sermões, Leão Magno
7. A Trindade, S. Agostinho
8. O livre-arbítrio, S. Agostinho
- 9/1. Comentário aos Salmos (Salmos 1-50), S. Agostinho
- 9/2. Comentário aos Salmos (Salmos 51-100), S. Agostinho
- 9/3. Comentário aos Salmos (Salmos 101-150), S. Agostinho
10. Confissões, S. Agostinho
11. Solilóquios – A vida feliz, S. Agostinho
12. A Graça (I), S. Agostinho
13. A Graça (II), S. Agostinho
14. Homilia sobre Lucas 12 – Homilias sobre a imagem do homem – Tratado sobre o Espírito Santo, Basílio de Cesareia
15. História eclesiástica, Eusébio de Cesareia
16. Os bens do matrimônio – A santa virgindade consagrada – Os bens da viuvez: Cartas a Proba e a Juliana, S. Agostinho
17. A doutrina cristã, S. Agostinho
18. Contra os pagãos – A encarnação do Verbo – Apologia ao imperador Constâncio – Apologia de sua fuga – Vida e conduta de S. Antão, S. Atanásio
19. A verdadeira religião – O cuidado devido aos mortos, S. Agostinho
20. Contra Celso, Orígenes
21. Comentário ao Gênesis, S. Agostinho
22. Tratado sobre a Santíssima Trindade, S. Hilário de Poitiers
23. Da incompreensibilidade de Deus – Da Providência de Deus – Cartas a Olímpia, S. João Crisóstomo
24. Contra os Acadêmicos – A Ordem – A grandeza da Alma – O Mestre, S. Agostinho
25. Explicação de algumas proposições da Carta aos Romanos / Explicação da Carta aos Gálatas / Explicação incoada da Carta aos Romanos, S. Agostinho

26. Examerão – os seis dias da criação, S. Ambrósio

27/1. Comentário às Cartas de São Paulo/1 – Homilias sobre a Carta aos Romanos – Comentário sobre a Carta aos Gálatas – Homilias sobre a Carta aos Efésios, S. João Crisóstomo

27/2. Comentário às Cartas de São Paulo/2 – Homilias sobre a Primeira Carta aos Coríntios – Homilias sobre a Segunda Carta aos Coríntios, S. João Crisóstomo

27/3. Comentário às Cartas de São Paulo/3 – Homilias sobre as cartas: Primeira e Segunda a Timóteo, a Tito, aos Filipenses, aos Colossenses, Primeira e Segunda aos Tessalonicenses, a Filemon, aos Hebreus, S. João Crisóstomo

28. Regra Pastoral, S. Gregório Magno

29. A criação do homem / A alma e a ressurreição / A grande catequese, S. Gregório de Nissa

30. Tratado sobre os Princípios, Orígenes

31. Apologia contra os livros de Rufino, S. Jerônimo

32. A fé e o símbolo / Primeira catequese aos não cristãos / A disciplina cristã / A continência, S. Agostinho

Direção Editorial

Claudiano Avelino dos Santos

Coordenação de desenvolvimento digital

Erivaldo Dantas

Títulos originais

Katá Hellénon (Contra os pagãos)

Lógos perì tês enantropéseos tôi Lógos kai tês dia sómatos pròs emâs epifáneias autôu (A encarnação do Verbo)

Apología pròs tòn Basiléa Konstántion (Apologia ao imperador Constâncio)

Apología pròs tòn diaballônton tèn en tôi diogmô figèn autôu (Apologia de sua fuga)

Eis tón bíon kai diagogès tês hagíou Anton (Vida e a conduta de S. Antão)

Tradução

Orlando Tiago Loja Rodrigues Mendes

Introduções e notas

Roque Frangiotti

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Santo, Atanásio, 295-373.

Contra os pagãos ; A encarnação do verbo ; Apologia ao imperador Constâncio ; Apologia de sua fuga ; Vida e conduta de S. Antão / Santo Atanásio. — São Paulo : Paulus, 2002. — (Patrística ; 18)

eISBN 9788534937337

1. Atanásio, Santo, 295-373 2. Padres da Igreja primitiva

I. Título. II. Título: A encarnação do verbo. III. Título: Apologia ao imperador Constâncio. IV. Título: Apologia de sua fuga. V. Título: Vida e conduta de S. Antão. VI. Série.

02-5320 CDD-270

Índices para catálogo sistemático:

1. Padres da Igreja primitiva : Escritos : História da Igreja 270

2. Patrística : História da Igreja 270

© PAULUS – 2014

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)

Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5084-3066

www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

eISBN 9788534937337